

A Filha do Arcedíago **de Camilo Castelo Branco**

Leitores! Se há verdade sobre a Terra, é o romance que eu tenho a honra de oferecer às vossas horas de desenfado.

Se sois como eu, em cousas de romances (que no resto, Deus vos livre, a vós, ou Deus me livre a mim), gostareis de povoar a imaginação de cenas que se viram, que se realizaram, e deixaram de si vestígios, que fazem chorar, e fazem rir. Esta dualidade, que caracteriza todas as cousas deste globo, onde somos inquilinos por mercê de Deus, é de per si um infalível sintoma de que o meu romance é o único verdadeiro.

Eu sou um homem que sabe tudo e muitas outras cousas. Não espreito a vida do meu próximo, nem ando pelos salões atrás de uma ideia que possa estender-se por um volume de trezentas páginas, que, depois, vil espião, venho vender-vos por 480 réis. Isso, nunca.

Tudo isto que eu sei, e muito mais que espero saber, é-me contado por uma respeitável senhora, que não vai ao teatro, nem aos cavalinhos, e que tem necessidades orgânicas, mas todas honestas, e, entre muitas, é predominada pela necessidade de falar onze horas em cada dez. Desde que tive a ventura de conhecê-la, não invejo a sorte de ninguém, porque vivo debaixo das mesmas telhas com esta boa senhora, e posso satisfazer a mais imperiosa necessidade da minha organização, que é estar calado. E que não podemos falar ambos ao mesmo tempo.

E, depois, a sua conversação, escassa de arrebiques, e desprezensiosa, abunda em riquezas naturais, em tesouros impagáveis para o escritor público, em estudos sociais adquiridos no testemunho de factos da vida, que não vieram às locais do jornalismo, porque a imprensa há poucos anos que denuncia os casamentos, os óbitos e os suicídios.

Ingrato seria eu se não significasse aqui, com toda a cordialidade de que sou susceptível, o meu reconhecimento à dita pessoa, que promete elevar-me à importância de escritor verídico, num género em que todos os meus colegas mentem sempre.

No momento infausto em que os selos do túmulo me fecharem este livro do passado, obliterar-se-á a fecunda veia de romancista, donde tenho havido uma barata immortalidade para mim e para a minha colaboradora.

O público, maravilhado da minha esterilidade, dirá então que os meus romances eram dela; e um nome, hoje obscuro, será exumado do esquecimento para quinhoar da glória dos escritores-fêmeas desta nossa terra tão escassa – ainda bem – desse contra-senso.

CAPÍTULO I

Em 1815, um dos mais abastados mercadores de panos da Rua das Flores, na cidade do Porto, era o Sr. António José da Silva. E, a 23 de Agosto do mesmo ano, o negociante da Rua das Flores que mais suava e bufava aflito com a calma era o mesmo Sr. António José da Silva. O Sr. António, como os seus caixeiros o chamavam, tinha razão para suar. As bochechas balofas e trémulas, dilatadas pelo calor do Estio, ressumavam-lhe um suco oleoso, que descia em regos pelos três rofegos da barba e vinha aderir a camisa às duas grandes esponjas, que formavam os seios cabeludos do nosso amigo atribulado.

O Sr. Silva, inquieto e resfolegando como um hipopótamo, passeava no seu escritório. O seu traje era muito simples: andava de cuecas e alpercatas de estopa com sola de cortiça. Este vestido, conquanto singelíssimo, e o primeiro talvez que se seguiu ao que trajou Adão no Paraíso, dava-lhe ares dum sátiro voluptuosamente gordo.

O negociante representava cinquenta e cinco anos, bem conservados. No olho direito tinha muita vida; o esquerdo, porém, nesta ocasião tinha um terçoelho, e inflamado, de mais a mais, pelo calor.

Além do dito, o Sr. Silva estava sofrendo um segundo terçoelho no espírito. Era uma paixão, uma paixão da alma, a mocidade na velhice, essa ânsia impotente dum coração que quer romper os tecidos atrofiados de cinquenta e cinco anos para dar quatro pulos em pleno ar.

Quem era a vítima desta paixão impetuosa? Uma menina de quinze anos, que a leitora, enjoada das indecentes cuecas do Sr. Silva, pode ver, no segundo andar desta mesma casa, sentada a costurar na varanda, com uma gata maltesa no regaço, e um papagaio ao lado, que lhe depenica os sapatos de cordovão.

É uma bonita menina, para quem gosta dum rosto oval, olhos azuis, leite e rosas na face, lábios acerejados e pequenos, dentes como pérolas, olhar alegre e penetrante. Conversa como papagaio, e o metal da sua voz tem aquele timbre sonoro e puro que nos faz jurar na beleza de quem fala, sem lhe vermos as feições. O papagaio salta-lhe à mão, e esta mão é pequena, dedos longos, rosados nas extremidades, transparentes como o colo de sua dona, onde o próprio Lúcifer de Gautier choraria uma segunda lágrima, por se ver impossibilitado de armar às boas mulheres (quando é de supor que lhe não vão lá ter as piores...)

Concordemos em que Rosa Guilhermina era uma bonita moça, e desculparemos a paixão fatal do infeliz negociante, que, no andar de baixo, está fumegando por todos os orifícios e distilando por todos os poros.

Como veio esta menina para a casa do negociante?

Da seguinte maneira:

Quatro anos antes, o arcediogo de Barroso, padre Leonardo Taveira, amigo velho do Sr. Silva, em expansiva conversa com o seu amigo, num domingo de tarde, nas hortas de Campanhã (onde semanalmente saturavam as respectivas massas adiposas com o excelente vinho verde de Cabeceiras de Basto), quatro anos antes, vinha eu dizendo, falava assim, com o seu amigo, o rubicundo arcediogo:

– Sabes tu, Silva, que me está dando bastante cuidado o futuro de Rosa!

– Deixa-te disso. Não tens tu, em minha mão, um bom património que lhe dê?! Acho que vinte mil cruzados, afora o juro de cinco por cento, há dez anos, capitalizado no próprio, a vencer até que ela faça os vinte e cinco, acho eu que é um dote de lhe tirar o chapéu.

– Bom dote é; mas isso não é o que me dá cuidado. O que eu queria para minha

filha é um bom marido...

– O homem, já tratas disso!? Que idade tem a tua filha?

– Tem onze anos; daqui a três é mulher, e pode talhar futuros por sua conta e risco. E o que eu não quero. A pequena está em mestra-de-dentro; mas isto de mestras ensinam a coser e a bordar, mas não sabem adivinhar o coração duma rapariga, que... enfim, Silva, vou ser franco contigo...

– Diz, padre Leonardo...

– Que é filha de tal pai e de tal mãe... Eu tenho sido o que tu sabes...

– Isso lá é verdade... tu tens sido levadinho da breca com o gado de contrabando...

– E a mãe, se queres que te diga a verdade, tinha uma perfeita embocadura...

– Diz-mo a mim, Leonardo! Era uma namoradeira dos quatro costados... Mas, enfim, está casada, e já não é a mesma.

– Caro me custou o casamento...

– Isso custou! O que tu deste ao francês pra montar a loja de livros, ainda que não rendesse senão a sete por cento, podia hoje montar a réis... deixa ver... quatro vezes sete vinte e oito, vão dous, com cinco cifras, faz... faz...

– Águas passadas... não falemos nisso. Agora o que me importa é a rapariga, já que fiz a asneira de a procurar na roda... Tira-me o sono. Silva! Lembra-me às vezes que esta pequena há-de ser a disciplina com que hei-de ser castigado por muitas asneiras que fiz...

– Isso lá é verdade. Diz o ditado: «Onde se fazem, aí se pagam.» Já vem dos velhos a experiência... Sabes tu que mais? Casa a rapariga assim que ela puser as ventas no ar a contar os ventos. Não lhe dê tempo a namoricos. Janela fechada, e marido entre mãos, era o sistema de minha mãe, que Deus haja, e minhas irmãs não deram desgosto à sua família.

– Tens razão, António; mas quando o Diabo está atrás da porta não vale nada fechar a janela... Olha lá... Queres tu casar com a minha Rosa?

– Homem, essa!... Tu serás o espírito ruim que me apareces em corpo de homem? Não vês que tenho cinquenta feitos e que nunca me deu na cabeça a asneira de me casar?

– Alguma vez há-de ser a primeira...

– Isso lá é verdade; mas cada qual mede-se com as suas forças, e eu já não estou para tropelias. O que eu quero é comer bem e beber-lhe melhor. Isto de crianças, casadas com velhos, não provam bem...

– Estás enganado com o mau exemplo da tua vizinha Ana...

– Que pôs na cabeça do marido um chinó, porque ele era calvo... e eu não estou menos calvo que o pobre João Pereira, que deu com o negócio em pantana, por causa da mulher...

– Não meças tudo pela mesma rasa, António. A pequena é dócil, tem um génio de pomba, vai para onde a levam, e será uma boa esposa. Ponto é pilhá-la nos cueiros... Tu sabes melhor que eu o dote que ela tem...

– Não falemos em dote, Leonardo... Eu, se casar com a tua filha, tanto se me dá que ela tenha um como dous... A cousa não é essa... O pior é o resto.

– Que resto?

– Eu te darei a resposta amanhã.

Continuaram falando largamente sobre o assunto, em que o Sr. Silva, três vezes, citou o chinó do seu vizinho João Pereira.

No dia seguinte, o arcediogo de Barroso encontrou o seu amigo meditativo.

– Pensas ainda, António?

– Estava pensando no nosso negócio. Isto de mulheres deve a gente supô-las

sempre mercadoria avariada... Mas, diz-me cá, a tua filha só tem onze anos...

– Só, e daqui a dous tem treze...

– Se a cousa se arranjasse, não podia ser senão daqui a dous anos.

– Decerto.

– Pois, então, falaremos.

– Não que é preciso decidir-se a cousa já.

– Porquê?

– Se disseres que sim, a pequena há-de vir para tua casa já; quero que seja educada por tua irmã, e que se afaça contigo, para te ganhar amizade, e o amor depois vira.

– Qual amor, nem qual carapuça! Ela pode lá ganhar-me amor!... Eu cá por mim, se casar, o que quero é uma herdeira, porque tenho para aí uns sobrinhos, que se penteiam muito, e que não querem estar ao mostrador a medir côvados de pano. Há-de-me custar se eles vierem meter a mão no que me custou a ganhar com honra e trabalho. Um deles meteu-se-lhe na cabeça ir a Coimbra estudar para doutor... Que tal está o catavento! Meus pais foram lavradores, eu sou negociante, e quem houver de ficar com a minha casa há-de vir para aqui. Quando penso nisto, Leonardo, parece-me que me fazia conta casar!... E, se eu tivesse um filho!... isso então, digo-te que era ouro sobre azul! Se não fosse o medo que tenho às bocas do mundo, não enjeitava aquele rapagão da Teresa...

– E verdade: que fizeste à Teresa?

– Pus-lhe um estabelecimento de castanhas assadas na Ribeira. O diabo da moça piscava o olho ao caixeiro, e pu-la fora de casa. Eu cá poucas-vergonhas de portas adentro não as quero.

– Tens razão; mas isso do filho é cousa muito natural...

– Ah, é verdade; isto do filho acho eu que é cousa muito natural; mas dizias tu que a Rosinha...

– Viria para a tua companhia, e aos treze anos, ou mais cedo, com licença do bispo, casas com ela...

– Homem... isto é uma carta tirada da baralha... Está dito, se a cousa não der de si, caso com a tua filha.

– Se a cousa não der de si... dizes tu; que quer isso dizer?

– Sim, se não houver entretantes cousa que desarranje a minha saúde ou a dela...

– Está visto, não é preciso tirar isso como condição.

Rosa Guilhermina veio para casa do Sr. António José da Silva.

O noivo predestinado afeiçoou-se à pequena com toda a efusão paterna. Prodigalizava-lhe carinhos, que a menina recebia com indiferente inocência, mas com certo aborrecimento íntimo, e até nojo da sua grande cara, cujas belfas eram vermelhas como duas folhas de parra de moscatel, no Outono.

Feitos os treze anos de Rosa, o negociante sentiu abrirem-se-lhe as válvulas do coração para lhe verterem nas veias um sangue mais quente. Não era um fino amor o seu; mas era um amor que lhe afinava a voz melodiosa de meiguices, que a pequena recebia sempre com trejeitos de enfastiada.

A afeição não correspondida reagiu.

O coração, atufado pelos tecidos celulares, do obeso amante esperneou nas cavidades do peito respectivo e veio à superfície dos acontecimentos com o ideal dum Antony, com os ciúmes dum Otelo e com a paixão escandecida dum Manfredo de cuecas, como tivemos o dissabor de vê-lo no princípio deste capítulo.

CAPÍTULO II

Na tão indecente como atribulada situação em que deixámos o Sr. António veio encontrá-lo o padre Leonardo Taveira, que voltava de rezar vésperas no coro da Catedral.

O cáldo negociante resfolegava como um tubarão e improvisava uma ventoinha de meia fralda da camisa. Cada vez mais indecente! Valha-nos Deus, leitores, que muito amargo é o dizer a verdade inteira! Há momentos em que o escritor público se vê forçado a corar. Se me vísseis, neste instante, julgar-me-íeis duma candura infantil.

O arcediogo, porém, não se mostrou surpreendido da atitude tragicamente aflitiva do seu amigo. Cáldo também, despiu a loba, arremessou o cabeção, descalçou os sapatos de fivela e refocilou os amplos pés vermelhos nos propícios chinelos do escarlate mercador de panos.

– Foste a minha desgraça! – regougou o Sr. António, abanando o ventilador com a mão esquerda, e enxugando com a toalha de mãos os húmidos torcicolos do pescoço.

– Fui a tua desgraça! Pois que é? – replicou o beneficiado, tapando com o indicador da mão direita uma das ventas, para chilrear na esquerda uma solene pitada.

– Que é? ainda mo perguntas? É a tua filha que me faz de fel e vinagre! E uma ingrata que se me ri nas barbas, quando eu lhe faço meiguices.

– Ora deixa estar, que o remédio não está em Roma. E eu já te disse que sou pai e tenho direitos sobre minha filha. Queres ou não queres casar com ela, António?

– Perguntas-mo agora, que eu já não sei por onde me anda a cabeça!... Dava trinta mil cruzados e queria que a tua filha gostasse de mim! Isto parece que foi enguiço que me fizeram!...

– Eu te quebrarei o enguiço...

– Não sei como. A pequena, seja lá pelo que for, não me pode ver, há um ano para cá. Aqui anda dente de coelho... Não sei, mas desconfio que ela namora o filho do João Retroseiro, que me está sempre a ler por detrás dos vidros.

– Deveras?

– Parece-me que sim. A minha Angélica já o desconfiou, e ralhou-lhe. A Sr^a Rosinha levantou a cabeça e disse que não dava satisfações a ninguém.

– Ah!, ela disse isso? Ora deixa-me com ela...

– Ouviste, Leonardo? Não quero que lhe ralhes. É muito criança, e pode ser que minha irmã se enganasse. Serão escrúpulos de Angélica, que me defumou com erva santa e trevo nove vezes para me quebrar o feitiço em que me tinha a criada Teresa. E uma pateta mulher. Não lhe digas nada por ora a tal respeito. Aconselha-a que case comigo, e que me tenha amor, que eu prometo dar-lhe todo o ouro e vestidos que ela quiser. Hei-de até levá-la às comédias italianas e não haverá fidalga que lhe bote a garra adiante em asseios.

Já vêm, pela energia da expressão, que dor tão sublime não devia ser a que assim se exprimia por jactos de calorosa eloquência! O Sr. António José da Silva, superior à sua classe, sentia-se arrojadamente grande pela angústia duma repulsa. Trinta mil cruzados dera ele pelo amor de Rosa Guilhermina! Prometia levá-la às comédias! Galardoava o seu amor com vestidos que fizessem, morder de inveja as fidalgas do Porto! Eu quisera que Rosa lhe exigisse uma carruagem. Se o Sr. António acesse ao extravagante pedido, então, leitores, seria eu o primeiro a pedir uma data gloriosa, um cantinho, na história da civilização da Rua das Flores, para o Sr. António José.

A nada, porém, se movera a esquiva donzela.

O arcediogo, comovido pela exclamação do seu futuro genro, subiu ao segundo

andar e procurou, meio colérico, a filha rebelde, que ensinava o papagaio a dizer: *é o rei que vai à caça*.

– À caça andava eu de ti... – disse afavelmente o pai, chegando uma cadeira para junto de sua filha, também risonha, que lhe beijava a mão.

– Ah!, eu não sabia... Tenho estado aqui toda a tarde a trabalhar, sozinha.

– A Sr^a Angélica não tem estado ao pé de ti?

– Não, meu pai. Creio que foi visitar o Santíssimo Sacramento.

– Mas ela ainda é tua amiga, como sempre foi...

– Eu sei cá... parece-me que não.

– Algum motivo lhe deste, Rosa...

– Eu? Nenhum.

– Que disseste hoje ao Sr. António?

– Não me lembro... A que respeito?

– A respeito do teu casamento.

– Não falemos nisso, meu pai... Sou muito nova, não quero casar.

– *Não quero!* Isso é cousa que se diga a um pai?

– Vossemecê não há-de querer a minha desgraça... Eu não posso ser feliz casando com o Sr. António... Antes quero ser criada de servir, ou trabalhar para viver...

– Rosa, não sejas criança. Olha que tu, casada com este homem, és muito rica, satisfazes todas as tuas vontades.

– Antes quero ser pobre... Tenho repugnância em chamar meu marido a um homem que eu poderia estimar como avo... Não posso, é impossível, meu pai. Mais fácil me será morrer que casar com ele.

– Visto isso, resistes à vontade de teu pai!

– Bem me custa; mas o pai há-de ter pena de mim; não há-de querer que eu seja desgraçada toda a minha vida.

– Não quero, não; e por isso mesmo é que te mando casar com o Sr. António José da Silva.

– Mate-me, se quiser; mas obrigar-me a casar, isso não.

– Das duas uma: ou casar, ou entrar já no Recolhimento das Órfãs em S. Lázaro.

– Entrarei no Recolhimento, vou para onde o pai quiser que eu vá, até serei carmelita, se for da sua vontade.

Esta pertinaz resolução espantou o arcediogo e convenceu-o de que a sua filha estava inocente das suspeitas de Angélica, beata crendeira em encantamentos, enguiços e lobisomens. Se a pequena tivesse namoro com o filho do João Retroseiro, decerto não aceitaria com tanta presença de espírito a condicional do Recolhimento. Assim o pensava o licenciado, que tinha muita experiência do mundo, e essa muito cara, a julgar pelas cifras que acumulou o negociante, orçando as despesas do casamento da mãe de Rosa.

Teimoso, e esperançado nas boas maneiras, entrou em negociações amigáveis com a menina. Pintou-lhe o melhor que pôde a vantagem de ser brevemente uma viúva rica e a liberdade que teria então de escolher um marido mais galhardo. Repetiu a sedução dos vestidos e dos diamantes; encareceu as delícias do teatro; soprou-lhe a vaidade, imaginando-a invejada pelas mulheres de todos os negociantes do Porto; enfim, por não fechar o discurso sem uma imoralidade, com palavras equívocas, dissertou pouco cristãmente acerca dos deveres da mulher casada.

Rosa insistiu na recusa. O padre irou-se outra vez; deixou cair a caixa, no excesso da indignação; verteu no peito da camisa quatro pingas de rapé; escumou pelos cantos da boca; pisou uma perna ao papagaio; entalou o rabo da gata, que saltou, bufando, para o peitoril da varanda; e acabou por dizer, em voz cavernosa, que Rosa, no dia seguinte,

sem mais delongas, seria fechada no Recolhimento de S. Lázaro, para não ver sol nem lua.

O Sr. Silva ouvira os últimos berros e zangou-se contra o padre. O seu amor não lhe consentia um ultraje a Rosa, apesar de ingrata. Em cuecas e com a camisa em ventilador, subia a escada; mas, a meio caminho, olhou para si e viu, na sua consciência, que não estava decente. Tornou atrás a enfiar as pantalonas de linho, quando o arcediago descia com a cara cor de lagosta e os olhos túrgidos e encarniçados como dois medronhos bravos.

– Não fazes senão asneiras, Leonardo – disse o negociante, impando com a dificuldade de enfiar a coxa roliça nas pantalonas, que queria vestir às avessas, no auge da atrapalhação.

– Eu não faço asneiras. Sou pai, e quero ser obedecido.

– Que vais tu fazer?

– Amanhã há-de entrar no Recolhimento por força.

– Deixa-te disso; não aflijas a rapariga por minha causa. Eu não consinto...

– Não preciso do teu consentimento. O caso agora é comigo, não é contigo.

Veremos quem vence.

– Então não há outro remédio, Leonardo?

– Nenhum. Está de pedra e cal. Não quer casar por bem nem por mal. Diz que tem repugnância em ser tua mulher.

– Sim?! – atalhou o Sr. Silva atrozmente ferido na sua vaidade. – Pois, nesse caso, faz o que quiseres, e tira-ma quanto antes de casa.

– Olha cá, António... Eu parece-me que a pequena, em se vendo fechada no Recolhimento, onde não conhece ninguém, nem tem janela para a rua, mudará de vontade e quererá casar...

– Comigo? Isso nunca! Deus me livre. *Má mês* para ela. Lembras-te do chinó do meu vizinho?

– Ora deixa-te disso, meu amigo. Nem todos os maridos são calvos... nem todas as mulheres fazem marrafas. Dá tempo ao tempo. Quem lida com mulheres lida com o Diabo. E preciso aturá-las. Sabes lá o que eu tenho sofrido com elas!

– Eu é que não estou para brincadeiras... Estava muito sossegado há três anos; para que vieste tu inquietar-me com o negócio que me propuseste em Campanhã? Guarda a tua filha, que eu morrerei solteiro.

O Sr. António José da Silva, dizendo isto, melhor avisado, bebia uma limonada, e o arcediago de Barroso calçava os sapatos de fivela.

Neste momento entrava a Sr^a Angélica, de mantilha e camândulas de pau preto pendentes nas mãos, que trazia sobre o seio em postura beatífica.

A beata resmungou e subiu para o segundo andar.

Espionemos donde vinha a Sr^a Angélica.

CAPÍTULO III

Que Rosa Guilhermina estava, mais ou menos, possessa de feitiços, era um evangelho para a Sr^a Angélica. Que a filha do pecado, como a beata lhe chamava, seduzida pelo Demónio, namorasse o filho do retroseiro, isso é que não era liquido.

Para os feitiços deixara Deus na Terra pessoas virtuosas, mulheres sábias, que os desmanchavam; e para adivinhar o coração da pequena bem sabia a irmã do Sr. António que o remédio não estava longe.

A Sr^a Angélica ouvira a conversação do seu António com Rosa Guilhermina, na manhã do dia em que se passaram as cenas ridiculamente fúnebres do capítulo anterior. Cousas ouviu ela que a obrigaram a benzer-se três vezes e queimar arruda no seu quarto e no da pequena. Parece que a tímida sexagenária receava que o espírito mau, que vexava Rosa, viesse, por variar, entreter-se com o seu corpo imaculado.

Feitas as abluções e comido o jantar, que benzeu três vezes e devorou com as pernas em cruz, receosa dum ataque subterrâneo do Demónio, compôs a coca da mantilha, armou-se do rosário abençoado por Gregório XV, prendeu duas figas e um chispo de veado na alça do colete e saiu.

Da Rua das Flores a Miragaia dava saltinhos como uma franga com as asas cortadas. Ao pé da antiga casa da Companhia, numa porta baixa de casa térrea, bateu a Sr^a Angélica. A porta foi aberta por uma velha inqualificável, indefinível, mistura de todos os animais repulsivos desde a centopeia até à cegonha. Era a Sr^a Escolástica, benzedeira, adivinha, mulher sábia, que praticava com o invisível por meio da peneira e das cartas.

– Venha com Deus, devota de Nosso Senhor. Já sei ao que vem.

– Já? Louvado seja Deus!

– A Rosinha não quer casar.

– Nem à mão de Deus Padre... Aqui anda feitiço. Queria que vossemecê me dissesse se o filho do retroseiro, que se chama José, será o mafarrico que faz doudejar a cabeça da rapariga.

– Vamos a isso – disse a Sr^a Escolástica, carregando duas vezes de simonte a venta esquerda, que parecia um mexilhão aberto, e folheando um surrado baralho de cartas.

A Sr^a Escolástica benzeu-se e pronunciou a seguinte oração, pondo as cartas em quatro montes, benzidas também: «*S. Cipriano, bispo e arcebispo fostes, sete anos no mar andastes, na vossa divina graça vos sustentastes, sete sortes pela vossa divina esposa botastes, no fim vos declarastes. Declarai-me aqui se a Rosinha anda de namoro com o José, filho do retroseiro.*»

E depois, voltando-se com ar sibilino e trágico, para Angélica:

– Rosa é a dama de ouros; o José é o rei de ouros. Aqui sai Rosa com o sete de espadas, que é uma paixão da alma. Aqui está o José voltado para ela de corpo e pensamento, que é o valete de ouros. Sai-lhe aqui outro homem, que é seu irmão; mas ela vira-lhe as costas e dá-lhe más palavras, que é o cinco de espadas. No meio disto sai-lhe aqui lágrimas, que é o cinco de copas, e a espadilha o afirma. Seu irmão aqui está com o sete de copas, que quer dizer comidas e bebidas, e ela vira-se para o sete de paus, que é um gosto grande, e o seis de paus pela porta da rua. Aqui está a dama de espadas, que é uma mulher de má-língua por causa duns dinheiros grandes, que é o dous de ouros, vê? Ela amanhã sai por caminhos; aqui está o dous de espadas e aqui está o ás de ouros, que é a igreja, e o quatro de paus, que é a tumba... valha-me Deus!...

A Sr^a Angélica, cor de cidra, benzeu-se. Dito isto, a Sr^a Escolástica repetiu a miraculosa operação e descobriu uma *novidade*. Novidade é uma carreira de cartas sem figuras. A novidade era a confirmação do quatro de paus e um certo ás de copas, cuja significação a benzedeira disse ao ouvido de Angélica, que fez uma careta, e persignou-se. Careta aquela, discreta leitora, que eu também fiz quando me contaram esta pavorosa história.

Feito isto, as cartas foram substituídas pela peneira. A Sr^a Escolástica, versada nos dous ramos de sortilégio, pôs de perfil a peneira e meteu-lhe um Senhor crucificado, umas contas e três vinténs em prata. Depois cravou em um dos lados os bicos de uma tesoura fechada e outra tesoura do outro lado. Feito isto, com grandes trejeitos, e grave atenção da Sr^a Angélica, que murmurava o credo em cruz, disse a benzedeira: «*Peneira, tu que peneiras? Pão para toda a cristandade. Pelo amor de Deus, peço-te que me digas se a Rosinha há-de casar com o Sr. António; se tiver de casar, vira-te para a direita, e senão vira-te para a esquerda.*» A peneira oscilou alguns segundos e ficou voltada para a esquerda.

A pobre Angelica deixou pender o beijo inferior, que, há quatro anos, lhe tocava na ponta do nariz! Estava profundamente triste e aterrada! O seu olho esquerdo falou da abundância do coração. Uma lágrima, cor de água-pé, rolou-lhe preguiçosa nas verrugas da face.

– Sabe o que mais, Sr^a Angélica? – disse Escolástica, comovida e atufando a pitada na fossa anfractuosa da venta direita–, sabe que mais?... Vamos *prender* a rapariga.

– Isso será cousa de escrúpulo, e eu tenho medo que Deus me castigue.

– Agora castiga... Há-de ensinar ao seu irmão esta oração: «*S. Marcos te marque. S. Manso te amanse, os quatro Evangelistas te batam à porta do teu coração, Santíssima Trindade te confirme na minha vontade, para que nem na cama, nem na mesa, nem no lar, sem mim, não possas estar, rir e falar, e já, e já, e já com todo o pacto.*» Esta oração há-de seu irmão dizê-la, e quando disser *com todo o pacto* há-de dar três vezes com o pé direito no chão. Passados nove dias, em que eu hei-de rezar a novena das almas e ouvir as vozes, apareça vossemecê por cá, e veremos se é preciso trazer roupa dela para a defumarmos nos quatro cantos com o fogareiro de S. Cipriano.

A Sr^a Angélica deu por bem empregados os seus dous patacões e passou o resto da tarde a rezar os versos de S. Gregório e a novena de Santa Apolinária, em S. João, onde estava, nesse dia, que era sexta-feira, exposto o Santíssimo.

Ora aqui está donde vinha a irmã do Sr. António José da Silva.

Dobrada a mantilha e a saia de durante, a Sr^a Angélica desceu a procurar seu irmão e, farejando os cantos da sala, viu que ninguém lhe testemunhava a tremenda revelação que ia fazer-lhe.

– Então já sabes o que acontece?–perguntou ele, emborcando o segundo púcaro de limonada.

– Que foi, meu Antoninho?

– A Rosa vai-se amanhã embora.

– Vai! Louvado seja Deus!... Bem mo disse a Escolástica!...

– Quem é a Escolástica?!

– E cá uma mulher, muito temente a Deus, que vê o que se passa na alma...

– Deixa-te de crendices... não creias em maranhões...

– Credo!, não digas tal, António, que não vá Deus castigar-te, e ela sabê-lo... Se tu soubesses o que ela me disse...

– Não sei, nem quero saber... Hás-de sempre ter essa mania! Pergunta ao padre Leonardo por isso, e verás a risada que ele te dá...

– Bem me importa a mim a risada do padre Leonardo!... Não... aquele não é cá dos meus!... Padres com filhas... não quero ir com eles nem para o Céu... Sabes tu que o tal arcedíago me parece jacobino! Deus me valha, se peço... Cala-te, boca...

A devota mulher, incapaz de infamar, dava uma sonora palmada nos lábios, quando apostrofou a boca faladora e lhe impôs silêncio, que, mais eloquente que a boca, segundo diz o poeta latino, falou assim:

– Tenho cá minhas aquelas com este padre!... Ele não diz missa, nem prega a Quaresma, nem vai às via-sacras, como o padre Aniceto, meu confessor, e o padre Benedito das Carmelitas, que reza os exorcismos. Deus me acuda –continuou ela em voz alta–, mas não tenho fé com padres que têm filhas, e casam as mães com outros, de mais a mais com um pelinirão da França, que é herege e jacobino na alma e no corpo...

– Cala-te lá, que estás para aí a dizer parvoíces. O padre Leonardo é um homem honrado, que não vai às via-sacras, mas tem temor de Deus. Lá se deu a sua escorregadela, em bom pano cai uma nódoa. E, se ele não fosse um bom pai, não obrigava a filha a entrar, amanhã, no Recolhimento de S. Lázaro.

– Que me dizes, António da minha alma? Pois a Rosa vai para o Recolhimento?

– Vai, pudera não!...

– Bem o disse a serva de Deus! Ai!, que tudo nos vai saindo como a benzedeira o disse... O ás de ouros, lá estava o ás de ouros, António! Não tornes a fazer pouco dos adivinhamentos. Tudo mo disse ela, e muitas cousas mais.. Abençoados dois patações!

– Ó mulher, tu pareces-me tola! A impostora da velha podia lá saber isto! Botou-se a adivinhar!

– Ó António, tu não me pareces católico!... Santo nome de Jesus! Pois, sem aquela de Deus, sabe lá ninguém futurar o que te há-de acontecer? Não sejas assim, meu bom irmão. Lembra-te dos enguiços que te fez Teresa (Deus lhe perdoe, se já morreu), aquela desavergonhada que tinha levado as tuas cuecas da roupa suja para as benzer uma feiticeira da Rua Chã, e se não fosse a devotinha Escolástica ainda hoje terias o Demónio à perna, Deus me perdoe!...

– Vai-te daí, que a Teresa não tinha demónio nenhum...

– Não tinha não... Pois não lhe viste a obstrução de ventre que ela trouxe, e só com as rezas da Escolástica é que o Berzebum a deixou a ela e a ti? Valha-te o Senhor!... Diz-me com quem andas, dir-te-ei as manhas que tens.

– Está bom... Vamos tratar de cear, que são nove horas.

– Está a Ana a segar o caldo... Antes disso quero dizer-te duas palavras.

– Diz lá.

– Mas não hás-de fazer modos de incrédulo. Tu queres que a Rosinha case contigo?

– Eu não.

– Não!... Minha Mãe Maria Santíssima!... Se eu te entendo...

– Quero que ela tenha por mim afeição de dentro... Contra vontade, não quero ninguém.

– Pois se eu te ensinar o modo de fazeres com que ela te tenha afeição de dentro?

– Vai bugiar! Tu cada vez estás mais tonta!

– Estou! Pois olha que não é de velha.

– Isso não; mas já podias saber mais do mundo com sessenta e nove anos... És mais velha que eu catorze.

– Então? Achas que estou tonta como a velhinha Tia Brízida, que já fez noventa e dous?

– Não sei... Sabes que mais? Mete um salpicão no púcaro, e leve Berzebum as paixões e quem com elas engorda.

– Olha cá, António... Não te quero assim... Pareces-me mesmo nos modos com os chichisbéus que vão ao teatro, e à missa das dez a S. Bento, por causa das freiras, que, Deus me perdoe, podem bem com a santidade que têm!... Andam sempre ali pelas grades aquelas namoradeiras, que nem me parecem religiosas e esposas do Cordeiro imaculado, e falam da vida do próximo!... Valham-me as cinco chagas e a benta Cruz.

– Vai pôr a mesa, mulher, e olha lá o que essa rapariga está a fazer, que eu vejo daqui o filho do retroseiro à janela...

– Ah!, vês? Não, que ela faz-lhe amor de cá...

– Tu viste?

– Disse-mo a Escolástica.

– Que leve a breca a tua Escolástica, que o meu gosto era dar-lhe com o côvado no costado...

– Santo nome! Tu que dizes, homem? Aqui cai raio. Pede perdão à servinha de Deus, senão as palavras não te aproveitam...

– Que palavras?

– As palavras que hão-de fazer com que a Rosa ande atrás de ti como a linha atrás da agulha. O caso é ter fé. Se as disseres, tu verás, António!...

– São palavras para lhe dizer a ela?

– Não... Assim que a vires, hás-de dizer no teu coração...

– Cala-te aí...

– Não me calo... tenho até escrúpulo de me calar... Hei-de dizer-tas. Ouve lá: «S. Marcos te marque, S. Manso te amanse, os quatro Evangelistas te batam à porta do teu coração, a Santíssima Trindade te confirme na minha vontade... e... espera lá... deixa ver se me lembra... Ah!, já sei... *para que nem na cama, nem no lar, sem mim, não possas estar, rir e falar, e já, e já, e já com todo o pacto.*» Quando disseres isto, debes assim bater com o pé no chão uma, duas e três vezes...

A terceira, a Sr^a Angélica pilhou debaixo do pé o rabo desgraçado da gata, que soltou um doloroso grito e vingou a afronta enterrando a unha no joanete esquerdo de sua ama. Angélica soltou um brado fremente de angústia. A gata rosnavava, com o pêlo hirto, num canto da sala, e o Sr. António bascolejava com as nédias mandíbulas uma gargalhada sincera.

CAPÍTULO IV

O salpicão fumegava na mesa, rodeado de ervilhas ensopadas. Ao lado, as tigelas do bem adubado caldo, opulento de gorda olha, ressumavam um cheiro apetitoso, que ludibriava o paladar dos rapazes da loja, aos quais era só permitido o cheiro.

Angélica fora chamar Rosinha para a mesa, enquanto Seu irmão espostejava as talhadas pingues do paio de Lamego. A arrufada menina não quis cear e, para esquivar-se as instancias da velha pertinaz, declarou-se incomodada da cabeça, cobrindo-a com o lençol.

O negociante engatilhava a cara em ar de despeito e ensaiava as pálpebras roliças numa postura sombria, que desse da sua dor a alta ideia, que os queixos desmentiam, cevando-se na carne de porco e nas ervilhas aromáticas.

Certo de que a ingrata filha do arcedíago não vinha à mesa, o Sr. Silva inutilizou a cara fúnebre, deu largas à testa franzida tiranamente e mascou, rugindo como os deuses de Homero, a ceia substanciosa.

Angélica, da sua parte, comeu bem, e revezou no caldo, que, segundo ela, podiam comê-lo os anjos. Deu graças a Deus e a todos os santos do seu conhecimento, que eram todos, e alguns duvidosos, enquanto seu irmão, a cada *padre-nosso*, desafogava um arrote, que pudera, sem hipérbole, chamar-se um urro.

O último, e mais estrídulo, soltou-o no seu quarto, onde, enfim, aquela alma atormentada e o estômago revoltado deviam dar-se *rendez-vous* em grato sono de sete horas.

A Sr^a Angélica, reservando para o dia seguinte um novo ataque à incredulidade de seu irmão, entrou, no seu quarto, a rezar a novena das almas, que lhe fora imposta pela devota Escolástica, e que não acabou conscienciosamente porque adormeceu no meio da reza, enxotando, com palavras de esconjuro, o demónio do sono, seu tentador implacável. A última apóstrofe confundiu-se com o ressonar profundo de seu irmão. O ressonar de ambos, dueto horrível, acordava os ecos fúnebres da casa. Dormiam todos, excepto Rosa.

Rosa não dormia, porque apurava o ouvido a cada quarto que badalava o relógio de S. Domingos.

Faltava o último para as dez quando a prometida esposa do negociante enfiou o vestido, saltou fora da cama, abriu cautelosamente a janela, em que batia o luar, traiçoeiro confidente dos amantes nocturnos, que apenas podem sorrir de dia e só nas trevas deixam voar o coração morcego.

Na janela fronteira estava um vulto e na rua solitária não se viam os malditos grupos; inovação inútil da *guarda municipal*, que nos dá a entender que os ladrões aumentaram com a civilização, posto que os jornais diariamente nos aturdam com o catálogo dos roubos.

Em 1815 podia-se namorar honestamente dum janela para a outra, na Rua das Flores, sem que uma patrulha insolente parasse debaixo para testemunhar a vida íntima dos que lhe pagam. Podia cochichar delícias a donzela recatada da trapeira para a rua sem que o amator extático ao som maviosíssimo daquela voz receasse o *retire-se!* brutal do janízaro. Podia, finalmente, segurar-se o gancho dum escada de corda no terceiro andar, subir impavidamente, conversar duas horas sobre vários assuntos honestos e descer, sem o receio de encontrar cortada a retaguarda por um selvagem armado à nossa custa, que nos conduz ao corpo da guarda a digerir a substância da deliciosa entrevista.

Bem-aventurados, pois, os que namoraram em 1815.

Mas não tenham a impiedade, leitoras honestas, de supor que a mencionada escada de corda engatou o gancho na reputação de Rosa. Não, senhoras. A filha do beneficiado ignorava esse invento da inteligência humana, essa corrente eléctrica, que aproxima dous corações, a escada de corda, enfim, que nunca ninguém imaginou tivesse electricidade, mas que eu, amante da minha pátria e das glórias desta terra, declaro à Academia Real das Ciências, que a tem, e lhe ofereço a descoberta como digna das suas ponderosas lucubrações.

Mais ponderosos ainda eram os motivos por que a virtuosa Rosinha dera sinal ao José Bento, filho do retroseiro, para falar-lhe àquela hora, acto que, publicado, faria jejuar a Sr^a Angélica dous anos a pão e água e faria crescer a água, sem o pão, na boca de muitos caixeiros das lojas vizinhas, que a essas horas ressonavam como cónegos em matinas.

Era a segunda vez que a predestinada mulher do Sr. Silva se abalançava ao crime infando de tagarelar da janela, a horas mortas, para a janela fronteira.

José Bento era um moço de quinze anos, muito envergonhado e tão inútil, na opinião pública, que sua família resolveu fazê-lo frade lóio. Tinha dezasseis anos e estudava latim, com grande pasmo do mestre, que, durante quatro anos, não pudera conseguir ensinar-lhe os rudimentos da arte sem que ele, discípulo, lhe desse quatro asneiras em troca de cada regra. No seu género era um prodígio! Não obstante, para lóio o que lhe faltava era a idade, que ciência tinha ele de sobejo para repartir na comunidade.

O que ele tinha, além da ciência, era uma melancolia simpática, contemplativa e romanésca. José Bento, se fosse dos nossos amigos de botequim, passaria hoje por um espírito atormentado, um mancebo devorado por ilusões, um céptico de coração crivado de angústias, e conseguiria, não falando, pertencer à seita dos Szafis da Feira da Ladra.

Não lhe faltava a testa espaçosa da tarifa. Um todo-nada de navalha nas raízes capilares da fronte seria bastante para nos dar uma testa artística, em que os sectários de Spurzheim veriam o génio e o respeitável público a toleima.

Ora aqui está quem era o namoro da Sr^a Rosa Guilhermina, que vai falar com a voz comovida, vibrante e melodiosa.

– Sr. José...

– Aqui estou, Sr^a Rosinha... Não me vê?

– Vejo... agora vejo...

– Como passou?

– Bem; e vossemecê passou bem?

– Tenho estado hoje muito doente.

– Sim? De quê, Sr. José?

– Tem-me doído muito a barriga.

– Será do calor...

– Acho que sim; veio cá o cirurgião e mandou-me tomar banhos *semicuplos*...

– Deus queira que lhe façam bem. Então já sabe que me vou embora desta casa?

– Vai? Para onde vai, Sr^a Rosinha?

– Para o Recolhimento de S. Lázaro.

– Pr'amor de quê?

– Porque meu pai teima em querer casar-me com o Sr. António, e eu...

– Valha-o a maleita! Pois ele quer casá-la à força com um velho assim?

– Ora aí está; e eu não quero...

– Faz vossemecê muito bem. Eu também, ainda que a filha dum rei quisesse casar comigo, enquanto vossemecê me lembrasse, mais fácil seria atirar-me desta janela para baixo à rua que casar com ela.

- Forte teima de homem! Ainda hoje lhe disse que era capaz de meter o fuso da Sr^a Angélica por um ouvido, se me quisessem obrigar a tal casamento...
- Então vossemecê decerto vai para o Recolhimento?
- Antes quero isso, antes quero ser freira.
- Então, sempre lhe digo, que vou para os Lóios, se a menina se mete freira...
- Eu não sei o que acontecerá... Pode ser que meu pai, em vendo que eu não mudo de vontade, me tire do Recolhimento.
- Isso é verdade, e, se assim for, nesse caso não quero ser frade, nem que meu pai me deserde.
- O pior é que nos não tornamos a ver...
- Não? E é verdade que não. Lá nas Órfãs diz que não há janelas.
- Não há, não; mas, se pudéssemos escrever-nos...
- Isso sim; se pudéssemos escrever-nos, era bem bom; mas vossemecê, em se pilhando lá a brincar com as outras raparigas, esquece-se de mim.
- Não esqueço, não. Estou afeita a vê-lo há mais de um ano, e tarde me esquecerá...
- Se vossemecê soubesse o amor que lhe tenho!... Há quatro noites a fio que sonho consigo, e nem posso estudar a lição, nem tenho vontade de comer. Já minha mãe hoje disse: este rapaz teve alguma olhadela má. Mal diria eu que vossemecê saía dessa casa!... Pois olhe... a Sr^a Rosinha a sair e eu também.
- Para onde vai?
- Vou para o Passos estudar latim. Meu pai quer que eu esteja dentro do colégio para aprender mais depressa e eu até aqui dizia que não, porque tinha saudades de si mas agora não se me importa de deixar esta casa.
- E onde mora o mestre?
- Na viela da Cancela Velha.
- Pois se eu arranjar por quem lhe escreva, lá mando,
- Então não se esqueça.
- Adeusinho.
- Adeusinho, estimarei que tenha saúde.

.....

As janelas fecharam-se, e a Lua no céu velou o rosto de negro, como contristada da agonia lacerante destes dous infelizes! Essas frases plangentes traziam o quilate duma luta atormentada que lá ia dentro nos dous corações! A leitora sensível, com as lágrimas nos olhos e a palpitação acelerada, espera, ansiosa, o desfecho deste lance, que ficará aqui insculpido para modelo eterno das paixões impetuosas.

José Bento prostrou-se no leito do sofrimento, gemendo... com dores de barriga, e variam as opiniões acerca de uma lágrima que lhe tremia num olho, enquanto o outro conjugava o verbo *laudo*, *as*, *are*, que lhe custara, no dia anterior, um elástico puxão de orelhas.

A minha opinião é que a lágrima era de pura saudade. Seriamente falando, não sejamos injustos, expondo à irrisão a frase singela do pobre rapaz. O que ele sentia então, se eu pudesse senti-lo agora, escreveria três volumes em quarto, que o leitor me compraria, e a minha reputação de piegas amoroso estava feita.

O filho do Sr. João Retroseiro, que Deus haja, era grosso de casca, mas tinha dentro de si belas cousas, exceptuando a dor de barriga, que o incomodou a ponto de levantar-se e pedir à mãe que lhe mandasse dar o *semicuplo*, receita do cirurgião.

A extremosa mãe saltou em fralda do leito conjugal, rezando o responso de Santo António, aplicado aos banhos, acendeu o lume, aqueceu a água e agasalhou seu filho na

bacia, que, à parte a posição, que não era bonita, lamentou aí de cócoras profundamente a sua sorte.

E Rosa?

Rosa, coitadinha, perguntava à sua consciência se o amor era aquilo que José Bento lhe dissera. Parecida com a mãe, segundo o pai dizia, o instinto segredava-lhe cousas novas, que o vizinho não sabia decifrar-lhe. A seu pesar, porém, a pequena chorava com saudades do rapaz.

Felizmente adormeceu, pedindo a Santa Bárbara, sua advogada, que a livrasse do velho, assim como, pela sua muita virtude, se pudera livrar do ímpio Diocleciano (reminiscências do último sermão que pregara Fr. Miguel dos Antoninhos, na Misericórdia, dias antes).

Em virtude do que dormiu pacificamente, viu em sonhos o José Bento, queixando-se da barriga, e acordou de madrugada, quando a magra mão de Angélica a chamava para o oratório, em que se rezava tudo que havia escrito sobre a matéria.

Ao almoço, o Sr. António José da Silva aproveitava a edição de cara que não pôde dar à luz na ceia, por falta de concorrência da parte interessada no espectáculo hediondo. Estava, portanto, mais feio que nunca o Sr. António. Durante o almoço de café com leite e biscoitos de Avintes, nem uma palavra trovejou das belfas túmidas o desditoso amante. Rosa comia sem vontade e Angélica sopeteava deliciosamente as suas sopas, aboboradas em leite quente, que os seus quatro dentes não eram para graças.

Findo o almoço, apareceu o arcediágo Leonardo Taveira, que comeu três biscoitos, indispensável lastro para um copo de vinho e pequena refeição para quem vinha de rezar quatro salmos, em língua bárbara, no coro da Sé.

Reanimado de eloquência própria do pai e do levita, o arcediágo chamou sua filha à parte e recapitulou, à última hora, as admoestações do dia anterior. Recalcitrou a desobediente rapariga. Fumegaram as pandas ventas do sacerdote. Volitaram-lhe das ditas caroços de rapé, como as frechas dos Trácios contra Júpiter, e sacudiu da profana língua um feixe de raios de maldição: *Vibrata jaculatur fulmine lingua*, como depois dizia o guardião dos Gracianos, Fr. António do Menino Deus, a quem ele contava o acesso.

O seu discurso, que não vale a pena dar especial menção, terminou por intimar a Rosa a imediata saída daquela casa. Entretanto, o padre Leonardo foi buscar a ordem de entrada no Recolhimento. Quando veio, Angélica pendurou-se-lhe ao pescoço, em risco de lhe enterrar o fio cortante da barba no queixo dele. Suplicava-lhe a piedosa mulher que lhe deixasse a filha mais nove dias, e, ao cabo deles, prometia dar-lha aliviada.

– Aliviada! – exclamou o pai, arfando as asas de nariz – Minha filha aliviada!...

– Pois então...? Quer que lhe diga uma cousa ao ouvido?... Venha cá...

O padre media Rosa da cabeça aos pés, mas o ponto fixo desse olhar não era decerto nos pés nem na cabeça... Angélica acenava-lhe, e ele não podia atendê-la, porque parece que a cara da filha denunciava um crime inaudito... Era precisa coragem. O arcediágo deu o ouvido direito à velha:

– O Sr. Reverendo Arcediágo não sabe o que aconteceu a sua filha?

– Não!... Diga, depressa, que arrebento...

– Tenha paciência... Todo o mal que Deus permite é para desconto de nossos pecados...

– Diga, Sr^a Angélica, que me faz doudo...

– Não se aflija, Sr. Arcediágo... o mal é do Demónio e o bem de Deus...

– O mulher, por quem é, não me demore nesta horrível suspeita...

– Pois ainda não adivinhou?

– Não, com mil pragas...

– Credo! Vossa reverendíssima está atrigado!...

– Santo nome de Deus, que mulher!... Que tem minha filha?... Responda, senão vou arreventá-la...

– Arreventá-la! Deus nos acuda... Sua filha não tem culpa... a culpa é daquele sedutor do Inferno, Deus me perdoe...

– Sedutor!... Um sedutor!... Quem foi o infame?... Que é o que me diz, Sr^a Angélica?!

– Que é o que lhe digo? É que sua filha tem *espírito* ruim no corpo! O sedutor é o Demónio.

Padre Leonardo Taveira, conquanto pacífico, sentiu vontade de partir dum murro o crânio, quase nu, da Sr^a Angélica. Depois, soltou um frouxo de riso que borrifou a face da velha. A gargalhada foi tão longa e estridorosa que Angélica julgou o arcediágo possesso doutro demónio.

CAPÍTULO V

O Sr. António, enquanto Rosa se vestia, sumiu-se para esconder a comoção da despedida aos olhos insensíveis da ingrata. Angélica procurou-o para convencê-lo de pronunciar à última hora o esconjuro de Escolástica. Não o viu, e teve de acompanhar lagrimosa a menina ao Recolhimento, onde seu pai fora adiante ler o programa que devia executar-se na reclusão da pensionista D. Rosa Guilhermina Taveira. Onde se tinha sumido o noivo desprezado? Estava defronte, na loja de João Retroseiro, que tivera medo do aspecto, raivosamente opilado, do seu vizinho, quando entrara.

– Sr. João! – disse ele, arquejando, e revirando nas órbitas os olhos, que o ciúme arrancara à sua estúpida imobilidade. – Sr. João! Eu gosto de viver bem com os meus vizinhos; moro, há cinquenta anos, nesta rua, sou um honrado homem, que nunca deu desgosto aos seus vizinhos...

– Diga-mo a mim, Sr. António! Pois que é que lhe aconteceu? – disse o pálido retroseiro, tirando as cangalhas e depondo uma borla de torçal em que o imaginoso artista fantasiava uns berloques, que deviam distingui-lo na especialidade das borlas.– Acaso, Sr. António, se desaveio com alguém?

– Eu nunca fiz tagatés às filhas nem às irmãs dos meus vizinhos. Ninguém dirá que me viu espetar os olhos nas famílias alheias. Sou um homem honrado.

– Quem nega tudo isso, Sr. António?

– Tanto se me dá que vossemecê tenha cá uma mulher como duas...

– Isso não é verdade, e perdoará vizinho. Eu não tenho cá em casa senão a minha mulher... Quem lhe disse que eu tinha cá duas mulheres?

– Não sei se tem duas, nem quatro. O que sei é que vossemecê tem um. filho muito mariola.

– Vossemecê está enganado! O meu filho é um rapaz muito acomodado que estuda para lóio e não tem nada que lhe digam.

– O seu filho é um mariola, já lho disse.

– Pois o meu José que lhe fez?

– O seu José anda-me cá a fazer gatimanhos à filha do Sr. Arcediago, que por amor dele vai ser posta fora da minha casa. Não quero poucas-vergonhas adentro, é o meu sistema.

– Que me diz, Sr. António? Pois o meu José...

– E o que lhe digo, Sr. João. Eu sou um homem honrado, e dos anos que tenho ninguém me viu desinquietar as minhas vizinhas. Vossemecê não é bom pai. Um lojista que tem filhos fá-los ir trabalhar na loja.

– O meu José estuda para frade, por isso é que não vem para aqui...

– Qual frade, nem meio frade!... Deixemo-nos de frades. Ponha-o a sapateiro, ou alfaiate, que é o mais próprio. Eu tenho sobrinhos, e não os mando aprender latim; e vossemecê, que tem aqui dous arráteis de retrós e quatro varas de nastro, já quer ordenar um filho...

– Que lhe importa a vossemecê a minha vida?

– E o seu filho, que lhe importa as pessoas de minha casa? Se eu fosse outro homem, mandava-lhe estender as orelhas por um caixeiro...

– Isso lá mais devagar, Sr. António! Quem castiga o meu rapaz sou eu... Se o seu caixeiro lhe puxasse as orelhas, não havia de ter frio nas dele. E o que lhe digo! Eu sou pacífico e cortês com quem é cortês. Eu chamo o meu filho, e veremos como é essa pendência, que vossemecê traz.

O Sr. João, já com a mostarda no nariz, chamou José, que vinha descendo e

resmungando: *imperativo do verbo laudo, as, are, laudabundum, ou laudatote. Presente do indicativo, laudaturus.*

Contentíssimo das suas reminiscências, e livre da dor de barriga, José Bento ficou surpreso na presença do rival e enfiou de susto. A edição da cara paterna não era mais nítida que a do negociante.

– Vem cá, José. O Sr. António queixa-se de que tu fazes trejeitos para a menina do Sr. Arcedíago; isto é verdade?

José, chofrado pelo improvisado, gaguejou a resposta, que mais tarde saiu enérgica e eloquente.

– É verdade, ou não? – replicou o pai.

– Agora é...

– E, sim, senhor. Não me desminta, seu estudante de borra! – trovejou o negociante, formando instintivamente com as mãos dous gordos murros.

– Não é preciso berrar tanto, Sr. António!... A minha casa não é pátio de convento. Se quer que falemos, vamos lá para dentro. Faz favor de entrar.

António José aceitou o convite e prosseguiu na apóstrofe:

– Eu que lho digo, é porque o sei. Você esteve esta noite falando com Rosa! Esteve ou não esteve?

– Estiveste, rapaz?

– Eu, não, senhor.

– Como é isso? – continuou o pai –, se o meu filho esteve toda a noite a gritar com dores de barriga, e por sinal que a minha Ana andou toda a noite na cozinha a aquecer água para banhos? Quer que eu chame a minha Ana, Sr. António?

– Não me importa o que diz a sua Ana.

– Isso... mais devagar! A minha Ana é tão honrada e verdadeira como a Sr^a Angélica e pode pedir meças às mais honradas.

– Que tens tu, Joãozinho? – grasniou de cima a Sr^a Ana, metendo a cabeça pelo alçapão.

– Olha lá, mulher... O nosso rapaz que teve a noite passada?

– Dores de barriga.

– Vê, Sr. António!... Tudo que me veio dizer é mentira...

– Não se diz isso a um homem honrado, como eu!... O seu filho esteve às dez horas a conversar com Rosa; eu que lho digo, é porque o sei de bom canal...

– Quem lho disse? Onde está esse canal?

– Quer sabê-lo? Foi certa pessoa que à mesma hora estava para conversar com essa indigna mulher do João Pereira.

– De qual João Pereira? Aqui há dous na vizinhança.

– Do João Pereira, calvo, que traz chinó.

– Que dizes tu a isto, José?

– Digo que estive com dores de barriga, e por sinal que tomei chá de erva cidreira.

– Vê, Sr. António? Vossemecê é um homem honrado, mas enganaram-no.

– Não me enganaram. Eu de portas adentro não quero poucas-vergonhas: éo meu sistema.

– Enganaram, sim senhor – chiou de cima a Sr^a Ana.

– Quer apostar uma moeda contra dez?

– Aposto o que vossemecê quiser. O meu filho é um exemplo dos bons rapazes. E filho dum bom pai.

– E dum boa mãe – acrescentou a Sr^a Ana.

– Não tem a quem sair mau – confirmou o retroseiro.

– Pois eu digo-lhe – exclamou o mercador de panos com grande chuveiro de

perdigotos –, digo-lhe eu, que seu filho é um tratante e que vossemecê é outro, se o não castigar.

– Olhe lá como fala, ouviu?–disse a mãe do futuro lóio, já perfilada, em baixo, ao lado de seu marido, que era a carne da sua carne e o osso do seu osso.

– E isto que lhe digo. Pela árvore se conhece o fruto. Se vossemecê fosse um homem de conhecimentos e não viesse aqui para esta rua de tamancos e barrete vermelho, daria outra educação aos seus filhos.

– E vossemecê donde veio? – interpelou a Sr^a Ana, fechando os punhos na cintura e dando-se, pelo vermelhão da cólera, a figura duma bilha de barro. – Não me dirá a sua linhagem, Sr. António da Tia Catarina, que eu conheci na Ponte Nova fazendo camisas de estopa para os embarcações! Olhe o fidalgo, que nos vem falar em tamancos! Que me dizem a isto? Lembre-se que sua avó vendeu tripas na viela da Madeira...

– Cale-se aí, que você é uma regateira; eu não falo consigo.

– A minha mulher, regateira?

– Eu regateira?

– Ponha cobro na língua.

– Senão, topa com a forma do seu pé...

– Sai a racha ao pau – interrompeu o rival de José Bento, que não dizia palavra –, vossemecê há-de sempre mostrar que vendeu hortaliça no Largo das Freiras. E a filha da Canastreira, e basta.

– E sua irmã, a beata que traz cilícios depois de velha, quem é, não me dirá?

– Não fale em minha irmã, ouviu?

– E vossemecê para que fala em minha mãe?

– Porque, se você tivesse vergonha, não estava aqui a criar este mandrião...

– Faço eu muito bem, que é meu filho, e filho do meu marido, com quem sou casada à face de Deus e do altar, na Igreja da Vitória... E sua irmã porque não cria os dela?

– Qual minha irmã?

– Sua irmã Angélica.

– Você está bêbada logo de manhã?

– Bêbedo será ele, e mais quem o veste. Pois que cuida? Acha que a gente se calava por não ter tanto? Se tem muito, coma duas vezes, nós comeremos uma, porque não desfrutamos os rendimentos da legítima das filhas dos padres.

– Cale-se, sua desbocada! Você tem alguma cousa a dizer a minha irmã? Encontrou-a lá por casa dos Amorins da Praça Nova, onde você arranjou com boas bulas o dote do seu casamento?

– Vossemecê é um patife – atalhou o retroseiro, seriamente envinagrado – e se não sai de minha casa...

– Deixa-me responder-lhe, João... Com que então eu ganhei o meu dote em casa dos Amorins, hem! E sua irmã? E a sua irmã que reza a via-sacra e anda por casa das benzedeadas? Que fez ela três meses metida na cela do congregado?

– Que congregado diz você, sua regateirona?

– E aquele filho do cónego Silvestre, que caminho levou?

– Desavergonhada que você é!...

– Sou? E a sua irmã o que é? Uma *hipólita*... uma benzedeadora, que dá pelo amor de Deus o que não pode dar ao Diabo! É uma bêbada que nunca há-de chegar aos meus calcanhares.

Palavras não eram ditas, a Sr^a Ana Canastreira levava um grande murro no alto da cabeça; murro não era dado, e o Sr. António sentia, nas almofadas carnosas do cachaço, o peso duma tranqueta, que o fez ir de chofre sobre a mulher do retroseiro, que,

atordoada do murro, resvalou por debaixo do globoso negociante, que saltou um bramido de rinoceronte na queda desamparada.

A detractora da Sr^a Angélica sentiu-se escorchar debaixo do monstro e cravou-lhe as unhas nas forçuras trémulas do pescoço. O retroseiro; para salvar a mulher asfixiada, puxava a perna homérica do negociante; o negociante distribuía couces tão a propósito que uma canela do Sr. João recuou mal ferida da empresa arriscada. Indignado pela dor fina do canelão, o marido da pobre mulher atufada, com a perna disponível, imprimiu três valentes pontapés na órbita mais a jeito e provocante do Sr. António, que esperneava, grunhindo como um cevado. José Bento, como bom filho, tentava aliviar o fardo, que ameaçava o arcaboço descarnado de sua mãe, puxando, em vão, o desprezado amante de Rosa pelas portinholas da jaqueta de linho cru.

A salvação, porém, da Sr^a Ana Canastreira deve-se às suas unhas. O papo balofo do Sr. António sofrera graves arranhaduras. Em compensação, o olho direito da infamadora de sua irmã inutilizara-lho ele com o cotovelo perfurante.

Este conflito durou quatro minutos, e ao quinto a Sr^a Ana não tinha fôlego. A pressão que sofrera na cavidade intestinal, e na torácica também, podia ter mui funestas consequências, se o nosso prezado amigo, o Sr. António José da Silva, se não levantasse, lazarado do pescoço para cima, suposto que, no vermelhão natural da sua cara veneranda, o sangue das arranhaduras não se destacava.

A Sr^a Ana, continuando a enfiada de epítetos, consagrados à Sr^a Angélica, estava ainda sentada compondo as repas da desalinhada cabeça, quando o ofegante mercador de panos, impellido pelo derradeiro empurrão do retroseiro, se achou na rua, onde o povo principiava a juntar-se, chamado pelos gritos confusos dos gladiadores.

O Sr. António entrou no seu quarto a lavar a cara com água e vinagre. Perguntou por sua irmã, e o caixeiro respondeu-lhe que fora acompanhar Rosinha. Pensados os ferimentos, o infeliz rival de José Bento mediu em toda a profundidade a extensão da sua dor e comeu dous pastéis de Santa Clara, que eram a vanguarda dum copo de vinho.

CAPÍTULO VI

Rosa Guilhermina foi recebida com carinho pela regente, senhora de boa educação e incapaz de satisfazer as rigorosas recomendações do arcediogo. A pensionista era tão meiga, tão simpática e tão linda que prendeu o interesse das suas companheiras e a amizade da regente.

Padre Leonardo recomendara que a deixassem sozinha e a não recreassem de modo que ela saboreasse a vida nova, que lhe era dada como castigo. Ainda assim, as comodidades do quarto não lhas negara ele. Rosa encontrou asseio, supondo que acharia um escuro cubículo e uma enxerga por cama. Encontrou raparigas folgazãs onde esperava achar velhas rabugentas. Achou comida bem feita e abundante onde lhe tinha dito

D. Eugénia que se jejuava todos os dias e o melhor manjar eram papas de farinha milha. Se não via a rua, que tinha, nesse tempo, pouco que ver, a cerca era espaçosa para brincar, e, a certas horas, as gárrulas meninas saltavam como cabras e rasgavam os sapatos e os vestidos à sua vontade.

Basta dizer-vos, leitoras compadecidas da namorada de José Bento, basta dizer-vos que a reclusa não tinha tempo para pensar seriamente no aprendiz de lóio, nem ainda no Sr. António José, nem na Sr^a Angélica. É verdade que uma saudade dolorosa lhe assomara aos olhos em lágrimas, que as pensionistas trataram de enxugar-lhe com brinquedos. Era uma saudade que lhe aguava os prazeres inesperados do Recolhimento: era, enfim, a saudade pungentíssima da sua gata maltesa.

Entre todas as meninas, havia uma sua predilecta, inseparável, vizinha de quarto, e da sua idade. Esta não era pensionista. Órfã de pai e mãe, fora adoptada pela Misericórdia. Galhofeira por índole, tinha momentos de entristecer-se da sua condição parasita e custava-lhe sofrer encargos que as pensionistas não tinham. Lembrava-se de ter sido, até aos oito anos educada com mimo, revoltava-se contra a religião, que andava rezar de madrugada, e muitas vezes disse a m4stras que sua mãe sairia da sepultura se soubesse que criava uma filha para viver sujeita às migalhas da Santa Casa da Misericórdia, que não tinha muita. Felizmente para o Sr. Diogo Leite, provedor da Santa Casa, a mãe de Maria Elisa, por ignorância talvez do mau humor de sua filha, não consta que saísse da sepultura. E a prova é que a órfã resignou-se à sua sorte, e parecia mais feliz desde que Rosa a preferiu como amiga às ricas pensionistas, que! desdenhavam da preferência pouco nobre e desairosa para elas.

Maria Elisa entrara para o Recolhimento aos oito anos. Aos catorze estava mulher, e não sei por que fenómeno do instinto sabia, pouco mais ou menos, qual era a vida cá de fora! Se não é fenómeno, devemos aceitar a explicação natural do facto, como no-la dão hoje as sinceras mães de família que ali foram educadas. Dantes (e agora é o mesmo) um pai que receava os resultados da indiscreta inclinação de sua filha já adulta, e emancipada, pegava da filha desobediente e fazia o que fez o arcediogo à sua. Acontecia, porém, que nem todas eram inocentes como a filha do arcediogo. As que entravam apaixonadas, o desafogo que tinham era falar da sua paixão em geral, e das particularidades, a alguma amiga íntima, que se entretinha a cismar nos pesadelos da sua amiga e achava que os homens, se fossem cousa má, não eram chorados pelas pobres meninas, vítimas dum desumano pai, ou dum bárbaro tutor, como elas diziam em estilo da tragédia velha. Naquela casa correu oculto o desenvolvimento de dramas atrozes. Presenciaram-se ali despotismos, cuja história espanta o coração. Os que hoje encaram aquelas paredes de branco, com persianas verdes, não imaginam que ali dentro, há menos de trinta anos, se bebeu um cálice de fel, cujo segredo uma sepultura lacrou. E

quantos cálices!, quantos segredos!, que revoltantes infâmias à sombra da misericórdia dos homens, que se diz a expressão da misericórdia divina!.. E essas cenas presenciavam-nas meninas, que não recebiam o exemplo como admoestação, mas arrefeciam de terror quando ouviam os gritos inúteis, as súplicas escarnecidas e os gemidos sufocados na garganta das que ali morreram abafadas.

Olhai, leitores: quando assim se fala, quando não há receio de formular deste modo as afirmativas, crede que o escritor tem as provas debaixo dos olhos. Hei-de contar-vos um segredo, que vos há-de merecer lágrimas... Há-de ser um dia, quando um homem vivo acabar de cerrar os olhos, que já vêm pouco neste mundo. Escuso dizer-vos que eu poderei cerrar primeiro os meus. Nesse caso, desde já me desobrijo da minha promessa.

Vinha eu falando da inocência das meninas, e especialmente de Maria Elisa, amiga íntima de Rosa Guilhermina. Sinto dizer-vos que não era, espiritualmente falando, mais inocente que eu e tu, leitor desempoadado, que frequentas o teatro italiano, e bebes o teu *punch*, e fumas o teu charuto, e consumes a tua resma de papel, mensalmente, falando da tua inocência à vizinha.

O que ela tinha mais que eu, e tu, leitor, era uma galante cara.

O cabelo negro, em ondas, cerceado pelas pequeninas orelhas, era dum efeito satânico. Olhos rasgados e negros, como as espessas pestanas; trigueira; com todo aquele fogo vertiginoso das mulheres trigueiras; lábios sedentos de beijos, sorrindo para o amor e para a zombaria com o mesmo sorriso; e, mais que tudo isto, um buço, tão igual, tão caprichosamente graduado até aos cantos dos lábios, em que o maldito sedutor parecia colher um beijo para atormentar os Tântalos desta iguaria...

Creio que não fazem ideia nenhuma da pequena pelo retrato que lhes dei. Eu também não. Quando me pintaram a fisionomia dela, não fiz ideia nenhuma, e prometi desde logo comunicá-la ao público tão fielmente como eu a concebera.

Se tendes senso comum, basta dizer-vos que Maria Elisa era trigueira para ma receberdes como linda, porque as não há lindas se não são amoldadas por aquela outra trigueirinha que o santo rei de Jerusalém celebrizou nos seus cantares. Olhai lá se ele, entre mil queridas que lhe rodeavam a existência de portas adentro, cantou alguma outra! Pela trigueira, mas formosa, *nigra sum sed formosa*, o sábio elanguescia de amor, *amore languet*. Em nenhuma outra viu olhos de pomba, *oculi tui columbarum*; só a ela concedeu nos seios mais limpidez que no vinho, *pulchriora sunt ubera tua uimo*; e o *pachouli* da trigueirinha era superior a todos os aromas, *et odor unguentorum tuorum super omnia aromata*.

E como creio que nenhum de nós tenha a ridícula vaidade de ser mais sábio que Salomão, concordemos em que o tipo que mereceu a especial simpatia do sábio por excelência deve ser o eterno tipo do belo.

Toda esta erudição vem confirmar que Maria Elisa era bela, porque era trigueira. A julgá-la exteriormente, as duas meninas deviam ser dois temperamentos opostos. Rosa denunciava uma destas mulheres eternamente cansadas, aparentemente sonâmbulas, arfando a cada palavra de três sílabas que dizem, olhando para si com ar de piedade e para os outros com aborrecimento, rindo-se com a boca toda, e mastigando pausadamente uma resposta dependente dum *sim* ou *não*. Elisa coleava-se, requebrava-se, desconjuntava-se, trepava às árvores, fazia discursos sobre a inconveniência das mulheres velhas, sobre o despotismo da regente, tudo em linguagem muito característica, e acabava por entristecer-se, dizendo que, se sua mãe soubesse o que ela penava, partiria a pedra do túmulo para galardoar a regente e a sub-regente cada uma com dois sopapos.

Parece impossível que estas duas organizações simpatizassem! Pois eram

amicíssimas, viviam juntas de dia, iludiam as vigilâncias dos guardas para pernoitarem juntas, e chegaram, por estranho milagre de infusão, a neutralizarem os temperamentos de modo que se pareciam muito uma com a outra.

Elisa arrancara à sua amiga a revelação do motivo por que a encarceravam. Ouviu-lhe, com seriedade cómica, a odienta impertinência do Sr. António José da Silva, monstruoso amante, e nessa noite improvisou, no seu quarto, com o travesseiro e chapéu e jaqueta de hortelão um António José da Silva, e convidou Rosa para assistir a um castigo exemplar. O castigo era uma carga de vassoura no mono, até se despegar a aba esquerda do chapéu do hortelão: tudo isto com estrídulas gargalhadas de ambas, que puseram em alarme o dormitório.

A respeito do Sr. José Bento, cuja derradeira entrevista Rosa fielmente contara, não nutria Elisa sentimentos mais sérios. Achava-o tolo, estúpido, achavascado, e prometia pôr-lhe um rabo de papel se algum dia tivesse a fortuna de encontrá-lo.

E a filha do arcediago achava que a sua amiga tinha razão, porque as histórias de amores que ela lhe contava eram cousa mais sublime, mais deslumbrantes, que os seus miseráveis diálogos com o filho do retroseiro, a quem Elisa denominava *patego*, *parrano*, *gebo*, e outras amabilidades, como *lapardão*.

– Olha, Rosa, não contes a ninguém que foste namorada desse *pazbobis*¹ – dizia Elisa, passeando na cerca com o braço botado por sobre o ombro da sua amiga.

– Eu tenho ouvido contar muita história às raparigas que vêm obrigadas para aqui. Umhas são fidalgas que quiseram casar com homens ordinários e outras são raparigas como eu com quem os fidalgos não querem casar. Todas elas contam à gente as conversas que tinham com os namoros e dizem cousas muito bonitas, que fazem chorar, como as novelas da Maria Peixoto, que eu li.

– Quem é a Maria Peixoto?

– Era uma rapariga que já saiu. Queres saber o que ela fez? Eu te digo. Um tio mete-a cá, porque ela queria casar-se com um plebeu, sendo fidalga dos quatro costados, como diz a regente, que tem mais dous costados que as outras. A Maria Peixoto, quando entrou, faz agora um ano, chorou muito, e esteve à morte. Quando se levantou da doença, estava alegre, e diziam as velhas que fora milagre de Nossa Senhora do Rosário. Eu estava admirada de a ver tão contente, quando me ela disse que queria fugir do Recolhimento, e precisava fingir-se para a não vigiarem. Um dia entrou um carro de lenha por aquela porta, e ela andava por aqui disfarçada, e quando pilhou a porta aberta, ó pernas para que vos quero!... A tola, se havia de procurar o namoro, foi meter-se em casa duma tia, que era tão boa como o tio, e nesse mesmo dia trouxeram-na cá outra vez.

– Coitadinha!... E depois?, trataram-na muito mal?

– Isso sim!... Se a visses, fugias-lhe! Parecia o Demónio! Com a faca da cozinha na mão, correu atrás da regente, que se alapou no quarto e gritou por socorro, Procurou todas as velhas, deu um pontapé na sacristã, atirou de cangalhas a Lima velha, foi à porteira e disse que lhe cravava a faca no peito se ela lhe não abrisse a porta. A porteira gritava como uma perua, enquanto a Maria Peixoto lhe tirava a chave e abria a porta. Não te digo nada, Rosinha! Nunca mais lhe puseram olho... Da segunda vez foi mais fina. Casou-se com o tal rapaz e mandou cá buscar os baús, e muitas recomendações à regente, que ainda se benze quando se fala em Maria Peixoto... Aquilo era levadinha! E esperta? Traduzia novelas francesas às raparigas, e leu-me uma que fazia doer a barriga com riso... era o *Cavalheiro de Faublas*; já leste?

– Eu não tenho lido nada... Em casa do tal amigo de meu pai não havia livro

¹ Deturpação de *pax-vobis* (pessoa simplória).

nenhum. O que me lá deram foram as *Horas Marianas* e a *Alma Convertida*.

– Olha que brutos!... Deixa estar, que te hei-de contar a história do Cavalleiro Faublas, que é de morrer a gente com riso. A Sr^a Regente pôs-se um dia à escuta, quando a Maria Peixoto lia uma passagem, e disse uma rapariga que ela estava a rir-se; mas, depois, entrou com as cangalhas espetadas no grande nariz, perguntando que livro era aquele. A Peixoto disse-lhe que era a vida da Gloriosa Santa Maria Madalena Virgem, e a regente disse que Santa Maria Madalena não era virgem. «Então é mártir», teimou a Peixoto. «Nem mártir, nem confessora», replicou a regente, e levou-nos o livro, que, pelos modos, lhe traduz hoje o padre capelão, valha a verdade.

– Recolham-se, meninas, que é noite – resmungou fanhosa a regente de uma janela.

As meninas subiram, praguejando a superiora, especialmente Maria Elisa, que recitou uma ladainha de títulos em que os menos insolentes eram *camafeu*, *trouxa-de-ovos* e *centopeia*.

Quando passavam no dormitório, espreitaram pela fechadura de uma porta e fungaram com riso.

– Deixa-me ver a mim – disse Elisa.

– Agora, eu.

– Um bocadinho a mim.

– Que vês?

– E a Clemência Lima que salta por cima duma fogueira de alecrim.

– E que diz ela?

– Não ouço: vê tu se ouves... Que diz ela?

– Dá um saltinho e diz: *em louvor de Santo Antoninho*. Agora é a outra que salta e diz: *em louvor de Santo Atanásio, e da Sr^a Regente*.

– Diacho das velhas estão doudas! – segredou Maria Elisa. – Vamos nós assustá-las?

– Como?

– Assim...

O *assim* era um empurrão na sua companheira. A porta, mal fechada, não susteve o ímpeto, e Rosa foi de encontro à velha Clemência, que dava um terceiro pulinho em louvor de Santa Quitéria e do provedor da Santa Casa. O choque foi desastrado! Aterradas as duas irmãs, que não podiam sustentar-se sobre a esboroadada peanha de oitenta anos cada uma, cambalearam e caíram, guinchando de modo que a turba das raparigas alvoroçadas veio, por assim dizer, piorar a sua situação.

Entre as que vieram estava Maria Elisa, perguntando às pobres velhas quem as atormentava.

– Era o Demónio! – disse Clemência.

– Em corpo e alma! – acrescentou Rita.

– Tragam água benta e a regra do patriarca 8. Bento – disse a regente.

Enquanto as abluções demonífugas se faziam na cela endemoninhada, Maria Elisa contava a Rosa o primeiro capítulo do *Cavalleiro de Faublas*.

CAPÍTULO VII

Os planos que o arcediogo incubara no seu profundo saber do coração humano abortaram. Saía-lhe tudo ao invés das suas esperanças. Previra a humildade de Rosa, depois das mortificações da reclusão, e Rosa, cada vez mais contente, agradecia ao pai, que a procurava todas as semanas, a lembrança de a castigar com o recolhimento.

No princípio, a regente era instada para aumentar as privações da educanda; mas as privações não podiam ser dadas como suplício a uma menina que vivia contente e cumpria com regularidade e prontidão as poucas obrigações de pensionista.

O zelo farisaico do arcediogo afrouxou, porém, com a frieza do Sr. António José da Silva. A catástrofe ridícula de que fora vítima o esmurrado negociante em casa do João Retroseiro modificou-lhe consideravelmente o coração, a respeito de Rosa Guilhermina, pomo de discórdia e causa desastrada de semelhante conflito.

O Sr. António sofreu, pela primeira vez, uma decepção nas suas crenças senis. O pugilato com a Sr^a Ana Canastreira chamou-o à razão, e, se não é profanar a ideia, diremos que a poesia matrimonial do Sr. António fora dilacerada pelas unhas felinas da vizinha.

O pobre homem tinha vergonha do sucesso. Na Rua das Flores não se falava em outra cousa. O seu vizinho João Pereira, o do chinó, ria-se à socapa com o vizinho da loja imediata, enquanto sua mulher contava à vizinha, com grande hilaridade, os famosos murros que o ciumento António jogara com a mãe de José por causa da Rosa. O que ela não dizia, por não escandalizar, e todos o sabiam, era que um seu amante fora a forçada testemunha do apaixonado diálogo, que os leitores, sem serem os amantes da mulher do Sr. João Pereira (se é que alguns o não foram), também ouviram.

O rico negociante tinha inimigos, émulos de negócio, os piores de todos, que espreitavam o primeiro ensejo de o apoquentarem. Não podia ser melhor o motivo. Algum mais odiento levou a sua vingança ao extremo de fazer quadras ao desventurado negociante. Algumas dessas quadras, em verdade chistosas, chegaram à minha mão. Se não fosse o medo de agravar a indigestão de versos em que imagino encruado o estômago do público, pudera dar-lhe quatrocentos e tantos versos consagrados ao Sr. António José da Silva, debaixo do título *Cupido Desdentado*. Sem embargo, porém, da cristã generosidade que tenho com o leitor, não o poupo ao flagelo de ler um fragmento desse poema, que devia ser a causa principal do abandono a que o infeliz herói votou a filha do arcediogo.

O dito poema é de autor incógnito e o fragmento não vo-lo dou como primor de arte; é crível, porém, que o autor tivesse filhos, e os filhos do autor, apurados em raça, serão talvez os génios que hoje prendem a nossa admiração e engrandecem as letras pátrias.

Ele aí vai:

*Dom Cupido desdentado,
Desprezado em seus desvelos,
Jurou, sobre os seus chinelos,
Guerra eterna ao seu rival!*

*Fumegando pelas ventas
As tormentas do ciúme,
Todo ele é fogo, é lume,
No solar do Retroseiro.*

*Dom Cupido desdentado,
Desarmado, vai sem frecha,
Quer abrir, a murro, a brecha
Do rival no coração.*

*Torce os olhos, solta um urro,
Prega um murro na maçã
Da fanhosa castelã,
Que se atira a ele à unha.*

*Dom Cupido desdentado,
Não vingado, cai de chofre,
E tal peso a velha sofre,
Que estourou!, d vista horrível.*

*Pobre Aónio, pobre Aónio,
Que demónio te tentou?!
Antes dentes ter, António,
Que não ter, e ser Cupido!*

*Dom Cupido desdentado,
Quer o fado que eu te diga,
Que não podes ter barriga
Mais mal feita para Rosa!*

*Come bem, morre a come
Que, a meu ver, é grande asneira
Ter inveja do João Pereira,
Teu vizinho, ao tal chinó!*

.....

Et caetera.

O chinó de João Pereira fora sempre o pensamento negro da vítima do poeta! Este sarcasmo ferira atrozmente o infeliz! A reacção devia ser dolorosa, mas, passada a crise, o Sr. António sentia-se bom, porque ao pino do meio-dia, horas de jantar, a sua paixão dominante era o melhor dos apetites. Não tinha havido poesia que tão útil fosse ao género humano, até então, porque só depois vieram as poesias higiénicas, às quais a humanidade está muito agradecida, principalmente a humanidade atacada de vigílias. Afora estas, foi aquela a poesia que melhor fruto colheu. O Sr. António, desde esse dia, comeu como sempre e dormiu como nunca. Ao mesmo tempo que era açoutado em efígie no quarto de Maria Elisa, o razoável negociante apertava os vínculos, meio lassos, que o prendiam à Teresa, com barraca de fruta na Ribeira, e entendia de si para si que a mulher que lhe convinha era aquela.

E, tão de maus humores o encontrava o arcediogo, que nem ousava falar-lhe em Rosa, nem, o que mais era, o convidou para o vinho verde de Campanhã nos domingos de tarde.

Data daí, portanto, a tolerância do padre com os divertimentos da filha. Visitava-a com melhores maneiras. Festejava Maria Elisa, que lhe chamava padrinho, presenteava-a com vestidos semelhantes aos de sua filha e redobrava de contentamento sabendo que

o filho do retroseiro era uma cousa sem importância no volúvel coração da pequena.

Tudo corria maravilhosamente para todos, quando Rosa Guilhermina, dia de Entrudo, atirava cântaros de água e recebia-os agradavelmente pela cabeça. O resultado, porém, foi uma constipação desprezada, uma tosse continuada, febre, e, na Primavera seguinte, foi julgada no princípio duma tísica.

O arcediágo resolveu levar sua filha a ares para uma sua quinta de Ramalde e alcançou licença a Maria Elisa para acompanhar a sua amiga. Saíram, e, desde esse dia, a regente, a sacristã e todas as velhas, especialmente as Limas, agradeciam, todas as manhãs, à Providência o favor de lhes afastar de casa semelhante flagelo.

Rosa melhorou apenas se viu em boa harmonia com seu pai, livre do pavoroso negociante, senhora da sua vontade, rindo e brincando com a sua amiga, amimada pelas duas criadas que o arcediágo lhe dera e decorando cada vez melhor o romance predilecto de Maria Elisa.

No Inverno próximo, as meninas vieram para a cidade e encontraram uma casa bem mobilada, apetrechada de tudo que mais lisonjeava duas amigas inseparáveis. Esta casa, situada à entrada da viela do Cirne, com frente para a Rua do Laranjal, ainda hoje conserva um ar campestre, que, há quarenta anos, era muito mais agradável, porque a não assombravam então os edifícios do Largo da Trindade.

O quintal desta casa comunicava com o do defunto Rodrigues Passos, professor de latim, e o leitor, se tem prestado alguma atenção ao que se lhe diz, deve lembrar-se que José Bento, no extremoso colóquio com a sua vizinha, anunciou a sua ida para o colégio de Passos.

Rosa nem de tal se lembrava já, quando encontrou os olhos piscos do esquecido amante espetados nos seus. Elisa, que reparou na surpresa da sua amiga, perguntou:

– Aquele mono conhece-te?

– Conhece... Aquele é o filho do retroseiro... Agora me lembro que ele disse que vinha para a Cancela Velha!...

– Vamos nós namorá-lo?

– Deus me livre!... Tomara eu que ele me não dissesse nada... Olha o tolo!...

– O que nós queremos e rir-nos... Pergunta-lhe se está melhor das dores de barriga.

– Eu não... Deixa o pobre rapaz... Vamos embora.

O estudante, cada vez mais pasmado do silêncio de Rosa, é natural que meditasse na razão daquele inesperado encontro, quando Maria Elisa, com a maior naturalidade, lhe perguntou:

– Como está da sua barriga, Sr. José?

O rapaz fez-se muito vermelho e não respondeu palavra.

– Cala-te, Maria! – murmurou Rosa, puxando-a pelo vestido.

– Não quero calar-me. Pois eu não hei-de saber como está a barriga do teu namoro? Então vossemecê não me responde? Olhe que eu sou sua amiga e faço esta pergunta porque a Rosinha tem vergonha e pediu-me que lhe perguntasse se está melhor.

– E mentira! – atalhou Rosa, corando –, eu não disse tal... Não digas o que não é, Mariquinhas...

– Pois então, não dirias; mas eu quero que aquele senhor me responda. Vossemecê é mudo?

– Não sou mudo – disse o estudante embezerrado.

– Então, fale à gente.

– E se eu não quiser?

– Se não quiser, não fale; mas é má-criação tratar assim quem lhe pergunta se está

melhor da sua barriga.

– A minha barriga, graças a Deus, está boa, e vossemecê que lhe quer?

– Não quero nada... eu já lha pedi?

– Pensei que lhe queria alguma cousa... Eu não sou boneco de palha para caçoadas.

– Vossemecê parece-me um mau rapaz! Quem é que o caça? Nem me parece um estudante! Valha-o Deus; eu, se fosse Rosinha, não lhe tinha amor.

– Cala-te, Maria!... Tu pareces-me tola! Deixa o rapaz! – disse baixinho a Elisa, forçando-a a retirar-se dali.

– Deixa-me caçar com ele... Eu não te disse que lhe havia de pôr um *rabo-leva* de papel? Já que não posso, deixa-me rir com este gebo, e tu ri-te também.

José Bento, favorecido pelo diálogo, ia-se escapando sorratamente, quando Elisa o chamou:

– Psiu!... psiu!... Olhe cá!...

– Que me quer?

– Vossemecê estuda para frade?

– Que lhe importa se estudo para frade?

– E que se vossemecê fosse frade, eu queria ser frada, e havíamos de ter uma casinha ambos e um quintalinho, e as nossas galinhas, que nos haviam de pôr os seus ovinhos, que nós havíamos de cozinhar ambinhos na nossa cozininha, e depois a gente dizia a sua missinha... e depois a gente vinha tomar o sol no seu quintalinho... e depois...

Rosa ria-se como uma perdida, quando o filho da Sr^a Ana Canastreira, alongando a tromba, e franzindo o nariz, resmungou:

– Sabem que mais? Vão bugiar! O meu regalo era...

– Qual era o seu regalo, ó Sr. José?

– Se não fosse estar em casa do mestre... eu lhe responderia...

– Ora diga lá baixinho a sua resposta, que eu não digo nada ao mestre.

– Vá...

– Que vá, aonde? Não seja tão mauzinho, Sr. Josezinho do meu coração.

Vossemecê há-de ser um fradinho de pau de sabugo muito bonito... Já tem coroa?

– Tenho um dardo que a parta.

– Olha que mau!... Sr. José, não seja assim... Tome lá uma beijoca.

O corrido estudante tinha desaparecido, não só porque se via embaraçado em responder às zombarias da importuna rapariga, mas porque o mestre, ouvindo-o falar, vinha de manso espreitar com quem era. O zeloso professor apareceu no muro e ainda viu as duas meninas, que se retiravam em grandes gargalhadas. Enfurecido com a audácia do lorpa, como ele generosamente o intitulava, foi ter com ele explicações acerca de tal conversa.

– Que dizias tu àquelas meninas?

– Eu, nada... Eram elas que...

– Que... o quê? Que te diziam elas?

– Elas diziam que...

– Acaba daí, selvagem!

– Eu estava ali a estudar a selecta primeira e elas disseram-me que...

– Estás zombando comigo?

– Perguntaram-me se eu era...

– Um burro? E tu disseste-lhe que sim.

– Não foi isso... perguntaram-me se...

– És um asno quadrado! Ouviste, lorpa? te vir outra vez a falar com as vizinhas, escangalho-te as mãos! Não tens habilidade para traduzir *mundus a domino constitutus*

est, e sabes dar trela às raparigas!? Ora deixa estar, que te farei a cama!...

A crise passou, e José Bento nesse dia apenas teve, como era de costume, um bofetão e um puxão de orelhas, por causa do imperativo *laudandum*.

No dia imediato, as meninas não o viram; mas, no outro, Rosinha viera adiante esperar a sua amiga para colherem rosas do Japão, quando ouviu O som roufenho da voz conhecida de José Bento:

– Sr^a Rosinha, assim é que vossemecê se porta comigo?

– Ah!... estava ai?!...

– Pois então! Cuida que eu me esqueci de si? Ficou de me escrever, e foi como se nada!... Olhe lá como vossemecê é!

– Não pude, Sr. José... e tenho a dizer-lhe que é melhor não me falar, que meu pai ralha-me. Faça de conta que nunca nos vimos. Aquilo que nós dissemos foi uma brincadeira de crianças. Trate do seu estudo, e não se embarace comigo, porque eu tenho muito medo a meu pai...

– Sempre vossemecê é... daquela casta! E eu a pensar em si todos os dias, e sempre a esperar notícias suas, há quase um ano!... Então eu já não sou o mesmo.

José Bento prosseguia numa tirada eloquente contra a perfídia de Rosa, quando o vulto austero do mestre d Latim surgiu de improviso ao lado do pálido estudante. Ao mesmo tempo, chegava Elisa, rindo muito da surpresa, e Rosa punha os olhos no chão e cortava maquinalmente uma rosa menos purpurina que ela.

– Chegue-se aqui! – disse o mestre ao rapa aproximando-o do muro que dividia os dous quintais. – Ó meninas!

– Que quer? – perguntou Elisa.

– Os meus discípulos ensinam-se assim. Dê cá a mão, seu lorpa!

José Bento, corado como um molho de malaguetas, recuou diante da palmatória, cuja cabeça o espreitava por debaixo do capote de saragoça.

– Dê cá a mão! Você não obedece? Olhe que o mando pendurar naquela figueira.

– Como Judas Iscariote – atalhou Elisa, fungando e esfregando as mãos.

O infeliz dera a mão, e quatro sonoras palmatoadas lhe estouraram na epiderme. A dor moral devia ser grande! Rosa estava pálida e Elisa, de repente, séria, disse ao professor:

– Se eu fosse ele...

– Que diz lá a senhora?

– Digo que, se fosse ele...

– Que faria?

– Dava-lhe um murro no nariz.

– Em quem?

– Em vossemecê...

– Se é senhora, não o parece... – disse o professor, encarando-a com desprezo. – Eu tratarei de saber quem é seu pai, e, se seu pai lhe não der com umas disciplinas...

– Que me há-de fazer? Dá-me palmatoadas?

– Hei-de-lhe mandar dar com um chinelo...

– Fora, casmurro!... Venha para cá, que lhe hei-de dar um docinho...

O enfiado mestre foi cevar as iras impotentes no pobre moço, que levou a pontapés para o quarto.

José Bento recaiu numa profunda concentração. Durante o dia não comeu, nem bebeu, nem estudou. A meia-noite ergueu-se dum ímpeto semelhante a um ataque repentino de demência. Abriu uma gaveta e tirou um garfo. As apalpadelas, atravessou um corredor e, na extremidade, abriu de mansinho uma porta. Aproximou-se do leito onde ressonava um homem e cravou-lhe três vezes o garfo no pescoço. O agonizante

soltou um rugido, que só o assassino ouviu, e expirou.

Pela manhã encontraram morto o velho Manuel José de Almeida, professor de Latim, com um garfo tinto de sangue sobre a dobra do lençol.

José Bento desaparecera. Foi procurado em casa do João Retroseiro, e não o encontraram.

Horível acontecimento!

A língua latina perdeu um dos seus melhores intérpretes. O Sr. Manuel José de Almeida poderia ter um temperamento colérico com os seus discípulos, mas a ciência devia-lhe muito. Escreveu largamente sobre a genuína interpretação do *tam libet hirsutum tibi falci recidere barbam*, de Ovídio. Deixou inéditos três volumes sobre a conjunção copulativa e preciosos manuscritos sobre o advérbio *quotiesquumque*. Era um bom católico, e amigo dos pobres, que lhe chamavam pai. Era bom esposo, bom pai e bom irmão; e, se não era bom cidadão, é porque os cidadãos inventaram-se depois.

A terra lhe seja leve!

CAPÍTULO VIII

O trágico sucesso inquietou um pouco o espírito de Rosa; mas a sua amiga convenceu-a de que não devia dar-se por achada em semelhante cousa. O director do colégio ignorava a causa do inaudito crime, presenciara a sova de pontapés com que José Bento se recolhera ao quarto; mas supôs que a justificada razão daquele castigo fora qualquer asneira do rapaz na impossível conjugação do verbo *laudo*, especialmente no imperativo *laudandum*.

Por conseguinte, as pequenas não tiveram de responder como causas involuntárias daquele sinistro e continuaram no gozo da sua felicidade.

O arcediágo, suposto não vivesse com elas, almoçava e jantava com sua filha, ceava com uma senhora viuva que lhe administrava a casa; e, depois da ceia...

Depois da ceia, há muita cousa a dizer a este respeito.

E sabido que Rosa Guilhermina era filha de uma tal Ana do Carmo, velha predilecção do padre Leonardo, e por ele dotada para o honesto fim de casar-se com um tal francês, com loja de livros na Rua das Flores.

O padre não andou com toda a generosidade neste negócio. Dado o dinheiro, se quisesse ser honrado, devia renunciar inteiramente, a beneficio do livreiro, a mulher de que se descartara. Magoa-nos, porém, ter de anunciar que o arcediágo era um agiota no seu género, e pensamos que a Sr^a Ana do Carmo não era mau género para a agiotagem.

A verdade é que o pai de Rosa continuava a visitar de dia o estabelecimento do livreiro, comprava algum livro que ajuntava, na estante, aos seus virgens irmãos e predispunha favoravelmente com as visitas diurnas a confiança do marido, que tinha lido Molière, e não queria incorrer no defeito do *Cocu imaginaire*, que o leitor pode ler, se a consciência o não incomoda.

A honesta esposa repelia as seducções do padre, esquivando-se a encontros em que o usurário amante parecia convidá-la a pagar-lhe um juro avaro do capital recebido. Dissertava-lhe amplamente sobre a verdadeira virtude, pintava-lhe a ingratidão o mais feio dos crimes, dissuadia-a de temores piegas que não tinham nada com a verdadeira religião e queria convencê-la de peneira nos olhos a respeito do matrimónio e de muitas outras cousas.

O francês não sabia que fora ele o amante de sua mulher.

Movido pelo interesse que as frequentes visitas do amator dos bons livros lhe dava – e, de mais a mais, convencido da honestidade de sua mulher, se o padre, feio e velho, tentasse seduzi-la –, o Sr. Hemerin Pierrote (Deus lhe fale na alma) acolheu agradavelmente o seu bom amigo e honrou-se muito não só das suas visitas, mas do interesse que o generoso padre tomava em ser o padrinho do primeiro filho de tão feliz matrimónio.

Madama Ana Pierrote recebia com repugnância as pontuais visitas do arcediágo, e esta repugnância, que seu marido lhe censurava como inconveniente aos interesses de ambos, era uma nova razão para que o espírito do francês estivesse tranquilo e as suas portas sempre francas para o generoso compadre.

Este parentesco fora contraído muito contra vontade da Sr^a Ana. Seu marido, porém, que recebera de antemão o enxoval do recém-nascido, perguntou cheio de cólera a sua mulher se queria algum *garçon de bonne mine* (rapaz esbelto) para compadre. Acrescentou que, se ela fosse fina, devia ameaçar constantemente o arcediágo, que era rico, e poderia fazer o afilhado seu herdeiro. Resumiu, enfim, o seu discurso, declarando, pelo *sacré nom de Dieu*, que o arcediágo de Barroso seria seu compadre e mandaria naquela casa como na sua.

A Sr^a Ana, como boa esposa, resignou-se; padre Leonardo, como bom compadre, vinha duas vezes ao dia fazer caretas e botar a língua de fora, com o pequeno nos braços; e o risonho marido, como hábil e francesíssimo logrador, deixava o padre em cima ensinando a criança a dizer papá e vinha para a loja fazer negócio e trautear a *Marseillaise*.

A criancinha, habituada com o arcediágo, apenas o via, estrebuchava no colo da mãe, batendo as palmas e articulando – papá, *papá*. O livreiro ria-se muito contente da esperteza do pequeno e ensinava-o a dizer *padrinho*; e a criança, que não sabia ainda ajuntar três sílabas, teimava em dizer *papá*.

Mr. Hemerin estava contentíssimo do filho, e da mulher também, porque a repugnância em receber o arcediágo desaparecera desde certo tempo, e sua mulher, enfim, sabia viver perfeitamente com o compadre, e já se lhe não dava de jogar com ele a *bisca de nove e o trinta-e-um*.

Correram dois anos nesta perfeita harmonia. Os vizinhos riam-se do francês, mas a razão do riso devia ser ele o último que a soubesse.

Eram notórios, na Rua das Flores, os precedentes de Ana do Carmo; os maledicentes sabiam que ela fora amante do arcediágo; o livreiro vizinho contava aos seus fregueses a imoralidade do jacobino (que vendia melhores obras e sortira a sua loja de tudo que se procurava) e lamentava a queda da religião, se o Sr. Bispo não pusesse cobro àquele grande escândalo.

O demónio da intriga viera perturbar a felicidade doméstica daquela família.

O pequeno Leonardo, já de dous anos, continuava a chamar papá ao padre, com grande aprazimento do pai matrimonial. A Sr^a Ana mostrava a seu marido as prendas que o compadre lhe dava. O marido mostrava a sua mulher o corte de veludo vermelho que o compadre lhe dera. Tudo isto ia *le mieux qui se peut*, como dizia o jubiloso livreiro, quando, abrindo de manhã a porta, encontrou uma carta em que um seu *amigo íntimo*, como todos os amigos das cartas anónimas, lhe dizia o que se passava em sua casa, as antigas relações de sua mulher com o padre e o descrédito geral em que a sua honra andava nas praças públicas. Como seu *amigo íntimo* e zeloso do seu bom nome, aconselhava o generoso espião que pusesse o padre fora de casa e que metesse a mulher no Ferro, para assim dar uma plena satisfação ao público escandalizado.

O discreto marido leu a carta e vendeu com a maior presença de espírito um *Flos Sanctorum* a um padre de aldeia, que se apeara duma égua, no momento em que a porta se abria.

– Estas obras de santidade – disse o padre –, creio eu que se vendem pouco... A religião está por terra... Já lá vai o tempo em que os frades escreviam obras de substância... Os de hoje criam muito cachaço e os seculares são uns libertinos, que o mais que fazem é apanhar as prebendas, os canonicatos e os benefícios para viverem à regalada. O exemplo devemos-lo dar nós, como diz o apóstolo: *Ante eas vadit, et oves eum sequuntur*... Já lá vai esse tempo. Os bons padres, e que sabem do seu ofício, vivem obscuros na aldeia, e ninguém os chama para as dignidades da Igreja; os que arruinam com a sua má vida e mau exemplo o edifício da religião, a casa de Deus, *cedes Domini*, esses são chamados a lambar as chagas do corpo pútrido da humanidade; *canes veniebant, et lingebant ulcera*, como diz S. Lucas no capítulo XVI.

– Então o Sr. Padre veio requerer algum benefício, que lhe não deram?

– Vim, sim, senhor, vim pedir ao Sr. Bispo uma igreja apresentada pela Mitra, e estou aqui há um mês a gastar numa estalagem, e vou-me embora sem ela. O bispo é... o que Deus sabe... Dizem que é um santo, mas barata virtude é a sua... Quando o rebanho anda tresviado, o pastor não é lá grande cousa, como diz o livro santo: *Nam quod ab ovibus erratur, negligentae pastoris adscribitur*.

– Quer o Sr. Padre uma cousa?

– Nada, não, senhor, não quero mais livro nenhum; precisava deste para tirar a dúvida sobre se o apóstolo S. Tiago veio ou não a Portugal e se S. Martinho de Dume foi arcebispo primaz...

– Eu não lhe perguntei se queria mais livros; disse-lhe que me lembrava um meio de V. S. –...

– Alto lá! Nada de *vossa senhoria*... Eu não sou desses modernos, que se esquecem da humildade do divino Mestre e querem as honras que, há trezentos anos, se davam ao rei... Trate-me por vossemecê.

– Pois bem; se vossemecê quisesse, eu poderia arranjar-lhe um bom empenho para o bispo.

– Sim? Então quem é ele?

– Isso agora é um segredo... Veja lá vossemecê quanto dá...

– Quanto dou? Isso é simonia, reprovada e condenada com graves penas pelo concílio tridentino. Se eu quisesse servir-me desse infernal recurso, bem sei a que porta devia bater. Conheço como as minhas mãos um vendilhão desses favores, que não tem vergonha nem temor de Deus e há muitos anos que trafica descaradamente com os objectos sagrados da santa religião de Nosso Senhor Jesus Cristo. E um simoníaco, um libertino, indigno de se sentar no cabido...

– Quem é ele?

– Quem há-de ser? É o arcediogo de Barroso, um homem sem religião, de péssimos costumes, que tem vivido amancebado toda a sua vida e que, de mais a mais, tem o desaforo de casar uma das suas concubinas aí não sei com quem, e disseram-me que continua a viver adúlteramente com ela... Fora o adúltero! Não lhe faltava senão esta!...

– E vossemecê conhece-o?

– Conheço muito bem, oxalá que não. Fomos companheiros no seminário, e já lá profetizei a rolha que viria a ser o Sr. Leonardo Taveira... Depois, via-o pelo Porto, e fui jantar a casa dele, e saí escandalizado porque teve o desavergonhamento de sentar connosco a mesa uma rapariga que tinha em casa...

– Sabe como ela se chamava?

– Sei, sim, senhor. Chamava-se Ana do Carmo...

– Ana do Carmo!...

– Vossemecê espanta-se? É o que eu lhe digo...

– Que figura tinha ela?

– Era uma mocetona tirada das canelas, branca, cheia do peito, com os olhos mesmo concupiscentes como os do próprio Demónio, e falava sem vergonha diante de mim.

– E sabe se foi essa a que ele casou?

– Dizem-me que sim, até o homem é estrangeiro, por sinal, e tem não sei que officio. Se vossemecê quiser, eu volto cá qualquer dia, e posso saber-lhe tudo isso a preceito.

– Muito obrigado... eu não tenho interesse nisso...

– Pois é como é. A religião está entregue a estes ministros. O arcediogo de Barroso tem muito dinheiro em casa dum negociante da Rua das Flores, mas esse dinheiro é o preço por que ele comprou o Inferno... ganhou-o nas simonias... Lá está em cima quem o há-de julgar... E, com isto, adeusinho até outra vez. Fique na graça de Maria Santíssima e passe por cá muito bem até outra ocasião, se Deus nos der vida. Adeusinho, sem mais.

O padre abria o alforge para meter o *Flos Sanctorum*, quando o arcediogo lhe dava

uma palmada no ombro.

– Tu por aqui, padre João Pires?

– É verdade... Então que é feito, Leonardo?

– Vamos vivendo... Já te não vejo há muito!...

– Não há dinheiro para vir à cidade... Os padres de *requiem* não comem do cabido... Lá nas aldeias o mais que se pilha é a missinha de tostão, que não dá para hóstias. Isto cá é outra cousa. Os padres do Porto são cardeais, menos na sabedoria, que no mais têm tudo...

– Não é tanto assim, padre João... Deus sabe como cada qual se arranja. Então vieste comprar o teu livrinho?

– É verdade; comprei o *Flos Sanctorum*, e sabe Deus o que me tem custado a arranjar os três mil e duzentos.

– Se queres mais algum, e não tens dinheiro, eu fico por ti, e tu pagarás depois ao Sr. Hemerín, que me faz o favor de ser meu amigo.

O arcediago piscou o olho para-o livreiro, que estava encostado ao mostrador, e o livreiro sorriu-se dum modo que era novo para o arcediago.

– Nada, muito obrigado – disse o padre João Pires –, eu não gosto de fazer dívidas, porque não tenho esperanças de ser cônego para pagá-las depois... Com que sim, meu caro Leonardo... Os bons tempos que nós passámos no seminário... lembraste?

– Se lembro!...

– Eras um bom tratante!... Fugias de noite, e vinhas de madrugada pedir-me que te ensinasse o Larraga... Boas as fizeste!... Que é feito daquela rapariga do vendeiro de Campanhã que tu tiraste de casa?

– Não falemos nisso... Como tu te lembras dessas rapaziadas... Esse tempo passou...

– Pois era uma rapariga perfeita!

– E aquela outra das Fontainhas, que tinha um pai levadinho da breca, que te fez fugir em camisa para o seminário?

– Cala-te lá com essas cousas, João!... Isso foram bambochatas de estudante...

– Está feito, está feito... Tu tens pago um bom tributo à mocidade... Já tu eras padre há muitos anos, e ainda fazias das tuas de estudante...

– Olha lá, meu caro João, se quiseres alguma cousa de mim...

– Obrigado... Eu gosto de falar nos tempos da mocidade...

– Pois sim; mas eu tenho de estar nos Congregados às oito horas... Estimarei que passes muito bem.

– Olha cá, padre Leonardo... há aí um sujeito que te quer falar a respeito duma dispensa para casamento entre primos em segundo grau. O pretendente dá boas luvas a quem lhe arranjar depressa...

– Sim... Pois eu conheço um banqueiro, que vence todas as dificuldades; mas... aqui entre nós... é preciso untar-lhe as unhas...

– Ah!, maganão!... o banqueiro és tu em carne e osso!...

– Não sou, João. Acredita que não sou...

– *In verbo sacerdotis!*

– *In verbo sacerdotis!*... Nessas matérias melindrosas não escrupuliza a minha consciência. Terei algumas fraquezas, de que me acuse, do tempo de rapaz, mas em cousas de religião o caso é muito sério.

– Com que tu tens muitos escrúpulos das tuas rapaziadas, hem?

– Alguns; mas em certas idades tudo se desculpa, e Deus bem sabe que a razão não tem a força necessária para conter os ímpetos daquele novíssimo do homem...

– Que não é do mundo, nem do Diabo! Ora pois, Deus te conserve no santo arrependimento...

– Então quem é o pretendente da dispensa?...

– Isso falaremos outra vez... Ora olha, meu querido Leonardo, não sei se sabes que tenho cá na Sé requerimento para uma igreja.

– Nada, não sei.

– Poderás fazer com que o Sr. Bispo me despache?

– Homem, isso é um caso difícil... Se queres que te fale a verdade, no paço tudo se move por dinheiro...

– E tu dás à manivela nas rodas da máquina, não é assim, meu Leonardo?

– Estás a rir, João...

– Pois eu pudera chorar!... Tudo isto leva-se a rir, senão endoudecia a gente... Ora anda lá que tu não deves só ter escrúpulos das tuas rapaziadas... A propósito de rapaziadas, que é feito da Ana do Carmo?

– Da...?

– Sim... da Ana do Carmo... aquela mocetona que morava contigo na Rua Direita, aqui há dez anos...

– Não sei... não me recordo... não sei de quem me falas... Adeus... até outro dia...

– Espera, homem – disse o padre inexorável ao confuso arcediogo, que suava em Janeiro como o seu amigo Silva no mês de Agosto, por ver ali tão perto o francês, que não perdia uma palavra do diálogo. – Espera... não te confundas, que eu não quero confundir-te. Isto é conversar como amigos... Eu já sabia que foste honrado com a rapariga e que a casaste com um bom dote... Uma fraqueza não desacredita ninguém... David também pecou e S. Pedro negou o mestre.

– Dizes bem, João, adeus, até outra vez...

– Então... até outra vez.

Padre João não compreendeu a aflição do arcediogo. A última despedida disse-lha quando ele de repente lhe voltou as costas, por não poder conservar-se com a cara voltada para o francês, que lhe não desviava os olhos dela.

Já escanchado comodamente sobre o albardão da égua sonâmbula, o antigo conhecido de Ana do Carmo, voltando-se para o livreiro disse, sorrindo:

– Vê que tal é o amigo? Olhe como ele se atrapalhou quando eu lhe falei na moça...! Reparou?

– Reparei... reparei...

– O que ela merecia é que o marido dela lhe quebrasse o espinhaço com uma tranca... Mas os maridos, às vezes, são tão bons como elas... Adeusinho...

– Passe muito bem.

Mr. Hemerin leu, segunda vez, a carta anónima, e saiu.

Esperem asneira. Quando mal nos percatamos, temos pela proa um marido brioso! Safa!...

Rara avis in terris...

CAPÍTULO IX

O arcediogo, quando fugiu bruscamente às impertinências vingativas do padre João Pires, ia perdido e não atinava com o refúgio mais azado no embaraço em que se via.

Na Rua das Hortas, quando voltava do campo de Santo Ovídio, até onde fora maquinalmente, encontrou o marido de Ana do Carmo, que o cumprimentou com a graça costumada, e nem de leve lhe tocou nas escandalosas revelações do profundo investigador de S. Tiago e S. Martinho de Dume.

Padre Leonardo, admirado da singeleza do francês, entendeu que as cousas estavam no pé em que as deixara na véspera e tranquilizou o tumulto de vergonhas e receios que lhe traziam o coração em dolorosas piruetas.

Convencido do inesperado quão feliz resultado da extravagante cena, veio à Rua das Flores e encontrou Ana do Carmo, ao mostrador, espantada de que seu marido saísse sem dar parte, nem chamá-la a ela para a loja.

Isto fez impressão no arcediogo, que teve a prudência de calar à mãe dos filhos o desgraçado encontro com o amaldiçoado padre de Ponte Ferreira.

Todavia, a saída rápida do francês alguma coisa queria dizer. O atilado arcediogo reflectiu no que poderia resultar dali; lembrou-se, um momento, que a sua organização física poderia sofrer algum abalo menos agradável e, finalmente, apelando para o futuro com a intrepidez de filósofo, esperou as consequências.

Acabava o velho amigo de padre João Pires de fazer os seus juízos, quando o livreiro entrou com a mesma afabilidade, com o inalterável sorriso dum esposo feliz.

– Saíste sem dizer nada?! – disse a Sr^a Ana.

– Foi-me necessário sair com tal precipitação, que nem me lembrou chamar-te.

– Pois que foi, Hemerin?

– Que havia de ser? Um engano... Vieram-me aqui dizer que o regedor das justiças me queria mandar prender, porque eu vendia clandestinamente na minha loja livros protestantes e folhetos escritos contra a religião. Corri imediatamente a casa do regedor, e tive a fortuna de encontrar, quando lá cheguei, o desmentido da calúnia que forjaram contra mim os meus inimigos.

– Inda bem!... – disse a mulher.

– E se não acontecesse assim – acrescentou o arcediogo com o contentamento da boa fé – eu ainda tenho amigos para desmanchar as traições dos seus inimigos.

– Muito obrigado, Sr. Compadre. Tudo está arranjado, desta vez. Se eles continuarem, V. S^a será o nosso protector, como tem sido sempre.

O arcediogo almoçou com eles, e não podia deixar de felicitar-se por ter casado a mãe de Rosa com tão boa pessoa, alma tão singela e génio tão estimável a todos os respeitos. Fez muitas festas à criancinha, que dava biscutos ao livreiro para que os desse ao *papá*, o que o livreiro, com paternal meiguice, cumpria, rindo-se muito da galanteria do pequeno.

Correu o dia regularmente. O arcediogo despediu-se à meia-noite, prometendo na noite seguinte pagar quatro partidas de bisca, que perdera jogando com a Sr^a Ana, enquanto seu marido saíra a encomendar de Paris a nova edição de Bossuet e Bourdaloue.

Na madrugada do seguinte dia, Hemerin levantou-se mais cedo que o costume e disse a sua mulher que lhe desse a chave da cómoda – em que estava a sua roupa branca.

Ana quis erguer-se para dar uma camisa a seu marido, e ele mandou-a ficar. A

mulher instou, e o francês intimou-a imperiosamente que não saísse.

Momentos depois, a mãe de Rosa sentiu fechar-se por fora a porta da rua! Ergueu-se, foi à cómoda, e achou-a vazia da roupa de seu marido. Desceu à loja, tudo estava fechado. Tornou ao seu quarto e viu um bilhete sobre o lavatório, com estas poucas palavras: *«És uma boa mulher, mas não me serves. Eu não sou mau homem, mas não te sirvo. Sejamos francos e bons amigos. Tu ficas, e eu vou. Regala-te com o padre, e faz-lhe visitas minhas. Se me quiseres alguma coisa e ele também, escrevam-me para Paris. Adeus.»*

A Sr^a Ana do Carmo ficou aturdida. Queria fazer alguma coisa naquele conflito; mas que poderia ela fazer? A porta da rua, de mais a mais, estava fechada! Se o arcedíago viesse... mas o arcedíago não vinha antes das oito horas! Se arrombava as portas, o barulho dava que falar aos vizinhos, e o escândalo era certo! Mas, se o escândalo era certo, inevitável, a pobre mulher lembrou-se de arrombar a porta, e procurar seu marido; mas aonde?

Nesta irresolução, a Sr^a Ana ouviu as oito horas. Correu à janela, e viu à sua porta alguns homens, um dos quais abria a porta. Desceu abaixo e perguntou quem eram:

– Sou um escrivão, com os meus meirinhos.

– Que querem?

– Fazer penhora nos objectos conteúdos nesta casa.

– Devo alguma coisa a alguém?

– Deve.

– O quê?

– O conteúdo nesta petição, a que está junto um título de dívida autêntico, assinado por seu marido, o Sr. Hemerin Pierrote.

– Mas eu não assinei.

– Vossemecê sabe escrever?

– Não, senhor.

– Por isso mesmo é que não assinou. Seu marido assinou por ambos.

– Isso é uma ladroeira! Eu grito aqui d’elrei, se me levam alguma coisa de minha casa.

– Pois grite, que arranja com isso a ser levada também.

– Para onde?

– Para a cadeia, ou para o Hospital de S. José.

– Que é dos louvados, Sr. Meirinho-Geral?

– Estão aqui os ensambladores.

– Pois que subam a avaliar os móveis, e chame aí dois livreiros para louvarem os livros.

– É um roubo que me fazem! – exclamou Ana, colocando-se adiante dos livreiros, que vieram dum pulo.

– Retire-se, mulher, se não mando autuá-la!

– Mas quero saber a quem é que devo...

– Ao vice-cônsul da França.

– Eu não conheço esse homem.

– Também não é preciso, nem deve ter muita pena disso. E um homem como os outros, pouco mais ou menos.

Entrava o arcedíago com os olhos espantados, e o queixo pavidamente descaído.

– Sr. Compadre! – exclamou Ana–, querem-me roubar!...

– Roubar!... Como se entende isto?!

– Deixe-a falar–disse o escrivão. –E um mandado de penhora.

– A ordem de quem?

– Do juiz de fora.

– Mas quem é o credor?

– Sr. Arcediago, não nos importune com as suas perguntas. Vá lá sabê-lo, se quiser. Nós cumprimos a lei, e não temos obrigação de dar explicações a quantos passarem na rua.

– Onde está seu marido? – perguntou o padre.

– Não sei... Olhe aqui.

A Sr^a Ana chamou-o de parte e contou-lhe o sucedido. O arcediago ficou transido.

– Que hei-de eu fazer, Leonardo? Não me dirás?

– Põe a tua mantilha, pega no pequeno e vai com a criada para minha casa.

– E os meus arranjos?...

– Que arranjos?

– Os meus vestidos?

– Deixa os vestidos... Faz o que te digo. Não te aflijas... Hás-de ter sempre que comer. Nem mais uma palavra, que não quero escândalos.

Ana do Carmo saiu com a criada e o pequeno, que grunhia por ter sido tirado a dormir do berço. O escrivão achou-se sozinho com os aguazis e louvados. A livraria foi logo comprada pelo livreiro da loja vizinha. Os móveis arrematados, e ficou o escrivão com eles. As roupas comprou-as uma adeleira. E a chave da casa foi entregue ao senhorio. Foi um dia cheio para os vizinhos!

A vingança do francês fora uma vingança francesa; mas, de parte a parte, concordemos em que a honra orçava os mesmos quilates. Parece que eram dignos um do outro, e o arcediago digno de ambos, como vai ver-se.

A mãe de Rosa vivia com o arcediago; mas tão cauta e escondida que se não deixava ver. Era um cuidado inútil, porque ninguém duvidava que os braços do padre eram o refúgio nato da esposa abandonada.

A imoralidade chegara aos ouvidos do bispo, que empregou os meios brandos para chamar ao caminho da bem-aventurança aquele Lovelace de murça e meias vermelhas. O arcediago defendia-se como podia e citava os seus traiçoeiros denunciadores para que lhe provassem a calúnia infame. Se fosse hoje, o Sr. Padre Leonardo Taveira teria escrito quatro correspondências para os periódicos, em que provocaria os maledicentes a tirarem a máscara, ou serem convencidos de infamadores da honra alheia, e vis caluniadores, como é do estilo.

Naquele tempo, porém, o infamado não tinha o respiradouro da gazeta e não podia andar de casa em casa apregoando a sua inocência. Razão por que a detracção se incorporava pouco e pouco, até ser recebida como facto consumado.

Os cónegos, que não eram mais virtuosos que ele, mostravam-se escandalizados das torpezas do seu colega e queriam que o prelado os desultraçasse do odioso que reflectia na corporação. O bispo via-se entalado entre certos compromissos que o prendiam ao arcediago e as instâncias reiteradas do chanfre e do deão, que eram mais discretos nas suas torpezas, porque nunca tinham caído na imoralidade de dotar as mães dos seus filhos para casarem.

A indignação pública urrou no paço episcopal; e o príncipe da Igreja receou que a mitra lhe caísse com desonra da cabeça e meteu o arcediago em processo.

Estas deploráveis cenas passavam-se meses depois que Rosa Guilhermina e a sua amiga vieram de Ramalde para o Porto. Rosa observava a inquietação de seu pai nas poucas horas que se demorava em casa. Interrogaram-no ambas muitas vezes, e não puderam saber nunca a aflicção que o atormentava.

O processo corria, quando o bispo deu uma audiência secreta ao arcediago. O fim dessa prática de amigo, e não de juiz, era aconselhá-lo que fugisse imediatamente de

Portugal e que esperasse lá fora que a borrasca serenasse, e depois viria.

O arcediogo anuiu.

Com as lágrimas nos olhos e sua filha nos braços, revelou-lhe que uma grande desgraça o obrigava a sair da pátria. Mandou-a entrar outra vez no Recolhimento. Estabeleceu uma pensão a Maria Elisa. Deixou outra a Ana do Carmo, e partiu para Espanha com todos os seus cabedais, excepto as quantias que o honrado negociante António José da Silva mensalmente devia repartir pelas três, se eram só três as pensionadas da ilustre vítima do padre João Pires.

Ana do Carmo sabia que sua filha existia no convento; mas, por ordem expressa do pai, não a procurava. Vivia com honra e recebia pontualmente a sua mesada.

Rosa ignorava a existência de sua mãe, tinha de longe a longe saudades do pai; mas isso não era forte razão para que deixasse de comprar a melhor edição do *Cavalleiro de Faublas*, que traduzia perfeitamente com a sua amiga, graças aos cuidados do pai em mandá-la aprender o francês durante um ano que esteve na casa do Laranjal.

Mr. Hemerin vivia em Paris, e vivia perfeitamente da quantia que lhe fora dada com a condição de coonestar as relações da mulher com o padre; missão aliás cristã, que o maldito não quis desempenhar cristãmente e encarou com a melhor filosofia do mundo.

O arcediogo vivia em Madrid e gastava o seu tempo num convento de Teresinhas, onde lhe não faltavam delícias para o espírito e parece que as melhores esperanças para tudo que os filósofos teimam em dizer que não é espírito.

Padre João Pires, esse, contentíssimo de ter resolvido o problema de S. Tiago, veio um dia procurar o livreiro para comprar-lhe *El sabio instruido de la naturaleza* e soube, no livreiro vizinho, a catástrofe do arcediogo. Citou quatro textos em latim acerca da obscenidade, disse tudo o que sabia a tal respeito, confirmou minuciosamente todos os escândalos da vida de padre Leonardo e foi dizer missa à Misericórdia e ouvir de confissão a Sr^a Angélica, que, por um triz, ia ficando sem absolvição, por ter murmurado da Sr^a Ana Canastreira é da mulher do João Pereira, do chinó.

O Sr. António José da Silva, recobrado dos dissabores por que passara, restaurava as banhas perdidas do seu lustroso cachaço e continuava a suar copiosamente.

E o Sr. João Retroseiro, finalmente, lia com o maior prazer a sua mulher as cartas de seu filho José Bento, que estava no Rio de Janeiro ganhando duzentos mil réis como segundo-caixeiro de um armazém de molhados, onde o não forçavam a conjugar o atrocíssimo verbo *laudo*.

CAPÍTULO X

Corria tudo fastidiosamente regular e monótono, menos para o espírito das duas amigas, que progrediam dum modo admirável na ciência das cousas e na teoria do mundo estudada nos livros. Todas as suas economias de tempo e dinheiro, que lhe sobejavam à farta, empregavam-nas em novelas francesas, que uma criada, das que serviam cá fora, lhes introduzia no Recolhimento, com pequena comissão.

Maria Elisa, se dissermos que era uma literata, não nos fica o remorso de ter mentido. A prova de que o era dá-se com bem pouco: basta dizer que duvidava da eficácia da reza e dos preceitos mais fundamentais da sua religião da infância. Falava na religião natural e sabia de cor a *Voz da Razão* e a *Pavorosa Ilusão da Eternidade*.

Rosa Guilhermina era literata metade e mais um terço. Não acreditava na reza, nem nos santos da regente: mas tinha fé na existência de Deus! Não era consumada como a sua amiga, que punha todo o desvelo em instruí-la e aperfeiçoá-la.

Era corrido um ano. As meninas entravam nos dezassete, e já não eram as crianças zombeteiras que traquinavam na cerca e irritavam as velhas da casa com travessuras.

Convencidas de que eram senhoras, revestiram-se da dignidade própria, deram-se um ar de pensadoras, mediam as suas palavras sentenciosas, olhavam com desdenhosa insolência a ignorância das companheiras, desdenhavam o beatério de muitas que lhes não mereciam o favor das suas reflexões, e, com algumas, dignaram-se descer até lhes confiarem o segredo da filosofia, o dogma sublime da razão. Se quereis em duas palavras compreender a ilustrada extravagância das duas meninas, sabei que o seu quarto era intitulado por elas: *hotel de Rambouillet*².

D. Rosa recebia regularmente extremosas cartas de seu pai, que não tinha expressões com que pudesse encarecer o talento de sua filha, manifestado nas aparatosas cartas que lhe enviava.

A última, que ele lhe escrevera de Madrid, anunciava a sua próxima vinda para Portugal. Bem informado, o arcediago sabia que as línguas mordentes dos seus inimigos estavam cansadas e que o processo, ao cabo dum ano, estava esquecido.

Depois da carta que prometia a sua vinda, que devia abrir outra vez as portas da clausura às literatas, as ansiosas meninas receberam outra em que o padre lhes dizia que, em determinado dia, viria abraçá-las e que fossem dispendo a sua imediata saída para Lisboa, onde ele tencionava estabelecer casa.

De igual teor recebeu a mãe de Rosa a fausta notícia, e cada qual não tinha sossego em preparar as suas cousas de modo que se não fizessem esperar.

Era chegado o festivo dia. D. Rosa com a sua amiga, para não perderem tempo, já tinham feito as suas despedidas; Ana do Carmo tinha fora dos baús o indispensável para as poucas horas de existência no Porto; umas e outras não saíam da portaria ou da janela para felicitarem o amante e o pai e o carinhoso protector, quando o Sr. António José da Silva rolou a sua rotunda personagem no pátio do Recolhimento.

Rosa, ao vê-lo pelo raro, recuou assustada da inesperada visita. O negociante perguntou pela filha do arcediago de Barroso, e a porteira, industriada pela menina, perguntou-lhe se o Sr. Arcediago tinha vindo.

– O Sr. Arcediago – respondeu o negociante com a comoção de que era

² Foi assim chamada a assembleia de ilustrações científicas na França, em que avultavam a marquesa de La Fayette, La Cralpenède, Mme. de Sevigné, Julie d'Angennes e outras que se davam o título de *preciosas*, baptizando-se com nomenclaturas gregas e praticando em linguagem privativa delas. Molière, o grande espírito, que espancou da França o *ridículo* com o *ridículo*, pôs esta gente em cena, nas comédias *As Preciosas Ridículas* e *As Mulheres Sábias*, O hotel de Rambouillet não resistiu a Molière.

susceptível –, o Sr. Arcediago... esta na presença de Deus...

– Morreu?! – exclamaram as meninas.

– É verdade... Faz favor de me chamar a menina.

– Estou aqui, Sr. Silva... Pois é verdade que morreu meu pai?

– Desgraçadamente... Acabo de receber um portador de Madrid... As suas últimas palavras, foram estas. «Eu morro... vão dizê-lo à Rua das Flores, no Porto, a um negociante chamado António José da Silva.» Morreu de uma apoplexia... Deus tenha a sua alma na bem-aventurança...

– Isso é impossível!... – atalhou Rosa, soluçando e chorando.

– Pois é tão certo como estarmos aqui, Sr^a D. Rosa... O pior é que o grosso dinheiro que seu pai levou, sabe Deus por que mãos andarão a estas horas!...

– E eu fiquei pobre, não é assim? – atalhou a literata, que considerava a riqueza como o primeiro dogma dos sublimes dogmas da razão.

– Pobre... não, senhora – respondeu o negociante, enxugando uma lágrima importuna. – A menina está perfilhada. Eu tenho a perfilhação em meu poder. Ainda mesmo que não apareça o dinheiro, que ele levou, o seu património vale bem quarenta a cinquenta mil cruzados. E a quinta de Ramalde, são dous prédios na cidade, e as pratas de seu pai, que estão em minha casa, só essas valem bem seis mil cruzados, a olhos fechados. O que é necessário é fazer-se um conselho de família, e bom será que a menina saia do Recolhimento para tomar conta da casa de seu pai.

Pergunta daqui, resposta dacolá, convieram em que a menina saísse, passados três dias, durante os quais recebeu visitas no seu quarto, e chorou alguns instantes sinceramente.

Maria Elisa, como filósofa e boa amiga, animou-a a resignar-se, convencendo-a de que a morte era a condição da vida e que as lágrimas não ressuscitavam ninguém. Rosa conveio nisso em nome da ilustração do seu elevado espírito e assentou em mostrar-se intrépida na dor.

Portador da infausta nova, o negociante foi dar o tremendo golpe na pobre esposa sem marido e na amante sem amparo, que devia senti-lo mais profundo. Aí sim: havia uma verdadeira dor, a consciência de desamparo, a invalidez na quase velhice sem refúgio. Restava-lhe uma esperança: era sua filha; mas essa filha não lhe bebera o leite, não lhe sentira os beijos, não lhe vira as lágrimas, nunca lhe chamara mãe.

Por encurtar razões, o franco negociante foi-lhe dizendo que em seu poder não estava dinheiro algum e que tratasse ela de procurar o amparo de sua filha, que era a herdeira do arcediago.

Ao quarto dia, D. Rosa Guilhermina com a sua amiga ocupavam a casa do Laranjal, tomavam as antigas criadas e consultavam-se no que deviam fazer, ou se aceitariam as condições que algum impertinente tutor lhes impusesse.

– Eu não posso dizer nada em tal assunto – respondeu Elisa. – Sou absolutamente estranha neste objecto; não obstante, como tua amiga íntima, entendo que não deves sujeitar o teu coração à bárbaras leis dalgum bárbaro tutor.

Já vêem como era o estilo de Elisa; agora admirem o de Rosa:

– Dizes bem, minha terna amiga. Se a parca me roubou o pai, não serei ludíbrico da morte, porque vivo ainda. Não quero mais reclusão, nem o convento para mim foi feito. Quero a liberdade, porque o meu coração é livre. Eu e tu temos bastante filosofia para nos sabermos guiar na estrada tortuosa do mundo. Conhecemos a sociedade pela leitura; saberemos evitar os abismos, renderemos os nossos corações aos ardentes votos dalgum amor digno de nós, e viveremos juntas pelo espírito, assim como temos vivido pela inteligência.

Falou bem. Tudo que dissesse depois disto seria uma redundância. Não há nada a

desejar aqui. Ótima resolução, exemplar programa e invejável talento!

Nomeado conselho de família, a órfã foi consultada pelo tutor, homem probo, escolhido pelo Sr. Silva. A menina espreitada respondeu em alto estilo, e o tutor retirou-se maravilhado da pupila e disse em plena reunião dos membros do conselho de família que ela era muito *pronóstica* e que falava com a cabeça. Os outros membros não duvidaram acreditá-lo e consentiram em que a menina fosse entregue dos seus rendimentos e vivesse fora do Recolhimento.

Contentes da sua sorte, as duas literatas, cada vez mais ricas de ciência, achavam já que o seu espírito não saboreava a simples nutrição dos romances e queriam mergulhar no oceano da sabedoria. Talhavam o seu plano de instrução; lastimavam a soledade em que viviam duas almas devorando-se no próprio fogo, e sentiam a falta de uma sociedade mais ampla que as admirasse, ou de espíritos ilustrados que as conduzissem à luminosa região das ciências ignoradas ao seu deserdado sexo.

Tudo isto era muito bonito; a tal respeito diziam-se cousas admiráveis, quando, no mais acalorado do projecto, D. Rosa Guilhermina Taveira recebeu a seguinte carta:

Minha filha.

Ignoras talvez que a morte de teu pai deixou neste inundo uma mulher desvalida. Esta mulher é tua mãe e terá brevemente necessidade dum bocado de pão. Quando esse momento vier, não o negues à infeliz Ana do Carmo, que irá mendigá-lo à tua porta. Vivo na Rua Direita, n.º 25.

Esta carta, lida em sobressalto, produziu em Rosa uma sensação inqualificável. Elisa queria ver esta carta, e a sua amiga não lha mostrava.

– Será namoro?! – perguntou Elisa com azedume e admiração. – Diz, Rosa! Tu não me respondes? Deixa-me ver essa misteriosa carta! E epístola amorosa?

– Não, minha amiga... E uma carta que não te mostro!... Não devo mostrar-ta...

– Oh, Céus!, que estranha carta é esta! Não sou eu, porventura, a tua amiga, a confidente dos teus segredos?

– És... mas há segredos que se não dizem...

– Pois bem: eu calarei a minha ânsia e não farei jamais de amiga para todos os teus cuidados, Rosa.

O portador esperava a resposta.

A filha de Ana do Carmo saiu de ao pé da importuna confidente, tirou da gaveta do seu toucador quatro cruzados novos, embrulhou-os em um retalho de seda preta, entregou-os ao portador, sem lhe dizer palavra, e rasgou a carta.

Quando voltou, chorava Elisa, em ar de arrufada amante. Rosa, mais tranquila, se era possível uma consciência boa, depois de tão generosa acção, serenou a susceptibilidade da sua melindrosa amiga com esta revelação:

– Olha, querida amiga, faz comigo as pazes. Eu te digo o que se passa. A carta, que recebi e devolvi pelo portador, era uma súplica de uma pobre amante de meu pai, que me pedia uma esmola. Fez-me tanta pena, que me vestiu de luto o coração! Como pensei que era aquele um desonroso segredo para meu pai, nem dizer-to a ti, cara amiga, eu julguei que me era nobre. Ora aqui tens...

– E mandaste-lhe o benefício suplicado?

– Mandei...

– Fizeste bem... Pobre mulher, abandonada, não devia achar fechadas as portas da alma que saiu do peito amante. Perdoa o meu ressentimento, querida Rosinha...

E com estas e outras finezas passaram uma hora, ao fim da qual voltava o

portador, que levara o dinheiro, e entregava à Sr^a D. Rosa Guilhermina outra carta, acompanhando os quatro cruzados novos. A carta dizia assim:

Minha filha.

A esmola é muito avultada para uma mãe. Quando eu tiver fome, irei pedir-te um bocadinho de pão.

Rosa fez-se da cor do lacre e fugiu de ao pé da sua amiga.

CAPÍTULO XI

Ana do Carmo, quando pensava em escrever a sua filha, dizia-lhe o coração que a não procurasse, porque seria recebida com má vontade. Falava-lhe assim o coração, porque naquele peito não batia o coração de mãe.

E não.

A amante do arcediogo vira, sem lágrimas, levar aquela menina do seu ventre para os braços mercenários de uma ama de expostos. Não estendeu os seus, suplicando que lhe não roubassem a filha da sua alma e da sua desonra. Não pediu ao pai desnaturado que lhe desse em compensação da renúncia que ela fizera da sua dignidade. Não saltou, esvaída de sangue, fora do leito, procurando resgatar a criancinha que deveria dar-lhe em amor de filha o prémio da sua ignomínia de amante.

Viu-a ir impassível! Nunca lhe deu que pensar o destino da criança. Nunca sentiu o remorso do infanticídio. Nunca se lembrou que a desgraçada menina que viu a chorar com frio e fome nas lajes da rua poderia ser a sua filha.

Os anos correram. O arcediogo lançou um olhar melancólico ao futuro. Ambicionou uma herdeira, que fruisse o grosso cabedal que amontoava. E lembrou-se de ter assinalado, cinco anos antes, aquela enjeitada.

Procurou-a com zelo de pai; encontrou-a entre as meninas desamparadas, pálida de fome, e vestida de farrapos, apresentou-a a sua mãe, e sua mãe encarou-a serenamente, deu-lhe um beijo frio e aconselhou o pai que a mandasse para um colégio.

Quando o pai extremoso, cheio de saudades, mandava buscar sua filha de seis anos, com os seus lindos cabelos louros e os seus lábios radiosos de inocentes sorrisos de gratidão, Ana do Carmo achava enfadonhas as repetidas visitas e zangava-se asperamente se a menina batia com a faca no prato ou pedia doces para dar às suas companheiras.

Espanta-vos esta dureza de alma? Entrai na enfermaria das que vão ser mães, debaixo das telhas da Misericórdia. Reparai nesta, que prepara risonhamente o cueiro e a faixa que há-de levar seu filho ao monturo dos filhos sem mãe. Olhai aquela que jura que o seu seio não tem nutrição para que a não obriguem a criar o seu filho. Vede além outra, que crava as unhas no menino que tem ao peito para que os dolorosos vagidos da criança acusem a fome e a secura daquele seio, que tem dentro morto o coração.

«Diante deste quadro hediondo, tenho duvidado do amor materno! Compungido por esta verdade atroz, tenho colocado a hiena num grau de sensibilidade superior à mulher!», dizia-me um ilustrado professor de Medicina,³ que me expunha estes lances com as lágrimas nos olhos.

Não duvideis, pois, mães! Ana do Carmo chegaria sua filha ao seio; mas aquele sangue não se alvoroçava nas artérias. Tocar-lhe-ia os lábios com os seus, mas aquele beijo fora sempre a banal formalidade, que se barateia por aí em cada cara que vos saúda.

Sobejavam-lhe razões para rezear o desprezo da filha. A dura experiência dissera-lhe que o castigo sobre a Terra era infalível.

Se aquela mulher tivesse sido a mãe daquela menina, sentiria um estímulo superior impelindo-a para ela, Iria, coberta de farrapos, lançar-se nos braços de sua filha, radiante de veludos e brilhantes. Iria, sem pejo, na presença de todo o mundo abraçar essa filha, com a certeza de que Rosa exclamaria na presença de todo o mundo: «Esta desgraçada mulher é minha mãe!» Pediu que lhe escrevessem uma carta; mas

³ O já morto José Gregório Lopes da Câmara Sinval.

essas poucas palavras, que parecem o enigma duma grande dor, nem suas eram. Foi uma cabeça fria e um coração estranho que as ditou; porque, na alma dela, estava a irresolução gelada, o presságio do desprezo, o espinho da consciência, precursor dum grande castigo.

Quando recebeu, como resposta à sua carta, o silêncio e quatro cruzados novos, Ana do Carmo sentiu-se assaltada pelo orgulho que não era orgulho de mãe. Era um rancor que reagia ao desprezo, uma altivez que caracteriza as almas pequenas, e não essa nobre independência que nos manda atirar à cara do falso benfeitor uma esmola, quando nos não é delicadamente dada como quitação duma dívida.

Foi ela quem repeliu a esmola; mas não foi ela quem redigiu o bilhete que acompanhava a remessa. Por sua vontade, aquele bilhete devia ser um insulto e uma ameaça; mas a pessoa que o escrevera previu que a mãe de Rosa seria brevemente uma mendiga, e precisaria de humilhar-se a estranhos, por ter sido soberba com sua filha.

Rosa Guilhermina meditou aquele bilhete e sentiu em si uma transformação repentina.

Há pouco ainda, teve vergonha de declarar à sua amiga que sua mãe existia, e vinha pedir-lhe uma esmola; e agora é ela que sente a dura precisão de revelar a Elisa todo o seu segredo.

Elisa ouviu-a e repreendeu-a da inconfidência, que a não lisonjeava nada. Depois, aconselhou-a que desse uma mesada a essa pobre mulher, se a não queria receber em casa na qualidade de mãe.

Rosa optou pela mesada, e escreveu imediatamente uma carta a sua mãe com a direcção que lhe fora indicada. Esta carta chegou nos assomos frenéticos de Ana do Carmo. Saiu com a carta para que lha lessem: ouviu-a cada vez mais colérica, suposto que as frases fossem brandas e carinhosas. A oferta da filha era mais uma boa mesada, que permitisse a decência de sua mãe. Ana tomou a carta com arremesso, rasgou-a e disse à portadora:

«Diga a essa desavergonhada que não preciso de suas mesadas; e que, se torna a mandar aqui alguém, que atiro pelas escadas abaixo quem cá vier... Pegue lá... dê-lhe a carta rasgada.»

D. Rosa, quando ouviu semelhante resposta, voltou-se para a sua amiga, como quem pede um conselho:

– Não tens mais passo algum a dar – disse Elisa. – Mulher que assim responde não é tua mãe: isso é uma impostora! Faz de conta que este incidente não veio perturbar a nossa felicidade... Será tua mãe: mas só te conhece agora, que és rica, e ela pobre. Tal mulher não é digna de chamar-te filha!... Que lhe deves tu? O nascimento? Grande favor!... Se teu pai não tivesse esta riqueza, que te deixou, o que serias tu? Uma filha sem mãe, abandonada de todos, e desprezível aos olhos da própria que te atirou ao mundo como quem atira ao chão as rosas murchas que lhe serviram de prazer e ornato!...

Quer fosse o estilo assoprado de Maria Elisa, quer fosse a negação completa do coração de Rosa a essa estranha mulher, que lhe chamava filha, o certo é que os escrúpulos e temores desapareceram, e o importuno sucesso não impressionou muitos dias o espírito da leviana moça, que se demorava pouco nas mesquinhas deste globo.

O rápido desvanecimento das ideias fúnebres do caso deve-se à visita da Sr^a Angélica, que não veio mais cedo por ter estado às portas da morte com um catarro, que lhe caíra nos bofes, como ela se explicava subindo as escadas.

– A Sr^a D. Angélica por aqui! – disse Rosa descendo a recebê-la.

– Deixemo-nos de *dom*. Cada qual é como cada um. Eu cá sou filha de negociante, e não quero essas trapalhadas da fidalguia. Então como passa a minha

menina?

– Muito boa, e a Sr^a Angélica doentinha, não assim?

– Deus louvado, vou melhor dos bofes, mas acho que tenho aqui no costado, salvo tal lugar, um lobinho, que hei-de queimar com a massa.

Elisa tinha o lenço na boca, para sufocar o sorriso.

– Então, esta menina é que é a sua amiga?

– Tenho a glória de merecer tal nome – respondeu Elisa.

– Por muitos anos e bons... Então vossemecê de quem é filha, ainda que eu seja confiada?

– Meus pais ceifou-os a dura fouce da parca.

– A Parca? Não conheço essa senhora. Sua mãe chama-se a Sr^a Parca?

– Não, senhora – atalhou Rosa, porque a sua amiga não podia responder, sufocando com uma gargalhada. – A mãe desta menina, e também o pai, morreram já.

– Ah!, sim? Pois Deus lhes fale na alma e eles a abençoem no Céu, que é bem galantinha... Porque não vai ser freira, minha menina?

– As almas livres não querem ferros. Umas nascem para o culto dos templos, outras vêm o altar de Deus na natureza.

– Ela que diz? – perguntou a velha a Rosa.

– Diz que não nasceu para freira.

– Não diga isso, menina, que é pecado. Todos nascemos para o serviço de Deus, e deve ir para carmelita, que é uma ordem muito apertada, e ganha-se o Céu, com a pobreza e a paciência.

– O Céu ganha-se com os voos do espírito.

– Que é os avôs do espírito? Não creia nisso; nas Carmelitas não há espíritos ruins... Ri-se? Ora queira Deus que não chore ainda... Quem lhe disse que andavam espíritos nas Carmelitas? Olha as santinhas, coitadas!... E cousa que não consta é espírito nas Carmelitas...

– Isso creio eu; mas por isso mesmo é que a matéria me não convida. O grande espírito é Deus.

– Jesus!, que heresia! A menina parece-me douda!...

– Não é, não, Sr^a Angélica... É porque ela fala sempre em alto estilo!...

– *Estilo!*... Que é isso de estilo!...

– A sua linguagem é mais sublime que a costumada entre pessoas sem luzes.

– Sem luzes!... Eu não vos entendo, raparigas! Vossemecês aprenderam o latim?

– Não, minha senhora – disse Elisa –, a nossa língua é portuguesa e as nossas frases têm o toque da superioridade, que nem todos os espíritos alcançam!...

– E ela a dar-lhe com os espíritos!... Parecem-me doudas! Quem vos ensinou esse palavreado de latinórios e berliques-berloques que ninguém entende? É isso o que vós aprendeis no Recolhimento? Deixai-vos dessas tolices e falai como a outra gente da nossa laia.

– Da nossa? – disse Elisa. – Não lisonjeia a miscelânea.

– Miscelânea!... Quem é a miscelânea? Eu não a entendo!... Ela que diz, Rosa?

– Diz que as pessoas instruídas...

– Pessoas estruídas, Deus nos livre delas... Olha como ela se ri!... Esta rapariga tem aduela de menos, não tem, Rosinha?

– Tem aduela de mais... É uma senhora muito esperta, sabe francês e faz poesias.

– Eu a arrenego!, pois ela é como os homens, que vão ali berrar debaixo das janelas das freiras, a botar versos para cima?

– E verdade... Eu faço versos; a musa favorece-me: o Pégaso voa comigo à apolínea fonte e converso com os deuses na Castália.

– Ela parece lá desses remos estrangeiros! – disse, torcendo o nariz, a Sr^a Angélica.

– Sou lusitana, não nego a pátria. Nasci nas margens do pátrio Douro.

– Nasceu no Douro? Então isso como foi? Sua mãe teve-a no rio? Vinha, talvez no barco... pobre mulherzinha!... E ela a rir-se!... Ela não está boa!...

Desaperta-me, Rosa, que eu arrebento – exclamou, sufocada de riso, Elisa.

– Eu não no disse? Eu logo vi que ela não estava boa!... Isto é cousa má que se lhe meteu no corpo...

Dizem que o demónio às vezes fala de modo que só o entendem os padres. Quer a menina que eu vá chamar-lhe um fradinho de muita virtude, para lhe ler os inzorcismos?

– Minha alma detesta o frade.

– É frade de testa... e de cabeça... é muito sábio... Eu vou buscá-lo...

A Sr^a Angélica atirava com a coca da mantilha para a cabeça e preparava-se para sair em cata do frade, quando Rosa, perdida também com riso, lhe acenou que não fosse.

A parvoíce sinceramente estupenda estava pintada na indescritível fisionomia da velha.

– Sabeis que mais? Não me entendo convosco! Não sei o que pareceis! Ou vós estais doudas, ou a graça de Deus vos desamparou!

– Venha cá, Sr^a Angélica, falemos sérias... Eu sou sua amiga e Maria Elsa também o é. Nenhuma de nós está vexada do espírito mau... é porque vossemecê não nos entende, e pensa que a nossa linguagem não é do mundo dos mortais. Eu sou a mesma Rosa, muito sua amiga, e sinto imenso prazer em vê-la nesta sua casa, e quero que venha cá muitas vezes.

– Agora já entendo o que me diz... A gente deve falar como fala todo o mundo. O latim é lá cousa dos pregadores e dos doutores. Uma mulher em sabendo a ladainha e a *Magnífica* sabe o latim preciso para a salvação... Com que assim, minha Rosinha... Como se dá por aqui?

– Muito bem.

– E a outra menina?

– Plenamente jubilosa.

– Ela lá torna com o berzabum dos latinórios!... Valha-a Nossa Senhora!

– O Maria Elisa, fala em baixo estilo... humaniza-te.

– Repugna-me. Não sei manchar a língua de iguaria indigna.

– Que diz ela? Que eu sou indigna?

– Não, senhora; diz que não pode falar como nós.

– Pois então que esteja calada... Ó Rosinha, eu queria-lhe uma palavra em particular.

– Pois sim; iremos para o meu quarto... Eu venho já, Elisa,

– Vai... mas guarda-te do filtro da Górgona fatal.

– Ela lá fica com os gorgues, gorgues!... Má mês para ela! – murmurou a Sr^a Angélica.

CAPÍTULO XII

– Ora venha cá, Rosinha... – disse a Sr^a Angélica, pendurando a mantilha na porta e acocorando-se num tapete que ela supôs ser feito para isso – Sente-se ao pé de mim.

– Eu não gosto dessa posição, que é incomodativa. Sento-me nesta cadeirinha.

– Pois sim; mas chegue-se bem para mim, que não quero que nos ouça a sua amiga. Deus me perdoe, mas não engrajo com os modos dela... Aquilo não há-de ter bom fim... Tem muito palavreado... Ora diga-me, de que presta aquela rapariga?

– De muito; é a minha amiga do coração; conheço-a há dois anos; quero-lhe como a ninguém, e basta.

– Está dito... Pelo que vejo, aqui não há rei nem roque, e quem governa é vossemecê, não é verdade?

– É, sim, senhora. Quem governa em minha casa sou eu.

– Pois, minha menina, precisa de quem a governe. Os tempos não vão bons para as donzelas, Deus me perdoe se peço, mas o Diabo anda às soltas entre as raparigas desde que os Franceses vieram lá do fim do mundo ao Porto. No meu tempo não se ouvia dizer que uma rapariga namorava este nem aquele. Hoje, bendito seja Deus, quem tiver raparigas em casa, traga-lhe o olho em cima, senão, quando mal se precata, os peralvilhos... nem pensá-lo é bom!... E más-línguas? Isso então é um louvar a Deus! Pois aquela grande bêbeda da mulher do retroseiro, que mora defronte de mim, não foi dizer ao meu António que eu, quando era moça... em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo... Cal-te boca... Olhe que sempre! Ninguém diga que está bem! Uma desavergonhada assim! Estar eu mansa e queda em minha casa, amando e servindo a Deus como posso, e nenja como devo, e vai senão quando aquela língua danada não teve o ousio de falar da minha conduta, que não teve nunca tanto como isto que se lhe pusesse (*mostrando-lhe a ponta do dedo*)! Aí está porque Deus não manda chuva, e mandou a praga dos Franceses para nosso castigo... é por causa da Ana Canastreira, e outras que tais... Aquela grande regateira! Atrever-se a pôr a boca na minha honra! E ela? porca, que andou... Cal-te boca... E tem aquela de alar de mim, que fui sempre como as estrelas e que nunca houve na rua quem dissesse, com verdade, que me viu piscar o olho ao congregado, nem a cónego Anselmo! Inda a língua se lhe tolha, e descanso não tenha ela de dia nem de noite sem me pedir perdão...

– Então é isso o que precisa dizer-me, Sr^a Angélica?

– Inda não chegámos lá, Rosinha, Isto vinha a respeito de dizer que as donzelas não estão seguras com esses melcatrefes que por aí andam de óculos e polainas, que me parecem mesmo o Demónio tentador!...

– Eles tentam-na, Sr^a Angélica?

– A mim? Para cá é que eles vêm bem!... Eu os arrenego! Assim que os vejo ao longe, rezo o credo em cruz...

– E perseguem-na os peralvilhos?

– Hão-de ter bom olho...! Eles só perseguem as que lhe dão trela. A mim? Isso sim... Inda não há muito que um mariola me puxou pela mantilha, ao sair da Capela das Almas, e eu voltei-me para ele... não lhe digo nada,.. apenas me viu, aquilo foi como se lhe desse com um sedeiro na cara, voltou logo o focinho. Está-se a rir, Rosinha? E como lhe digo. Os homens, em vendo má cara nas mulheres, não tenha medo que eles se atrevam... E mais eu agora já não sou o que era... estou muito acabada... estes malditos lobinhos, que me vêm todos os anos ao costado, fazem-me de fel e vinagre. Dantes, quando eu era a flor das donzelas, isso e que se podiam ver os peraltas com o nariz no ar por minha causa... Pois, olhe, viam-me com os olhos e comiam-me com a testa... Uma

rapariga quer-se honestinha; e quanto mais vamos inda pior é. Está dito... agora vamos começar o nosso arranjo.

– O nosso arranjo?! Que arranjo temos nós, Sr^a Angélica?

– Nada de pressa... há muito tempo para morrer... Ora vamos, Rosinha... inda está dos mesmos humores de há dois anos?

– Que humores? Não me lembro quais eram...

– A respeito do seu matrimónio com o meu António.

– Ah!, nem me lembrava essa brincadeira... Sim, minha boa senhora, ainda estou, e estarei, resolvida a não casar com o Sr. António.

Maria Elisa, pé ante pé, viera colocar-se atrás de Angélica fazendo-lhe carantonhas, que obrigaram Rosa a sentar-se de ilharga por não poder conter o riso.

– Com que então está na mesma!... Ora, se Deus quiser, a sua cabecinha há-de mudar. Pense bem no caso, Rosinha, Lembre-se que meu irmão não sabe o que tem de seu. Lá, se é velho, olhe que faz dar a água pela barba aos novos. Não vê aquelas cores, que ele tem? Olhe que ali onde o vê, inda tem muita força. Come-lhe bem, e está gordo como um tanho...

– Bem sei que está gordo; mas que importa a mim a gordura de seu irmão? Como não quero vendê-lo a peso...

– Isso não é resposta de menina honesta, Rosinha. Não se ponha a rir... Acho que já tem as manhas da sua amiga. Foi ela que lhe disse que não quisesse o meu António? Tomara-o ela.

– Pois ofereça-lho.

– Que se lave... Olha a labisgóia! Se meu irmão se via com aquela tartamuda, que ninguém a entende, entisicava, meu querido irmão do meu peito! E ela tem legítima?

– Quem, a minha amiga? É muito rica, por morte de duas tias, que são pouco mais ou menos da sua idade, Sr^a Angélica.

– Da minha idade? Então ainda podem viver muito, e tarde virá a legítima...

– Quantos anos tem, Sr^a Angélica?

– Quem, eu? Eu lhe digo... Eu sou mais velha que o meu António, que é da idade do Joaquim Antunes, casado com a Teresinha dos Lóios, e que se lembra de ouvir dizer a sua mãe que o meu António era da idade do Sr. Joaquim, e eu sou da idade da Sr^a Brízida, que dizia minha tia Aniceta que nascera ao mesmo tempo, e se baptizara no mesmo dia com o Timóteo, que ninguém há-de dizer a idade que tem.

– É o mesmo que acontece a seu respeito, depois da sua conta, Sr^a Angélica.

– Pois é verdade; eu o que tenho é estar acabada; mas meu irmão está gordo e fero como sempre o conheci. Quisesse ele casamentos que lhe não faltavam.

– Pois, Sr^a a sinto muito dizer-lhe que não me sinto deliberada a casar com seu irmão, e que provavelmente ficar i solteira, porque não tenho vocação para o casamento. Acho-me em extremo inclinada ao celibato.

– Quem é esse Celibato? Olhe lá que não vá ser algum pandilha que lhe quer pilhar a legítima!... Eu não conheço esse Sr. Celibato... E negociante?

– Nada; é um cadete...– disse Rosa mordendo o riso nos beiços.

– Ah!, um cadete, chamado Celibato... Conheço muito bem; ouvi falar nele... é um grande tratante. Não queria esse bigorrilhas.

– Ah!, que malvado! Eu não sabia que o Sr. Celibato José...

– É verdade, Celibato José... já me esquecia...

– Da Cunha...

– Sim, sim... da Cunha; é o mesmo, tal e qual! Ora vê como eu lhe vali, Rosinha?

– Agradecida, minha amiga. Detesto esse tirano! Guardarei meu coração para outro esponsalício...

- Esponsalício! Parece-me que conheço esse Sr, Esponsalício...
- E um rico proprietário...
- Enganaram-na, Rosinha. Esse Esponsalício...
- Da Costa...
- É o mesmo... louvado seja Deus, que me trouxe aqui!... Esse Esponsalício da Costa é um traficante, que enganou a filha duma minha amiga e que diz à boca cheia que não quer casar com nenhuma. Não caia em lhe receber palavra de casamento, Rosa... Deus a guarde dessa tentação!...
- Nenhum deles, pois, é digno do himeneu?
- O Himeneu! Apre! que são muitos. Eu tenho ouvido falar nessa pessoa... Inda outro dia a mulher do João Pereira, que tem chinó, estava a falar mal dele. Não pode ser grande pessoa, porque anda metido com tal mulher...
- Pois bem: farei um juramento. Não casarei com o Sr. Celibato!
- Bonita...
- Nem com o Sr. Esponsalício!
- Ora, pois.
- Nem com o Sr. Himeneu!
- Isso é que se chama ter a cabeça no seu lugar.
- Nem com o Sr. António!
- Valha-a Deus, menina, valha-a Deus, que tem o pássaro na mão, e deixa-o fugir!... Case com o meu António, e verá que pimpona ele a traz!
- Fiz voto de morrer solteira. Os meus votos são infalíveis. Serei como as Vestais.
- As bestiais! Deus a livre disso! A menina tem alma, e não pode ser bestial...
- O mais que posso é convidar a minha amiga a receber a terna dextra do ditoso António.
- Que diz, Rosinha? Parecia-me agora a outra! Onde vos ensinaram esses aranzéis?
- Podes entrar, Maria Elisa – disse Rosa, que não podia suportar as caretas que a sua amiga fazia.
- Então ela aí vem com os latinórios... Vou-me embora, com a graça de Deus.
- Espere, Sr^a D. Angélica – disse Maria Elisa com burlesca formalidade. –Muito há, ditosa irmã do mais ditoso Adónis, que eu suspirava por apascentar meus famintos olhos no manjar suculento das rosadas faces do Sr. António José da Silva, vosso mano, e querido meu. Vi-o uma vez. Vê-lo e amá-lo foi obra dum momento. Nunca mais meus olhos tristes provaram os carinhosos afagos de Morfeu. De noite era ele o meu pensamento; de dia o meu pensamento era ele; ele era de dia e de noite o sangue das minhas veias, o fogo ardente do meu coração, o nome mais apetitoso da minha língua e a língua mais eloquente da minha alma.
- Está douda!... – resmungou a velha, voltando-se para Rosa.
- Douda! – disse Elisa. – Douda de amor! Cupido, que me varaste o coração de ervada seta, porque não feres o coração de António José?
- Está apaixonada por ele... – murmurou Rosa ao ouvido de Angélica, que principiava a acreditar a naturalidade daquela dor sublime.
- Será verdade, Rosinha?
- Não vê como ela soluça.
- Maria Elisa retirava-se com o lenço nos olhos para esconder o riso, na janela.
- Ela viu meu irmão?
- Viu, no pátio do Recolhimento; e desde esse instante fala constantemente no objecto dos seus votos, que é seu irmão.
- Coitadinha!... E preciso dizer-lho a ele, que não vá a rapariga dar volta ao miolo.

- Diga-lhe algumas palavras animadoras, Sr^a Angélica.
- Venha cá, minha menina; a troco disso não se aflija, que tudo se há-de fazer pelo melhor, com o favor de Deus...
- Não me iluda, senhora! Não ponha mel nas bordas da taça, que tem no fundo o amargo absinto! A minha paixão é incurável como a gota.
- Coitadinha!... Por causa da paixão tem gota! Que pena! Tão novinha já com gota.
- Com gota sim!, eu com gota na primavera dos meus dias!
- Pois ela costuma atacar mais no Inverno...
- Com gota na aurora da infância, no crepúsculo do amor... Com gota, eu!.... por causa de um ingrato Narciso! Miseranda Eco!
- Então o tal Narciso que lhe fez? O Narciso é algum cirurgião que a não soube tratar, pelos modos... Pois, minha filha, não chore. Eu vou já daqui falar com meu irmão, e veremos como se arranja isto do melhor modo. Ponto é que não esteja cá arrumado para a Rosinha...
- Cruel rival! – disse (à parte) Elisa, com a melhor das caretas imagináveis.
- Injusta! Eu cedi-to, e os deuses sabem que sacrifício fiz cedendo a mão do Sr. António!
- Bem me parecia a mim, que andava aqui alguma mastigada!... Agora vejo eu porque não queria casar com meu irmão, Sr^a Rosinha,.. E uma boa amiga da sua amiga. Deixe estar menina, que talvez ainda sejamos cunhadas... E, com isto, vou-me embora que são horas... adeus,..
- Vá, mensageira de amor! – disse Elisa – Propícios céus meus votos abençoem e os seus desvelos galardoem.
- Ausente Angélica, seguiu-se uma tremenda gargalhada, em que estalaram os espartilhos às duas azougadas moças.

CAPÍTULO XIII

Dous ou três dias depois (parece-me que foram três: aquilo de que eu não estou bem certo não afirmo), às onze horas da manhã, mais minuto, menos minuto, estava à porta da Sr^a D. Rosa Guilhermina Taveira o Sr. António José da Silva limpando o suor e puxando para o abdómen o cós do rebelde colete de veludo preto, que lhe marinhava em rofegos pelo estômago.

Arranjadas assim as cousas no seu lugar, o negociante puxou a campainha e perguntou se podia falar à Sr^a D. Rosa. Responderam-lhe que a menina estava na cama curando uma constipação. Disse que queria falar à Sr^a D. Maria Elisa, e mandaram-no subir, o que ele fez, puxando, com ambas as mãos, o indomável colete, que subia a ponto de descobrir o cós das ceroulas, as quais rebentavam comprimidas pela arquejante barriga de seu dono.

Esperou alguns minutos, que lhe não foram penosos, porque os aproveitou mirando-se em um espelho de sala pendurado defronte da sua cadeira. Conversando com a sua imagem, o Sr. António perguntou a si próprio se era ele porventura o venturoso amado que apaixonara a amiga de Rosa a tal ponto que a virtuosa Angélica (apesar da língua danada da Ana Canastreira) escrupulizava, não esgotando da sua parte todos os esforços para que ele António José anuísse, como homem e cristão que era, ao suspirado casamento.

Esta era a primeira parte do monólogo do negociante. A segunda, porém, era mais dramática. O homem tinha pundonor como outro qualquer. Desprezado pela filha do arcediogo (que Deus tenha em sua santa glória), resignara-se, mas não se esquecia do ultraje imerecido. Pensara muito na vingança; mas não sabia com que armas nobres devia vingar-se. Se ele quisesse desforrar-se com desonra para a sua consciência, não lhe faltariam ocasiões como a que tivera pouco antes, na qualidade de amigo íntimo do curador dos órfãos. Quisesse ele, e Rosa não sairia do Recolhimento. Mas o Sr. António José da Silva era um homem honrado, temente a Deus, suposto que pecador, e incapaz de vingar-se vilmente. O desforço, que ele ambicionava, devia ser cavalheiroso e digno de especial menção no romance que, trinta anos depois, devia ocupar-se da pessoa do Sr. António, digna, a todos os respeitos, de fazer gemer os prelos e dar consumo ao papel das nossas fábricas, interesse duvidoso aos editores e não sei que migalhas a mim, humilde apologista de todos os Antónios, maiores que o seu século, e credores da imortalidade.

Era chegada, pois, a ocasião deste apetecido desforço. O negociante era amado, e amado pela íntima amiga de Rosa, tão nova e tão gentil como ela. António José da Silva, dispensador de graças do seu munificente coração, prodigalizaria extremos à sua amante ditosa, na presença da desprezada ingrata, que se morderia de raiva. Ostentaria caprichosamente os seus ardores de amante e marido no sumptuoso luxo de sua mulher. Rosa *ficaria levadinha da breca* (esta frase é dele genuína) quando não pudesse *ombrear com os calcanhares da outra*. Ora aqui está no que pensava o Sr. António, durante os cinco minutos que esperou na sala, não lhe esquecendo de conter nos seus justos limites o colete, que parecia de borracha, porque, apenas se via livre dos dedos impertinentes de seu dono, saltava logo para o pescoço, deixando mal velado o promontório das regiões adjacentes, por não dizer sempre barriga, que é uma palavra que me destoa e fere os ouvidos pudicos do sexo por excelência.

No decurso de cinco minutos, que faziam as duas amigas? Estavam perturbadas pela surpresa de semelhante visita.

Nem se lembravam já da cena burlesca em que a Sr^a Angélica prometera apiedar

seu irmão a favor da delirante Elisa. A vinda inesperada suscitou-lhes a desconfiança de que o Sr. António vinha, colérico e enfurecido, repreendê-las da galhofa com que receberam sua irmã, e talvez ameaçá-las de que, por ordem do tutor, Rosa outra vez seria obrigada a recolher-se, e de mais a mais separar-se da sua amiga.

A filha de Ana do Carmo não estava doente. Aquele pretexto era o susto da desconfiança que assaltou a ambas. Ora Maria Elisa, menos tímida, ou mais desenvolta, contra a vontade de sua amiga, não duvidou receber a visita do Sr. António, e preparava-se para chalacear as suas iras, se ele não viesse às boas, como era de supor, ou ao menos a vaidosa Elisa tinha a sem-cerimónia de vaticinar.

Depois arrependeu-se de o mandar subir; e perguntava a Rosa a maneira decente de o despedir, sem ir à sala. Nesta consulta demoraram-se os cinco minutos, e resolveram, por fim, que seria mais discreto ouvi-lo, e amaciá-lo, para que o maldito as não indispucesse com o tutor de modo que as forçassem a uma cruel separação. Elisa, inferior à sua galhofeira coragem, entrou acanhada na sala, justamente no momento em que o Sr. António dava o último puxão ao colete e limpava a terceira camada de suor que lhe envernizava as pandas bochechas.

O negociante ergueu-se, impando, e levou ambas as mãos ao chapéu, que apenas levantou da cabeça meio calva.

– Há-de dar licença que me cubra – disse ele – porque venho suado e sou atreito a catarros... Aqui corre o ar de encontro àquela porta, e não é lá das melhores cousas para quem traz os poros abertos.

– Esteja a seu bel-prazer e queira sentar-se – disse Elisa, suspeitando ainda que, depois do brutal cumprimento, viria a trovoada dos brutais insultos.

– Então a Rosinha diz que está constipada?

– Bastante enferma. A minha amiga tem uma compleição melindrosíssima.

– E pouco tino também. Quando ela esteve comigo era uma descautelada; levantava-se do calor da cama e vinha com o saiote pela cabeça acocorar-se na varanda a brincar com a gata... Diacho da gata! Era tão amiga dela que não viveu muito depois que a não viu em casa! Há bichos, que só lhes falta a razão, que no mais parecem mais amáveis que as próprias criaturas com alma! A boa da gata ia-se pôr à porta do quarto dela a miar, *miau, miau, miau*, e, afinal de contas, não queria comer, nem beber, até que apareceu morta no telhado do vizinho...

– Mísera gata! Que infeliz morte!

– Pois é verdade. Isto veio a respeito de dizer que a Rosinha está constipada. quilo a respeito de cabeça não regula lá grande cousa, a alarmos a verdade.

– E uma excelente m nina, cheia de virtudes...

– Eu não digo menos disso; mas de cá se vai a lá. Deixe-a ter mais dous anos, e verá onde vai dar consigo...

– Eu creio que ela saberá conter-se nos honestos limites que lhe são demarcados pela honra e pelo dever.

– Pois Deus a ouça; mas duvido. Pelo que me disse minha irmã, ela traz na cabeça umas tolices que não hão-de ter boa saída. Inda não há três meses que saiu do Recolhimento, e já conhece não sei quantos namoros.

– Isso é uma injustiça, Sr. Silva, A minha amiga Rosa Guilhermina não tem namoro algum.

– Deixe-se disso, não a defenda, que eu cá sei tudo. Minha irmã falou-me num tal cadete chamado Liberato, ou Celibato, ou não sei quê, e um proprietário que tem o nome arrevesado assim a modo de Aparício... ou Sponselício... uma cousa assim... Enfim, quem mal fizer a cama, mal há-de dormir. A pena que eu tenho é ser ela filha do meu amigo arcediogo, que Deus tenha na sua presença, que já lá sabe o bem e o mal que

fez... Do mais, deixá-la lá, que o mal se o fizer, para si o faz...

– Não se aflija. A minha amiga será digna do bom pai que a morte lhe roubou e não desonrará jamais as cinzas paternas.

– Pois assim seja. Ora, menina, eu não sou desses bigorrilhas que dizem palavras de mel, e sabem desses *circunlóquios* de trapalhadas com que enganam as moças, e, afinal de contas, não dizem nada. Eu sou um homem chão... pau é pau, e pedra é pedra. O que sente o coração a boca o diz, e o que a boca não diz não sente o coração. Ora aqui está. Os homens entendem-se pelas palavras, e eu gosto de quem não está a fazer uma grande mastigada de palavras bonitas para dizer o que se diz em duas palavras. Eu venho aqui de propósito falar com a menina, porque minha irmã Angélica foi daqui, há três dias, e disse-me certas cousas que me buliram no coração. Pelos modos, a menina disse-lhe que se lhe não dava de casar comigo...

– Eu?!

– Não se envergonhe de ter confessado os seus afectos. Eu gosto da franqueza, e a gente muitas vezes perde por falar de mais e falar de menos. A menina bem sei que lhe há-de custar esta conversa; mas, deixemo-nos dessas *bijutarias* do costume, eu estimei muito saber que a menina gostara de mim...

– Eu... não disse que...

– Bem sei que não disse a cousa assim... Eu sei muito bem que a menina tem uma maneira de dizer as cousas com outras palavras mais discretas; mas o que é verdade diz-se com clareza, e eu sei entender as cousas.

Maria Elisa não previa semelhante desfecho! A surpresa anulara-lhe por momentos o sestro chocarreiro, e a confusa moça não sabia qual dos partidos devia adoptar, se o da seriedade, se a brincadeira. De mais a mais, a cabeça de Rosa aparecera-lhe neste momento, entre as duas portadas mal cerradas, e o riso, sua feição característica, lutou cruelmente com a seriedade zombeteira, que ela queria sustentar.

– Eu, a falar-lhe a verdade – continuou o Sr. António, persuadido que o silêncio de Elisa era o natural pudor dos dezassete anos –, a falar-lhe a verdade, pela terceira vez que a vejo, não desgosto da sua pessoa. Quando a vi na grade do Recolhimento fiquei simpatizando muito com as suas maneiras, e gostei de a ouvir falar, porque eu não sou homem de estudos, mas sei dar valor às cousas e gosto de quem saiba dizer duas palavras.

– Ditosa mulher aquela que viver sujeita ao seu domínio! Os voos do seu espírito não acharão fechados os vastos horizontes do talento, nos penosos dissabores domésticos.

– Que é? Agora não percebi bem...

– Dizia eu que será uma felicidade pertencer a V. S^a.

– Felicidade... isso vai da maneira de ver as cousas de cada um. O que lhe posso desde já prometer é que não hei-de dar-lhe penas.

– A mim?... Creio que não dará...

– Pode estar certa disso, Eu sei como se tratam as pessoas. A gente pode gozar a sua riqueza sem andar à compita com as grandezas dos fidalgos. Isso é que é asneira. Os fidalgos arruinam-se, e vivem por aí sabe Deus como, atrás de mim e dos outros, que lhes damos a juro o nosso dinheiro, para as mulheres gastarem em veludos, assembleias e teatros. Dizia o meu amigo arcediogo que quem sai fora da sua classe não tem classe nenhuma. E cá uma ideia que eu aprendi de cabeça, e acho isto bem dito: *quem sai fora da sua classe não tem classe nenhuma*.

– É um axioma.

– Que é?

– É um axioma, uma máxima, uma eterna verdade.

– Isso é. Um negociante é um negociante e um fidalgo é um fidalgo. Andam aí de carruagens uns três cá da minha classe, que querem ombrear com os fidalgos, e mais hoje ou mais amanhã verão onde vai parar o negócio.

– Pois V. S^a abomina a carruagem?

– É cousa em que nunca andei. Parece-me que aquilo não há-de dar grande saúde ao estômago! Tombo para aqui, tomo para acolá, quem for nutrido como eu há-de por força sofrer dos bofes.

– Engana-se... A agitação causada pelo balanço da carruagem é saudável!

– Deveras?! Acho que não!

– Queira acreditar-me. Eu tenho lido vários autores de medicina, que recomendam o uso da carruagem as pessoas nutridas, como meio de evitar as apoplexias.

– Ah!, a menina leu isso nos livros?

– Sim, senhor, e como pessoa que se interessa no seu bem-estar, recomendo-lhe o uso da carruagem.

– E o carroção não fará o mesmo efeito?

– Creio que não: o carroção é mais moroso, menos agitado, mais impertinente nos solavancos.

– Pois eu estava resolvido a mandar fazer um carroção, porque tenho uma junta de bois na minha quinta de Lordelo, e, visto o que me diz...

– Parecia-me que V. S^a deveria possuir carruagem, já que os bens da fortuna lho permitem.

– Lá isso tenho eu para mais; mas que diriam os meus vizinhos se me vissem de carruagem? Eram capazes de me apupar os tratantes!

– Deixe-se disso, Sr. Silva. As suas comodidades são mais atendíveis que a crítica estúpida dos seus vizinhos. Ora diga-me: se casasse com uma senhora débil, que precisasse de passear de carruagem para entreter o espírito nas delícias do campo, V. S^a não lha compraria?

– Isso comprava; ponto é que minha mulher me fosse leal, e precisasse dela, porque lá, por luxo, acho que era uma asneira sustentar uma parelha de machos e dois criados. E não será melhor uma cadeirinha, ou uma liteira?

– Isso é antiquíssimo!... De que serve o dinheiro, se o não fazemos servir aos nossos prazeres?

– Diz bem; mas sempre é bom a gente gastar menos do que lhe rende o negócio.

– Concordo; mas acho justo que se engrandeça a gente tanto quanto é possível.

– Pois a tal respeito falaremos mais devagar. Agora é necessário que tratemos da nossa união. Eu estou disposto a casar com a menina, já que simpatizamos um com o outro, segundo me disse minha irmã. A menina faz-lhe conta casar comigo?

– Acha-me digna de si?

– Eu que lhe pergunto se quer casar, é porque simpatizo com a menina.

– Sabe que eu não sou rica?

– Sei que não tem nada de seu. Conheci muito bem seu pai, que era negociante, e quebrou com honra. Eu não lhe pergunto se é rica. Rico sou eu, e tenho de sobra para que nos não falte nada. O que eu quero é quem governe a minha casa e herde os meus bens por minha vontade, porque o que tenho não quero que vá parar a sobrinhos. Se lhe serve, o que há-de fazer-se ao tarde faça-se ao cedo. Não tenho mais nada a dizer-lhe; pense no negócio, e responda-me breve...

– Eu responderei...

– Está dito tudo. Dê recados à doente, e saiba que fico sendo seu amigo.

O rico mercador de panos retirou-se. D. Rosa veio a rir-se, ao encontro de Elisa, e, vendo-a séria, perguntou-lhe:

– Tu não te ris, Elisa?

A literata respondeu com o silêncio e a seriedade.

– Em que pensas tão trombuda? – replicou Rosa.

– Em que penso?... eu sei cá em que penso!... Acho que não penso!...

– Aposto que te serve o noivo?!

– Estás a caçoar, Rosa!

ENTRE PARÊNTESES

Oh, benemérita filosofia! Quão sublimes efeitos a humanidade experimenta da tua sisuda influência!

Oh, cândida filha do talento, irmã gêmea da independência, neta de Catão e parenta próxima dos Catões da minha terra; oh, patusca filosofia, que santo prestígio tu exerces nas almas, desde que Diógenes arremessou a escudela que lhe não servia de nada!

Oh, filosofia das mulheres, tu és sobre todas a melhor das filosofias! A teu respeito poderia eu escrever este capítulo XIII, que ficaria sendo um capítulo de abalo no espírito público, mas não tenho agora vagar, nem me lembra nada que se tenha escrito a respeito da filosofia das mulheres.

Apesar da minha ignorância neste ramo (único em que não sou profundo), tentarei, indulgentes leitores, iniciar-vos na filosofia de Maria Elisa, que foi, honra lhe seja, a mais fervorosa sacerdotiza do culto.

Nada mais boçal, mais rude, mais soez, mais detestável, que a figura, o abdómen, o palavreado, o suor, e o colete, do Sr. António José da Silva.

De acordo.

Nada mais repulsivo que os seus três papos, que as compressas dos coleirinhos reduziam a seis rofegos, parecidos com o intestino mesentérico do cevado, que é a mais saborosa das tripas do tal animal (seja dito de passagem).

Nada mais displicente que os seus olhos azuis, abertos a canivete, na franja duma pequena testa quadrada.

Nada mais abominável que os seus quatro dentes em anarquia, impelindo, emparceirados com a língua, perdi-gotos às legiões, que orvalhavam, a quatro palmos de distância, a fisionomia dos circunstantes.

Nada mais irrisório que a supina ignorância das suas sandices amorosas, à mistura com anexins fastidiosamente vulgares, e momices mais ou menos grotescas, mas sempre ridículas ou nauseabundas. E os calos, e os joanetes? Tudo horrível.

De acordo.

Mas o dinheiro do Sr. António José da Silva! O dinheiro, atilados leitores, vede bem que se trata de dinheiro, dinheiro em abundância, placas de ouro e prata, cousas torpes e vis, confessemos que sim, mas cousas com que se compram as carruagens, os veludos, os cetins, os jantares, os bailes, a consideração, os ouvidos, os olhos, as línguas, as penas, as eloquências, com que tudo se compra, inclusivamente os romances, ilustradas leitoras, e inteligentes bacharéis!

O DINHEIRO!

Vós não sabeis o que são essas oito letras, que só elas valem as vinte e cinco do alfabeto! Vós não sabeis que eu conheço quatro, dez, trinta alarves duma estupidez fabulosa que escondem numa luva branca a mão que deveria aguçar brochas e palmilhar sapatos; que encostam aos coxins das carruagens os lombos musculosos que a natureza afeiçoara para as asperezas do costal; que mascaram a hediondez do vício ignaro, o pior de todos, com o riso alvarmente cínico de todos os homens endinheirados, que é um riso particular.

Esses tais são tudo isso e mais alguma cousa; e eu sou o primeiro a sorrir-lhes urbanamente, com meiguice, com mimo até, folgo que me apertem a mão, que me chamem amigo, embora depois se riam de mim, folgo e enobreço-me dessa esmola de consideração, porque, se, em minha consciência, reconheço que são eles os devassos, os torpes, os ignorantes, os incorrigíveis, a minha ilustrada cabeça diz-me que eu amanhã

serei apedrejado, na praça pública, se esses tais passarem por mim sem me cortejarem, e retirarem a sua mão da minha.

O DINHEIRO, amigos! Eu nunca me cansarei de vos lembrar esta palavra, três sílabas distintas que fazem o único deus verdadeiro deste paganismo ignominioso em que medram os vícios da sociedade. Três sílabas!, trindade veneranda que representa o mito de todas as religiões, em cada uma das quais o profundíssimo Dupuis achou uma trindade, e não descobriu esta que eu tenho a honra de evangelizar-vos.

O DINHEIRO, enfim, foi o dinheiro, representado em António José da Silva, que perturbou a tranquilidade descuidosa de Maria Elisa, desde o momento fatal que a serpente, na feia figura do negociante, veio tentar a Eva da viela do Laranjal.

CAPÍTULO XIV

A pobre órfã do Recolhimento, antes de conhecer Rosa Guilhermina, enraivecia-se de não ser pensionista para compartilhar das regalias das ricas, que tinham o direito de responder com altivez às reflexões das mestras e às rabugices da velha regente.

Reprimida pela necessidade de obedecer, fantasiava extravagantes futuros donde a felicidade poderia vir resgatá-la à humilhante condição de órfã, dependente da caridade pública. Moça ainda de treze anos, lembrava-se de muitos casamentos ricos com meninas pobres daquela casa, e botava sortes e adivinhas, que todas lhe anunciavam o suspirado casamento. Uma velha, que sabia lançar as cartas, e com a qual havia muita fé no Recolhimento, três vezes lhe vaticinou um vantajoso casamento.

Relacionada com Rosa Guilhermina, a ambiciosa órfã esqueceu-se um pouco das suas queridas esperanças, porque, desde o momento em que ganhou a intimidade da sua amiga, dispensou a razão da casa, e viveu, independente da misericórdia, como irmã com a pensionista.

Se algumas vezes contou à companheira os seus passados sonhos de casamento, Rosa ouviu-lhos rindo e pediu-lhe que nunca se lembrasse de tal enquanto ela fosse viva e tivesse um bocado de pão que repartir com ela.

Ainda assim, Maria Elisa tinha assaltos de vaidade, e sofria, lembrando-se que não podia indemnizar alguma vez as liberalidades que recebia de Rosa.

Quando se instalaram, senhoras suas, na casa do Laranjal, Elisa pensou no seu futuro, e lembrou-se que viria tempo em que Rosa trocaria por outros affectos os carinhos dela e acharia pesado o encargo de sustentar com tantas regalias uma estranha.

Este reservado pensamento, que ela, eminentemente filósofa, sabia calar, dominou-a muito tempo, com bem pouco elogio para a sua idade e para o seu carácter.

Quando veio à sala zombar de Angélica, não havia nessa caricatura de rapariga apaixonada intenção séria, nem podia havê-la.

Quando o Sr. António principiou a franca exposição dos seus sentimentos, que ele significava na melodiosa palavra «simpatia», Maria Elisa zombava ainda, e respondia com caretas às caretas de Rosa.

Quando, porém, o capitalista falou em luxo, em carruagens, em fidalgas, e, sobretudo, na necessidade de deixar uma herança, que não queria deixar aos sobrinhos, a moça pobre lembrou-se das suas esperanças desvanecidas e dos prognósticos da velha do Recolhimento que lançava as cartas.

E, portanto, Maria Elisa, a seu pesar, recaiu de repente na gravidade do assunto, e ouviu as últimas palavras do ingénuo negociante com a discrição que o caso pedia.

Aqui o que temos a admirar, se alguma cousa vale a pena da admiração, é a filosofia tão saturada aos dezasseis anos!

A ideia filosófica, em uma mulher, começa aos vinte e cinco anos e acaba aos quarenta e cinco. Até aos vinte e cinco, domina a poesia, dos quarenta e cinco para diante, se não domina a teologia, há-de forçosamente dominar a toleima, que os vocabulários definem «tolice grande». Isto não é máxima, que valha as de La Rochefoucauld; mas é, no seu tanto ou quanto, uma máxima que deve aproveitar a muita gente.

Maria Elisa, porém, fora demasiado temporã na razão da filosofia. Antecipou-se, é verdade; mas veremos que não abortou por vir cedo de mais. Os grandes pensamentos têm cinquenta anos de incubação nas entranhas da sociedade. Terão: não duvido nada; mas o maior pensamento que se conhece é o de Elisa em casar com o Sr. António, e vingou em cinquenta minutos.

As perguntas de Rosa mortificavam-na.

A ciumenta amiga custava-lhe a crer semelhante extravagância; mas a importância grave que Maria Elisa estava dando às perguntas zombeteiras que lhe eram feitas agravou a desconfiança de sua amiga.

Por esquivar-se às impertinentes instâncias da arrufada Rosa, a noiva em perspectiva refugiou-se nas chufas ao prometido esposo e conseguiu dissuadir a amiga, que foi tão fácil em descrer como tinha sido em irritar-se por um ciúme extravagante.

Quando emprego a palavra «ciúme», não se persuadam que a filha do defunto arceidiago era rival de Elisa. Justiça lhe seja feita: D. Rosa era rival do Sr. António. Como estas cousas são, não me importa a mim sabê-lo. Há no coração de duas mulheres muito amigas puerilidades assim, segundo me consta.

Maria E lisa pensou na aventura toda a noite.

Para neutralizar a cobiça do luxo e da independência, a ambiciosa pequena afigurava-se ligada ao Sr. António carnal e positivamente como Deus o atirara a este mundo. Punha de parte o dinheiro, afastava o crepe dourado, para ver o cadáver em todo o horror das úlceras; mas o demónio tentador não lhe pintava uma cousa sem lhe pintar a outra. Pelo hábito de imaginá-lo, familiarizou-se com ele, e já lhe não parecia tão repulsivo. E, se declinava os lindos olhos do homem para a opulência embrionária no ouro dele, a filosófica menina via cousas lindíssimas, e deslumbrava o coração esquivo com as liberalidades que a cabeça lhe prometia.

E, no mais caloroso do seu delírio, via um marido velho, e uma riqueza póstuma a gozar, e um coração, cheio de vida, a oferecer.

Foi esta a final conclusão dos seus raciocínios, que ela não deixou escritos em compêndio para uso dos colégios de meninas; mas que, depois dela, temos visto que foram adoptados, e que fazem hoje as delícias das educandas. Os bons princípios têm isso consigo.

O dia seguinte correu sem novidade.

O outro foi um dia triste para ambas as meninas.

Ao terceiro dia, uma carta do Sr. António José da Silva foi causa de grandes dissabores. O conteúdo era assim:

Senhora D. Maria Elisa.

Porto, 24 de Abril de 1818.

Minha senhora do meu coração e da minha particular estima. Faz hoje três dias que falámos em certo negócio a respeito da nossa união. Muito desejava eu saber, para meu governo, se V. S^a está resolvida a dar-me a sua mão de esposa. Estes negócios não devem demorar-se. Eu já lhe disse o que tinha a dizer. Por motivos, que à vista lhe direi, estou deliberado a casar-me o mais breve. Soube que V. S^a simpatizava comigo, e eu da minha parte não desgosto da sua pessoa. Por isso, se houver de se fazer este casamento, há-de ser já, quando não com bem desgosto do meu coração procurarei outra que tenha as boas qualidades da menina. Peço-lhe que responda com brevidade. Mande no seu serviço este que é e será até à morte

De V. S^a

Atento venerador e criado obrigado,

António José da Silva

Está conforme o original, excepto a gramática, a pontuação e a ortografia.

Maria Elisa, não podendo iludir as instâncias de Rosa, sem ler a carta, relatou a seu modo o conteúdo. Vejam que a vaidade não a deixava já expor ao escárnio da sua amiga a redacção do capitalista! Por mais que a curiosa teimasse, não conseguiu julgar do coração do seu antigo amante pela eloquência da carta!

Perseguida, cansada de fingir, exausta de pretextos, Elisa disse à sua companheira de dous anos:

– Eu amo-te muito, minha querida amiga. És a primeira e a única pessoa a quem consagrei a minha alma, e todos os instantes da minha existência, que não será longa, longe de ti; mas não posso contar com o teu apoio toda a vida. Preciso de ser independente, como tu és, para bem avaliar as tuas generosidades. A verdadeira e duradoira amizade firma-se na independência...

– Olha que me ultrajas, Elisa! Eu fiz-te nunca sentir a tua dependência?

– Fizeste.

– Fiz! Isso é uma mentira, que me escandaliza!

– Fizeste com os teus carinhos. Quanto mais procuravas esconder aos meus próprios olhos os benefícios que me fazias, mais os olhos do meu coração se abriam, para vê-los, e mais devedora me considerava aos teus extremos. Quer Deus que eu seja o que não poderei ser de outra maneira. Serei rica. Não digo que seja feliz; porque a ventura não a dá o ouro, nem as lágrimas da saudade se enxugam com o dinheiro. Mas eu sou sempre a tua amiga. Serás sempre a minha confidente. Serão recíprocas as nossas casas e as nossas riquezas. Viveremos tão juntas como até aqui. Terás, mais ditosa que eu, um marido da eleição da alma. Serás venturosa, com ele, e eu um dia... talvez... bem cedo... viúva, e rica... serei outra vez a tua irmã, debaixo das mesmas telhas...

– Isso nunca!

– Nunca!... Porque?...

– Nunca!... Quem me não amou até hoje, virá depois oferecer-me riquezas que desprezo, e não preciso.

– Eu não virei oferecer-te riquezas, porque rica és tu. Virei outra vez atar o fio que se vai quebrar entre os nossos corações, se é que a separação de instantes é um laço de dous corações que se desata! Rosa, não chores, que me comprimes o seio... Dá-me a tua mão... não sentes que estas palpitações só tuas podem ser? Apraz-te martirizar a tua amiga?

– Impostora!

– Impostora, eu, Rosa, e tens alma de me dizer tal? Não sentes o remorso de tamanha ofensa?

– Não! És uma ingrata, que me trocas pelo dinheiro dum homem que eu desprezo.

– Porque és rica.

– Dum homem a quem chamavas os mais desprezíveis nomes.

– Que hoje outra vez lhe dou.

– Então como podes tu sacrificar a tua vida a um ente abominável?

– Porque não tenciono sacrificar-me... O escravo há-de ser ele.

– Não te entendo! O escravo há-de ser ele!... De que modo?

– Obrigá-lo-ei a servir os meus caprichos.

– Quais caprichos?

– Todos.

– Vais ser uma esposa infiel?

– Não.

– Vais ter carruagem e vestidos ricos?

– Vou.

– E se te não der carruagem, nem vestidos?

- Há-de dá-los.
- E se não der?
- Divorcio-me... metade da sua riqueza é minha.
- E queres dar escândalo?
- Escândalo é ser pobre. Vejo-te hoje muito moralista.
- E tu pareces-me filósofa de mais.
- Antes isso.
- Que maneira de responder!
- E como a tua de perguntar... Não nos zanguemos, Rosinha. Sejam boas amigas. Aconselha-me que me case, que é a maior prova que podes dar-me da tua estima.
- Faz o que quiseres... és livre... Enganei-me contigo... Criei uma víbora no meu seio.
- Isso é duma novela que nós lemos há dias. Nada de arrufos... Vamos cear?

CAPÍTULO XV

RESPOSTA À CARTA DO SR. ANTÓNIO JOSÉ DA SILVA

Ilmo. Sr.

Ontem recebi a sua preciosa carta. O meu coração delirou de contentamento e a minha pena não pode fielmente interpretar os júbilos do espírito.

Não se resiste aos seus carinhos. É-se arrastada involuntariamente para a fascinação dos seus afectos. Deslumbra- e o entendimento e humilda-se o amor-próprio na presença de V. S^a.

Sim. Eu serei sua esposa e satisfarei assim a mais incendiária ambição da minha alma. O matrimónio, porém, é de todos os passos o mais sério passo da vida. Se resvala o pé, o casamento é o desfiladeiro que conduz ao túmulo. Eu mando calar a minha paixão. Faço que o cego amor emudeça para que a razão fale. Raciocinemos, pois, que assim é preciso.

V. S^a já conhece bem o meu carácter? Creio que não. Eu não sou uma mulher trivial. Tenho um grande coração para amar; mas o amor não é suficiente alimento para ele. Sou ambiciosa de brilho, de ostentação, de glória, e não poderia fazer feliz um homem pobre, porque preciso resplandecer aos olhos de meu marido e aos dos estranhos.

Este brilho, que ambiciono, não é um instrumento com que eu queira ferir a minha honra, ou a honra de meu marido. Pelo contrário, humilde para ele a quem devo tudo, serei soberba da minha grandeza para todos os outros.

Se me quer para esposa, se me quer para dominar o seu coração e ser dominado no meu, é preciso que V. S^a se comprometa, por sua palavra de honra, a não embarçar-me no livre gozo da riqueza que me transmite, desde o instante em que um eterno vínculo nos prender.

Eu sei que V. S^a vive acostumado a uma mediania que não enquadra no meu grande espírito. Não vá esse fatal hábito, no futuro, transformar a nossa tranquilidade. Reflexione, Sr. Silva, enquanto é tempo; e responda-me quando o coração concordar com as meditadas reflexões que tem a honra de fazer- lhe esta que é

De V. S^a

Muito afectuosa amante, e atenta veneradora,

Maria Fusa Sarmiento de Ataíde

O Sr. António leu três vezes a carta e entendeu o essencial. Uma das maiores dificuldades que zombaram da sua inteligência foi a mais simples das cousas: a assinatura.

– Como é (dizia ele) que ela se chama *Sarmiento de Ataíde*, se seu pai era Joaquim Nunes e sua mãe Micaela Felisberta? Isto, pelos modos, cada qual assina-se como quer! Pois eu hei-de morrer como nasci...

Estas sensatas reflexões foram interrompidas pela Sr^a Angélica.

– Já recebeste resposta, António?

– Agora mesmo.

– Ora lê lá isso.

O noivo leu a carta, que sua irmã ouviu com a boca aberta, franzindo a testa a cada palavrão, que seu mano não entendia melhor que ela.

– Está uma carta duma vez! – disse a Sr^a Angélica, abrindo os olhos para o lado da testa e apanhando com os seus três dentes, resto de maior quantia, o beijo inferior, em sinal de admiração – Isso é que é falar! O diacho da rapariga parece que tem cousa má! Aquilo é que é uma cabecinha! Diz que bota sonetos e lê pelos livros grandes dos doutores! Ora vejam lá como a boa da pequena sabe estas palavras, e diz tudo que faz mesmo pasmar!... E um regalo ouvir essa carta... Ora lê lá outra vez, meu querido Antoninho, que tens uma noiva de toda a sabedoria!

O Sr. António leu quinta vez a sublime carta.

– Com efeito! – tornou a Sr^a Angélica –, eu aposto se um doutor a fazia melhor! A pequena parece que veio ensinada da barriga da mãe... Cousa assim não consta!... Nunca vi nada mais bonito! Então isso que quer dizer?

– Pois tu não entendeste?

– Assim me Deus salve que não.

– Isto quer dizer, sim... quer dizer que... é verdade, isto quer dizer que me tem uma grande afeição da sua alma e que está pronta a ser minha esposa...

– Coitadinha!... Isso já eu sabia... eu não to disse? Ora vê lá como as cartas falam verdade! Bem dizia a Escolástica de Miragaia que a igreja te saía brevemente... E não diz mais nada a minha cunhadinha?

– Diz que quer muito vestido muita sim, diz que quer muita grandeza para meter figas nos olhos...

– À Rosa? Bem haja ela! Eu cá também fazia o mesmo!... Pois olha António, por ser cousa tua, hei-de dar-lhe o meu vestido de vareja branca com lentejoulas para o casamento, e as plumas que minha madrinha me deu, que lhe hão-de ficar às mil maravilhas. O vestido não tem mais que pôr-lhe meias mangas, e subir a cintura para cima, que no mais está na moda, custou-me a quatro mil réis a vara... daquela fazenda há mais de trinta anos que cá não vem tão boa... E que mais diz a carta? Não me manda visitas?

– Não... esqueceu-se...

– Pois, se lhes escreveres, diz-lhe da minha parte que muito estimo que seja minha cunhada, e que havemos de ir ambas visitar o Senhor, e rezar a novena do menino Jesus dos atribulados, e muitas devoções. Diz-lhe mais que faça por ter saúde e que peça a Nossa Senhora que lhe dê muito juízo e graça para servir a Deus... Ouviste?

– Ouvi, sim, vai pôr o jantar na mesa.

Entretanto, o Sr. António ficou sozinho passeando e traduzindo para vulgar a carta de Maria Elisa. O seu espírito, posto que duma parcimónia admirável no entendimento das cousas, custava-lhe a combinar a cega paixão de Elisa com as calculadas condições que lhe eram estipuladas em contrato de casamento. Todavia, o negociante combinava a carta com o que ela pessoalmente lhe fizera sentir acerca de carruagens e assembleias e deduzia de tudo que a rapariga queria figurar.

O Sr. António era rico, muito rico, mas avarento não. Nunca lhe ocorrera a ideia de gastar dinheiro em competência com alguns seus colegas que figuravam na roda dos fidalgos. Se desejasse deslumbrá-los, não olharia a despesas. Mas o coração não lhe pedia essas cousas, e muito menos a carruagem, cujo balanço (dizia ele) não podia dar grande saúde aos bofes dum homem gordo. O órgão que o Sr. António respeitava mais na sua economia eram os bofes, de que se queixava pondo a mão no estômago. Naturalmente supunha que tinha o fígado no peito. Era um erro de anatomia desculpável. Eu próprio, que já tive a honra de vos dizer que sei tudo e mais alguma

cousa, não tenho absoluta certeza da colocação do fígado, suposto que fui em anatomia estudante profundo, a ponto de querer provar que o duodeno (tripa de doze polegadas) tinha, pelo menos, trinta e duas braças. E ainda hoje estou nisto, diga lá o que disser Bichat, e Soares Franco. Em consequência do que, tinha muita razão o Sr. António em rezear que o balanço da carruagem lhe prejudicasse os bofes situados no estômago. Mas a Sr^a D. Maria Elisa de Sarmiento Ataíde lera nos livros que a carruagem era higiênica, e o Sr. António renunciara, como vimos, o pensamento do carroção.

O jantar do Sr. António, neste dia, foi rápido e pequeno, porque ao coração refluía-lhe quase toda a sensibilidade do estômago. O Sr. António limitou-se a comer obra de arrátel e meio de cozido da perna, uma travessa de arroz com rodela de linguiça, uma cônica pelangana de carneiro ensopado com batatas, uma tigela de chorudo caldo com sopas que se levantavam entumescidas quatro polegadas acima do nível da tigela, um quarto de ceira de figos de comadre, alguns copos de vinho à proporção, e mais nada. A Sr^a Angélica, assustada do fastio de seu irmão, pouco mais comeu. O amor espiritualizara a organização do nosso amigo o Sr. António José. Mais três dias desta quase abstinência de anacoreta, e o sensível negociante, um pouco pálido, e outro pouco meditabundo, poderia sem favor ser tido e havido como a preexistência destes rapazes que nós conhecemos e lamentamos na sua desesperação de amantes não compreendidos na face da Terra!

Ai!, quem me dera poder-vos dizer que o Sr. António, à hora melancólica do crepúsculo, fixava o olho lagrimoso na amplidão dos céus, espreitando o fulgor da estrelinha que o enamorava de lá.

Eu daria de graça este meu romance se pudesse, em estilo cintilante umas vezes e outras mórbido, afiançar-vos que o Sr. António José da Silva fora poisar a sua redonda pessoa na fraga de à beira-mar, e aí, com os olhos no horizonte e os bofes arquejantes, perguntara à gaivota gemebunda o segredo dos seus gemidos!

Não é possível, leitores. O Sr. António, o mais que pôde fazer, no auge da paixão, foi comer assim, ao exijam mais daquele homem, porque daí ao suicídio vai só um passo.

António José da Silva, meu simpático herói, tu passaste sobre a Terra, e a tua geração não te compreendeu!

Tu nasceste para estes nossos dias de angustiosa provação, de sentimento fino, de doloroso trespasses duma civilização material para o reinado do espírito.

Se vivesses hoje, serias ordeiro e visconde; terias ido às câmaras falar na cultura da cebola-albarrã e na estrada concelhia de Guinfões e Terras de Bouro; comerias biscutos na Assembleia Portuense e pedirias a palavra na Associação Comercial, para dizeres que eras um honrado negociante. E não ficaria aqui a tua missão grandiosa. Se morresse algum homem rei do talento e criador duma literatura, serias tu o encarregado de dar a tua ideia para um monumento que perpetuasse a glória dessa ilustração ⁴!

António José, vieste cedo de mais! Eu lembro-me de ti com saudades (e mais não tive a honra de conhecer-te) todas as vezes que vejo a tua alma cavalgando o nariz dos meus contemporâneos!

Lembro-me de ti, especialmente, quando me vejo a braços com uma paixão séria, e não sinto cá dentro ferir-me o toque inspirador com que tu, depois de jantar, respondias assim à carta de Maria Elisa Sarmiento de Ataíde:

Ilma. Sr^a

⁴ No Porto, onde nasceu Garrett, invocaram-se todos os Antónios Josés coevos para idearem um monumento a Garrett!... Não se fez o monumento; mas ficou um de vergonha na memória dos vivos, e bom é que passe além.

Porto, 27 de Abril de 1818.

Sem tempo para mais, recebi a sua estimada cartinha, que veio muito a propósito, porque eu já não estava bom. Vejo o que me diz, e a respeito de tudo não tenho nada a dizer contra. Eu não sou desses sovinas que são capazes de engolir, à hora da morte, o dinheiro, como certos avaros que eu conheço. A menina não há-de ter falta de cousa nenhuma; ponto é que tenha juízo e que saiba conduzir-se, O que eu tenho seu é, e de mais ninguém. Gostei muito de a ouvir discorrer na sua carta, e falou bem a respeito do matrimónio. Eu gosto de quem me entenda, e, a respeito do mais, deixe o negócio por minha conta. Logo que esteja resolvida, botam-se os banhos, e faz-se isto depressa, que é o melhor. Sem mais, sou

De V. S^a

Vosso amante do coração,

António José da Silva

Maria Elisa leu sozinha, com frouxos de riso, esta carta. O estímulo do riso cedeu ao da meditação. Momentaneamente, a melancolia enuviou o semblante da pensativa menina. Parece que estava sentido vergonha ou piedade de si. O pensamento de quebrar com um gargalhada aquelas relações assaltou-a duas vezes; mas o pensamento de ter carruagem e um belo futuro por detrás da campa de seu marido assaltou-a três vezes, e venceu por um assalto, posta a sua alma a votos.

Rosa Guilhermina, desde o dia anterior, não lhe falava, Esta demasia de aspereza concorreu muito para a definitiva resolução do casamento, porque o seu orgulho dizia-lhe que os amos de Rosa eram o efeito da dependência. De mais a mais, a colérica filha de Ana do Carmo tinha-lhe dito que tal casamento não seria feito em sua casa. Que saísse ela para onde quisesse, porque, no momento em que anuísse a tal infâmia, terminavam de todo em todo as suas antigas relações. Isto foi de mais: mas a filha de Ana do Carmo tinha uma costela de sua mãe, e essa costela vencera, na questão, as vinte e três de seu pai.

O portador da carta esperava a resposta.

Maria Elisa, passada um hora de luta, dolorosa talvez, respondeu assim:

Não tenho nada que esperar. Pode dar como resolvido o nosso casamento. Cumprirei a minha palavra, quando V. S^a quiser. Eu recolho-me hoje mesmo às órfãs.

Depois, entrou no quarto de Rosa, com os olhos rasos de lágrimas, talvez as menos inteligíveis de todas as lágrimas de que tenho falado:

– Rosa, acabo de decidir definitivamente o meu casamento. Cumprindo as tuas ordens, venho despedir-me de ti.

– Estimarei que sejas feliz.

– Devo considerar acabadas as nossas relações de amizade?

– Deves.

– Menos as da gratidão, porque te sou muito devedora.

– Dou-te paga e quitação dessa dívida. Não quero mesmo ser tua credora, porque me envergonho.

– E eu também... e cada vez mais hei-de avaliar a dinheiro os teus favores, e darei à Santa Casa da Misericórdia esse dinheiro, por tua tenção.

– Basta! Eu não admito escárnios! Basta de afrontas!

– Cada vez agradeço mais à Providência a inspiração de me casar... Adeus...

Rosa Guilhermina pensou alguns minutos, arrependeu-se, e correu a procurar a sua amiga para pedir-lhe perdão dum acesso de cólera, filho do amor. Já a não viu. Tinha saído com a sua criada e deixara um bilhete com estas linhas:

Não levo os vestidos de meu uso, porque não são meus. Comprou-os com o seu dinheiro a Sr^a D. Rosa Guilhermina. Deixo-os para serem avaliados e descontados depois no saldo das nossas contas.

A filha de Ana do Carmo, outra vez atacada de raiva, foi aos vestidos e rasgou-os com mãos e dentes, praguejando.

Que tais eram as bichas!

CAPÍTULO XVI

Não conheço palavra que vos dê uma cabal ideia da sensação suavíssima que atravessou até ao coração os tecidos adiposos do Sr. António quando os seus olhos pecadores leram o bilhete de Maria Elisa. A última linha, porém, essa que declara a entrada da noiva no Recolhimento, fendeu no peito do alvoroçado negociante um vesúvio de amor, misturado de orgulho, por se ver amado duma donzela que tão nobre amostra dava da sua virtude.

Cinco minutos depois que Fusa entrara, com grande pasmo e má vontade da regente, era procurada na portaria pelo rico negociante, muito conhecido naquela casa, em virtude dos cargos importantes que tivera na Santa Casa da Misericórdia. A pedido do Sr. António, a regente acompanhou a menina à grade em que era esperada pelo mais ditoso dos mortais.

Trocados de parte a parte os cumprimentos, o festival António José da Silva abriu assim a questão do momento:

– Sr^a Regente, não sei se essa menina já lhe disse que será brevemente minha esposa.

– Nada, ainda não... E estava calada com isso? Receba os meus parabéns, minha ruinzinha, que me fez cabelos brancos com as suas travessuras...

Elisa sorriu-se, e o noivo atalhou:

– Criancices... tudo tem o seu lugar. Agora aí onde a vê é uma mulher de tino, que sabe o que lhe convém, e não dá ouvidos a tolas... Eu cá me entendo... Pois, senhora, como lhe vinha dizendo, trata-se o nosso casamento, que há-de fazer-se, querendo Deus, o mais tardar quinze dias... Esta menina veio outra vez para aqui lá por cousas que ela sabe, e fez ela muito bem... Com doudos nem para o Céu... u cá me entendo... Acho que por poucos dias não será necessário arranjar casa cá dentro, e eu venho pedir à Sr^a Regente o favor e obséquio de ma ter na sua companhia, que eu hei-de saber-lhe agradecer de modo que...

– Pois não, Sr. Silva!? Não só isso, mas tudo o mais que estiver ao meu alcance... O que eu sinto é não ter um palácio para lhe oferecer; mas a boa vontade suprirá as faltas.

– Muito agradecida, Sr^a Regente – disse Elisa, entristecendo-se a ponto de lhe tremerem as lágrimas nos olhos.

– Que tem, minha menina, chora, quando vai ser tão feliz?

– Nada... eu não choro...

– São saudades da sua amiga Rosa?

– Não, minha senhora... eu não tenho saudades de amiga nenhuma. – Diz muito bem... – acudiu o jucundo negociante. – Saudades são securas... ora adeus! Saudades de quê? A menina não precisa de ninguém... Eu vou ser seu marido, e seu pai, e seu amigo. Não lhe há-de faltar nada, e não há-de faltar quem se morda de inveja... eu cá me entendo... Então fiquemos certos no pedido que lhe fiz?

– Já disse, e repito, Sr. Silva; na minha companhia só não prometo a esta menina o impossível de fazer-se nestas casas para estar bem... Ela já sabe como é o Recolhimento, e não estranhará as faltas...

– Decerto não estranho, minha senhora; isto hoje parece-me mais belo que nunca. Hei-de gozar, na sua preciosa companhia, deliciosos momentos...

– Mais deliciosos há-de ir goza-los depois na companhia do Sr. Silva, que é um homem honrado e que sabe dar valor ao merecimento da menina,

– Isso pode ela estar certa, que se a não tratar melhor é porque não sei... Ora pois,

Sr^a Regente, eu queria falar em particular com a minha futura esposa.

– Eu retiro-me, Sr. Silva. Fique na certeza de que serei como tia desta menina.

– Ora, minha cara menina – disse o negociante logo que a regente saiu –, é necessário preparar os seus arranjos para o casamento. Eu não sei lá desses enfeites de noiva, senão eu seria o próprio comprador. A menina mande chamar costureiras, e ourives, e lá essa gente que vende as trapalhadas. Aqui deixo cem peças; sendo necessário mais, não tem senão escrever-me um bilhete... Também lhe quero oferecer uma prenda que me não pareceu fora de propósito: é um pente de diamantes, que lhe há-de dizer bem com o cabelo, acho eu.

– Agradecida.

– Aqui não há que agradecer. Eu bem sei que a menina lá lhe parece que eu sou algum unhas... Está enganada de meio a meio. Eu sou sovina com quem me parece; mas com a que há-de ser minha mulher dou muitas graças a Deus por ter muito que gastar com ela, assim Deus nos dê saúde para o gozar. Então que me diz?

– Digo que o pente é riquíssimo e que estou muito penhorada dos seus generosos sentimentos para comigo.

– Não há de quê. O que eu quero é que a menina se porte bem, e não dê que murmurar às línguas danadas... Eu cá me entendo...

– Farei tudo que em mim caiba por merecer um bom conceito de toda a gente.

– E o que se quer. Ora diga-me, qual gosta mais, de viver na aldeia ou na cidade?

– Na cidade. Eu não gosto da aldeia; e V. S^a gosta?

– Deixemo-nos de *senhorias*; o melhor é *tu cá, tu lá*, não lhe parece menina?

– Eu pedia-lhe licença para, por enquanto, não tomar a liberdade de lhe dar tal tratamento. V. S^a pode tratar-me como lhe aprouver.

– Pois então lá como quiser. Eu cá acho mais não sei que no coração se lhe der um *tu*.

– Pois satisfaça o seu coração, que eu tenho muita glória em merecer-lhe esse novo sinal de estima.

– Pois então aí vai... Com que então tu não gostas da aldeia? Estás-te a rir? Pois olha que eu gostava da aldeia, e, desde que me disseste que não gostavas, a falar-te a verdadinha pura, tanto se me dá, como se me deu. Como te vi assim a modo de poeta, pensei que gostavas de ouvir cantar os pássaros, que é a mania dos poetas, que todos falam em rouxinóis, e no sei em que outros passarolos que se chamam graças, u garças, e zéfiros, e não sei que mais ninhadas de aves, que ninguém conhece, penso eu. Vós lá sabeis essas cousas... Olha como ela se ri!... Eu bem sei porque tu te ris, minha cachorrinha!... Eu já sei que tu botas sonetos...

– Eu?... Que graça!... eu não sou poeta.

– Não? Antes assim. Isto de ser poeta não é lá grande cousa. Pelos modos, o miolo dos tais patavinas não regula bem... Eu sempre tive cá minha birra com homens que fazem disso. Há-de haver nove anos que fui a Lisboa, e vi lá um poeta, chamado... assim a modo de... era um nome estrangeiro...

– Bocage?

– O Bocage... agora não me há-de esquecer... e vai ele olha para mim, muito sério, e bota-me um soneto que não sei que diabo dizia, que toda a gente se riu... Acho que o tal Borrage...

– Bocage.

– Valha a breca o tal nome, que tem que se lhe diga! Acho que ele era tolo, e os outros não têm mais juízo que ele... Pois muito folgo saber que a minha esposa não é poeta... Ora diz-me: tu sabes alguma cousa cá destas cousas do ar?

O Sr. António fez, sobre a cabeça, um gesto com as mãos, que poderia significar

uma pergunta de honestidade equívoca.

– Que são cousas do ar?

– Sim... perguntava eu se sabias alguma coisa dos planetas...

– Astronomia? Tenho lido alguma coisa.

– Então hás-de saber quando está para vir chuva?

– Ainda não estudei essa parte. Eu penso que a chuva vem quando os vapores condensados na atmosfera...

– E isso mesmo... Ora diz-me uma coisa que me tem dado que pensar. Lá em cima na Lua diz que anda gente como por cá?

– Penso que não há certeza desse fenómeno.

– Desse?...

– Fenómeno...

– Se te não custa, diz-me o que é isso. É algum planeta?

– Nada, não é... Fenómeno é uma maneira de existir na ordem natural das cousas, manifestada de modo que as leis dos sistemas conhecidos não atingem a lei que rege esses actos...

– Ah!, agora entendi... Olha que tu sabes mais do que um frade lóio que aí há muito sábio e que teve o descoco de dizer que a Terra anda à roda!... Que te parece a cavalgadura?

– Eu acho que ele disse cientificamente a verdade.

– Essa é boa! Pois se a Terra andasse à roda, também nós andávamos sempre com os focinhos pelo chão... Deixa-te disso...

– É ilusão sua. Há uma razão que nos sustenta na posição direita em que estamos.

– Bem sei que são as costas das nossas cadeiras; mas, se a Terra andasse ao redor, caíam as cadeiras connosco.

– Não é essa a razão... E que todos os corpos pendem para o centro da Terra... E o que se chama lei da atracção.

– Ah!, agora entendi... *todos os corpos saem do centro da Terra...*

– *Saem, não: pendem.*

– Sim, *pendem para a lei da atrição...* Não te rias, que toda a gente aprende quando não teve lá esses princípios do latim e da gramática... Cada qual tem o seu tráfego. Eu cá na minha oficina do comércio sei como os que sabem. Lá de retóricas não sei nada, a verdade deve dizer-se; mas, se Deus quiser, tu hás-de dizer-me como é isto cá de cima. Eu às vezes ponho-me a olhar para esta máquina, e fico estarecido horas e horas a ver o que nós somos e como o Criador fez tudo isto para nós.

– Para nós? Eu não sei do que nos servem as estrelas...

– Não sabes? A falar a verdade, eu também não; mas ouvi dizer que as estrelas de alguma coisa servem.

– Também creio que sirvam; mas para nós não lhe vejo a utilidade.

– Então os livros não rezam disso?

– Não achei ainda uma explicação precisa.

– Pois, minha Mariquitas, estão-se fazendo horas de ir ao jantar. Deixamos isto para outro dia, que não há-de faltar ocasião de falarmos a respeito da sabedoria. Vê lá se queres alguma coisa...

– Não preciso de nada.

– Amanhã é a primeira corrida de banhos... De amanhã a quinze dias efectua-se o negócio; e ficamos arrumados daqui. Adeus, menina, até amanhã.

O Sr. António saiu, com o espírito remoçado e a cabeça aturdida de ideias novas sobre astronomia. Contento, como nunca, o milagre de vinte anos de menos não daria às suas pernas trôpegas a agilidade com que o viram passar nas Fontainhas.

Mal ele tinha saído, quando Rosa Guilhermina entrou no pátio e pediu à porteira que lhe chamasse Maria Elisa.

A resposta foi que a Sr^a D. Maria Elisa não recebia a visita da Sr^a D. Rosa, porque não queria envergonhá-la com as suas relações.

A filha do arcediogo instou, suplicou, fez empenhar a regente para que a órfã lhe falasse. A regente, porém, que não queria importunar a noiva de António José da Silva antigo mesário da casa, negou-se às instâncias da lagrimosa menina.

Dera-se um forte motivo para a recusa teimosa de Elisa. Quando, ao despedir-se do negociante, subia para a casa da regente, entregaram-lhe no caminho um baú e uma chave. Elisa entendeu que eram os seus vestidos que a atribulada amiga lhe mandava. Abriu o baú para tirar um xaile e viu tudo espedaçado. A indignação coincidiu com a vinda de Rosa, e Rosa, arrependida, correrá ao Recolhimento para estorvar a entrega do baú.

Era impossível a reconciliação. A última impertinência de Rosa Guilhermina, a orgulhosa respondeu que podia já dar-lhe algum dinheiro por conta do que lhe devia, e remeteu-lhe a saca com as cem peças que lhe deixara o negociante.

A filha de Ana arrojou-as ao chão e saiu furiosa, prometendo vingar-se da nova vilania.

Maria Elisa ficou satisfeitíssima daquele rasgo e sentiu, pela primeira vez na sua vida, que, sem dinheiro, ninguém pode ter rasgos, nem mesmo pode contar com que romancistas futuros se entretendam da sua pessoa.

Oh, meu caro António José!, tu de astronomia não sabias muito; mas tinhas daquela cousa que faz descer os astrónomos cá para baixo!

CAPÍTULO XVII

– Quem é aquele peralvilho que bate à porta da D. Rosa?

Temos namoro, se dermos ouvidos à Tia Bernarda Estanqueira, que mora na viela do Bonjardim e que tem um olho na balança do simonte e o outro, que por sinal é vesgo, na porta da filha do arcediago.

– Que berzabum de escanelado será aquele, que parece que traz espartilhos! Valha-o a breca, que tão teso está! Aquilo não me parece homem cá do Porto! Parece mesmo um comediante daqueles que berram umas cantigas na casa das óperas da Batalha... Ó Tia Joaquina! (*a Tia Joaquina era uma vizinha, que estava do bando ao sol*), vossemecê não vê acolá aquele engarilho que já puxou duas vezes a sineta?

– Já vi.

– Conhece aquela aventesma, que me parece mesmo o pecado?

– Conheço... ora se conheço!... Aquele é o sobrinho do Sr. António da Rua das Flores, que me tem dado muito pãozinho. Quando eu ia dantes levar-lhe os novelos de algodão, aquele menino era caixeirinho na casa; mas pelos modos ele agora estuda para doutor.

– Sim? Pois olhe que daquele magricelas não pode sair grande doutor! Acho que um homem assim não tem boas as memórias, nem sustâncias para saber lá aquelas cousas da justiça... Ele entrou... Quer vossemecê ver que a delambida da rapariga anda de namoro com ele!...

– Agora!... Se fosse isso, ele não entrava assim ao pino do meio-dia... acho eu!

– Boa vai ela!... Pois vossemecê pensa que as raparigas de agora são como as do nosso tempo? Diz o Fr. Manuel do Santo Lenho, dos Carmelitas, que já não há vergonha nem temor das penas do Inferno!... E quer que lhe diga, Tia Joaquina? Quanto mais fidalgas, mais desavergonhadas!... Inda ontem a minha Eusébia, que está em casa dum certa fidalga que vossemecê sabe tão bem como eu, me contou que a sua ama estava com um inglês à janela a dar-lhe beijos, e que ele lhe dava beliscões nas pernas. minha Eusébia deu fé desta pouca-vergonha, sem querer; e a fidalga também viu que a rapariga deu fé; e disse-lhe depois: «Eusébia, nós cá, as fidalgas, podemos fazer isto que viste; e vós outras, plebeias, não, porque não tendes nada senão a vossa honrazinha.» Ora que lhe parece isto? Dá mesmo vontade de lhe responder: «Vá-se daí, sua porca; se V. Ex^a tivesse o miolo no seu lugar, não consentia que lhe estivesse um herege lá do fim do mundo a beliscar as pernas e a pôr-lhe os beijos no cachaço!» Fora com as libertinas!

– Tem razão, Tia Bernarda... a religião é cá só para as pobres. As ricas o que querem é ir à igreja mostrar os asseios... Disse outro dia um pregador na Vitória que a casa de Deus estava sendo uma feira e que nosso Senhor pusera as *pelicanas* fora do templo... As *pelicanas* são as fidalgas... Olhe lá... aquela sumelga, que ali mora, será fidalga?

– Acho que sim. O pai era o Sr. Arcediago de Barroso e a mãe ouvi rosar que era uma das *tais pelicanas*...

– Consta que tem muito de seu.

– Muitos bragais, muita prata, não sei quantas moradas de casas e uma quinta em Paranhos... Que comer não lhe falta; mas acho que a respeito disto (*pondo o dedo na testa*) não regula lá grande cousa... Veio aqui há dias à minha loja uma mulher de mantilha, ainda frescalhona, e perguntou-me muitas cousas a respeito da tal rapariga. Quem entrava, quem saía, se ela andava pela rua, se tinha muitos asseios, enfim, eu fiquei com a pedra no sapato, e cá de mim para mim entendi que aquilo era uma

refinada alcaiota. Também hei-de saber quem tu és – disse cá com os meus botões –, e mandei, assim que ela saiu, o meu galeguito atrás dela. Veio dizer-me que morava num baixo da Rua Direita e que se chamava Ana do Carmo...

– Eu sou da sua ideia... isso era de alcofeira, que vinha saber se lhe poderia entregar alguma cartinha daquele fidalgo que mora à Vitória e que tem o nariz apurado para as moças como gato para boches. Há-de ser isso...

– E olhe que não era outra cousa!...

– E eu até me parece que já o vi aqui passar uma noite.

– E eu também... Que sinais tem ele?

– É um pacabote baixo, com a carinha cor de cereja...

– É o mesmo, que eu vi, tem carinha cor de cereja, e os olhos a modo de...

– São azuis...

– É verdade, os olhos são azuis... Era o mesmo em carne e osso... E vossemecê viu-o entrar para lá?

– Não o juro; mas acho que entrou...

– Eu também não juro, mas parece-me que o vi entrar...

– Então é que entrou... Que horas eram?

– Meia-noite, mais quarto, menos quarto.

– Era ele... foi há-de haver quinze dias... Tia Bernarda...

– Há quinze dias,.. é isso mesmo... por sinal...

– Que estava vossemecê no hospital, Tia Joaquina, e não podia ver o que se passava na rua–interrompeu uma terceira, que estava fiando a um postigo.

– Quem a chama cá? – disse a velha desmentida.

– Não posso ouvir murmurar com mentira... nem me parece católica!

– Ora meta lá a sua religião no púcaro e coma dela, ouviu, sua intrrometida?

– Quem não quer ouvir não mente descaradamente.

– E que lhe importa a vizinhança?

– E vossemecê que lhe importa aquela senhora, que está mansa e queda em sua casa?

– Se come por ela, ganhe a sua vida lá como puder, e deixe conversar quem conversa! Que lhe parece, Tia Bernarda! Sempre há cada estafermo neste mundo!...

– Isso há! ... – disse a Tia Bernarda, retirando-se para o estanco a pesar dez réis de simonte.

– Estafermo será ela! – replicou a honesta fiadeira.

– Cale-se aí, sua trapalhona!

– E você... sua língua de trapos!

– Desavergonhada!

– Estupor!

– Bêbeda!

– Pangaia!

– Feiticeira!

– Ladra!

– Ladra é você!

– E você come pela filha!

– E você quando casou, já comia pelas suas, e tem quatro que não conhecem os pais!

– Ladra, ladra, ladra!

– Bêbeda!, bêbeda!, bêbeda!

A Tia Joaquina rematou a apóstrofe erguendo-se e corcovando-se um pouco com as costas para a vizinha e assentando três palmadas, que provocaram esta resposta do

postigo:

– Fora, porca! Regateira! Vai vender sardinhas, grandíssima beberona!

Abriu-se uma janela de Rosa e apareceu a cabeça do sobrinho do Sr. António da Rua das Flores, como no-lo denunciou a desbocada Joaquina. Já não veio a tempo. O diálogo edificante emudecera e o observador correu a vidraça, dizendo:

– Não vi ninguém minha senhora...

– É uma terrível vizinhança esta! – disse Rosa. – Estou ansiosa pelo S. Miguel para ocupar o meu prédio da Rua do Almada...

– Tem razão, minha senhora; o beco é detestável... Tornando à nossa conversação, disse V. S^a que não conhecia meio nenhum de obstar ao casamento daquele reloucado!

– Eu, pelo menos, ignoro os sortilégios que desmancham as loucuras dum velho...

– Não há meio de dissuadir a sua amiga?

– Já lhe disse que não, Sr. Augusto, essa pessoa nem é minha amiga, nem é dócil para ceder a instâncias de ninguém. O que ela quer é ser rica, e a ocasião que se lhe oferece agora é a mais propícia ao complemento das suas ambições.

– É admirável que ela, habituada com V. S^a, não aprendesse a nobreza de carácter e independência com que a Sr^a D. Rosa repeliu a fortuna de meu louco tio!

– Bem vê V. S^a que eu não sou rica, herdei a independência; e Maria Elisa julgou pessimamente a minha alma. Supôs-se capaz de lhe retirar a mão generosa que a tirara da servil condição de órfã... Quer também ser rica...

– V. S^a desde criança mostrou um coração nobre. Lembra-se, há quatro anos, quando pedia a meu tio que me deixasse ir para Coimbra estudar?

– Lembro, perfeitamente... e ele enganava-me, dizendo-me que sim, e por fim...

– Tinha-me traiçoeiramente preparado a minha ida para o Brasil, para se ver livre das exigências de minha pobre mãe, e irmã dele, que lhe pedia um subsídio para a minha formatura.

– E como pôde depois V. S^a obter os meios para ir estudar, independente do subsídio de seu tio?

– Com o trabalho. Como sei francês, traduzo novelas, que vendo a um livreiro de Lisboa, e do escasso produto deste trabalho fiz a minha independência. Algumas dividas contraí, na esperança de ser um dos herdeiros da riqueza de meu tio. Quando cheguei ao Porto, e me disseram que esse homem casava com uma órfã, pensei que era V. S^a a feliz ou infeliz destinada a essa glória ou a esse sacrifício. Resolvi logo, em nome de minha mãe, e em nome da nossa amizade de infância, vir suplicar-lhe que não tolhesse o nosso futuro, visto que V. S^a era rica. E vinha cheio de esperança, na certeza de movê-la em nosso favor. Desgraçadamente, enganei-me; mas de todo o meu coração lhe digo que estimo vê-la livre dum perigo tal. Com a sua formosura, com a sua inteligência, seria bárbara a escravidão a tal velho, que o ouro, e só o ouro, fez digno de vincular uma mulher nova àquele quase cadáver. Faz-me lembrar os suplícios de Mezêncio!...

Deste arrazoado bem se vê que o Sr. Augusto Leite, estudante do 2^o ano jurídico, traduzia novelas e conservava alguma cousa de memória.

Rosa, tocada no sentimentalismo, respondeu:

– Comoveu-me a sua narração, Sr. Augusto! Espero acredite que me amarguram os seus padecimentos, e dera quanto possuo para minorar-lhos. Eu não me esqueço de que foi V. S^a a única pessoa de sua família que me não enjoava com os trejeitos, momices e impertinências duma baixa educação. Sua mãe, que raras vezes vi, parecia-me uma celeste criatura. Muitas vezes me disse que tremia de me ver naquela casa, porque eu era o instrumento com que seu irmão ameaçava destruir os planos de seus sobrinhos. Ela enganou-se, e ele também. Eu só posso ser escrava quando a escravidão me fizer rainha. Olhei sempre com enjoo para esse velho, e por fim detestei-o... Hoje,

porém, chego a lamentá-lo, porque vai ser um ludíbrio de sua mulher. Quem há-de vingá-lo, Sr. Augusto, é Maria Elisa. A índole dela conheço-a eu perfeitamente. Seu tio vai ser a fábula do povo e a sua nova tia há-de deixar nome; mas não deixara bens de fortuna que tirem da miséria os seus herdeiros...

– Quanto é suave ouvi-la falar, Sr^a D. Rosa! Quem diria que o tenro botão abriria do seu seio uma linda flor, com tais perfumes!...

– Muito agradecida, Sr. Augusto... Eu tenho deixado falar o coração, e creio que acreditará na extremosa vontade que tenho de ser prestável...

– V. S^a é uma divindade. Minha mãe virá abraçá-la como abraçaria... uma filha. Eu retiro-me com o coração embalsamado das suas palavras, e entrei com ele atravessado de agudos punhais. As suas expressões são como a lira de Orfeu, que adormecem as dores, ou como a harpa de David, que acalentava as tribulações de Saul! [Extracto de *Luísa ou A Cabana no Deserto*, p. 26.] Ninguém diga que é verdadeiramente infeliz. Há anjos, encarregados de cobrirem de flores os espinhos que nascem sobre a carreira de alguns mortais! [Este é de p. 31 de *Sofia ou A Donzela Houzard*, e não presta para nada hoje; mas naquele tempo tinha novidade.] V. S^a é um desses anjos, e eu sou o mortal que mereceu à Providência Divina a benéfica assistência dos seus desvelos! [*Os Sibaritas ou Os Subterrâneos de Piombino*, p. 41.] Se os meus lábios não têm ardentes frases, o meu coração arde em penas de serem frios os lábios! [*O Heroísmo do Amor*, p. 202.] Finalmente, não a importuno mais. Dê-me V. S^a as suas ordens. [Isto agora é dele.]

– Espero que me faça muito recomendada a sua mãe, à qual ofereço a minha casa; e V. S^a, dignando-se honrar-me com a estima que outrora lhe mereci, muito me obsequieira vindo aqui passar alguns instantes de conversação.

– Eu tenho a honra de oferecer a V. S^a as novelas que tenho publicado. Se fossem minhas, não me atreveria a tanto; mas, como são de bons autores, e apenas têm de meu a incorrecta versão...

– Penhora-me muito com a sua oferta, que aceito, grata à sua mimosa lembrança. Eu amo a leitura das novelas, e quando, nas que me oferece, estão vestígios da sua aplicação, muito mais grata me será essa leitura.

– Serei eu o portador, se me der licença.

– Mais valiosa prenda devo reputá-la...

– As ordens de V. S^a.

– Muito boas tardes... Joaquim, acompanha este cavalheiro.

– Sem incómodo, minha senhora.

– Permita...

– Por quanto há...

– Eu não consinto que vá só... não sabe as saídas...

– Oh!, minha senhora, é muito desvelo...

– É um dever... Oh!...

– Ah!, minha senhora... é muito...

– Não consinto...

– Por quem é...

– Muitos recados a sua mãe...

– Há-de prezá-los infinitamente...

– Sr. Augusto...

– Sr^a D. Rosa Guilhermina...

Enfim, despediram-se! Estavam bonitos! O tio e o sobrinho tocavam-se pelos extremos.

Rosa Guilhermina, olhando-se a um espelho para ajuizar do mérito da sua pessoa,

momentos depois, dizia consigo:

– Eis ali um perfeito mancebo! Ninguém dirá que é sobrinho daquele bruto! Como é sublime! Aquela linguagem toca!...

Vamos vendo que a filha do arcediogo dançava facilmente quando a linguagem tocava...

Faz ela muito bem, Está na flor da sua idade, e Deus não lhe deu os talentos para escondê-los na terra. O seu coração anseia um confidente; o seu espírito ambiciona aplausos, a sua alma não veio tão cheia de luz para se esconder debaixo do meio alqueire. Nesta especialidade, raras são as mulheres que não obedecem ao preceito do Evangelho. Se faltam a muitos outros, é porque o homem divino, que conhecia a fragilidade da criatura, dissera: «A carne homem é fraca.» Ora, eu, pelos vastos conhecimentos que tenho de anatomia, afirmo que a carne da mulher não é mais forte.

E, por consequência, se a Sr^a D. Rosa Guilhermina me dissesse:

– Vossemecê faz favor de me dizer se devo embalsamar com meus perfumes aquele gentil moço, que me parece um génio?

– Embalsame-o, minha senhora; perfume-o à sua vontade (lhe responderia eu), e quando não tiver incenso, nem mirra, sirva-se daquela oferta dos três reis, que a história do tempo pôs em primeiro lugar...

CAPÍTULO XVIII

Se eu bem lho dissesse, ela melhor o faria,

A indignação contra Elisa, nessa tarde, cedeu o lugar a novas sensações. A literata punha a mão sobre o peito e dizia: «Eu tenho aqui alguma cousa nova!»

– E parece que tinha!

Lembrava-se de cinco situações, em vários romances, semelhantes à sua. Encontrava-se a cada passo com a imagem de Augusto Leite. Achava extraordinária a coincidência de dous espíritos sublimes, Divinizava aquele encontro, lançando às largas costas da Providência a predestinação de se verem crianças e encontrarem-se na idade em que os corações não resistem ao superior destino da sua união. Não há nada como a mulher espirituosa!

O futuro bacharel, da sua parte, não era tão metafísico. Quando procurou Rosa já trazia na carteira um cálculo aproximado do património da sua companheira de infância. E, depois que a ouviu, indagou as cousas de modo que o cálculo não lhe falhava em 3\$20. Era um poeta da força de quatro dromedários em prosa vilã. Tirem-lhe o francês, e ponham-lhe dezoito arrobas de carne, terão o seu digno tio António José da Silva.

Na manhã imediata, a Sr^a D. Custódia Hermenegilda da Silva, acompanhada de seu filho e três novelas vieram visitar a filha do arcediogo. O académico depôs respeitoso a oferta nas mãos (que não chamo lindas, porque não minto) da agradecida menina.

As mil cousas da conversação particularmente acerca de Elisa resumi-las-emos na última pergunta, que D. Custódia, passeando no jardim a sós com D. Rosa, lhe fez enquanto seu filho, de propósito, folheava os romances da poetisa.

– Porque se não casa, menina? Precisa quem administre a sua riqueza, quem lhe sirva de companhia e lhe mereça o seu coração. Casar pobre é uma desgraça; mas na sua situação, o casamento deve ser a felicidade de toda a vida. A tal não aconselho eu com um homem estragado. Eu sou um triste exemplo dessa leviandade. Meu marido era um letrado, muito sábio, o melhor advogado do Porto, mas o mais extravagante homem que imaginar-se pode. Casei contra vontade de minha família, e por isso, quando meu marido dissipou a minha legítima e a dele, deixando-me por herança este filho que tanto me tem custado a educar, meu avarento irmão negou-me um subsídio para ajudar a formatura de seu sobrinho. Nasci em casa rica e tenho sempre vivido pobre. Minha irmã Angélica é uma beata estúpida, que nem irmã me quer chamar. Estas e mil outras infelicidades me têm obrigado a amaldiçoar a hora em que casei: mas... se me lembro de meu marido, que era um doudo infeliz, não lhe amaldiçoo a memória.

– E se eu deparasse um homem como seu marido?

– Não dê esse passo cegamente, menina. Estude bem o carácter dos homens, e, quando encontrar um como o meu filho, case-se, que é venturosa, e dá a ventura a um mancebo digno dela... Vejo-a pensativa!... Eu não lhe fiz pergunta nenhuma, Sr^a D. Rosa, a que a menina deva responder com a cor na face... Estou certa que V. S^a, conhecendo a fundo as virtudes de meu filho, seria a primeira a chamar-me mãe... e, se as circunstâncias a privaram de conhecer a sua, acharia em mim... Que sobressalto é esse! Sente-se oprimida? Foi por lhe falar em sua mãe?... Desculpe-me, que eu não cuidei que a magoava...

– Não me mago ... Isto são reminiscências da infância...

– Conheceu a mãezinha?

– Mal me lembro... ia-a sendo eu criança de seis ou sete anos...

– Ela já morreu?

- Penso... que sim...
- Que prazer não teria ela em conhecê-la tão linda, tão esperta...
- Talvez me odiasse, como me odiou...
- Pois ela...
- Não vê que me abandonou?
- Talvez violentada por circunstâncias...
- Muito por sua livre vontade...
- Sim?! Então era uma indigna mãe... e desculpe-me...
- Decerto era... uma indigna mãe... meu pai nunca me falou dela...
- Tal era a diferença que ele conhecera entre mãe e filha... Ora, pois; não sofra por tal motivo, minha menina... Quer-me para sua mãe?...
- Decerto... queria.
- Eu estou-me a rir... Esta pergunta não devia fazer-lha sem que a menina tivesse do carácter do meu Augusto um seguro conhecimento... Isso há-de vir com o tempo; e, se o coração lhe não repugnar, aceite-o como marido... Não é rico; mas o seu património é o amor que ele tem ao trabalho, e o seu talento que lhe promete créditos semelhantes aos de seu pai, que tratava pouco dos seus interesses. De pai a filho vai grande diferença. Um pensava no dia presente; o outro pensa no dia futuro. Tem sido bem grande a minha impertinência, não é verdade?
- Pelo contrário, deleita-me a sua conversação, e cativo-me dos carinhosos desvelos que emprega na minha ventura... Oxalá que eu nunca desmereça no conceito da minha amiga.
- Espero que assim seja... Diz-me o coração que teremos de ser muito, muito amigas, que viveremos unidas muitos anos, e que falaremos com prazer do belo dia que temos passado... Aí vem o Augusto!... Sempre com os livros de volta...
- São as *Cartas a Sofia* por Mirabeau... Não pensei que a Sr^a D. Rosa conheceria esta obra...
- Porquê?
- Não é muito própria para leitura de meninas.
- Que tem? Se eu entendo as ideias desses livros, é que eles não me dizem nada de novo; e se as não entendo, nada perco da minha inocência.
- Acaba V. S^a de apresentar uma ideia que opera uma completa revolução na minha maneira de encarar as novelas! Tem razão!... Vejo que é não só sublime, mas até razoável no seu sistema!
- Creia que disse a verdade; e, senão, despersuada-me que eu serei dócil...
- Não a contradigo, minha senhora. Pelo contrário, sou da sua opinião. Minha mãe, esta menina é um anjo e tem um talento extraordinário...
- Não o creia, minha senhora.
- Não preciso que mo diga. Meu marido soube dar-me o gosto de apreciar o mérito das pessoas. Se fiquei pobre de bens, posso afoutamente dizer que o não fiquei de inteligência. A Sr^a D. Rosa Guilhermina é um portento. Ninguém dirá o que aqui está, sem lhe importar com o mundo, onde as tolas, com algum palavreado, recebem aclamações de espertas.
- Ai! Eu não ambiciono lisonjas do mundo!... Gosto de saber, porque o meu espírito precisa deste alimento.
- E o seu coração? – perguntou Augusto.
- Rosa baixou os olhos, e a sua linda face, cor de cereja, fez-se mais linda.
- São horas de nos retirarmos – atalhou a irmã do negociante, que resumia em si a finura que a natureza caprichosa que não quis regularmente distribuir na sua numerosa e estúpida família. – Menina, dê-me um abraço.

Augusto apertou a mão de Rosa, que hesitava, não obstante as *Cartas a Sofia...* Despediram-se com requebros e olhaduras de vários modos, e feitiços, de parte a parte.

Seguiram-se as visitas regulares. D. Custódia Hermenegilda acompanhava sempre seu filho. (Seja dito para sossego da opinião pública.) A estaqueira reformou a sua opinião a favor de Rosa e vingou-se em pedir trinta réis de dívida de simonte que a fiadeira intrometida lhe devia. A outra, que dobava, e cujo nome não me lembra, vingou-se da vizinha batendo-lhe à porta alta noite. Tantas vezes repetiu a graça, que se constipou, e constipação foi essa que a pobre mulher morreu no hospital, declarando, à hora da morte, que nunca vira entrar de noite homem nenhum em casa de Rosa e que fora a estaqueira que a metera naquela alhada: declaração que fazia para que Deus não condenasse a sua alma, traste, realmente, de que Deus, de bom grado, se dispensaria, e nós também.

As mulheres dos meus romances quase todas são honestas pessoas, que se casam. Só quando de todo em todo não posso falsificar a tradição em honra das minhas heroínas é que as sacrifico ao nariz torto das mães de família, que, quase sempre, exprimem com o nariz a sua justa indignação contra os romances em que os amantes não casam por fim.

Benignas senhoras, exultai, que a moral triunfa em todas as minhas obras. D. Rosa Guilhermina resolve casar-se na forma do sagrado concílio tridentino e constituição deste bispado com o Sr. Augusto Leite. O juiz dos órfãos concedeu a licença e o Sr. António José da Silva, embriagado da ventura própria, estimou que seu sobrinho arranjasse mulher com dinheiro, única esperança que ele negociante tinha de evitar as mendicantes perseguições de sua irmã.

Se imaginam que os noivos deviam dizer muito bonitas frases, enganam-se. Namoraram-se pelas novelas

e liam ambos a pergunta e a resposta dos diálogos mais apaixonados. A Sr^a D. Custódia assistia a estas leituras e lagrimejava de ternura.

A constante presença desta senhora ao lado deles autoriza-me a dizer-vos que nunca as duas criaturinhas do Senhor tiveram ocasião de adiantar-se um beijo por conta do matrimónio. Eu não sei que se tenha feito um namoro mais honesto que aquele. E um gosto a gente encarregar-se de arquivar estes casamentos que fazem honra ao género humano! A inteligência goza, o coração consola-se, a virtude dança a polca e o vício envolve a cara hedionda no seu *cache-nez!*

Oh! Bem-aventurados, em duplicado, aqueles que me lerem! O futuro fará justiça à candura das minhas intenções!

CAPÍTULO XIX

O NOIVADO

DRAMA EM UM ACTO

PERSONAGENS

*D. Maria Fusa de Sarmento e Ataíde.**António José da Silva.**D. Angélica Atanásia da Silva.**João Alves Rodrigues**Manuel José Fernandes Convidados.**Joaquim João Baptista**O Sr. João Pereira, o do chinó.**Um encapotado.*

A cena passa-se na Rua das Flores, em casa do Sr. Silva. Vista de saia decorada, segundo a época.

D. Maria Elisa e seu marido estão sentados no canapé. À esquerda do Sr. António está sua irmã. Os convidados estão em frente do canapé, com as costas voltadas para nós.

O relógio de S. Domingos dá meio-dia. Ouvem-se as regateiras que apregoam robalinhos na rua.

CENA I

O SR. ANTÓNIO

(batendo na respectiva perna)

Meus amigos, mal diriam vossemecês que eu viesse por fim de contas a casar! Ninguém diga desta água não beberei! Um homem, enquanto anda neste mundo, não sabe para que veio...

O SR. FERNANDES

(à parte)

Ela to dirá...

O SR. ANTÓNIO

Eu não tinha, até há pouco, na cabeça... *(sensação nos espectadores enquanto o orador se assoa)*, não tinha na cabeça a ideia de me casar, porque, enfim, os tempos não vão muito bons para alguns maridos que eu conheço... O nosso vizinho João Pereira, do chinó, que o diga...

D. MARIA ELISA

Que história é essa do João Pereira, em que o Sr. Silva já me falou de passagem duas vezes?

D. ANGÉLICA

Ora, o que há-de ser? Os nossos pecados, cunhada... E uma mulher que o Demónio tentou, Deus me perdoe, se peço... Não gosto de murmurar... E mesmo uma vergonha... Está vestida e calçada no Inferno...

D. MARIA ELISA

Quem? Não compreendo...

D. ANGÉLICA

Quem há-de ser? Ela, a birbantona, que deu a mão de esposa a um e anda por aí sempre... como se diz, António?

O SR. ANTÓNIO

Como se diz o quê?

D. ANGÉLICA

Como é que dizem os pregadores deste pecado?

O SR. ANTÓNIO

Não são os pregadores, é o nono mandamento.

D. ANGÉLICA

Pois sim; mas os pregadores chamam a essas mulheres... *indultas... adultas*, ou não sei quê...

O SR. FERNANDES

Adúlteras?

D. ANGÉLICA

Isso mesmo... Eu uma cousa assim nunca vi na minha vida!... Em nome do Padre, e do Filho, e do Espírito Santo... Assim que vê um homem na rua a olhar para ela, às duas por três, faz-lhe gaifonas com a gata...

D. MARIA ELISA

Com a gata?

D. ANGÉLICA

(remedando com a manga da capote de castorina a melada)

Põe-se assim com a gata no colo a bulir-lhe na cabeça...

D. MARIA ELISA

E isso que quer dizer?

D. ANGÉLICA

Eu sei cá! É o pecado... Acho que a gata lá tem cousa de feitiçaria, porque os homens ficam de boca aberta para ela!

O SR. FERNANDES

Acho que não é para a gata...

O SR. BAPTISTA

Eu também sou da mesma opinião. A gata não é má...

O SR. RODRIGUES

O pior é o gato, que a gata boa é, que caça ratos...

D. MARIA ELLSA *(à parte)*

Que cacafonias! *Que a gata!, que caça!...* Apre, que são muito alarves!

O SR. ANTÓNIO

Deixemos lá isso... ela lá sabe o que faz, e cada qual guarde bem a sua cabeça do mau pensamento de casar-se com doudas... Eu bem lho disse a ele... «Olha que essa mulher não te serve... tem má pinta, e não sei, mas há-de-te dar que fazer...»

CENA II

OS MESMOS E O SR. JOÃO PEREIRA

O SR. PEREIRA

(entrando, sem pedir licença)

Deus aqui, e o Diabo em casa dos frades...

D. ANGÉLICA

(à parte)

Olha o inimigo!... Quem o chamou cá?!

O SR. ANTÓNIO

Ora viva o meu amigo e vizinho! Esteja bom, passe muito bem, é o que eu mais estimo. Puxe cadeira e sente-se, sem cerimónia.

O SR. PEREIRA

A boda e ao baptizado, diz lá o outro, não vás sem ser convidado. Eu não estive pelas contas. Somos vizinhos há cinquenta e dous anos e rapazes da mesma criação. Cá entre nós não há cerimónias. Vim dar os parabéns ao meu amigo e Sr. António e ver-lhe a sua noiva, que enquanto a mim é esta menina...

D. MARIA ELISA

Uma sua criada.

O SR. PEREIRA

Criada dos anjos. Pois, minha vizinha, a minha casa é logo adiante desta! Metem-se duas portas de permeio; se precisar dalguma cousa, de mim ou da minha companheira, não tem mais que mandar.

D. MARIA ELISA

Muito agradecida ao seu favor... Queira sentar-se.

O SR. PEREIRA

Estou bem assim: farto de estar sentado estou eu atrás do mostrador. Com que sim, Sr. António, está vossemecê cá no rol dos homens de bem...

O SR. ANTÓNIO

(com intenção)

É verdade... cá estou no rol dos homens de bem...

O SR. PEREIRA

Fez vossemecê o que devia. Não há vida melhor que a de casado. Eu cá de mim não tenho razão de queixa. Estou casado há dez anos, três meses e vinte e quatro dias, e, graças a Deus, não tive ainda um desgosto!

O SR. FERNANDES

(à parte)

Este é dos tais que o sabem no fim.

O SR. PEREIRA

A minha santa companheira é propriamente uma mulher de casa e minha amiga, que é mesmo uma cousa! Lá por eu ter mais vinte anos que ela, isso não tira, nem põe. Não é como algumas cá da nossa rua... nós bem sabemos quem elas são...

O SR. FERNANDES

(à parte)

Eu só conheço a dele...

O SR. PEREIRA

Lá porque os maridos não andam espartilhados a dar, com licença... nas canelas com as abas da casaca, gostam mais de peralvilhos!...

Arreda com elas! Eu, se tivesse assim uma, eu não seja João se lhe não arreentasse a própria barriga!... A minha Marcelina é uma rapariga que, se me vir aflito, vem prantar-se ao pé de mim, e não sai dali sem que eu lhe diga que estou bom. Quando me caiu o cabelo, foi ela que me pôs este chinó na cabeça, e por aí os tratantes meteram-me sonetos ao chinó por debaixo da porta! Valha-os o Diabo!...

D. ANGÉLICA

Credo! Anjo bento! Vossemecê fala tantas vezes no inimigo! Não diga essa palavra, que faz arrepios no costado!

O SR. PEREIRA

Aí está a nossa beata com as suas *escrupulizações*. A gente não sabe como há-de falar diante de vossemecê. A minha Marcelina, às duas por três, é diabo para aqui, diabo para acolá; e, se eu lhe digo que não é bom chamar quem está manso e quedo, ela diz que o Diabo se chama Diabo!...

D. ANGÉLICA

(persignando-se)

Santo breve da marca! Cale-se lá com essas blasfêmias! Sua mulher, se tivesse juízo, não dizia isso!... Se vossemecê lhe desse com o côvado pela rabada, ela se calaria...

D. MARIA ELISA

(à parte)

São indecentes!... Se algum futuro autor de novelas quisesse descrever fielmente esta cena, teria de ser indecente como eles! Tomara-me eu sozinha!

O SR. ANTÓNIO

Em que pensas tu, Mariquinhas?

D. MARIA ELISA

Ah!... eu?... Não pensava em nada...

O SR. ANTÓNIO

A modo que estás triste! Aposto que estás a pensar lá nessas cousas dos astros?

D. MARIA ELISA

Dos astros? Não... pensava... na minha sorte... *(com ironia)* que é realmente invejável. Estou satisfeitíssima da deleitosa conversação destes senhores, que são sobremaneira recreativos.

OS SRS. BAPTISTA E RODRIGUES

Pela parte que me toca... muito obrigado...

O SR. FERNANDES

(à parte)

Pobre mulher... e pobre homem!...

O SR. ANTÓNIO

Então, Fernandes, está aí tão calado!...

O SR. FERNANDES

Que quer que eu lhe diga?

O SR. ANTÓNIO

Quando te casas?

O SR. FERNANDES

Quando tiver mulher. Ainda não é tarde.

O SR. ANTÓNIO

Isso não; mas o casamento faz arranjo... Ela tem cinquenta e quatro, mas olha que é um ano para cada conto; e tu tens os teus trinta e seis, mas cá, segundo os meus cálculos, por morte de teu pai, não tens nem trinta e seis moedas, porque ele é um gastador, e deixa-te viver lá metido no quarto a ler o Carlos Magno, sem te importares do negócio... Teu pai parece-me que não vira... vai-se demorando.

O SR. FERNANDES

Já lhe disse que o meu pai pede desculpa de não vir, porque se sente incomodado da gota... Eu vim da sua parte dar ao Sr. António os parabéns e cumprimentar a sua esposa, a quem desejamos, tanto eu como ele, largos anos de felicidade.

D. MARIA ELISA

Muito agradecida! (*à parte*) Este fala melhor que os outros...

O SR. ANTÓNIO

Tu sabes fazer a preceito esses discursos! Sempre é bom a gente ler o Carlos Magno... Eu era pequeno quando o li, e ainda me lembra esta passagem da formosa Floripes a Roldão: «Senhor par de França! Os vossos olhos são dous sóis que derramam raios que matam como os lampejos da vossa durindana. Senhor cavalheiro, eu vos digo que o vosso affecto é mais doce que o mel e mais abrasador que as ardentes *fragas*.»

O SR. FERNANDES (*sorrindo*)

Essas fragas deviam ser boas para assar bacalhau.

D. MARIA ELISA (*sorrindo*)

Decerto...

O SR. ANTÓNIO

E outras muitas cousas que me não lembram agora.

O SR. FERNANDES

(com ar sarcástico)

É pena que vossemecê se esqueça dos bocadinhos de ouro do Carlos Magno!

O SR. ANTÓNIO

Ora diz lá tu algumas passagens...

O SR. FERNANDES

É impossível, porque nunca li o Carlos Magno; mas, à falta dessa preciosidade literária, posso dizer outra qualquer passagem bonita.

O SR. ANTÓNIO

A apostar que tu não sabes ortografia?

O SR. FERNANDES

(sorrindo)

Nada, não sei.

O SR. ANTÓNIO

Pois então diz ali a minha mulher que ta ensine...

O SR. FERNANDES

Far-me-ia muito particular favor.

D. MARIA ELISA

Eu?!

O SR. ANTÓNIO

Sim, tu, Mariquinhas. Ensina-lhe aquelas cousas que fazem com que a gente não caia quando a Terra anda de redor.

O SR. FERNANDES

E é isso que se chama ortografia?

O SR. ANTÓNIO

(meio irritado)

E, sim, senhor. Olha lá se queres saber mais dessas cousas que minha mulher!

O SR. FERNANDES

Deus me livre disso... (*sorrindo a Maria Fusa, que abaixa, envergonhada, o rosto*) Eu nem sequer sei escrever com astronomia, como hei-de saber essas leis com que se regem os astros!

O SR. ANTÓNIO

Chama-se *lei d'atrição*... Não te fias... é o que te digo, e, senão, ouve: ó Maricas, como se chama isto que nos faz estar de pé, assim direitos? (*Erguendo-se*).

D. MARIA ELISA

Salvo erro, creio que são as pernas.

O SR. ANTÓNIO

(*seriamente*)

Isso é verdade; mas, se a Terra andasse à roda, a gente caía para o lado...

O SR. FERNANDES

Não é forçoso que caia para o lado; pode cair para trás, ou para diante, (*Maria Fusa ri-se.*)

O SR. ANTÓNIO

Também não vou contra isso; mas minha mulher sabe duma cousa que faz com que a gente não caia, porque todos os corpos saem do centro da Terra... Olha ela a rir-se! Então enganavas-me, cachorra!... Ah ruinzinha! ... (*Puxando-lhe uma orelha*).

O SR. FERNANDES

Sua senhora tem razão... Os corpos, não digo que saiam do centro da Terra, mas tendem para lá; e esta tendência faz que não possam, embora a Terra se mova, cair no espaço.

O SR. ANTÓNIO

Tu não sabes dessas cousas...

O SR. PEREIRA, *do chinó*

Os diabos me levem se eu sei o que vocês estão a dizer!

D. ANGÉLICA

S. Bento! Ele aí torna com o berzabum do inimigo às voltas! Não se pode estar ao

pé de vossemecê! ... Credo!

O SR. PEREIRA

Ó mulher!, deixe lá falar a gente!... Eu queria saber como é lá isso de andar o mundo ao redor como se fosse uma bola! Esta gente moderna sempre diz cousas! Eu nunca tal ouvi aos velhos! Já a minha Marcelina se mete também a falar dessas cousas lá dos livros com o Dr. Miranda, e, pelos modos, a rapariga não é tola de todo. Agora anda ela a congeminar nos planetas, e levanta-se algumas vezes de noite, e vem à janela...

O SR. FERNANDES

Observar os astros?

O SR. PEREIRA

Acho que sim! A mulher lá tem aquela pancada na mola, e eu deixo-a estudar a natureza, como ela diz...

O SR. FERNANDES

Isso é justo. Não me sabe dizer que planeta estuda sua mulher?

O SR. PEREIRA

Acho que é o sete-estrela.

O SR. FERNANDES

Ah!, sim? E que diz ela a respeito desse «planeta»?

O SR. PEREIRA

Eu sei cá o que ela diz? Está ali à janela duas horas a olhar lá para cima, e quando se deita está fria de neve. Eu já lhe disse: ó mulher, deixa lá essas cousas celestes aos homens que sabem da poda! Tanto faz como nada; ela diz-me não sei quê da abóbada, e das *mariadas* de estrelas... Apostar que o Sr. Fernandes não sabe que há uma estrela chamada *vespa*, e outra *satúrnea*?

O SR. FERNANDES

Nada, não sabia, mas ainda venho a tempo de saber. Sua senhora é que lhe ensina essas cousas?

O SR. PEREIRA

E muitas outras, que me esquecem, porque não tenho as memórias afeitas a esses nomes ingleses e gregos. Se vossemecê quiser ver o que é uma cabecinha, há-de falar com minha mulher...

O SR. FERNANDES

Estou convencido... não é preciso mais nada... Vejo que sua senhora estuda perfeitamente a natureza e compensa bem a pena deitar-se fria de neve, quando a inteligência vai quente do fogo da ciência, Não concorda, Sr^a D. Elisa.

D. MARIA ELISA

Eu?!... Não sei se...

O SR. FEENANDES

Pois não é da minha opinião?

D. ANGÉLICA

(rabugenta)

Não é, não, senhor! Qual natureza, nem meia natureza! Uma mulher não se deve meter lá nessas trampolinices! Do que ela deve tratar é de governar a sua casa, de tratar do seu marido, e dos seus filhos, e de encomendar a sua alminha a Deus. Nossa Senhora era a própria mãe de Deus e não sabia lá das ciências nem dos planetas! Uma mulher honrada não vai de noite ver à janela o sete-estrela, nem a vespa, ou o bisouro... mau bisouro é o Demónio... Deus me perdoe...

O SR. PEREIRA

(pundonoroso)

Com que vossemecê, lá porque não tem cabeça para estas cousas, quer que as outras sejam tapadas como vossemecê? Não é má esta! Cada qual trata de si, e Deus de todos. Minha mulher gosta de estudar a natureza, e vossemecê gosta de rezar novenas. Quem vai contra isso?

D. ANGÉLICA

E ela porque não reza novenas? Acha que lhe não são precisas? Pois olhe que... eu já vi quem precisasse de rezar menos... Melhor lhe fora governar a sua casa, e remendar a sua roupa, e não deixar ir tudo como vai de portas adentro...

O SR. PEREIRA

Sabe que mais? Trate cá do que lhe pertence, e deixe as outras! Vossemecê é muito murmuradeira...

D. ANGÉLICA

Eu!, murmuradeira!... O meu Menino Jesus!, inda mais ouvirei! Ó António, já

viste uma cousa assim?

O SR. ANTÓNIO

Está bom... calem-se lá com essas questões. Cada qual vive como o seu génio lhe pede; mas olha cá, vizinho, eu sempre fui teu amigo, e não tenho papas na língua, quando é necessário. Cá a minha opinião é que não deves deixar vir tua mulher para a janela de noite...

O SR. FERNANDES

(com ironia)

Porque se pode constipar...

O SR. ANTÓNIO

Não é isso... e que das más-linguas ninguém se livra... Se quer estudar a natureza, ou lá o sete-estrela, ou o que é como se chama, que o faça de dia.

O SR. PEREIRA

Tu és tolo, António! Pois os planetas aparecem lá de dia?! Já vejo que não te chama Deus para este caminho!...

O SR. FERNANDES

O Sr. João Pereira tem razão. De dia não se descobrem planetas. O padre Teodoro de Almeida, que escreveu muito sobre os astros, diz-me meu pai que o vira muitas vezes na trapeira dos Congregados a contemplar a natureza.

O SR. PEREIRA

Vossemecê é que sabe responder, Sr. Fernandes... E, de mais disso, eu estou muito contente com minha mulher. Antes quero que ela se entretenha com os planetas lá de cima do que com certos planetas que andam por aí a olhar para as janelas, e que não são das melhores cousas para viver em paz cada qual com a sua mulher. Eu não tenho até hoje razão de queixa; oxalá que tua mulher te dê a boa vida que a minha me tem dado...

O SR. ANTÓNIO

(enfurecido)

Isso agora!... salvo tal lugar!...

D. ANGÉLICA

Longe vá o agouro, e mais não diga a boca que tal diz...

O SR. ANTÓNIO

(para os circunstantes)

Que lhes parece esta?! *(Para ele.)* Meu amigo, sabes que mais?... Vai muit6de cá a lá...

D. ANGÉLICA

Ó menina, Deus a livre de tal... Minha querida Nossa Senhora dos Remédios, não permitais que tal aconteça...

O SR. PEREIRA

(formalizado)

Que diabo dizem aí? Se eu os percebo, sebo! Parece que já jantaram! Pois minha mulher... sim, pergunto eu... minha mulher... se faz favor de me dizer... com que então a minha Marcelina... digam para aí o que sabem, línguas danadas!... Eu queria saber o que vem a ser estas benzedelas da nossa santinha, e lá esses arrufos teus, António!

O SR. FERNANDES

Não se irrite, Sr. Pereira, que não tem razão. Vossemecê entendeu mal os reparos da Sr^a D. Angélica e seu irmão. E porque o Sr, António não quer que sua senhora se constipe no estudo da natureza...

O SR. PEREIRA

Isso agora é outra cousa... Cada qual tem o seu génio; mas vir cá dizer-me que vai muito de cá a lá, isso tem que se lhe diga. Tanto é a minha Marcelina como a tua companheira. Somos todos do negócio, é deixemo-nos de fidalguias, porque todos nos conhecemos. E quem for mais rico, coma duas vezes, mas não desdenhe dos outros. O que eu queria dizer-te a respeito da conduta das mulheres é que sou teu amigo, e que oxalá a tua mulher seja como tem sido a minha.

O SR. ANTÓNIO

(desesperado; com as belfas trémulas)

Isso é que eu não quero!... Já te disse que não quero e não há-de ser!,,

D. ANGÉLICA

E ele a dar-lhe!, *má mês* para ele!... Valha-o uma figa! Não faça caso, cunhada...

D. MARIA ELISA

Eu sinceramente lhes digo que não sei o motivo desta disputa! Se me não engano, a esposa do Sr. Pereira tem vocação para a astronomia. E louvável esse gosto da ciência, São raras as senhoras que se dedicam a trabalhoso estudo da natureza...

O SR. PEREIRA

(interrompendo)

É como diz, e viva quem sabe falar!

D. MARIA ELISA

O Sr. António José da Silva diz que...

O SR. ANTÓNIO

Ó Mariquinhas, é melhor dizeres *meu marido*.

D. MARIA ELISA

Meu marido diz que não quer que eu imite a Sr^a D. Marcelina.

O SR. ANTÓNIO

Não quero, é tal e qual o que eu disse. Minha mulher entendeu-me logo.

D. MARIA ELISA

Pois bem, eu não a imitarei; não me levantarei de noite a observar a atmosfera, porque realmente não quero ser mártir da ciência. Deste modo, está acabada a questão. O Sr. Pereira consentirá, porque assim lhe apraz, que sua senhora se levante para os seus estudos; e meu marido usará do direito, que eu lhe concedo, de me privar que eu estude os astros de noite.

O SR. PEREIRA

Falou bem como quem é; parece mesmo a minha Marcelina, que sai dizer cousas que é mesmo da gente ficar encantado; mas eu tenho a dizer que cá quanto no que eu quis dizer, a minha birra é que se a Sr.^a D. Mariquinhas for honrada como a minha Marcelina, não precisa ser mais.

O SR. ANTÓNIO

És teimoso como um jumento! Já te disse que a minha mulher tem outros brios e que sabe as obrigações de mulher casada!

D. ANGÉLICA

E não há-de dar que falar como algumas... enfim... cada qual meta a mão na consciência...

O SR. PEREIRA

(solene)

Que quer dizer isso? Então vossemecê acha que minha mulher... Ora tenha juízo, que já é bem tempo de perder o sestro da má-língua... Destas beatas... Deus me livre delas...

D. ANGÉLICA

(aguçando o queixo inferior)

Vossemecê está mesmo a inquietar a gente... Olhe que eu... Não me puxe pela língua, que eu não sou boa...

O SR. PEREIRA

Isso sei eu... que vossemecê é levadinha de todos os diabos... diga-mo a mim...

D. ANGÉLICA

(enfurecida)

Sabe que mais? Ninguém o cá chamou... Deixe-nos em paz...

O SR. PEREIRA

Vossemecê é muito malcriada... O que merecia... se eu...

O SR. ANTÓNIO

Está bom, Angélica! Cala-te, João Pereira!... Se não estás bem, vai-te embora; eu não te chamei cá...

O SR. PEREIRA

O asno sou eu em vir cá fazer de homem que sabe a cortesia quando é preciso. Olha, meu amigo, enquanto tiveres cá em casa esta Sr^a Angélica, não hás-de ter amigo nenhum...

D. ANGÉLICA

Vá importar-se lá com a que tem em casa, que não tem pouco que guardar.

O SR. PEREIRA

A que eu lá tenho em casa tem mais honra nos calcanhares que vossemecê na cara. O que vossemecê queria era que eu casasse consigo, quando casei com ela Como eu não estive para isso, vingá-se a falar mal d minha mulher.

D. ANGÉLICA

Olha o besuntão!... Eu quis lá nunca casar com ele!...

O SR. ANTÓNIO

Acomodem-se!

D. ANGÉLICA

Sevandija! Más maleitas te colham!

O SR. ANTÓNIO

Angélica, tapa a boca.

D. ANGÉLICA

Não quero!... Pois este desavergonhado não diz que eu quis casar com ele! Mariola! Sempre é bem *coitadinho!*...

O SR. PEREIRA

Duma pandorca assim não há nada a estranhar. Eu tenho vergonha, sua truquilheira, quando não havia dizer aqui quem vossemecê é...

O SR. ANTÓNIO

Quem manda aqui sou eu! Já daqui para fora, João Pereira!

(João Pereira, irritado como Ajax, leva as mãos indignadas à cabeça e maquinalmente desloca o chinó. Ouvem-se fungadelas de sorrisos, que exacerbam a cólera do calvo, que se retira. Angélica tem o queixo numa atitude perfurante. O Sr. António transpira na abundância do costume. A luta sucede um profundo silêncio, quebrado apenas pelos gemidos convulsos da beata ofendida na sua isenção de setenta anos.)

CENA ÚLTIMA

OS MESMOS E UM ENCAPOTADO

ENCAPOTADO

(no limiar da porta que comunica para o interior)

Sr^a Angélica!

D. ANGÉLICA

Que queres tu, rapaz?

O SR. ANTÓNIO

Pois tu levantaste-te da cama a tremer maleitas, Joaquim? *(Para Maria Fusa.)*
Aquele é o rapaz da loja que tem maleitas.

D. ANGÉLICA

Que queres tu?

O ENCAPOTADO

Eu estava a tremer as maleitas e ouvi um grande restolho debaixo da cama.

D. ANGÉLICA

Credo! Que seria?

O ENCAPOTADO

Rezei o credo em cruz e fui ver o que era...

D. ANGÉLICA

E que viste?!

O ENCAPOTADO

Era a gata que comia uma galinha assada, que trago aqui, menos o pescoço, que lho tinha ela já comido.

(O encapotado afasta as bandas do capote e mostra a galinha efectivamente degolada!... A Sr^a Angélica recebe a vítima da gata e pede a seu irmão poderes discricionários para vingar a afronta.)

UMA VOZ

Está o jantar na mesa.

CAPÍTULO XX

Está, portanto, casada a Sr^a D. Maria Elisa de Sarmiento e Ataíde. Temo-la na Rua das Flores, e deixá-la lá estar. Que se embriague dos carinhos do nosso bom amigo António José. Se a riqueza satisfaz plenamente as suas ambições, é muito rica, pode cortar por largo, tem à sua disposição um homem capaz de tudo, menos de resignar-se com a felicidade do seu vizinho João Pereira, que Deus tenha na bem-aventurança dos pobres de espírito, que são quase sempre os ricos de matéria.

Vamos encontrar Rosa Guilhermina também casada com Augusto Leite. Sou o primeiro a confessar que o meu romance está caindo muito! Um casamento ainda pode aturar-se no fim do romance. A gente gosta de ver recompensados os tormentos de dous amantes com o prosaico destino de todos os tolos e espertos. Há casos, porém, em que o casamento, em vez de ser o último, deve ser o primeiro martírio das personagens de uma novela. Quantas vezes eu leio uma em que se me arrancam lágrimas de compaixão por dous entes que se adoram, a despeito de mil estorvos que lhes diluem em lágrimas os belos olhos! Consterno-me; anseio a última página, em que vão ser coroadas por um gozo duradouro as suas agonias... E essa última página diz-me que se casaram! «Faltava-lhes esta!», digo eu então, arremessando com piedosa indignação o livro!

Ainda um casamento... passe! Mas dous casamentos!... E abusar dos dons da Igreja, ou romantizar o facto mais prosaico desta vida! Isto em mim creio que é falta de imaginação, ou demasiado servilismo à verdade!

Se Deus me chamasse para este caminho, como dizia, a respeito do estudo da natureza, o Sr. João Pereira ao seu vizinho, decerto não casava estas mulheres tão depressa. Acho que o melhor era trazê-las por um pouco de tempo a dar escândalos. Rosa deveria apaixonar-se por um major de cavalaria, que lhe faria o favor de a inscrever no produtivo catálogo das mães de família. Depois o major era promovido a tenente-coronel, e ia comandar dragões de Chaves, do que resultava (que palpitante não seria isto!) a boa da rapariga tomar duas onças de verdete num copo de água e morrer amaldiçoando o pérfido. Que cousa tão bonita! Hei-de aproveitá-la no primeiro romance que escrever, e que desde já se assina nas lojas do costume.

Ora, Maria Elisa, essa... que havia de ser essa?... Eu entendo que Maria Elisa devia namorar-se dum marquês. E vai depois este marquês tinha casado clandestinamente com Joana Fagundes, criada da casa. E vai depois, constando à dita Fagundes que seu marido namorava Maria Elisa, a espadaúda moçoila, numa bela tarde, procura-a em casa e mete-lhe os tampos dentro com uma cadeira. Elisa expira nos braços dum sargento de polícia e Joana Fagundes deixa cair a mantilha, exclamando:

«Eu sou a marquesa de tal!»

O leitor ficava maravilhado do sucesso e contava à família a passagem com as lágrimas nos olhos.

Espero também não perder esta ideia, e o leitor terá ocasião de avaliar duas obras-primas. Por enquanto, peço ao respeitável público que suspenda o juízo a respeito da minha capacidade inventiva.

Já agora, porém, atemos o fio desta fastidiosa história e vejamos quantas moralidades podem produzir dous casamentos honestos.

O secundanista de Direito casou oito dias depois de seu tio e tomou conta da administração da casa, que recebeu do tutor de sua mulher.

Nos primeiros dias parece que leram muitos romances e aligeiraram as horas em deliciosas palestras sobre *A Experiência A morosa*, e *Sofia* ou *O Consórcio Violentado*, romances muito lidos naquele tempo.

Ao cabo de quinze dias, Augusto Leite não era certo à hora da leitura e vinha, meia hora depois, pretextando negócios da casa.

Ao cabo de um mês, o extremoso marido deixava sua mulher a ler as *Viagens de Gulliver* a sua sogra, e ele saía a negócios domésticos, que lhe empatavam o tempo até às 11 horas da noite.

Ao cabo de dous meses, o digno apreciador da literata, se sua mulher lhe perguntava a razão da demora, encarregava sua mãe de responder suavemente, porque a paciência já lhe não dava azo para tantas satisfações.

Findo o prazo de dous meses, Augusto foi para Coimbra continuar a sua formatura e convenceu sua mulher de que não era costume as mulheres acompanharem maridos ao foco da imoralidade. Rosa ficou, portanto, na companhia de sua sogra, que lhe enxugava as lágrimas saudosas, pedindo-lhe que lesse a *Joaninha*, ou *A Enjeitada Generosa*. Seu marido escrevia-lhe todas as semanas poucas linhas, mas essas eram calidamente amorosas. Rosa indemnizava-lhas com longas cartas, bonitas de linguagem, com muita meiguice em frase pomposa e muitas outras galanterias, a que o académico, diga-se a verdade, não dava a maior importância.

E vejamos porquê:

Augusto Leite tinha uma paixão única: era o jogo; mas o jogo fora o seu inferno, obrigara-o a fazer uma triste figura, como hoje se diz, porque perdia sempre. A sorte que o perseguira em solteiro não lhe era mais propícia em casado. O estudante continuava a jogar e a perder; mas as perdas agora avultavam mais e ateavam-lhe a paixão com mais ardor.

Depois do jogo, o pensamento subalterno do marido de Rosa Guilhermina era uma tricana, rapariga do campo, fresca e rosada, que vivia com ele, desde o primeiro ano, e que viera ao Porto durante as férias grandes, em que se realizara o casamento do nosso tradutor de novelas. Augusto transigiu amigavelmente com a rapariga, prometendo-lhe um cordão de ouro de Vinte mil réis, uns brincos de sete mil e duzentos, dous pares de chinelas, umas cor de gema de ovo e outras verde-gaio, afora um capote de castorina cor de mel. De mais a mais, obrigara-se ele a tê-la em sua companhia, contanto que ela não fizesse barulho.

As condições estipuladas, de parte a parte, foram cumpridas. Benedita vivia, sem fazer barulho, na Rua do Coruche com o seu académico e conseguira, além dos dous pares de chinelas, um terceiro par de sapatos de cordovão com fitas e uma mantilha de durante com aquele bico escandaloso que usam as mulheres de Coimbra, que são as mulheres mais feias que Deus Nosso Senhor depositou na face da Terra.

Nas férias do Natal, Augusto Leite veio consoar com sua família. Houve muito beijo, muita saudade, foram à missa do galo à Sé, comeram muitos confeitos de chocolate e não tiveram tempo de ler romances. Os outros dias correram rápidos para a carinhosa esposa. No último fez certa revelação a seu marido, com a qual ele se mostrou contentíssimo, e sentiu a inocente vaidade de ser pai.

O académico partiu, e daqui até aos Carvalhos foi imaginando o sistema de banca portuguesa que lhe desse a desforra de seiscentos mil réis perdidos até ao Natal. E tal era a certeza da desforra, que não duvidou contrair o empréstimo dum conto de réis, por isso que o património de sua mulher eram só propriedades.

O imaginado sistema falhou, ou pelo menos não tinha vingado ainda, quando o imaginoso jogador perdeu o último real do conto de réis.

Revoltado contra o traiçoeiro sistema, seguiu o contrário, e perdeu também. As meditações incessantes no método de ganhar absorveram-lhe o espírito, de modo que o estudante foi reprovado e retirou de Coimbra, onde dissipara seis mil cruzados e ficara devendo dous.

No Porto eram geralmente sabidas as dissipações de Augusto Leite. Sua mulher fora avisada por cartas anónimas, mas o seu espírito era altivo de mais para rastejar nas mesquinhas do dinheiro. O juiz dos órfãos é que não era tão sublime; e, instigado por o Sr. António José da Silva, resolveu intervir na ruína do património de Rosa, sujeitando-a a uma tutela, visto que seu marido era incapaz de administrar. Augusto Leite quis provar que tinha muito juízo, mas parece que provou de mais, e pecou pelo excesso. As testemunhas disseram que nunca o tinham visto atirar pedras. Isto, que devia convencer o juiz dos órfãos, o mais que fez foi tranquilizar-lhe o espírito dos receios de ser apedrejado pelo dissipador. Tenho à vista os autos deste processo, e sou obrigado a confessar que o juiz julgou em boa harmonia com Pegas, e Carvalho, e Pereira de Melo.

Era um magistrado probo. Permitam este *entre parênteses*, porque o meu fraco é chamar probos a todos os magistrados, que recebem peitas, porque os ordenados não chegam a nada. Neste país, um magistrado probo já deu esta razão em pleno Parlamento, e desde esse dia todos os magistrados são probos, e a probidade, e a beca, e os sapatos de fivela, e as meias de seda, a rectidão e os bofes da camisa ficam sendo insígnias de todos os magistrados.

Que é que eu vinha dizendo? Não há nada que me incomode tanto como ter de ler o que escrevo... Acho que falava no nascimento duma filha de Rosa Guilhermina... Há-de ser isso... Pois é verdade: nasceu a tal menina, e foi baptizada com o nome de *Açucena*, da qual se há-de fazer larga e pungentíssima crónica. Era uma linda criancinha, que a mãe oferecia ao pai, mas o fraco de Augusto não eram as crianças. Apenas a tomava nos braços de Rosa, douda de contentamento, passava-a aos braços da avó, que, por força, queria que a pequena se parecesse com ela.

Augusto vivia triste. Os carinhos de sua mulher não bastavam a desenrugar-lhe a testa, sempre carregada para os afagos da pobre senhora. Passeava sozinho no quintal, e, quando a tímida mulher se aproximasse, retirava-se ele a meditar no seu quarto.

– Eu desconheço-te!... – dizia Rosa, tomando-lhe meigamente a mão insensível. – Que tens tu, Augusto?... Já me não adoras com aqueles extremos de há um ano? Que te fiz? Não tenho eu sido tão igual para ti?

– Tens, Rosa... Não repares na minha tristeza... Isto é organização...

– Pois assim variam as organizações!... Grande mudança transfigurou o teu génio!

– Que queres!... Eu não me fiz...

– Pois sim; mas porque sofres?!

– Porque não sou um homem vil, a quem se tire infamemente a administração duma casa...

– Mas tenho eu culpa de tal infâmia!... Não fui eu própria falar com o juiz?! Não empreguei os rogos, e as lágrimas com esse bárbaro que quer governar o que é nosso?! Serei eu culpada nessa fatalidade?...

– Não és... eu não te acuso... mas deixa-me, se não podes remediar esta punhalada que se deu na minha honra! Foi um ultraje cobarde, forjado nas trevas, à sombra da lei!... Déspotas!... Eu hei-de vingar-me de vós, ou a minha dignidade nunca mais erguerá a frente diante dos homens! [Reminiscências dum romance intitulado: *Emília de Tourville*, ou *Os Meus Sete Anos de Perseguição*.] Feriram-me na corda mais sensível da minha honra! Exautoram-me dos direitos comuns, a mim, que conheço, profundamente, as raias, que separam a demência irresponsável das operações do intellecto são! [Ideias pilhadas a dente na *Ciência dos Costumes*.] Falarem-me no jogo!... Privarem-me do uso da minha fortuna, porque jogo!... Quem pode privar-me de abrir com uma alavanca de ouro a minha própria sepultura! [pensamento sofrível, roubado ao *Jogador*, comédia de Regnard.]

- E gostas assim de jogar, meu querido Augusto? Achas prazer no jogo?
- Acho... preciso desta distração; fora do jogo não vivo...
- Pois joga...
- E o dinheiro?... Que é do dinheiro? Não vês que nos dão para a nossa subsistência quarenta mil réis cada mês?
- Mas temos outros recursos...
- Quais?!
- A nossa prata, que está avaliada em cinco mil cruzados... vende-a.
- Não te zangas por isso?
- Não, filho! ... Eu dera a vida pela tua tranquilidade... Não é ela tua? Se o desejavas fazer, porque o não tens feito?

Dias depois, Augusto Leite vendia a prata, que tinha sido o tesouro mais querido do arcediogo de Barroso e partira para Coimbra, combinando as formas dum novo sistema de jogo.

No dia seguinte ao da sua partida, Rosa Guilhermina recebia a sua prata e este bilhete:

Não desdenhes uma lembrança da tua velha amiga. Comprei essa prata, e quis presentear tua filha com ela.

Maria Elisa

A prata fora comprada pelo Sr. António José da Silva.

CAPÍTULO XXI

Já não viviam na Rua das Flores os disparatados cônjuges.

O Sr. António José, quinze dias depois de casado, fechou a sua loja de panos e algodões, traspassando-a. Fora esta a primeira exigência de sua mulher. Tanto ele como Angélica resistiram um pouco às razões frívolas de Maria Elisa; mas o amor vencera, e o côvado e as balanças foram oferecidas em holocausto ao himeneu, como dizia a mulher de João Pereira, rindo-se muito da aristocracia balofa da sua vizinha, que lhe não dava trela.

Fechada a loja, e liquidados os lucros, o Sr. António, por escolha de sua mulher, foi viver na última casa que o leitor encontra na Rua da Rainha, que nesse tempo não tinha nome. Era uma casa de quinta, com ares apalaçados, onde a Sr^a Angélica se dava pessimamente com os ratos enormes que tiveram o bárbaro apetite de lhe comer a manga esquerda do seu capote, na primeira noite, e tentaram a temeridade de lhe roer a unha dum dedo do pé! Inscrevemos aqui as amarguras da Sr^a Angélica porque nos impusemos a obrigação de comemorar todas as lágrimas deste desventurado enredo.

O Sr. António José da Silva comprou carruagem. Esta imoralidade custou muitos *padre-nossos* a sua irmã, que esperava todos os dias um raio fulminante sobre os cavalos, que conduziam sua cunhada a passeio pelas estradas de Braga e Guimarães, que eram nesse tempo um pouco melhores que hoje, porque eram de pedra, e a civilização não tinha ainda inventado o cascalho.

O Sr. António caíra na imprudência de entrar, uma vez, na carruagem, e viu desgraçadamente realizadas as suas previsões! Foram tais os solavancos que sofreu aquele globo de carne, tais entaladelas flagelaram os seus rofegos esponjosos, que, três dias de cama, o nosso bom amigo dificilmente digeriu a mesquinha refeição do costume.

Maria Elisa nunca mais o convidou para o martírio da carruagem. Era uma excelente esposa! Conhecera profundamente que as dimensões abdominosas de seu marido não comportavam a agitação febril do seu espírito. Ia, portanto, sozinha, enquanto seu marido cultivava uns repolhos e umas melancias que plantara e semeara para ter em que exercitar as suas forças musculares.

A Providência nem sempre é justa para os bons cultores da hortaliça! Enquanto o Sr. António estudava a maneira de salvar do bicho a folha exterior do repolho; enquanto o bom cidadão classificava metodicamente a natureza do estrume, com que deviam adubar-se os terrenos de melancia; enquanto, finalmente, o negociante retirado legava à humanidade um prestante serviço em horticultura, sua mulher andava por lá fazendo cousas, que aqui vamos escrever para caução de todos os maridos, que espreitam a toupeira no cebolinho, enquanto suas amáveis mulheres vão comprar tarlatanas e rendas.

O leitor, se tem atendido à melhor história que se tem escrito nestes últimos anos, há-de lembrar-se de um Sr. Fernandes, que assistiu às bodas do Sr. António e que tinha uma linguagem distinta e umas ironias salgadas a sabor de D. Maria Elisa de Sarmento e Ataíde.

O Sr. Fernandes, de trinta e tantos anos, aspecto agradável, com algum espírito, com muito pouca matéria, amigo de livros, e mais ainda das boas mulheres, era o maior pecador que produziu a Rua das Flores. Contra todas as leis da honra, contra o mais respeitável dos preceitos do decálogo, o Sr. Fernandes tinha uma diabólica vocação para a mulher do seu próximo! Cai-me da mão a pena indignada por se ver na dura precisão de arquivar este escândalo! Luto, há oito dias, com a veracidade do ignominioso facto, que vou enunciar com as lágrimas nos olhos e o pudor na face. Quisera cobrir com o

véu da caridade esta úlcera; porque antevejo o doloroso vexame que involuntariamente vou infligir ao leitor pudibundo! Não é possível. Sou muito amigo do público; esforço-me por manter a moral na temperatura em que a encontrei; mas, como o amigo de Platão, sou mais amigo da verdade. É necessário dizer-se ao menos metade do que sei. Benzamo-nos, pois, primeiramente, para que Deus nos livre de maus pensamentos e das tentações hediondas deste grande pecador, que a estas horas à sabe o bem ou mal que fez!...

Fernandes (*proh pudor!*) entendeu que devia namorar Maria Elisa, a esposa do seu vizinho, a mulher do seu próximo, que é sempre um sujeito respeitável, ainda que seja um grande tolo, ou um grande maroto!

Useiro e vezeiro de semelhantes impudícias, este monstro fora o primeiro imoral que tentara a honestidade da Sr^a D. Marcelina, esposa muito querida do Sr. João Pereira, e, pelos modos, assídua cultora dos estudos da natureza. Esses estudos quem lhos fez apetecer foi ele! Não queremos fazer peso aos seus enormes pecados, mas releve-nos a sua alma o encargo que lhe fazemos de ter sido ele o mestre de astronomia de Marcelina. Sem os prolegómenos, que ele lhe ensinou, nunca ela viria, alta noite, estudar o «planeta sete-estrela»! A sombra da ciência, deu-se aí uma grande imoralidade na face da Terra! O crime infando, que hoje felizmente não tem sectários, graças à civilização que vai ensinando os limites dos deveres, não só internacionais, mas também intervizinhos, o crime infando (repetimos com os calafrios do terror na espinha dorsal); o crime infando, finalmente, consubstanciou-se de tal arte no sangue daquele homem, que (*vox faucibus haesit!*) não havia mulher casada, com um palmo de cara sofrível, que o réprobo de Deus e dos maridos não tentasse abismar nas profundezas do bátrio perpétuo!

Mas pela literatura tinha vindo um grande mal à Sr^a Marcelina que não é digna do *dom*, atendendo à vilã fraqueza com que se deixou embair das astúcias daquele grande velhaco, que já me fez suar três vezes, desde que estou falando nas suas impudências!

De mais a mais, Fernandes era inconstante nas suas afeições e cínico na maneira de se desquitar das fastidiosas mulheres, que o fatigavam depressa. Esta segunda imoralidade é uma questão à parte. A nossa missão, alias repugnante (nunca cessaremos de lembrar ao leitor que nos parece impossível este crime, como o parricídio aos legisladores de Atenas!), a nossa missão é contar que o dito Fernandes tentou seduzir Maria Elisa!

O pior não é isto! A maior das vergonhas é ter eu de dizer que Maria Elisa, legítima representante de nossa avó, que comeu maçãs no Paraíso, cedeu à tentação e só torceu o pudibundo nariz duas vezes (ou três, não me recordo bem) às cálidas manifestações daquele grande desaforado, perverso, dissoluto, celerado, e não sei mesmo se concussionário!

Quem soubesse isto, entrava no segredo dos constantes passeios de Maria Elisa. A sua habitual direcção era à Ponte da Pedra, a uma légua do Porto, na estrada de Braga.

Aí apeava-se da carruagem, a pretexto de descansar. Subia para a sala da estalagem, que já nesse tempo era as delícias dos honrados amadores de peixe frito e azeitona. E nessa sala... (*digitis callemus et aure!*... Socorre-me, meu velho Horácio!) encontrava sempre esse homem para o qual o meu vocabulário de indignação não tem um nome adequado! E isto aconteceu muitas vezes, enquanto o Sr. António sachava os repolhos e mondava a ervagem das melancias, sabe Deus com que dificuldades na curvatura da coluna vertebral!

Três meses, seis, nove, um ano, esta pouca-vergonha! E o céu não tinha raios para o ímpio, e o Sr. António não tinha naquele coração um presságio, que lhe dissesse que entre o repolho e a melancia há alguma cousa que deve ocupar a cabeça dum homem

sensato!

A Providência, algumas vezes, parece-se com Homero; dormita, e consente que os Antónios Josés levem no sono a palma ao cantor de Ulisses, que também dormitou enquanto Penélope fazia muitas cousas, em que se parecia com Maria Elisa. Ora já não é pequena glória para o Sr. António José colocar-se a par de Ulisses!

Era em uma bela tarde de Agosto.

Maria Elisa saíra para a Ponte da Pedra. O Sr. António ficara num banho de tina, chafurdando como o próprio tubarão de barbatanas. Quando saiu do banho, achou-se fresco, como é natural, e resolveu dar um passeio, e, o que mais é, surpreender sua mulher, que devia ficar contentíssima de tal surpresa.

Ao pensamento seguiu-se a execução. O Sr. António repartiu as suas duas pernas-pleonasmos sobre o dorso de uma pacífica jumenta, e com a ponta da bengala estimulou-lhe a anca, de modo que era um raio por aquela estrada fora! E era um grupo bonito! A pequena jumenta, debaixo do vulto majestoso do Sr. António, parecia consubstanciada na organização do seu dono! Iam contentíssimos!

– Lá está a carruagem! – disse ele, exultando, à sua jumenta, com a qual tivera um longo colóquio, em que a submissa interlocutora não fora menos eloquente com o seu silêncio, nem lhe quisera conceder honras de Balaão. Pararam à porta da estalagem. O Sr. António não queria fazer ruído, e perguntou baixinho:

– Onde está a dona da carruagem.

– Está lá em cima com o primo.

– Com o primo?! – exclamou ele com um som de ventríloquo.

– Sim, senhor, o primo...

– Quero vê-la...

E subia as íngremes escadas, agarrado ao corrimão.

Maria Elisa conhecera a voz. Fernandes fugira para o quintalejo imediato e escapara-se pelos pinhais vizinhos, sem ser visto.

O Sr. António estava diante de sua mulher, solene e majestoso como todos os maridos em semelhantes apertos. Queria falar, e parece que a eloquência lhe ficava estagnada nos papos do pescoço, que oscilavam como duas bexigas de porco, sopradas pelo vento. Queria profundar o abismo da sua situação, e a única que lhe aparecia aos olhos pávidos era João Pereira, o do chinó!

Angústias destas... não têm nome na Terra! Caiu, como forçado por um enorme murro, sobre uma cadeira. O urro que a cadeira gemeu debaixo desta avalanche de carne acordou os ecos da estalagem.

Maria Elisa, essa, pálida e confusa na surpresa do crime surpreendido, aproximou-se de seu marido e murmurou com meiguice:

– Que tem?...

– Que tenho?... Perguntas-me o que tenho?

– Sim!.... pois que fiz eu?!

– O que me fizeste?!

– *O que lhe fiz?!*, diz ela.

– Digo... pois que lhe fiz eu para tamanha comoção?

– Tu escarneces de mim!... Que primo é esse que estava contigo?

– Um primo?!...

– Sim, um primo... quem é esse primo, que nunca me falaste nele?... Deixa que eu chamo a estalajadeira, e ela te dirá quem é que me disse que tu estavas aqui com um primo... Espera aí...

O Sr. António dera um pulo, como um tigre, da cadeira para o meio da sala, e tomava fôlego para chamar a estalajadeira, quando Elisa, atordoada da surpresa, mas

não de todo, correu a ele, embaraçando-o do vergonhoso propósito.

– Não chame... que é uma vergonha...

– Então sempre é verdade que me és infiel!... Desonraste, Maria Elisa, um homem a quem deves tudo!... E assim que se é mulher honrada!... Foi para isto que me amaste e quiseste casar comigo!... Eu endouço... Eu morro!... Que dirá o mundo!...

O Sr. António começava-lhe a dar cuidado o que diria o mundo. Nestas enfermidades, o temor do que o mundo dirá é sempre um sintoma favorável; porque o mundo cala-se depressa, e as funções vitais do espírito entram no seu curso regular.

Maria Elisa não era tão esperta como eu suponha. Ficou estupidamente surpreendida. Não teve nenhuma lembrança feliz que obrigasse seu marido a pedir-lhe inclusivamente perdão da calúnia injuriosa! Caiu com miserável imbecilidade num torpor moral, indigno da sua experimentada filosofia. Deu-lhe para amuar e morder o lábio inferior, mas não com tanta força que espirrasse sangue. Ela sabia fazer as cousas com prudência; e, conquanto sofresse bastante na alma, parece que poupava o corpo como cousa sua, e não lhe quero eu mal por isso. Uma mulher, como eu seria se o fosse, deve fazer muito por que o corpo se não sinta das enfermidades da alma. A alma tem muitas primaveras, e por mais envelhecida que esteja não se vê. O corpo tem só uma, e essa está sujeita à maldita perfeição das lentes, que lhe não deixam uma ruga precursora de decadência sem demorada análise.

Eu, se fosse mulher, tinha enviado para Rilhafoles muitos poetas! Havia de reduzi-los à quinta-essência do amor, que é a demência. Com preferência a todos os outros, andaria de modo que me tornasse um curioso estudo dos cépticos. Estas feras é que eu amansaria. Se eu conseguisse tornar-me objecto dos seus estudos fisiológicos, prometo-vos que a seita ridiculamente cómica dos *cansados*, dos *cépticos* e dos *não compreendidos* acabava como as preciosas ridículas de Luís XIV.

Querem saber o que eu fazia? Aí vai... É um serviço gratuito que eu ofereço às mulheres, embora provoque inimizades de homens, que são realmente os entes que menos me incomodam. Neste mundo há só duas cousas que me afligem: são os maus charutos e madrugadas antes de uma hora da tarde. No mais entendo que este globo é o melhor de todos para quem não tiver calos e reumatismo.

Se eu fosse mulher com uma cara sofrível, estabelecia para meu uso as seguintes teorias:

Solteira:

Tendo de quinze a vinte e cinco anos, dava-me ares de cândida inocência e singeleza patriarcal. Olharia este ou aquele importuno, mas só com três partes dum olho, imaginando que ele tinha quatro. Far-me-ia passar por míope, para que ninguém reparasse no olhar penetrante com que os míopes costumam encarar os objectos a certa distância. Não usaria luneta para mostrar assim que a minha vista era de sobejo para admirar as poucas maravilhas do mundo. No teatro teria a barba sempre apoiada na convexidade da mão e nunca pegaria no binóculo sem reparar que a luva retesada não tivesse rugas.

Com as lentes atestadas para a segunda ordem deixaria passear a vista, como dizem os Franceses, pelo rebanho de Epicuro, que somos nós os miseráveis estafermos de calças.

Surpreendida, retirava os olhos com indignada comoção e perguntaria à mamã se o vestido de D. Ifigénia, ou de D. Simplícia, não era de péssimo gosto.

No final de cada acto, saía a visitar uma amiga e dava dous saltinhos quando me erguesse do banco, para que a minha cintura não ficasse sempre oculta pelo parapeito do

camarote.

Acontecendo, porém, que a minha cintura lucrasse,¹ com o mistério, não saía nunca sem lançar com lânguida graça uma peliça pelos ombros. Nos bailes não sei o que faria; mas o que devia fazer era não tocar nunca num tabuleiro e aceitar com mostras de grande sacrifício a instada oferta dum fofo, ou dum rebuçado de chocolate. Líquidos, excepto água límpida, nenhum. Nos jantares tomaria duas colheres de sopa, o pescoço de uma rola, ou a asa dum frango. E isto mesmo seria vagarosamente triturado pelos dentes preguiçosos, com ar de vítima sacrificada às conveniências duma sociedade, que tem o prosaísmo de comer nas horas vagas. Frutas, comeria uma laranja, uma amêndoa torrada, e o resto do tempo entretê-lo-ia com o palito.

Como é natural que me retirasse com fome, em minha casa, nas horas silenciosas da noite, quando a natureza já não respira, como se diz nos primeiros capítulos de quase todos os romances, comeria de modo que, no outro dia, me levantasse pálida pelo efeito duma indigestão.

Estaria duas horas diante dum espelho a desalinhar-me, porque o desalinho é o mais melindroso toucador de uma mulher, que conhece profundamente as irrisórias pieguices do homem.

Cheguei à especialidade em que eu muito queria ser mulher, pelo menos na estação do teatro lírico.

Se vivesse no Porto, colheria as melhores flores da minha coroa na estufa do real teatro de S. João e escolheria de preferência certos cactos reais que eu lá conheço. Eu denomino cacto real o leitor, qualquer que ele seja, contanto que tenha escrito algumas sandices e dito outras tantas a respeito do cepticismo. E cacto, de trapeira pelo menos (esta classificação não é minha: pertence a um espirituoso folhetinista que dantes classificava cactos, e actualmente ele próprio se fez cacto político, e vive nas estufas doentias do jornalismo sério), é cacto de trapeira, dizia eu, todo aquele que chora o eterno desalento da sua alma despoetizada, e não desencrava a luneta indecentemente enorme da primeira mulher, que teve o descuidoso passatempo de reparar cinco minutos na sua pálida fisionomia.

Com estes é que eu me queria encontrar, sendo mulher, e mulher literata, porque, do contrário, agradeço à Providência o favor que me fez de me atirar qual sou à torrente dos acontecimentos masculinos.

Mulher, e literata, sacrificaria temporariamente a minha isenção a um desses cépticos desgrenhados, que se balouçam na plateia como se, insaciáveis de espírito, precisassem dar à matéria todos os repêlões que as turbas contemplam como terremotos do talento.

Logo que eu conseguisse prender-lhe a atenção, aventuraria um desses sorrisos, que me não custariam nada, sem que por isso me parecesse com certas mulheres, que se escangalham em risadas alvares e frívolas, mostrando a profundidade dos engastes mandibulares como quaisquer cozinheiras nos seus colóquios amorosos com os cozinheiros respectivos.

Eu não me riria nunca; sorriria algumas vezes, e queria que o meu sorriso fosse recebido como formalidade da etiqueta para com os ditos sensabores das pessoas que me rodeassem, que seriam quase todas duma fabulosa sensaboria.

A fera, domesticada no seu sanguinário cepticismo, procuraria revelar-me dez páginas íntimas da sua agonia dilacerante. Falar-me-ia quatro vezes do seu desalento: faria o necrológio da sua alma: citaria Lázaro, levantando-se do túmulo à voz de Cristo: e acabaria por pedir-me que sentenciasse o seu futuro para optar entre a vida e a morte.

O que eu faria, então, atenciosas leitoras, não sei se alguma de vós já teve a condescendência de o fazer. Mandava-o à meia-noite aparecer debaixo da minha janela;

e, sendo no Entrudo, atirava-lhe um ovo de cheiro; sendo na Semana Santa, quatro confeitos; e, no Natal, uma tigelinha de ovos moles.

A humanidade estava vingada.

Ora aqui está o que eu faria, sendo solteira.

Casada:

Sendo casada, eu era, com grande despeito da mulher dum certo ministro da Fazenda do Egipto, chamado Putifar, e da mulher do Sr. António José da Silva, uma honesta mulher, de quem os mestres encartados de necrológios diriam depois: *Era uma esposa carinhosa, o modelo das mães, e uma senhora virtuosa a todos os respeitos.* É verdade que não é necessário ser tanta coisa para, à saída deste mundo, deixar os jornais encarregados de dizerem ainda mais. Morram quando puderem, que eu lhes prometo uma boa dúzia de epítetos.

Eu seria não só o que me fizessem ser os construtores de necrológios e epitáfios; mas, por minha parte, exerceria todas as virtudes conhecidas, e muitas outras que ninguém conhece. Seria, por abreviar moralidades, que me dão grande trabalho, e aborrecimento aos leitores, seria tudo menos o que foi D. Maria Elisa.

O que o Sr. António seria, isso é que eu não sei; mas o que ele estava sendo, em verdade vos digo, que não deve ser inveja de ninguém!

A eloquência dolorosa, que o auxiliou no choque da surpresa, falhou-lhe. Quis fulminar a perjura com uma apóstrofe corrosiva, e não lhe ocorreu nada a propósito. Um pensamento ignominioso esvoaçara-lhe na cabeça febril... Teve tentações de esmagá-la contra a parede do quarto em que esta cena atribulada corria despercebida!

O negociante, digno de melhor sorte, pagava com usura as afrontas orgulhosas com que tentara ferir a honra do seu vizinho João Pereira.

No auge da desesperação, a sua alma tornou-se estéril, a sua língua pegou-se aos gorgomilos, os seus lábios ressequiram como queimados pelos suspiros rugidores, que lhe subiam das soturnas catacumbas do peito. Um trémulo de sezaõ vibrava-lhe os músculos da face, especialmente os bucinadores, que a maior parte dos leitores não sabe o que é, mas por isso mesmo é que tudo o que eu disser tem um cunho de originalidade, que o Sr. António não sabia dar ao seu ciúme, nem sua mulher à sua perfídia.

Esta falsa posição não podia durar muito. Se se prolonga mais cinco minutos, eu, por mim, declaro que largava a pena, e acabava o conto aqui. Não há nada mais sensabor que a situação da mulher desleal surpreendida por um marido, que nem sequer arranca de dentro quatro gritos, e retesa os braços na arrepiadora postura de Orestes, insultando os deuses! Porque não disse o Sr. António alguma coisa fora do comum?

Porque não fez estilo de marido, que é o mais mascavado de todos os estilos? Porque não exclamou: *«Pérfida mulher! Hei-de beber-te o sangue e cevar no coração as minhas iras! Hei-de esfolar-te para memória eterna! Hei-de mandar ao vento as tuas cinzas, e a tua alma a Satanás! Oh! Ah! Ah! Oh!»*

Com estas palavras já eu compunha um capítulo, porque as outras tolices encarregava-me eu de as pôr de minha casa, e juro que um dos maridos mais venerados e ferozes do século que passa seria o nosso amigo António, com grande desfalque de João Pereira, que, no seu género, não era mau.

Assim nem eu sei como hei-de acabar o capítulo de modo que ele e ela não pareçam dous volumosos parvos! Se me lembrasse dalgum romance, que tenho lido, coisa que se parecesse com isto!... Ah!... Achei um bom desfecho, e que tem o mérito de ser o mais natural de todos.

O Sr. António desceu solenemente para a rua a procurar a jumenta, que tão grata

portadora tinha sido do seu anelante coração. A jumenta, pilhando-se solta, fugira para casa, e não sei que monólogo mental ela faria à sua liberdade.

O Sr. António pedira aos ecos a sua jumenta. Os sobreiros da encosta contemplavam silenciosos a sua dor. A linfa dos regatos era como arremedo cruel aos seus gemidos! Desgraça!

Neste angustioso conflito apareceu Maria Elisa. A carruagem aproximou-se.

– O senhor veio a pé? – perguntou ela, vendo seu marido encostado a um pilar da ramada.

– Que lhe importa? – redarguiu o marido convulso, metendo as mãos nos bolsos e puxando as calças maquinalmente para cima, dando-se a grotesca figura duma talha chinesa.

– Porque não entra na carruagem? – replicou a carinhosa esposa, aproximando-se meigamente do marido, que fumegava pelas ventas, como uma fábrica de fundição. – Venha... eu lhe explicarei tudo... verá que estou inocente, há-de arrepender-se de me tratar assim... – prosseguiu ela, com o tremor na voz que precede as lágrimas.

– Como inocente! – murmurou o Sr. António, um pouco modificado nas caretas da sua fúria Legítima.

– Sim... inocente... Em casa lhe contarei tudo...

– Pois pode lá ser que estejas inocente?... Tu estás a mangar comigo!...

– Verá que não sou digna da sua cólera e que os seus ciúmes são injustos... A afronta que fez ao meu carácter de mulher casada, tarde ou cedo lhe fará remorsos, Sr. António José da Silva!...

O trágico entono destas palavras acobardara os espíritos briosos do marido. O Sr. António julgou-se algoz daquela vítima; e, se ela teima, havíamos de vê-lo ajoelhar aos pés do inocente holocausto do seu ciúme e pedir-lhe perdão.

Maria Elisa, restituo-te os teus créditos! Andaste perfeitamente, por fim! Eu, se fosse mulher casada, com os teus costumes, faria o que tu fizeste.

Em 1819 ninguém faria mais do que tu!

Hoje... serias duma simplicidade boçal.

CAPÍTULO XXII

A seu tempo saberemos até que ponto o Sr. António podia ser civilizado por sua mulher.

Agora vamos procurar Rosa Guilhermina.

Antes de entrarmos, reparemos nesta mulher que bateu à porta primeiro que nós.

– Quem é? – perguntou da janela uma criada.

– Faz favor de dizer à Sr^a D. Rosa que está aqui uma mulher que lhe quer falar.

– Que lhe quer?

– A vossemecê não lhe quero nada, é a sua ama.

– Quer pedir-lhe alguma esmola?

– Sim, senhora, queria pedir-lhe uma esmola.

– Pois para isso escusa de falar à senhora: pegue lá... Então não levanta do chão os dez réis?!

– Não levanto, porque lhe não pedi nada a vossemecê. Já lhe disse que quero falar com a Sr^a D. Rosa.

– A Sr^a D. Rosa não fala a mulheres de mantilha rota... Se quer, queira, se não quer, ande sempre...

A janela fechou-se e a mulher da mantilha rota sentou-se no degrau da porta.

Pouco depois, abre-se outra vez a janela, e aparece D. Rosa!

Vede-a, já não é a rosa purpurina doutro tempo!... A palidez daquelas faces não é natural!... Ali há muita saudade do que foi, ou muito receio do que será! Aquele desalinho não era dantes assim... Rosa tinha tanto brio nos seus longos cabelos negros! Enfeitava-os tanto de fitas e flores!... E agora?... Aquele lenço branco, que lhe apanha as tranças desgrenhadas, é tão desairoso!... Aquele xaile, que lhe esconde as formas do pescoço mais lindo ao pé dos ombros mais artisticamente torneados, dá-lhe um aspecto tão triste de enfermeira do hospital... Que mudança!.. Faz pena!... Caiu tão depressa da haste aquela flor, que tinha tanta vaidade das suas pétalas aveludadas e da fragrância dos seus aromas!... Minha pobre Rosa, que é da tua filosofia?!... De que te valeram os teus romances, se te devias moldar aos tipos dolorosos que lá encontraste?!... Ai!... Porque cheguei eu a interessar-me na tua sorte, se nunca te conheci?!... Porque há-de esta fantasia pintar-me realidades, que me fazem dores no coração, quando as vejo saírem infelizes dos bicos da minha pena?!... Tenho cousas de muito criança, leitores!... Desculpai-me estas imbecilidades...

Para que vieste tu à janela, Rosa, se quase me obrigaste com a tua palidez a discorrer com ternura sobre cousas que me fazem lembrar mil outras, e tão tristes são elas, que nem eu sei se era mais feliz não vindo ao mundo para recordá-las, ou, ao menos vê-las, e esquecer-las para sempre... Forte puerilidade!... Se me não chamam para jantar, neste momento, eu reduzia-me à situação piegas de verter uma lágrima... por quem?

Uma lágrima!...

Sabeis o que é uma lágrima dum homem!... E a perdida essência do sangue que nos alimentaria a existência longos anos!

.....
A mendiga, ouvindo abrir-se a janela, ergueu-se, voltou a face macilenta para cima e cortejou D. Rosa.

– Quer alguma cousa, mulher?

– Queria-lhe dar duas palavras, minha senhora.

– Então diga daí.

– Eu bem queria dizer-lhas de perto.

Rosa voltou-se para dentro e mandou abrir a porta. A mulher subiu e encontrou a senhora no topo da escada, perguntando-lhe o que queria.

– Venho pedir-lhe uma esmola.

– E para isso era necessário subir? Dissesse-o da rua, que eu mandava-lha lá dar.

– Uma teima assim!... –atalhou a colérica criada.– Eu já lhe tinha deitado à rua dez-réis, e ela não levantou do chão a esmola... O que você merecia sei eu...

– Não se zangue tanto, menina... Bem me basta a minha pobreza. Lembre-se que não está livre de chegar ao estado em que me vê... Outras mais ricas, e com bem melhores princípios que os seus, têm tido este fim...

– De mais a mais quer dar leis!–interrompeu a cozinheira, animada pelo silêncio aprovador de sua ama. –Sabe que mais, minha senhora? Mande-a pôr no olho da rua, que, enquanto a mim, essa mulher não vem para fazer boa obra... Eu cá vou queimar arruda...

– Tome lá... – disse Rosa Guilhermina, oferecendo-lhe um pataco.

– Seja pelo divino amor de Deus... – disse a mendiga, beijando a esmola.

– Então não se vai embora?

– Ainda não, Sr^a D. Rosa Guilhermina... Tenho duas palavras a dizer-lhe muito em particular...

– Que negócios poderei eu ter consigo?!

– Negócios nenhuns; mas Deus não deu língua à gente para falar só em negócios.

– Diga o que quer mesmo aí.

– Aqui não, porque a sua criada está ouvindo o que nós dizemos.

– E que tem isso? Eu não tenho segredos de que me esconda à minha criada.

– Mas vai tê-los agora, e bom é que ela não saiba o que vou comunicar-lhe.

– Fora com a alcoviteira! – exclamou a criada lá do interior. – *Má mês* para ela!...

Olha o estafermo que me aparece em jejum!...

– Esta sua criada, minha senhora, é bem pouco caritativa com os desgraçados, e V. S^a não é melhor que ela, pelo que vejo...

– Está bom! – atalhou irada D. Rosa. – Eu não admito reflexões! Saia, que quero mandar fechar a porta.

– Pois deveras não me quer ouvir?

– Não, já lho disse.

– Pois há-de ouvir-me, digo-lho eu.

– Se cá tivesse o criado, mandava-a pôr no meio da rua.

– E a senhora para isso precisa dum criado? Eu sou uma pobre velha sem forças... qualquer sopro me faz cair, e a menina mesma pode empurrar-me por esta escada abaixo...

– E esta? Já se viu um descaramento assim? Você parece-me uma mulher sem vergonha!...

– Pois tenho muita, e principalmente agora. Sabe Deus com quanta vergonha eu vim pedir-lhe uma esmola.

– Mas, se eu lhe dei a esmola, porque se não retira?

– Não me retiro porque os desgraçados não se satisfazem só com pão... precisam doutras consolações, que a menina pode dar-me.

– Pois que quer?

– Queria que me deixasse sentar um bocadinho nas suas cadeiras... Estou muito fatigada, falta-me já a força nestas velhas pernas, que tanto andam e tão pouco caminham... Tudo me falta... até a vista; nem já a menina me parece o que era aqui há um ano!... Deve ter feito uma grande mudança a sua vida!... Vejo-a tão coadinha... A

menina sofre do corpo ou da alma?

– Que lhe importa do que eu sofro? Não sofro duma nem doutra cousa...

– Pois louvado seja Nosso Senhor!... Felizes aqueles que assim o podem dizer...

Pois veja que diferença... Eu sofro de tudo...

– E que culpa tenho eu disso?

– Nenhuma, nem eu a culpo, Sr^a D. Rosa Guilhermina...

– Faz favor de sair, que quero recolher-me?

– Está o almoço na mesa—disse a criada.

– Se a menina consentisse que eu tomasse uma chávena de chá consigo...

– Comigo?... Essa é boa!

– Envergonha-se disso? Pois olhe que não descia de quem é, porque os pobres foram sempre os amigos, com quem Jesus Cristo repartiu o seu pão e os seus peixes.

– Parece-me esperta de mais para pobre...

– Pois é de obrigação que todos os pobres sejam brutos! Então dá uma chávena de chá... a sua mãe?...

– A...

– A sua mãe!

– A minha mãe!... Quem é minha mãe?

– Fale baixo, que a não ouça a sua criada!... Não lhe tinha eu dito que era bem melhor ouvir-me em particular?!... Espanta-se de mais, menina? Pois não sabia que tinha mãe? Não soube há um ano que ela precisava de recorrer à sua generosidade? Não calculou que, mais hoje ou mais amanhã, a sua desamparada mãe devia cobrir esta mantilha esfarrapada para vir receber dez-réis da mão de sua criada?

– Eu não a reconheço como minha mãe... Eu já colhi informações de que minha mãe não existia... Meu pai nunca me disse que eu tivesse mãe viva!

– Deus perdoe à alma de seu pai... Não lhe quero por isso amaldiçoar a memória...

Pois, quer me acredite, quer não, esta desgraçada mulher, que não conhece, esta velha, que ainda não tem quarenta e quatro anos, é sua mãe.

– Não acredito, já lho disse... Prove-me que é minha mãe, e eu lhe farei aquilo que já lhe quis fazer, se vossemecê é uma tal Ana do Carmo, que morou na Rua Direita.

– Sou uma tal Ana do Carmo, que morou na Rua Direita, e agora mora no Pátio dos Conventos, esperando a tigela de caldo da caridade. Bem vê que sofri muito antes que viesse importuná-la. Não disse a ninguém que a menina era minha filha para a não envergonhar. Lembrei-me de que, sendo eu moça e rica do muito que seu pai me dava, não gostei de que minha pobre mãe viesse um dia procurar-me para me pedir doze vinténs para comprar uma galinha para minha pobre irmã, que morreu de miséria depois dum parto... Lembrou-me o quanto eu me vexeí então, e quis poupar minha filha a semelhantes vergonhas, que só sabe o que elas são quem passa por elas. Agora, se aqui vim, é porque de todo em todo já não podia levantar-me das palhas para ir de manhã procurar a bendita esmola no pátio de S. Bento e de Santa Clara. Sinto-me quase sem vida, tenho um aneurisma no coração, queria ver se morria descansada para me reconciliar com a misericórdia divina... Se não fosse isto, minha filha, eu não vinha decerto aqui, de mais a mais, tão rota, tão magra, indigna de me chamar sua mãe...

Rosa Guilhermina tinha sofrido um abalo, e parece que as lágrimas iam saltar-lhe involuntariamente dos olhos. Mas a criada, que viera colocar-se, sem ser vista, na alcova próxima da sala, adivinhando a comoção de sua ama, resolveu salvá-la das arteirices da velha e tomou a palavra, saltando para o meio da sala, com a mão na cintura:

– Pois V. S^a acredita o que lhe está dizendo essa onzeneira?

– Não... eu não acredito, mas tenho pena dela... Coitadinha... é a necessidade que

lhe ensina estas mentiras... Quer vossemecê uma xícara de chá?

– Não, menina, eu já não quero a sua xícara de chá. Deus Nosso Senhor dá-me forças para que eu possa viver sem a sua esmola. O que eu queria era morrer abraçando-a ao meu coração e chamando-lhe *filha*...

– Será ela douda?! – atalhou a criada.

– Não sou douda, não... Não receie que eu lhe quebre as suas jarras... Estou no meu perfeito juízo... Estejam descansadas, que não farei doudice nenhuma. Se fosse há um ano, poderia fazê-las... Hoje, já não... A desgraça enfraquece a gente e apura o entendimento... Conheço muito bem minha filha...

– E ela a dar-lhe com o *minha filha!*... – interrompeu a criada.

– Ouça-me enquanto ela se ri, menina, que o que eu vou dizer-lhe há-de fazê-la chorar. Conheço muito bem que não tenho direito nenhum a pedir-lhe o amor que se deve a uma mãe... Eu quase que a não reconheci minha filha. Dei-a ao mundo, e o mundo assim como a fez feliz podia fazê-la muito mais desgraçada que eu sou... Neste mesmo momento, em que venho aqui expiar as minhas culpas, confessando-lhe que fui tão desnaturada mãe, olhe que lhe não tenho amor, nem me ofendo com o seu desprezo. Por força assim devia ser... Se não fosse assim, eu não acreditava na justiça de Deus!... Se a minha filha me tivesse atirado com um pontapé à rua, eu havia de levantar-me, se pudesse, para lhe dizer: «Eu te perdoo, filha de Leonardo Taveira!» Veja que bom coração eu poderia ter-lhe dado, se tivesse, quando a expulsei de meus braços, um pressentimento de que viria uma hora em que eu precisava das suas consolações...

D. Rosa chorava, e a própria criada sentia-se amolecer no coração.

– Entre para esta sala – disse a filha do arcediogo comovida.

– Não entro, minha filha, eu vou retirar-me; disse-lhe tudo, levo o coração mais desabafado, e creio que a não ofendi... Se a magoei, diga-mo, que lhe quero pedir perdão.

– Entre... – balbuciou Rosa, oferecendo-lhe a mão.

– Não... já lho disse... Aqui tem os seus dous vinténs, molhados de lágrimas, que são a usura deste empréstimo... Dentro dessa sala não posso entrar como mendiga: se eu pudesse visitá-la, como senhora, viria muitas vezes aqui, e talvez lhe pudesse fazer serviços que a poupassem a muitas desgraças no futuro... Assim... adeus!...

– Não consinto que se retire; quero informar-me de quem a senhora é. Se for minha mãe, hei-de tratá-la como quem é...

– Por ser sua mãe, não sou ninguém, minha filha... A menina não me honra, nem me desonra. Não tenho senão remorsos de a ter dado ao mundo; como posso eu ter vaidade de ser sua mãe!... Fique com Maria Santíssima e diga à sua criada que não é do agrado de Deus insultar assim as pessoas infelizes... Chame-a aqui, menina, que me quero despedir dela...

A criada veio, instada por D. Rosa.

– Não se aflija, moça! – disse Ana do Carmo. – Não tenha pesar de me ter ofendido, que eu perdoo-lhe de todo o meu coração... Tire daqui uma experiência para todas as pessoas necessitadas... O seu zelo por sua ama é demasiado... Receava que eu lhe pedisse algum vestidinho velho dos que vossemecê espera que sejam seus? Não vim a isso... E para que se lembre do que esta velha da mantilha rota lhe disse, quero deixar-lhe uma lembrança de mim... Pegue lá...

– O quê? – perguntou a criada, recuando a mão.

– É uma peça de quatro mil réis, com que vossemecê pode comprar umas arrecadas... Aceite, que lhe dá a pobre mãe de sua ama!... Não quer?... Ora pois, Deus lhe dê muito que dar...

A ama e a criada ficaram perplexas, encarando-se estupidamente, enquanto Ana

do Carmo saía. Quando vieram à janela para vê-la, ia já na extremidade do beco, mas à porta de D. Rosa estavam dous homens, que conversavam apontando para a mulher da mantilha rota.

– Não a conheceste? – dizia um.

– Eu não, nem tenho pena – respondeu o outro com desprezo.

– Pois não conheces aquela mulher?

– Não... já to disse...

– Pois não conheceste a fidalga que há três meses comprou a quinta dos Engenhos, na ponte de Ramalde!

– É aquela?

– É... Dou-te a minha palavra de honra que fui eu o tabelião que lavrei a escritura e contei os doze mil cruzados.

– Mas então que história é esta!... Ela vai assim rota!

– Eu sei cá o que é! É o que tu vês!... Eu, logo que a avistei aqui neste sítio, conheci-a, e ela puxou para o nariz a coca da mantilha...

– Que celebreira!... Eu ainda ontem a encontrei a passear num jumento, com lacaio ao lado; e até me disseram que o fidalgo das Laranjeiras queria casar com ela.

– Tu não sabes a história desta mulher?

– Eu não... Ouvi dizer que fora casada com um livreiro aqui no Porto e que depois ficara rica...

– E verdade... foi casada com um livreiro; mas o livreiro não deixou fazer o ninho atrás da orelha e foi-se embora para a França, onde morreu. A tal senhora parece que lhe não foi fiel, e, na ausência do marido, menos o foi ainda. Viveu na companhia do célebre arcediogo de Barroso, que foi mandado sair pelo bispo e morreu em Espanha. O padre era muito rico, e por muito tempo ninguém soube que fim levou o grosso cabedal que ele lá trazia consigo. Afinal, há-de haver seis meses, morre lá uma freira, que, à hora da morte, declarou que o tal arcediogo lhe deixara em seu poder quarenta mil cruzados em ouro, para ela fazer entregar a Ana do Carmo, moradora não sei aonde. A freirinha só à hora da morte se lembrou de cumprir o legado, e o caso é que não se lembrou mal, porque a pobre amante do arcediogo estava vivendo miseravelmente aí na Rua Direita, e quando a procuraram para lhe dizer que se habilitasse para receber a herança a pobre mulher já se não levantava da cama com fome. Ora aqui tens a história da tal riqueza...

– Mas por aí dizem que ela é fidalga...

– Isso é uma história à parte. Apenas a mulher apareceu rica, soube que era fidalga, porque a fizeram fidalga à força, uns tais que moram aí atrás da Sé, dizendo que ela era filha bastarda da casa. Começaram a visitá-la, a hospedá-la, a chamar-lhe prima, e têm querido levá-la para a sua companhia... Ora, aí tens a história da mulher da mantilha... Quem me dera saber o que ela andaria a fazer por aqui... E parece-me que ela saiu desta casa...

O tabelião olhou maquinalmente para a janela e viu esconderem-se duas cabeças: eram D. Rosa e a sua criada, que se retiravam espantadas do que tinham ouvido. E tinham razão. Eu, por mim, tenho-me espantado com cousas muito mais pequenas. Mas o que deveras me espantou, foi dizerem-me que Ana do Carmo, quinze dias depois, estava casada com o Ex.^{mo} Sr. ***, fidalgo, morador atrás da Sé, e fora *ipso facto*, reconhecida prima de todas as famílias ilustres do Norte desde os Leites até aos Albuquerque, desde os Cogominhos até aos Malafaias!

CAPÍTULO XXIII

O Sr. António José da Silva deve ter movido a compaixão interessante das damas, e talvez o desprezo dos briosos maridos, que, no lugar dele, tinham pelo menos degolado suas mulheres e lavado a sua nódoa em sangue.

Eu lhes digo: faziam uma solene asneira, e arrependiam-se, depois, como o Sr. António (que não era menos brioso que VV. Ex^{as} e S.^{as} se arrependeu de ter superficialmente condenado sua mulher.

D. Maria Elisa convenceu o cândido marido de que efectivamente tinha um primo, filho duma irmã de sua mãe, que morrera pobre e o deixara abandonado. Que esse infeliz primo se tinha dirigido à sua compaixão, pedindo-lhe alguns sobejos da sua fortuna para alimentar a penosa existência. Que ela, como esposa e dona de casa, responsável pelos cabedais de seu marido, se negara, muito tempo, a dar-lhe os suplicados recursos; mas, por fim, tais foram as instâncias, que, a seu pesar, não pôde deixar de ceder aos impulsos do coração, que lhe mandavam socorrer o infeliz com as migalhas da sua mesa.

O Sr. António chorava de piedosa ternura, quando a sua mulher, cada vez mais eloquente e filantropa, continuou

– Com o receio de que a vinda de meu primo a esta casa suscitasse suspeitas malévolas, disse-lhe que me esperasse algumas vezes na Ponte da Pedra, e eu, indo sozinha a passeio, lhe daria o que pudesse esconder aos olhos de meu marido, sem que ele desse pela falta, que decerto era um crime...

– Pois não fizeste bem, Mariquinhas! É o que eu te digo, e perdoa... Se me contas o caso, era eu o primeiro a dizer-te que podias dispor à tua vontade do que ha nesta casa, porque o que é teu é meu e o que é meu é teu.

– Pois sim; mas eu não tenho ainda um cabal conhecimento do seu carácter. Receei que me levasse a mal esta caridade com um meu infeliz parente e não ousei manifestar-lhe um desejo, a que o meu bom marido anuiria mais por delicadeza que por vontade do coração. Agora que tudo se declarou, não quero que o Sr. Silva se mortifique por me ter ofendido com as suas imprudentes calúnias. Faça de conta que não houve entre nós a mais ligeira desinteligência. Estamos quites: o senhor fez-me uma injustiça reputando-me desleal; e eu fiz-lhe outra julgando-o sôfrego da sua fortuna e incapaz de estender a mão benfeitora a meu desgraçado primo!...

– Ora, pois, não nos lembremos mais disso... Eu agora o que quero é saber onde mora esse teu primo, porque sou eu o mesmo que propriamente lhe quero ir levar os recursos necessários para a sua subsistência... Onde mora ele?

– Onde mora ele?... (Maria Elisa não esperava esta! O improvisado não era o seu forte, e viu-se na mais embaraçosa atrapalhão.) Eu, se quer que lhe diga a verdade, não sei bem onde ele mora... mas deixe passar alguns dias, e talvez que ele aqui mande algum recado...

– Pois então, logo que ele apareça, farás favor de lhe dizer que eu quero falar com ele... Mas tu não conheces ninguém (tornou o suspeito marido depois de reflectir um momento) que saiba onde ele mora?

– Não, senhor.

– Não?... Eu não sei o que me parece isto, a falar-te a verdade!... Aqui anda dente de coelho!... Pois ninguém, ninguém?

– Talvez me lembre duma mulher que aqui veio trazer-me uma carta dele, e me disse onde ele morava... Deixe-me recordar, e depois lhe direi...

– Pois olha lá se te lembras... Eu sempre quero ver os focinhos ao teu primo...

Acho que a cousa assim não vai bem...

– Que é o que não vai bem?!

– Eu cá me entendo...

– Isso que quer dizer? Explique-se, Sr. Silva... Nada de mais palavras... Não está ainda satisfeito com a explicação?...

– Podia estar mais, se queres que te diga cá o que tenho no meu interior...

– Pois não sei que lhe faça. Creia, se quiser, e, se não quiser, não creia. Vai-me fazendo subir a mostarda ao nariz!... Eu não lhe dou direito a duvidar da minha palavra. Se cuida que lida com sua irmã, engana-se. Tenho uma face para o amor e outra para o ódio. Sei amar e sei aborrecer... Entende-me, senhor?

– Mas a que vem todo esse farelório? Que te disse eu para tanta arrenegação?

– Parece que duvida da explicação que lhe dei do meu comportamento? Esse direito só o dou à minha consciência!

– Tem a menina muita razão; mas, eu, sim, acho que... parecia-me que não sou mau homem, nem mau marido, se tenho cá minhas comichões de conhecer seu primo!...

– Se tem comichões, coce-se... e o que eu tenho a dizer-lhe... E de resto, se quer esperar que meu primo apareça, espere; e, senão, procure-o até encontrá-lo.

D. Maria Elisa retirou-se enfronhada e foi feliz nesta lembrança, porque o Sr. António precisava de semelhante reacção para entrar nos justos limites dum marido exemplar, como todos os maridos que não têm pública-forma.

Que é pública-forma dum marido? Eu sei cá... Lembrou-me isto; se me lembra, em lugar de pública-forma, dizer uma sandice mais compacta, creiam que não era homem de a deixar no tinteiro, porque, se há inviolabilidade neste mundo, é para todas as sandices que se escrevem. Deste pecado tenho eu a dar sérias contas a Deus; mas quem decerto não deu nenhuma, quando deste mundo se partiu, foi aquela alma gentil do Sr. António, que nunca publicou asneira nenhuma, honra lhe seja feita! Se vivesse hoje, tinha pelo menos escrito para os jornais uma carta, renunciando a sua candidatura, ou qualquer outra trapalhice da bárbara linguagem do sistema representativo.

Naqueles felizes tempos, as asneiras desciam à sepultura com o indivíduo; e dessa grande sementeira creio eu que nasceram as muitas que hoje amadurecem no jornalismo, e entre as quais peço ao público imparcial que classifique a minha da «pública-forma do marido», pelo que me declaro já sumamente penhorado, como todos aqueles que se retiram dum baile às cinco horas da manhã.

Por não esgotar as frioleiras de que disponho, saberão, estimáveis leitoras (se me dão a honra de me dirigir a VV. Ex^{as}, como quem quer diverti-las da seriedade austera das suas cogitações), que D. Maria Elisa entrou no seu quarto e escreveu uma longa carta ao Sr. Fernandes, contando-lhe miudamente os infaustos sucessos.

Na manhã do seguinte dia, a ansiosa esposa recebeu a seguinte resposta:

Não te aflijas. Hoje de tarde aí vai teu primo. Fala pouco e deixa-o falar a ele.

CAPÍTULO XXIV

O Sr. António estava seriamente amuado. Atormentava-o a dúvida, e as suspeitas terríveis principiavam a obra maldita do arrependimento. Comparando a sua pacífica vida de solteiro com as consequências da vida matrimonial, arrependia-se o brioso mercador de panos e considerava-se o bode expiatório do seu orgulho insultante com o próximo do chinó, em circunstâncias análogas.

Era isto que afligia o coração do marido de Maria Elisa, enquanto ela, amuada também, se fechara no seu quarto, imaginando a cómica solução que o Sr. Fernandes daria ao problemático parentesco da Ponte da Pedra. Assim se entretinham aquelas duas criaturas, quando foi dito ao Sr. António que estava ali um sujeito que queria falar-lhe, sendo possível.

– Que diga quem e.

O criado voltou, dizendo que era um primo da Sr^a D. Maria Elisa.

– Deveras?! – disse o Sr. António, com sobressalto, expandindo as bochechas em ar de contentamento.

– Sim, senhor, diz que é primo da senhora.

E quer falar comigo?

– É o que ele disse.

– E não falou ainda com a senhora?

– Nada; nem por ela perguntou.

– Pois que suba para a sala.

Em seguida, foi introduzido na presença do Sr. António um sujeito de trinta anos, pouco mais ou menos, com uma cara trivial, um traje usado e maneiras delicadas.

– Tenho a honra de cumprimentá-lo, Sr. Silva.

– E eu a mesma. Com que então o senhor é primo de minha mulher?

– Sim, senhor: filho duma irmã de sua mãe.

– Estimo muito conhecê-lo.

– Eu devo, sem mais delongas, dizer a V. S^a o fim que me traz a sua casa.

– Ora diga lá sem cerimónia, os homens são uns para os outros, e eu estou pronto a mostrar-lhe que não sou daqueles que... enfim... diga lá o que quer...

– Quero ser eu o próprio acusador da mão benfeitora que tem derramado sobre mim alguns benefícios. E preciso que V. S^a saiba que eu sou pobre e não tenho podido até hoje agenciar pelo trabalho a minha independência, No comércio não me aceitam, porque me acham adiantado em idade. Emprego não me dão nenhum, porque não tenho protecções. Para militar não sirvo, porque sou muito doente do peito e além disso muito curto de vista. Para frade também não sirvo, porque não tenho património, e de mais a mais não sei latim para poder entrar nas ordens mendicantes. Sou, pois, vadio por necessidade; não tenho de quem me valha, a não ser desta minha prima, que, pelo facto de casar-se com V. S^a, é a única pessoa do meu parentesco a quem se pode pedir uma esmola! Nas minhas tristíssimas circunstâncias, dirigi-me a ela, e achei-a fria, dura de coração e insensível às minhas súplicas. Instei, segunda e terceira vez, obrigado pela indignação, e consegui que ela me mandasse esperá-la, algumas vezes, na Ponte da Pedra, onde daria o pouco que pudesse economizar do que seu marido lhe dava para alfinetes. Disse-lhe eu que não duvidava falar pessoalmente a V. S^a, e ela tirou-me disso, dizendo que não queria ser pesada a seu marido com os seus parentes pobres. Ontem foi um dos dias em que ela me deu uma pequena esmola e me prometeu algum dia empenhar-se com V. S^a para que se me desse um lugar na alfândega, ou em qualquer repartição da justiça, em que eu pudesse ganhar com honra um bocado de pão. Quando

falávamos nisto, ouvimos uma voz, minha prima empalideceu, dizendo-me que fugisse, porque ouvira falar seu marido. Eu atrapalhei-me com os sustos de minha prima, e nem tempo tive de reflectir nas consequências de minha fuga. Fugi pelo quintal, e vim de volta para a estrebaria escutar o que se passava. Quando V. S^a saiu com ela, reparei que vinham amuados, e entendi que eu fora a causa dessa desgraçada desinteligência entre dous esposos que tanto se amam, segundo ela me tem dito...

– Ela disse-lhe isso?

– Sim, senhor. Quando os vi enfrontados, estive por um triz a sair da estrebaria e dizer quem era, porque V. S^a não seria tão bárbaro que maltratasse sua mulher porque tem um primo que necessita das suas migalhas. O receio fez-me recuar no meu plano e vim para casa meditar na minha triste sorte. Resolvi ter ânimo, e venho eu próprio acusar-me de ter sido o perseguidor de minha prima. O que ela me tem dado é tão pouco, Sr. Silva, que eu talvez, vendendo este velho casaco e estas calças, possa embolsá-lo. Quero ficar em mangas de camisa, mas não quero que minha prima sofra por minha causa.

– Com que então o senhor meteu-se-lhe lá na cabeça que eu cá sou homem capaz de tratar mal minha mulher, porque lhe deu alguma cousa? Ora adeus!... mudemos de conversa! O senhor como se chama?

– Pedro José Sarmento de Ataíde.

– Já que falou em Sarmento de Ataíde, faz favor de me dizer donde é que herdaram esses apelidos?

– Eu lhe digo... Meu quarto visavô João de Lencastre e Sarmento casou com minha quarta visavó, D. Urraca de Ataíde, da casa de Valadares no Alto Minho. Tiveram quatro filhos. O morgado casou em Pena Ventosa com a herdeira da muito antiga família dos Pescatos...

– Dos...?

– Pescatos e Bemões.

– Nunca ouvi falar dessa linhagem.

– Não admira, porque ficou toda essa família sepultada em Lisboa, nas ruínas do terramoto de 1755. Foi uma grande desgraça para a posteridade do outro ramo deste tronco ilustre. O filho segundo de meu quarto visavô fez um mau casamento com uma mulher da plebe, e os dous seus irmãos foram frades; um morreu dom abade em Tibães e outro foi bispo de Constantinopla, e chamava-se Fr. Zagalo Sarmento e Ataíde.

– Nunca ouvi falar desse senhor bispo de... Castanhoplas!...

– Pois, senhor, eu posso mostrar-lhe que ele era irmão legítimo do meu terceiro visavô, com documentos que param na Torre do Tombo.

– Não é preciso; eu vejo que V. S^a fala verdade... Mas como é que o pai de minha mulher era negociante, e não era dos de primeira ordem?

– Isso explica-se pelos casamentos desiguais. O vínculo passou para os parentes que temos em Macau, e já meu avô foi negociante e teve de riscar de seu nome os apelidos de nossos avós, porque não podia sustentá-los. Ora aqui está a triste história dos meus ascendentes, que mal diriam eles que seu neto Pedro José de Sarmento e Ataíde precisaria de estender a mão à caridade de estranhos!

– Pois, Sr. Pedro, não há mal que sempre dure. O senhor fez muito mal em não vir ter comigo logo que soube que era seu parente por infinidade. Havia de topar um homem como se quer para o seu amigo. Não fez bem... mas enfim tudo se remedeia... eu vou chamar sua prima, e ela dirá o que se há-de fazer...

– Perdão... eu acho que não será bom que ela saiba que eu vim aqui, porque me não levará a bem a liberdade que eu tomei de me dirigir a V. S^a, abrindo-lhe francamente o meu coração...

– Qual?... Ora o senhor então não sabe como ela é!

Verá que há-de estimar que se declarassem deste modo cá certas suspeitas...

– Suspeitas!... Quais?...

– Eu cá me entendo...

– Mas eu é que não entendo... A minha honra está comprometida nessas suspeitas... Sou pobre, mas tenho pundonor; exijo que V. S^a, em nome da honra, me declare quais foram as suspeitas...

– Eu lhe digo, Sr. Pedro... Eu não sabia que minha mulher tinha primos, e, quando me disseram na estalagem que ela estava com um primo, meteu-se-me cá uma asneira na cabeça...

– Qual asneira?

– Pensei que o tal primo era algum rufião...

– Rufião!... Eu não entendo essa linguagem!

– Quero dizer que pensei que andava por aí algum farroupilhas a arrastar-lhe a asa!

– Então o senhor não sabe que minha prima pertence à veneranda linhagem dos Sarmentos e Ataídes, e não consta que na genealogia dos Pesicatos e Bemões se desse uma infidelidade porca e vilã! ... V. S^a ofendeu as cinzas dos meus avós! Em nome de meu quarto visavô João de Lencastre e Sarmento e de Fr. Zagalo, bispo de Constantinopla, exijo que me dê uma satisfação!...

– Não se arrenegue assim, Sr. Pedro... Um marido pode enganar-se muitas vezes com sua mulher!

– Mas eu, neto de heróis, é que não admito enganos tais! As suspeitas são afrontas! V. S^a afrontou-me na pessoa de minha prima! Insto pela satisfação! Na França entre cavalheiros é costume disputar-se a honra à ponta de espada. V. S^a há-de bater-se comigo!

– Eu!... Essa é que é daquela casta!... Pois eu, sem mais nem menos, hei-de agora jogar a taponna com o senhor, porque se me afigurou que minha mulher não era tão boa como se dizia! Ora, senhor primo, deixe-se disso... Eu não sei cá desses costumes dos Franceses... Que os leve o diabo e mais quando eles cá vierem...

– Não me importam os Franceses! Importa-me a honra de meus avós, insultada em minha prima D. Maria Elisa de Sarmento e Ataíde. Sr. António! Dentro em vinte e quatro horas um de nós estará na eternidade!

– O senhor, por mais que me digam, está a mangar comigo, ou não regula bem da cabeça!

– Com a honra não se manga, senhor negociante de panos! Se a sua arma é o còvado, a minha é a espada, que herdei de meu vigésimo quarto avô D. Alarico Temudo Pesicato! E forçoso que se bata, ou então que declare à face do Céu e da Terra que é um covarde. Dentro de vinte e quatro horas virei procurar a resposta. Se não quiser bater-se, hei-de sacrificá-lo aos manes de meus ilustres avoengos, que do Olimpo excitam a minha coragem! Não tenho mais a dizer-lhe, senhor!

– Venha cá... isto não é modo de tratar o homem de sua prima!... Se quer dinheiro, diga-o, e não esteja aí a arrotar postas de pescada.

– Com que então, chama o senhor a isto arrotar postas de pescada!... Muito bem! Hei-de provar-lhe que as postas do seu corpo também se arrotam!... Passadas vinte e quatro horas, repito, um de nós será cadáver!

O neto dos Pesicatos saiu. O Sr. António, atordoado com a seriedade do negócio, entrou no quarto de sua mulher.

– Que diabo de homem é este teu primo, ó Mariquinhas?

– Meu primo!... Pois ele esteve cá?!

- Saiu agora mesmo... O homem parece-me doudo!...
 - Pois que fez ele?
 - O que fez?... Quer que eu jogue a bordoadá com ele!
 - Porquê?
 - Isso agora é que eu não sei!... Levou-se dos diabos por eu lhe dizer que tive cá as minhas desconfianças a teu respeito... e, às duas por três, põe-se a berregar como um barqueiro e a dizer que antes de vinte e quatro horas um de nós havia de morrer!... Que te parece isto?
 - Parece-me um sonho!... Porque me não chamou?
 - Porque ele não me deu tempo... Começou a desembuchar umas trapalhadas de avós, e do bispo, e dos Pesi... Pesi... como se chamavam esses homens da tua linhagem?
 - Quais homens?
 - Uns fidalgos que morreram no terramoto de Lisboa?
 - Eu sei cá que homens eram esses!
 - Eram os... os... Pesigatos... De que te ris? O caso não é para isso... O tal teu primo, se é doudo, o melhor é amarrarem-no, e mandem-no para o Hospital de S. José...
 - Que figura tinha ele?
 - Pois tu não sabes que figura tem teu primo?
 - Sei... mas... lembro-me se não seria ele...
 - Ele não se chama Pedro?
 - Sim... ele... chama-se... Pedro.
 - Pois então aí está... E ele mesmo... deu-me todos os sinais certos da Ponte da Pedra.
 - E que lhe disse?
 - O homem falou bem, a respeito de não ter meios, e fez-me cá no coração uma certa aquela; mas, depois, parecia-me um maluco chapado, lá com as suas valentias. E preciso saber como isto há-de ser; eu não quero histórias com ele. Manda-lhe dizer que se deixe de asneiras, se quer ter que comer e vestir em minha casa, ouviste, Maricas?
 - Pois sim; mas eu ignoro a sua residência. Quando ele cá tornar, chame-me, e eu verei como se remedeiam as loucuras do meu primo.
- O Sr. António, um pouco mais sossegado, relatou, pouco mais ou menos, a sua mulher o diálogo que tivera com o descendente do bispo de Constantinopla. Maria Elisa ouvira-o, aflita com vontade de rir-se, e, ao mesmo tempo, vexada de ter um marido que se prestava assim ao ridículo. Era bem natural esta mortificação do amor-próprio.
- A conversação foi interrompida pela chegada de dous senhores, que precisavam imediatamente falar com o Sr. Silva.
- Temos alguma!... – murmurou o negociante, e entrou na sala onde o esperavam dous oficiais de cavalaria, de grandes bigodes, e caras de arremeter.
 - Quem são VV. S.^{as}? – perguntou o assustado dono da casa, apenas os encarou.
 - Somos embaixadores de Pedro José de Sarmento e Ataíde! – respondeu um deles, arqueando os braços e levantando a cabeça com orgulhoso entono.
 - Embaixadores!... E que me querem os Srs. Embaixadores?
 - Adverti-lo de que é desafiado pelo nosso amigo...
 - Ora, deixem-se disso!... – interrompeu o Sr. António, fingindo que recebia a intimação com gracejo. – VV. S.^{as} estão a brincar... Queiram mandar-se sentar.
 - A nossa missão cumpre-se de pé... e V. S.^a há-de responder-nos também de pé! Queira tirar o seu barrete, porque nós também estamos descobertos. As formais solenidades deste acto não permitem distinções de cavalheiro para cavalheiro. Repito, senhor: queira descobrir-se!
 - Eu estou em minha casa, posso estar como quiser.

– Neste momento a sua posição é outra. O homem desafiado não se considera em sua casa, enquanto a sua honra não está ilibada, porque o homem desonrado não tem casa, nem propriedade, nem direito! Descubra-se!

O Sr. António tirou o barrete e emudeceu na presença de semelhante insolência.

– Muito bem... Responda agora: quer bater-se em leal duelo com o Sr. Pedro José de Sarmento e Ataíde Pesicato?

– Não quero lá saber dessas cousas, já lho disse a ele, e não me façam azedar o estômago, senão eu mando chamar o meirinho-geral, e os senhores são catrafiados e mais ele na Relação.

– O senhor insulta-nos! Se não tivéssemos piedade da sua barriga... essa língua seria cortada pelo gume desta espada!...

– Os senhores vêm insultar-me a minha casa! Já no meio da rua, quando não chamo os vizinhos.

– Cale-se, monstro, quando não...

Os estúrdios desembainhavam as espadas quando Maria Elisa entrou na sala e parou diante de seu marido, que recuava espavorido.

– Isto que quer dizer? – perguntou ela. – Não respondem?... Que infâmia é esta de entrarem numa casa estranha insultando o dono dela?

Os embaixadores do imaginário primo arrefeceram nas suas cómicas fúrias e não ousaram responder.

– Retirem-se desta casa! – disse Maria Elisa apontando-lhes a porta da saída.

– Minha senhora...balbuciou um deles–, nós somos enviados por...

– Seja por quem for. Vão dizer a quem os enviou que Maria Elisa lhe manda dizer que o seu procedimento é muito infame e que eu muito sinto não ser homem para poder dar a VV. S.^{as} uma resposta cabal! Retirem-se!...

Os oficiais saíram vexados e o Sr. António estava espantado da coragem de sua mulher.

CAPÍTULO XXV

O Sr. Fernandes, quando respondeu, em duas linhas, à carta que Maria Elisa lhe enviara, contando-lhe os sucessos ocorridos desde a fatal surpresa da Ponte da Pedra, procurou um seu amigo, cadete de cavalaria, e convidou-o a representar de primo para poder salvar a sua amante do risco.

O cadete, mancebo de maus costumes e votado engenhosamente a toda a casta de maroteira, aceitou o papel e estudou-o com muita habilidade. Era necessário que D. Maria Elisa o não visse para obviar aos embaraços muito naturais em tal surpresa. Fernandes inventara o desafio e o cadete inventara de improviso a história genealógica dos Pescicatos e Bemões, que encaminhou às mil maravilhas a história do duelo.

O cómico, retirando contentíssimo do bom êxito da sua travessura, antes de procurar Fernandes, fez obra por sua conta, divulgou a brincadeira aos seus camaradas, que eram o tenente e alferes da companhia, e achou neles dous ótimos bargantes para continuarem a caricatura.

Quando a última cena se passava no Serio, o Sr. Fernandes, na Rua das Flores, estava desesperado, porque previra que Maria Elisa levaria a mal este excesso de escárnio a seu marido. Ele bem sabia que nenhuma mulher consente que a desgraçada condição do marido ultrajado seja um brinquedo para o ludíbrio do homem que fatalmente a levou a uma fraqueza de coração.

Era tarde para remediar a imprudência. Esperou, inventando pretextos que o reconciliassem com Maria Elisa, no caso possível de ter ela sido testemunha da zombaria feita a seu marido.

Não se enganara. O cadete fora o portador da resposta enviada pelos oficiais. Fernandes, reprovando o procedimento do seu amigo, que dava grandes gargalhadas e prometia contar o caso a toda a gente, escreveu a Maria Elisa historiando o acontecimento. Era impossível salvar-se! Embora não tivesse ele sido o inventor do escândalo, quem expusera António José da Silva fora decerto ele, e Maria Elisa leu a carta, rasgou-a e devolveu-lha.

Seguiram-se novas remessas de cartas, que ela nunca abriu. Deixou de sair de casa, para não ser encontrada. Sofreu quanto pode sofrer o amor-próprio. Não sentiu, por isso, mais interesse por seu marido; todavia corava, muitas vezes, diante dele, lembrando-se que o fizera descer tanto. Compreendam-na, se podem! A sua consciência estivera tranquila até ao momento em que foi surpreendida na Ponte da Pedra! O que lhe pesava não era a infidelidade; era o ultraje, que lhe fizeram a ela, escarnecendo um traste de sua casa, uma cousa que a sociedade chamava o « seu marido»!

Eu, se fosse mulher, seria isto, pouco mais ou menos, e levaria o meu nobre ressentimento ao extremo de abominar o vaidoso amante que estabelecesse termos de comparação com meu marido.

A situação de Maria Elisa era muito especial. O Sr. António estava assustado e dava como certa a sua morte logo que os oficiais de cavalaria o encontrassem a jeito. Ao anoitecer mandou trancar as portas e armar os criados, enquanto, confiado na coragem de sua mulher, consultava os meios, que devia empregar, para judicialmente defender da sua arriscada corpulência os golpes de espada daquele par de Dâmocles que o neto de D. Alarico Temudo Pescicato lhe enviava a casa.

Maria Elisa queria serenar os sustos de seu marido; mas de que modo? Se lhe dizia que tudo aquilo fora uma fantasmagoria, ficava a sua honra muito duvidosa para seu marido. Se deixava medrar o terror do infeliz, o pobre homem sucumbiria de medo, se visse em sonhos o lampejo da espada nas proximidades da barriga provocante.

Os paliativos não valiam nada para a cura. O Sr. António, no auge do medo, chegou a censurar sua mulher por ter usado palavras fortes de mais quando deu ordem de despejo aos militares.

Maria Fusa, quando viu, ao cabo de três dias, que seu marido tinha febre e tremia ao menor ruído que se fazia nas escadas, sentiu escrúpulos e acusou-se de ter concorrido para os sofrimentos do pobre homem.

Fernandes teimava em escrever-lhe, e não conseguia que as suas cartas fossem, ao menos, abertas. O seu tormento inspirou-lhe um recurso extremo. Pediu ao cadete que se apresentasse humildemente em casa do negociante pedindo-lhe perdão das asperezas do seu carácter e afiançando-lhe que nada viria perturbar-lhe a sua tranquilidade.

Maria Elisa estimaria este acontecimento; mas não queria lembrá-lo ao seu indigno amante, porque jurara acabar tais relações.

O cadete foi representar, de boa vontade, a segunda parte da farsa. O Sr. António não quis ouvi-lo sem que sua mulher estivesse escondida no quarto próximo, para intervir, sendo necessário.

– Eu venho – disse o cadete – desarmar a sua justa indignação, Sr. Silva. Foi de mais o meu brio. Minha prima é sua mulher, e V. S^a não tem obrigação de responder-me pelo mau conceito que fez dela. Desafiei-o: fui imprudente; mas espero merecer-lhe um generoso perdão, visto que as minhas demasias são filhas do nobre sangue que me gira nas veias. Retiro-me na certeza de que V. S^a, de hora em diante, não se lembrará mais do passado e terá por mim a estima que se deve a qualquer indivíduo que zela a honra de nossas mulheres, tanto como nós.

O Sr. António ouviu-o primeiro com sobressalto e depois com satisfação. Tinham-lhe aliviado do coração o peso de quatro quintais. O sangue girava-lhe de novo em toda a extensão do sistema circulatório; e os frouxos, que lhe acometeram as pernas, desapareciam à maneira que o primo de sua mulher lhe garantia a inviolabilidade do seu abdómen.

O Sr. António tinha um excelente fundo. Não era valente, mas odiento também não. Deu um abraço no estroina, que recuou dous passos para o receber com todas as formalidades dum hábil cómico, e pareceu-lhe até que o primo de sua mulher (valha a verdade) lhe dera um beijo na bochecha direita. Não afianço isto; mas o que posso, debaixo da palavra de honra dos meus amigos, afiançar, é que um beijo na face do Sr. António, se se deu, revela um gosto estragado, um paladar torpe, e alguma cousa de indecência atroz na pessoa do cadete.

A verdade é que o tranquilo marido recobrou a felicidade inquietada e restituiu a sua mulher a plena confiança retirada por uma fatal intermitente de ciúme. Desfazia-se em satisfações, acarinhava-a a seu modo o melhor que podia e sabia, comprou-lhe duas pulseiras de grande custo e uma fivela de cintura, cravejada de diamantes. Maria Elisa aceitava os carinhos, a fivela e as pulseiras com a mesma indiferença.

Não era, porém, filho do estudo este desdém. A chistosa amiga de Rosa Guilhermina vivia triste, porque vivia só. Desde que se entregara aparentemente ao extremoso negociante, as suas horas únicas de passageira felicidade eram as da Ponte da Pedra. Fernandes era um homem de não sei que perverso talento que seduz e capacita; e chega a vitimar as próprias mulheres que têm a consciência de que são vítimas. Talento e corrupção eram já naquele tempo uma espada de dous gumes com que se cortam os nós górdios do coração de certas mulheres. E Maria Elisa era uma dessas certas.

O que ela teve de mais, entre as da sua escola, foi uma caprichosa dignidade, que a fez esquecer num momento o amor dum ano. Recordava-se de Fernandes com pesar e ódio; saudade, nunca. Quando se deixava cair nas astuciosas ciladas que ele lhe preparara, com o ânimo frio da experiência das Marcelinas (que pelos modos eram

muitas nesse tempo, apesar dos frades e da suspirada virtude de outras eras), tirara ela, como condição, um eterno silêncio a respeito de seu marido. Parece que o galhofeiro amante epigramou, uma vez, o abdômen do Sr. António e teve, em vez de sorriso aprovador, um gesto de desprezo, que ele reconciliou lá como pôde. O caso é que nunca mais caiu na leviandade de ferir a susceptibilidade de Elisa, lembrando-lhe a monstruosidade moral e física de seu marido.

Foi péssima lembrança aquela de enviar o cadete representar de primo! Maria Fusa queria antes ser julgada, qual era, por seu marido, porque a desonra seria um segredo doméstico e a hilaridade pública não viria agravar a vergonha de ambos. Mas o remédio cómico e inesperado que o inconsiderado Fernandes deu ao mal era exacerbar a ferida, expondo-se o ar da publicidade e ao fel do ridículo, pronto sempre a flagelar os maridos da escola do Sr. António, que não são muitos, mas satisfazem as necessidades de alguns celibatários que vieram ao mundo para cronistas dos infortúnios alheios. Eu, que sou um dos que se honram dessa missão, não posso deixar de confessar publicamente a minha admiração por esta senhora, digna (a todos os respeitos não direi, mas a alguns, decerto) doutro marido, ou doutro amante. Qualquer que tenha sido o seu pecado, a gente de bom coração tem pena dela, vendo-a, depois dos tristes acontecimentos que historiei com sincero dó, sozinha, entregue à escuridão da sua vida sem amor, sem luz, sem ar, ali sempre na presença do Sr. António, carinhoso até à desesperação, terno até ao aborrecimento, desvelado em extremos de meiguice tola até dar vontade de o mandar comer e dormir.

Isso foi que ele nunca deixou de fazer. O estômago era uma cousa à parte na sua organização. Eram dous Antónios num. O António do ciúme morreria de paixão: mas o António do estômago só uma indigestão poderia matá-lo.

Sempre ao lado de sua mulher, inerte, sedentário, bufando, arquejando, impando, o nosso amigo sentia-se cada vez mais pesado. A medicina mandava-o passear a pé, e ele sem Maria Elisa não dava um passo. Já não eram suspeitas. Era a tenacidade do amor, a reloucura da velhice que o prendia àquela mulher, como se prende a criança tímida ao seio de sua mãe.

Correram assim três meses. Maria Fusa, cada vez mais triste, caiu numa espécie de doloroso sonambulismo. As janelas do seu quarto não se abriam nunca. Passava as longas horas do dia e da noite lendo sem reflexão e escrevendo cousas que o seu marido não entendia, mas gostava de ouvi-las. Eram «melancolias surdas», como ela intitulara os trinta cadernos de papel em que as escrevera. Disseram-me que essas páginas perdidas continham cousas bonitas, pensamentos que não pareciam de mulher, energia de frase, conhecimento do coração e toque real duma verdadeira dor. O que não viram nelas as pessoas que me informaram foi o nome de Fernandes. Parece que a imagem deste homem fora para sempre banida das saudades de Maria Elisa.

Constrangida pela soledade, a antiga órfã de S. Lázaro lembrou-se com amor da sua amiga de infância. Queria revocá-la ao seu coração, donde nunca saíra, mas seu marido odiava Rosa, fazia-se cor de carmim quando lhe falavam nela e repetira muitas vezes que, enquanto ele fosse vivo, a filha do arcedíago não entraria em sua casa.

Maria Fusa não replicava a este ódio inveterado. Tinha compaixão do pobre homem que, desde certo tempo, vaticinava a morte. Já não comia com o mesmo apetite. Já não acumulava com prazer as sopas na tigela do caldo de galinha. Sentia precisão de sentar-se, apenas se erguia, e acordava muitas vezes de noite com os pés frios e a cabeça em brasa.

A Sr^a Angélica, sempre a mesma devota, depois das desordens, por causa do neto dos Pescatos, meteu-se no seu quarto, em oração permanente, e apenas saía três vezes em cada doze horas para comer, visto que era necessário dividir a sua extática existência

entre o oratório e a cozinha. Quis, algumas vezes, intrometer-se na vida de seu irmão, censurando a frieza de sua cunhada; mas, não obstante a seriedade do assunto, a Sr^a Angélica, se falava, só dizia asneiras, o que não sucede somente à Sr^a Angélica.

Consta que ela fora uma vez ainda consultar a Sr^a Escolástica, a Massarelos; mas esta mulher tinha morrido de fome, não obstante predizer o futuro, que, parece, à primeira vista, um bom modo de vida, depois de jornalista, que são as Escolásticas de calças e paletó do nosso tempo.

Eu vou dizer-vos cousas pungentíssimas. E com pena, realmente vos digo, que me vejo obrigado a deixar morrer uma das criaturas mais notáveis deste romance. Acuso a medicina daqueles tempos por não ter salvado dum ataque apoplético o Sr. António José da Silva. Se fosse hoje, este homem não teria morrido, sem que ao menos o esfolassem com quatro dúzias de ventosas, e cento e tantos cáusticos. Tê-lo-iam salvado com alguma dessas medicinas, que disputam entre si a vida dos cidadãos, ao passo que as câmaras municipais mandam alargar os cemitérios. Felizes os que morrem hoje, que, se morrem, é porque não podiam viver mais.

O Sr. António deitou-se uma tarde queixando-se de dores de cabeça. Meteu os pés num banho de mostarda, mandou pedir a sua mulher que viesse fazer-lhe companhia, e recebeu-a morto, quando ela entrou. O facultativo chamado sangrou-o. A veia verteu algumas gotas de sangue negro e fechou-se, porque as válvulas do coração estavam fechadas para sempre.

Maria Elisa tomou a mão do cadáver e beijou-a sem lágrimas. A Sr^a Angélica veio ao quarto do irmão e chorou muito, grunhiu desentoadamente e atordoou a vizinhança com gritos. Feita esta berraria de duas horas, comeu alguma coisa sem apetite; mas podia dizer que tinha fome que ninguém duvidaria da sua palavra. Ao mesmo tempo, Maria Fusa, que não gritara, nem chorara, fugindo do quarto de seu marido, fechara-se no seu, escondera a face nas mãos, e murmurou: «Perdi um pai! Sou órfã outra vez!»

CAPÍTULO XXVI

A viúva do honrado negociante, que passou da Terra sem um necrológio, escreveu a Rosa Guilhermina uma carta que era um grito suplicante à sua amiga doutro tempo. Pedia-lhe que viesse, porque a chamava de ao pé dum cadáver. Só, sem amigos, e rodeada de riquezas inúteis, apelava para a única pessoa capaz de avaliar a sua orfandade.

Rosa Guilhermina entrou com o portador da carta. Abraçaram-se, chorando. Fecharam-se, para se furtarem às formalidades estúpidas das visitas fúnebres, que nos vêm dizer: «Sinto muito» e nos obrigam a responder:

«Muito obrigado.» Dous dias e duas noites, quase não tiveram um intervalo de silêncio. Sofriam ambas, sofriam muito, e já não sabiam adubar as conversações daquela fina especiaria de risos, que tanto prometiam, e em tantas lágrimas deviam converter-se depois.

– Já não somos as mesmas, Maria Fusa! – disse Rosa, abraçando a sua amiga, que lhe inclinava o rosto pálido no ombro.

– Já não... A nossa mocidade foi um dia... Parece-me que vivo há muito... Tem-me lembrado a morte, como o maior benefício que posso esperar do Céu...

– E eu tenho-a pedido tantas vezes!

– Também sofres, Rosa?! Não tens um esposo amado?

– Não.

– Como não? Pois não casaste por paixão?

– Casei... e depois vi que me tinha perdido...

– Pois quê? Ele não te estima?

– Não... arrasta-me na sua desgraça... Meu marido é um homem perdido... um ente sem honra, nem futuro, nem presente.

– Pois teu marido não está a formar-se em Coimbra?

– Já não trata disso... Meu marido é um jogador.

– Jogador!

– Sim, jogador de profissão... Gastou quanto podia gastar do meu património... O pouco que possuo para a minha subsistência e de minha filha tira-mo com violência. Foi riscado da Universidade, veio ao Porto vender aquela prata que tu deste a minha filha, depois de a comprares a meu marido, e foi para Lisboa, sempre acompanhado duma mulher ordinária, que viveu na minha companhia quinze dias e ousou dar ordens das minhas portas adentro. Há cinco meses que não tenho notícias dele. Nem ao menos me pergunta por sua filha. Sei que vive, porque, no fim de cada mês, se apresenta em minha casa uma ordem assinada por ele para eu pagar quase tudo que o juiz dos órfãos arbitrou para o sustento da minha família... Aqui tens a minha vida... Estou pobre... Maria Elisa!...

– Tu não estás pobre, Rosa! Não me fales assim, que me fazes chorar! Tu não estás pobre... Eu preciso que te esqueças de todo o nosso passado, para entrares de novo no coração de Elisa... Queres ser minha? Eu estou viúva, e viúva também tu estás... O teu coração não é já desse homem... E da tua filha e meu; a tua filha é minha e tua, sim?... Não chores... Troquemos entre três as nossas afeições todas... Vivamos numa só vontade... Foge para os meus braços, que não tem no mundo ninguém que os queira, a não seres tu... Faz-me outra vez sorrir para vida, que nestes últimos dous anos me tem sido tão negra... tão negra... Rosa! Faz que a minha riqueza me seja uma coisa agradável... Dá-lhe algum préstimo... Só tu podes, se vieres ser outra vez minha irmã, explicar-me a razão por que eu queria ser rica... Era para isto, era, minha querida amiga,

era para nós fazermos felizes três criaturas... eu, tu, e a nossa menina... Vai buscá-la... Vai... Não me digas que não... que me matas... Essa mesada que tens dá-a a teu marido... Que jogue, que se desonre, mas foge-lhe tu, que não tens ainda uma nódoa na tua vida... Vem ensinar-me a ser boa, e honrada, porque eu tenho sido...

– O quê?... Que tens tu sido?...

– Uma desgraçada...

– Também eu... Que culpa temos nós?!

– Eu?... Muita... Calemo-nos, Rosa... Olha aqueles sinos pesam-me sobre o coração... Tenho medo daqueles sons... Se meu marido tivesse sido nesta vida um homem, como eu deveria ter encontrado um, eu pensaria que aquele dobre era a voz dele que me acusava da eternidade... Ai!... Tu ignoras a minha vida? Parece impossível!... Nunca ouviste falar de mim como se fala duma infame mulher?

– Nunca...

– Pois pergunta ao mundo o que eu fui... Não, não perguntes nada... Ignora tudo. O meu coração para ti está puro... Restituo-to como to roubei, ou tu o lançaste de ti para fora... Não te importem os meus defeitos... Foi um sonho horrível! Acordei nos teus braços... quero aqui viver... Deixas-me esquecer aqui do muito que tenho sofrido?

.....
Rosa Guilhermina recebia com lágrimas as meias confidências de D. Maria Fusa, quando lhe disseram que seu marido a procurava, por saber que ela estava ali.

A surpresa brutificou-a.

Maria Fusa mandou subir Augusto Leite e reanimou a sua amiga do letargo em que a deixou esta aparição tão pouco desejada. Fora preciso muito para que a pobre senhora aborrecesse seu marido.

Não bastariam para isso as dissipações que ele fizera do seu património. A mulher perdoa sempre os desperdícios de seu marido, contanto que eles não envolvam uma afronta ao seu amor-próprio, servindo de preço aos amores alheios que se vendem.

Não fora, pois, o jogo que arruinara a felicidade de Rosa. Foi o descaro insultuoso com que Augusto, na sua penúltima vinda ao Porto, lhe introduzira em casa a tricana das chinelas amarelas, mulher insolente que, autorizada pelo amante, ousara esbulhar os bragais da casa, deixando a sua dona só os indispensáveis.

Estes vexames nunca se perdoam. A esposa assim ultrajada pode sofrê-los calada como mártir, mas não poderá nunca reservar um resto de afeição ao homem que a humilhou assim.

Rosa entrou na sala em que era esperada. Quando deu de face com seu marido, que não vira nos últimos seis meses, desconheceu-o e recuou. Trazia a barba toda, que lhe aumentava a magreza cadavérica do rosto. Vestia uma velha sobrecasaca, de pano desbotado, encodeada na gola e farpada na botoadura. Os seus olhos pisados, mas ainda penetrantes do brilho da desesperação, fixavam Rosa com ar ameaçador.

Cruzando os braços com a importância trágica dum marido de tragédia, que vem, de longes terras, pedir contas a sua mulher, Augusto Leite disse aproximando-se:

– Parece que me não conheces, Rosa?

– Vens tão mudado do que eras!... Não admira que te não conhecesse, Augusto!

– Pois sou eu mesmo... Vejo que não sentes grande prazer com a minha visita...

– Não te esperava... Como há seis meses me não escreves...

– Entendeste que não havia nada comum entre nós... Pois, minha amiga, sou teu marido, apesar de ambos nos...

– Sinto muito que o sejas a teu pesar... Éramos ambos bem mais felizes se o não fosses.

– Parece-te? A mim também; mas já agora o remédio é seres minha mulher e eu

teu marido...

– Falas-me dum modo que me fazes gelar o coração! Que te fiz eu para me tratares assim?

– Eu sei cá o que me fizeste!... Não me fizeste nada... Penso que me tornaste mais desgraçado do que eu era...

– Vejo que sim; mas não era essa a minha intenção... Eu quis fazer-te feliz; se o não consegui, é porque não pude, nem tu me disseste o que eu devia fazer para a tua felicidade...

– O que me perdeu foi o teu dinheiro...

– Não tive culpa, Augusto...

– Eu, se fosse sempre pobre, não me iludia com as esperanças do teu património e trabalharia, estudaria para chegar a ser homem...

– Que hei-de eu fazer-te, Augusto!... Eu nunca te aconselhei que arruinasses o que te dei; se soubesse que o meu dinheiro te fazia infeliz, lançá-lo-ia ao mar para me casar pobre contigo... Mas, se eu fosse pobre, decerto me não quererias...

– Não sei, não me importa saber, todas as conjecturas agora são estúpidas...

– Perdoa as minhas conjecturas... Eu dantes era espirituosa, segundo tu dizias, que eu nunca o acreditei... Agora sou estúpida, é porque a desgraça embrutece...

– Nada de ironias... Sabes que estou pobríssimo?

– Não sabia; mas acredito que o estás.

– Podes avaliar a minha situação?

– Posso; porque eu também estou pobríssima.

– Menos que eu...

– Mais que tu... Tenho uma filha que sustento, e cheguei à extrema dor de querer comprar-lhe um vestido, e tive de vender um meu, para que a minha filha te não envergonhasse... Avalias tu agora a minha situação?

– Diz ao teu tutor que te entregue o que tens, e tu administrarás...

– Já lho supliquei muitas vezes. Não me concede cinco réis além da mesada que me arbitraram... Não posso conseguir nada... Emprega tu os meios, que eu concedo-te tudo; e, se não poderes alcançar mais do que eu, desde já te cedo toda a minha mesada, e eu e minha filha recorreremos à caridade da minha amiga Maria Elisa.

– Não quero caridades de ninguém: quero aquilo que é meu, quando não enterro uma faca no coração do tutor...

– Cala-te, Augusto, que me pareces demente!

– É porque eu realmente estou louco... Preciso sair desta desgraçada vida em que me vejo... Quero dinheiro, Rosa, quando não vou com um bacamarte para as estradas...

– Augusto! – exclamou ela, tirando-lhe a mão do cabo do punhal, que empunhara instintivamente no bolso interior do casaco.

– Tu não sabes onde a desgraça é capaz de me levar... A sociedade fez-me assim... Se perdi muito dinheiro, perdi o que era meu; não roubei nada a ninguém; e a sociedade infame desprezou-me, chamou-me homem perdido e cuspiu-me na cara, porque eu empobrecei... Vi-me abandonado e tornei-me criminoso... Estou cúmplice num roubo, e se, dentro de três dias, não der um conto de réis, sou preso, e degradado, ou pendurado numa forca.

– Oh, meu Deus, que vergonha!... –disse Rosa, caindo numa cadeira e escondendo o rosto entre as mãos.

– Nada de exclamações... Esse remédio não me presta de nada... Visto que tens uma amiga rica do que era de meu tio, pede-lhe este dinheiro, se me queres salvar... Não me respondes?

– Augusto!... eu não posso responder-te já... Deixa-me possuir bastante do meu

infortúnio, para perder a vergonha...

– Isto não sofre delongas... Quero a resposta já...

– A resposta dou-lha eu – disse Maria Elisa, que aparecera de improviso.

Augusto cortejou-a ligeiramente e Rosa ergueu-se, trémula, e sentou-se logo, porque lhe faltavam forças para acolher-se ao seio da sua amiga.

Maria Elisa veio ter com ela, abraçou-a, deu-lhe um beijo e levou-a consigo para dentro. Voltando-se para Augusto, disse:

– Queira demorar-se, que eu volto já.

Augusto Leite sentiu um abalo que faria parecê-lo louco a alguém que o visse. Não era loucura. Era o contentamento de se ver possuidor dum conto de réis, com o qual contava já. Era a esperança de transportar-se com ele a Espanha a tentar a fortuna, visto que não poderia tornar a Lisboa, onde o perseguiam por crime de roubo de uns brilhantes, cujo valor perdera em menos de três horas. Esta ideia salvadora produziu-lhe uma febre de loucura passageira. Encarou-se num espelho, e viu-se como um idiota, penteando as barbas com os dedos. Retesou os braços, espreguiçando-se, e murmurou por entre os dentes quase cerrados: «Há um demónio, que me protege! Respeito-o mais que os santos, e hei-de mostrar-lhe que sou agradecido...»

Maria Elisa voltou. Sentou-se no canapé e fez sinal a Augusto, oferecendo-lhe uma cadeira:

– Sr. Augusto, V. S^a vai receber da minha mão uma quantia em dinheiro, que me não pertence, nem a sua mulher. E uma generosidade de sua filha, de que eu sou intérprete...

– De minha filha?!

– Sim, senhor. Eu dei a quantia que vou confiar-lhe a sua filha e fiquei sendo sua administradora. Quando ela estiver em estado de recebê-la, V. S.^a lha entregará. São três contos de réis em notas. E um depósito sagrado, que lhe confio. Espero que V. S^a procure reconquistar a sua honra, e não lhe faltarão recursos para um dia entregar a sua filha esta quantia aumentada...

Augusto, balbuciante de prazer, não avistando dum relance toda a extensão do seu futuro, murmurou:

– Eu farei por ser um digno depositário do dinheiro de minha família.

– Agora, senhor, tenho a pedir-lhe um favor em nome dela.

– Qual?... A viúva de meu tio manda, não pede...

– A viúva de seu tio nem manda, nem pede nada. Repito-lhe que sou absolutamente estranha a esta troca de favores que faz o pai com sua filha. O que em nome dessa menina lhe peço é que consinta que ela e sua mãe vivam na minha companhia.

– É muita honra para mim, minha senhora. Eu vou fazer uma pequena viagem por causa de certos interesses, e durante a minha ausência não posso confiar a mais valiosa protecção a minha mulher e minha filha.

– Vai viajar?... Sua senhora já o sabe?

– Ainda lho não disse.

– Pois então... não lho diga... Salvo se tem motivos fortes para dizer-lho...

– Não tenho alguns... Era simplesmente despedir-me...

– Nesse caso, eu encarrego-me de fazê-la ciente do seu adeus, e V. S^a de qualquer país lhe escrevera...

– Minha senhora... dispõe do meu quase inútil préstimo?

– Empregue-o, que tem muito, em ser um digno marido da minha amiga e um digno pai da menina que adopto como minha sobrinha. Além dos vínculos de parentesco que o prendiam a meu marido, há outros mais consistentes que são os da

amizade que consagro a sua mãe.

.....
Augusto Leite retirou-se. Maria Elisa, com o coração alvoroçado de prazer, foi abraçar Rosa, e exclamou, com quanto amor podia empregar na sofreguidão dum beijo:
«És minha para toda a vida!»

CAPÍTULO XXVII

Sigamos Augusto Leite, enquanto sua mulher e filha dão a Maria Elisa a felicidade que ela lhes remunera com afagos.

O jogador, febril de contentamento, entrou em sua casa, no Laranjal, disse algumas palavras a sua mãe e mandou preparar a inseparável moçoila, que o acompanhava, na boa e má fortuna, havia quatro anos.

Saiu, e comprou uma jaqueta de peles, uma faixa de seda escarlata, chapéu de guizos, um par de pistolas, um cobrejão e dous cavalos de baixo preço.

Duas horas depois, a rapariga, encadernada numas andilhas, passava na Ramada Alta, estrada de Viana, e Augusto Leite, com pau de choupa debaixo da perna, esporeando o cavalo, à laia de cigano, caminhava a par com ela.

Nesse dia foram dormir a Casal de Pedro, e viram lá umas pulgas, cujas netas eu encontrei trinta anos depois, pulgas enormes e ferozes, que arrastam as meias dos passageiros, depois que lhes exaurem as artérias dum sangue azedado pelo maldito vinho que a estalajadeira vos ministra, perguntando-vos se sabeis alguma mezinha para matar as *bichas* dos pequenos.

Pernoitei aí uma vez na minha vida. Compreendi, no quarto que me deram, os suplícios do cristão primitivo atirado ao circo. «Cristão às pulgas!», deveria ser, no Império Romano, um grito de prazer para o paganismo sanguinário, como o fatal «Cristão às feras!»

Era alta noite, e eu não podia transigir, dormindo, amigavelmente, com a ferocidade dos insectos, se é que não podemos chamar cetáceos àquelas pulgas, de horrível recordação. No sobrado imediato ao da pocilga em que eu me contorcía nas vascas duma agonia de novo género rosnavam uma boa dúzia de galegas, que vinham da terra a visitarem os respectivos galegos residentes no Porto.

Descompunham-se em raivosas apóstrofes por causa das mantas, que algumas delas monopolizavam com grave escândalo e frialdade das outras. Dos impropérios passaram a vias de facto. Socaram-se, esganharam-se, revolveram-se, creio eu, como uma matilha de cadelas, e vieram de encontrão à porta do meu quarto, que não resistiu ao choque, e deixou entrar aquele embrulho indecifrável de górgonas em fralda de camisa, que me pareciam, à luz mortiça da vela, executarem uma dança macabra, uma mazurca de demónios!

Eu levantei-me em pé sobre o catre de pau castanho, pintado de amarelo, e presenciei com os cabelos eriçados o desfecho daquela tremenda luta. O dono da estalagem e o meu criado vieram protocolizar a desordem, distribuindo alguns murros indistintamente, de que resultou a fuga desordenada das galegas, para o seu arraial, ficando considerado o meu quarto campo neutro.

Nesse mesmo quarto, às duas horas da noite, também o Sr. Augusto Leite recebeu uma inesperada visita; mas não de galegas em guerra crua. Eram oito soldados de cavalaria, comandados por aquele estúrdio cadete que o leitor conhece e reforçados por alguns meirinhos do corregedor e um especial enviado do regedor das justiças.

Já soubemos que Augusto Leite roubara em Lisboa uns brilhantes. A razão por que os roubara deu-a Prudon depois: os brilhantes eram propriedade da condessa de***, e a propriedade era um roubo.

Como se introduziu Augusto Leite em casa da condessa de***? Não é bem líquido, e eu não quero inventar, porque não tenho necessidade de deslustrar a veracidade do meu conto por amor dum incidente de pouca monta. Disseram uns que Augusto Leite era amante da condessa; outros afirmavam que o académico, expulso da

Universidade, se valera dum seu condiscípulo, primo dessa senhora, para ser protegido por ela na sua admissão à academia. Eu, de mim, para não duvidar de nenhuma das explicações, acredito-as ambas, e não ofendo os diversos opinantes.

O que devem todos acreditar é que Augusto Leite dispensou à condessa o trabalho de pôr o seu colar e pulseiras de brilhantes em um dia de anos duma sua prima. As suspeitas recaíram em todos os domésticos, menos em Augusto Leite. No dia seguinte corria em Lisboa que um académico, visita frequente da condessa de***, tinha perdido, em menos de três horas, trinta mil cruzados em casa do barão de Quintela. Os curiosos averiguaram o manancial possível deste dinheiro e souberam que um judeu na Rua dos Fanqueiros comprara na véspera por trinta mil cruzados uns brilhantes. A condessa, com autoridade judicial, fez que o judeu apresentasse os brilhantes comprados. Reconhecidos, apossou-se deles sem mais formalidade. O judeu gritou contra a extorsão, perguntando se reviviam os tempos nefastos de D. João III; ofereceu-se voluntariamente para a fogueira; e a tudo isto, que realmente era patético, o procurador da condessa respondeu: *res ubicumque est sui domini est*.

O judeu não ficou sabendo latim, mas conheceu vários artigos da nossa legislação e aproveitou-se daquele que o autorizava a perseguir o ladrão.

Augusto Leite entrou em casa da condessa quando ela voltava de reconhecer os seus diamantes. Um criado presenciou que ela algumas palavras lhe dissera, e o seu protegido respondeu a elas, voltando as costas para nunca mais tornar. Os maledicentes quiseram inferir da generosidade da condessa, que o avisou, consequências desfavoráveis para a honra dela. Como quer que fosse, Augusto fugiu de Lisboa, a pé, sem dinheiro, sem bagagem, com uma mulher ao lado, e assim vagou quatro meses, não sabemos por onde, até que o vimos entrar em casa da viúva de António José da Silva.

Tornemos agora a Casal de Pedro.

O enviado do regedor das justiças bateu à porta da estalagem e perguntou que passageiros pernoitavam ali.

– Dous almocreves, o recoveiro de Viana, um passageiro do Porto, com sua mulher, e um criado.

– Abra lá a porta – disse com a costumada intimativa o executor da lei.

Abertas as portas, os meirinhos encaminharam-se para o quarto do passageiro. Augusto Leite ouvira as perguntas. Saltara fora da cama para fugir, mas não conhecia um palmo da casa fora do seu quarto. Antónia Brites, companheira dos seus trabalhos, lembrou-se dalguns santos, que conhecera na infância, e incomodou-os com as suas orações. O antigo tradutor de novelas não lera cousa que lhe servisse de modelo para semelhante conflito. Quis precipitar-se da janela, mas viu na rua os cavalos em linha. Recuou diante dum sacrifício inútil, e apelou para os extremos.

Os meirinhos entraram e viram uma mulher de joelhos com as mãos erguidas e um homem de semblante feroz com duas pistolas aperradas.

O estalajadeiro, que caminhava na frente com a candeia, fez dous passos à retaguarda, e declarou-se neutral. Os meirinhos, que tinham à vida o amor suficiente para viverem oitenta anos mais, não foram mais adiante que o prudente estalajadeiro. Augusto conservou-se na postura ameaçadora, fuzilando dos olhos um clarão mais vivido que a candeia trémula do petrificado taverneiro.

Um dos meirinhos, enquanto os outros voltavam as costas, veio à rua e disse que o homem não era para graças. O cadete apeou e subiu com dous soldados. Foi à porta do quarto e encontrou o atleta na sua imobilidade sinistra. Deu-lhe voz de preso, e viu que o ladrão era surdo, ou rebelde à lei.

– O melhor é botar-lhe as unhas – murmurou um soldado.

– Agarra-o, *trinta e quatro!* – disse o cadete.

O *trinta e quatro* entrou no quarto, e, quando lançava mãos aos copos da espada, sentiu um corpo duro bater-lhe na testa. Descarregou ainda um golpe, e foi de braços atrás da espada que bateu no sobrado. Estava morto.

O camarada do *trinta e quatro* correu em defesa do seu companheiro. Descarregou duas cutiladas na cabeça de Augusto, mas à terceira sentiu franquear-lhe o braço, e veio recuando, cair, com uma bala no coração, aos pés do cadete.

Os outros soldados tinham subido e atropelavam-se à entrada do quarto. Augusto Leite, coberto de sangue, defendia-se debilmente com a choupa, que vencia o alcance das espadas. Os soldados, arrefecidos pelo aspecto dos dous camaradas mortos, não ousavam afrontar o aço da choupa, que algumas vezes sentiram resvalar-lhe na farda, deixando-lhe na pele um ligeiro ardor, que depois se exacerbava com a humidade do sangue.

O cadete, envergonhado da cobardia dos seus, diante dum só homem, entendeu que salvava a sua honra desfechando uma clavina. no peito de Augusto Leite. Ao desfechá-la, viu interpor-se-lhe um vulto. Era Antónia Brites, que vinha pedir-lhe de joelhos que não matasse Augusto. Não chegou a pronunciar a primeira palavra. Recebeu a bala que havia de matar o marido de Rosa e caiu pedindo confissão. Deus lhe levaria em desconto das suas culpas o bom desejo de reconciliar-se com o Céu, porque fechou os olhos antes de ver o padre.

Augusto, impellido pelo instinto da vida, saltou da janela ao quinteiro com tal destreza que as espadas não puderam tocar-lhe. O quinteiro estava deserto de homens e os cavalos soltos entretinham a fome no tojo. A comitiva correu atropeladamente a impedir a fuga. Quando chegaram ao quinteiro, meirinhos e soldados, qual deles mais corajoso, o que viram foi um cavalo de menos e na calçada fronteira as faíscas das ferraduras do que fugia. Alguns soldados quiseram montar; mas os cavalos, assustados pelo salto de Augusto ao meio deles, não deixavam estribar e jogavam de garupa com mau resultado para o meirinho geral, que perdeu aí os três únicos dentes que possuía.

– Já se não pilha!... – disse o cadete.

– Agora é vê-lo ir – acrescentou um soldado.

– Vamos ao quarto tomar-lhe conta das malas – disse o enviado do regedor das justiças.

Entraram no quarto. Abriram uma pequena mala de couro e umas bolsas de holandilha, onde encontraram alguma roupa branca. Dinheiro, nem cinco réis. A volumosa carteira com três contos menos duzentos mil réis, que o sobrinho do Sr. António José da Silva gastara em cavalos e pistolas, e fato, levava-a ele no bolso da jaqueta de peles.

De madrugada, os executores da lei voltavam para o Porto, com os dous cavalos de Augusto Leite.

Os três cadáveres foram enterrados no adro da igreja paroquial, porque o vigário duvidou sepultá-los em sagrado, visto que não traziam sinal de cristãos, como cruz, nominas, bentinhos, verónicas ou outro qualquer distintivo da fé católica.

*

Relação das pessoas que já morreram neste romance

O mestre de Latim	1
A Sr ^a Escolástica	1
O arcedíago	1
Uma velha da viela do Cirne, cujo nome me não lembro	1

O Sr. António José da Silva	1
Antónia Brites, amante de Augusto Leite	1
Dous soldados de cavalaria	2
<i>Soma total</i>	8

Continuarão a morrer convenientemente.

CAPÍTULO XXVIII

Augusto Leite, quando chegou à Barca do Lago, ia a pé. O cavalo caíra rebentado e o cavaleiro desviou-se da estrada para curar os ferimentos que recebera na cabeça. Não lhe era difícil viver seguro em casa dum lavrador, que foi largamente indemnizado do hospitaleiro acolhimento que deu ao passageiro, que, segundo ele, tinha cara de pessoa de bem. Vendeu-lhe a sua égua, encaminhou-o por atalhos seguros da vigilância dos aguazis e levou-o à fronteira de Espanha, curado das feridas e salvo de encontros importunos. Ali, foi fácil ao foragido comprar um passaporte, que o levou a Madrid com o pseudónimo de D. Fernando Godinho Pereira Forjaz.

Chegado a Madrid, cortou as barbas, vestiu-se de trajes sérios, apresentou-se como viajante, relacionou-se com a facilidade habitual em Espanha e entrou como português distinto nas primeiras casas da capital. Encontrou aí fidalgos portugueses, que o não conheciam; mas respeitavam-no pelos apelidos e não se recusavam a chamar-lhe primo, visto que os Pereiras Forjazes eram ramificação do heráldico tronco dos condes da Feira.

Augusto Leite jogou e aumentou consideravelmente os seus haveres. Em alguns meses alcançara uma publicidade que lhe não convinha. O seu nome era repetido de mais nos salões. As suas conquistas amorosas excitavam invejas e reservas vingativas que poderiam perdê-lo. Augusto resolveu abandonar Espanha e procurar na sociedade mais ampla de Paris viver bem, sem excitar curiosidades funestas.

Em Paris deu-se como espanhol e era conhecido por D. Afonso Vilhegas. Falava correntemente o espanhol, associara-se a uma partida de jogadores da sua pátria adoptiva e engrandecera o seu pecúlio, que já subia a vinte contos de réis. O dinheiro de Maria Elisa fora abençoado!

Não tivera, até então, alguma notícia de sua mulher. Não lhe convinha solicitá-la, porque podia ser descoberta a sua residência. O coração também lho não pedia.

Passeava uma tarde nos bulevares e viu um homem que lhe não era de todo estranho e reparava muito nele. Perguntou-lhe, em francês, se era espanhol.

– Sou português – respondeu o cavalheiro.

– Estimo muito... Eu gosto dos Portugueses. Viajei alguns meses na sua terra e simpatizei com as mulheres, que são quase todas gordas e vermelhas. Eu gosto muito das mulheres vermelhas e gordas.

– Tem razão... mas, pela pronúncia, parece-me espanhol, e as mulheres da Espanha não são inferiores às de Portugal. Não tem razão de invejar a minha pátria... Que cidades conhece em Portugal?

– Conheço as que lá há que mereçam esse nome... Lisboa e Porto.

– Esteve no Porto? É uma bonita cidade, não é?

– É muito interessante. A gente de dia faz horas para se deitar ao escurecer. Não há nada melhor. Come-se e dorme-se com a mais perfeita tranquilidade de espírito. E na Semana Santa vêem-se as mulheres quando passam as procissões.

– Conheceu alguma no Porto?

– Apenas uma. Como fui recomendado a um negociante chamado António José da Silva, tive ocasião de ver de passagem uma bonita rapariga, que falava em estilo de Corneille.

– Pois conheceu essa senhora?!

– Perfeitamente. Que é feito dela? É feliz?

– Penso que não. A sua fortuna está perdida. É por causa dela que eu vim a França.

– Sim? E notável a coincidência!... Pois senhor, veja se eu posso servir-lhe de alguma cousa com o meu pouco valimento... Que desastre foi. esse! O tal negociante passava por ser um homem rico...

– E era. O negociante morreu há dez meses. A viúva liquidou a sua fortuna, que valia bem duzentos mil cruzados. Entrou com ela em uma casa comercial francesa, que tinha representantes em Lisboa. Esta casa acaba de falir, e o dinheiro de Maria Elsa está perdido, segundo creio.

– Coitada!... Fica pobre por consequência...

– Pobríssima...

– E tem filhos?

– Não, senhor.

– Nem família?

– Tem em sua companhia uma amiga e a filha dessa desgraçada senhora, que também foi rica e está reduzida a nada...

– Também tinha os seus bens de fortuna na casa comercial que faliu?

– Não, senhor... Foi o marido que a reduziu a esse estado deplorável..

– Pobres senhoras!... Estou-me interessando em que não sejam tão infelizes como o senhor as pinta...

– Pois não digo metade das desgraças que as esperam.

– E o marido dessa amiga da viúva... naturalmente é um perdido que lhes não pode valer de nada?...

– Esse homem morreu... ou há todas as probabilidades para o julgar morto... Parece que o mataram, quando o prendiam por ladrão...

– Era ladrão? Oh, diabo! Então foi bem feito matarem-no...

– Roubara em Lisboa uns brilhantes que vendera a um judeu. O judeu perseguiu-o, e quando soube que sua mulher possuía algumas propriedades, de que fruía os rendimentos, provou o roubo e penhorou-lhas todas... A viúva do negociante, que o senhor conheceu, não lhe dava tempo a cismar nos seus infortúnios; mas agora a situação de ambas é desgraçadamente igual.

– E o seu procedimento?

– O mais exemplar. Maria Elisa vai retirar-se a um convento, e é natural que a outra viúva a acompanhe.

– Então o senhor que veio fazer a Paris?

– Vim tentar o último esforço; mas inutilizei despesas e trabalho. Pedi que se indenizasse a viúva da massa falida; mas o Tribunal do Comércio não deferiu ao meu requerimento.

– Quando parte o senhor para o Porto?

– Amanhã deixo Paris e vou embarcar a Toulon.

– Pode ser portador duma encomenda para a viúva de António José da Silva?

– Com muito boa vontade.

– Tenha a bondade de acompanhar-me.

Augusto leu subiu ao hotel, onde residia, enquanto o procurador de D. Maria Elisa o esperava. Demorou-se alguns minutos e entraram juntos em uma casa comercial inglesa. Sacou uma ordem de mil e quinhentas libras sobre o Porto, entregues à ordem de D. Maria Elisa, e entregou-a com uma carta ao procurador, acrescentando:

– Diga a essa senhora que não desça da sua dignidade, nem abandone as pessoas que levantou da miséria. Eu terei cuidado de velar pela sua sorte.

O procurador, aturdido, como é natural, desejou naquele momento vencer como num voo de espírito a distância que o separava de Maria Elisa. Aventurou algumas perguntas ao generoso espanhol; mas não conseguiu elucidar-se mais do que tinha sido.

Augusto Leite entrou no seu quarto e disse à sua imagem representada no espelho: «Meu amigo, quando te vi, há oito meses, rir de contentamento no espelho de Maria Elisa, tinhas um riso bem diferente desse que te vejo agora. Acredito que o prazer de uma boa acção é o Único prazer sem mistura de dor. E a primeira acção boa que praticas, meu caro Augusto! Se te habituasses a ser honrado assim muitas vezes, naturalmente caías desamparado na rua. Esconde agora a face da honra e faz uso da outra, porque uma só cara não presta para nada. Visto que tomas a teu cargo aquelas mulheres, precisas de ser pessoa de bem uma vez cada ano. A virtude, nos homens da tua fortuna, deve ser como os intervalos lúcidos da loucura. Se vais dizer à sociedade que te dê os meios para sustentares tua pobre mulher e tua filha, a sociedade manda-te trabalhar. Pois então, D. Afonso Vilhegas, trabalha antes que ela te mande. Dos trabalhos procura o mais rendoso. Como não tens grande força muscular, faz que o teu ofício esteja mais dependente do espírito. »

Este diálogo, com o seu *único amigo*, foi interrompido por uma personagem que apareceu dum sege e mandara adiante o seu nome: era o visconde de Bellarmin.

– Meu caro visconde, vieste encontrar-me a conversar comigo.

– E necessário que te retires de Paris imediatamente.

– Porquê?

– O Governo suspeita que tu és um enviado do partido monacal de Espanha, que combinas com o de França uma reacção. Há ordem de prisão para ti.

– Não julguei que era uma pessoa tão importante. Tenho glória de ser preso como homem temível a duas nações. Ainda agora me lembro que posso ser um grande homem. Quem sabe se me está reservada a coroa de Fernando VII!

– Não zombes, Vilhegas... Foge, quanto antes, de Paris. Aqui tens passaporte para Portugal.

– Não vou para Portugal. Alcança-me um passaporte para Espanha, e perdoo-te as mil libras que ontem perdeste. Olha lá... Dou-te outras mil se dizes no passaporte que eu sou um missionário espanhol, que volto do Japão. Aceitas?

– Aceito... Vou buscar-to. Mas tu não tens cara de missionário.

– Eu respondo pela cara, e, senão, sabes quem venda uma? Os vossos ministros devem ter algumas disponíveis!... Vês como eu já vou pendendo para a linguagem dos estadistas?... Nunca me lembrou que podia ser o grande homem, que vou ser!... Onde quer está um Napoleão incubado!... Avia-te...

Duas horas depois, Augusto Leite, com uma pequena trouxa, um hábito franciscano, a face amarelecida por não sabermos que tinturas finíssimas, caminhava a pé para um porto de mar, onde devia embarcar para Cádiz.

Vai-se tornando interessante o romance. Já era tempo!

O frade franciscano Benito das Cinco Chagas, dias depois, desembarcava em Cádiz, onde as Cortes se refugiaram com Fernando VII, que estava preso, a pretexto de demência, por não ter sancionado a Constituição.

Augusto Leite apresentou-se nos congressos monacais e ofereceu, como fanático pelas prerrogativas reais, e inimigo encarniçado da França, o seu apoio, e o seu braço, sendo necessário.

Tal fora a sua entusiasta eloquência, que os chefes da reacção, sem discutirem a pessoa, abraçaram-no, vitoriam-no, e confiaram-lhe o segredo dos seus planos, aclamando-o unanimemente seu secretário.

Era necessário falar ao rei que os liberais retinham com sentinela à vista. Empresa difícil! Foi pedido o parecer do frade missionário, em quem os fanáticos reconheciam o providencial redentor de Espanha. Antes que ele abrisse a boca, já todos sabiam que a sua palavra seria a salvação e as suas ordens imediatamente executadas.

Augusto entrou no Congresso envolto no seu hábito. Não respiravam os circunstantes. Fixavam-se todos os olhos nos lábios do moço frade, quando ele, antes de pronunciar uma palavra, deixou cair o hábito e deixou ver um fardamento completo de general francês.

As escarlates fisionomias dos conspiradores empalideceram, murmurando um prolongado *ah!*

– Não me julgue algum mágico – disse Augusto Leite, sorrindo bondosamente. – Sou um frade que renega por momentos o seu hábito, para vesti-lo um dia, com a consciência de ter servido a Espanha, fortalecendo-lhe a sua independência e defendendo-a das ímpias agressões da França. E necessário falar a Fernando VII. Eu irei apresentar-me às Cortes e direi que sou um enviado do duque de Angoulême, que, a estas horas, bate às portas de Madrid. Direi que o meu fim é capacitar o rei a aceitar a Constituição, e serei conduzido pelos interessados ao pé do monarca.

– E depois? – exclamaram algumas vozes.

– Depois da minha conferência a sós com o rei, retirar-me-ei dizendo às Cortes que Fernando VII está doudo e não concebeu as minhas razões. As Cortes, que por força precisam que o seu rei seja doudo, reputar-me-ão duma inteligência muito fina, ou duma astúcia tão cavilosa como a sua. Fernando VII, uma hora depois que eu me retire, dirá ao seu médico que sente uma forte dor de cabeça; duas horas depois sentirá uma convulsão e cairá...

– Morto?!

– Aparentemente morto. O médico virá dizer às Cortes que o rei morreu duma apoplexia fulminante. Far-se-ão os funerais. O cadáver será transportado para o palácio municipal. Três horas depois que o julgarem morto, o rei ressuscitará e, à frente do exército fiel, dirá: «A Providência restituiu ao povo espanhol o seu monarca.»

Os venerandos frades sacudiram a cabeça em ar de pasmo. A alguns afigurou-se-lhes que o seu irmão era o próprio Diabo, que vestira o hábito do seráfico S. Francisco, sobre a farda de jacobino, que ele era, desde que o Senhor o expulsou do Céu. Os mais circunspectos, encarando-o com o respeito da superstição, por isso que o reputavam embaixador dum poder sobrenatural, não ousaram interrompê-lo no extenso discurso, que não publicamos na sua íntegra, porque na sala do conciliábulo não estiveram taquígrafos, que nos transmitissem o discurso completo.

O que sabemos é que Augusto Leite nesse dia se apresentou às Cortes, pedindo consentimento para falar ao rei como enviado do duque de Angoulême, comandante do exército francês.

Perguntando pelos meios que empregara para chegar desconhecido até Cádiz, respondeu que embarcara num porto da França, com passaporte que apresentou, passado a Fr. Benito das Cinco Chagas. As Cortes acreditaram o enviado e permitiram-lhe a entrada no cárcere de Fernando VII.

O rei, quando lhe foi anunciado um emissário francês, declarou que o não recebia, sem ter ao seu lado uma peça de calibre 40, com mórão aceso. Esta dificuldade é que o marido de Rosa Guilhermina não previra. Redobraram as instâncias inutilmente durante três dias, ao cabo dos quais o duque de Angoulême, defronte de Cádiz, bombardeava a cidade.

Augusto Leite, empregando a corrupção por meio do ouro, fez saber ao rei que o enviado francês era um partidário do congresso sacerdotal, que vinha oferecer a Sua Majestade valiosos serviços para a sua fuga do poder das Cortes.

O rei recebeu-o perplexo; mas brevemente se confiou aos planos do futuro arcebispo de Toledo, graça que desde logo lhe confirmou com a sua real palavra.

Augusto Leite agradeceu com reverente efusão a graça e oferecia ao rei a

beberagem que devia paralisar-lhe a vida aparentemente, quando se ouviram exteriormente gritos que anunciavam a fuga do exército espanhol e o desembarque do duque de Angoulême.

O populacho dava *morras* aos membros das Cortes; e os partidários da Constituição, que não sabiam as intenções pacíficas da França, lutavam desesperadamente contra o povo e contra o exército vitorioso.

Augusto Leite, persuadido de que era já desnecessária a realização dos seus planos para a soltura do rei, não lhe ministrou o liquido e dava graças à estúpida fortuna que o colocara ao lado de Fernando VII no momento da sua liberdade.

Um membro das Cortes, que odiava o rei e julgava perdida a causa, e cortada infalivelmente a sua cabeça um momento depois, resolveu um desses atentados sanguinários que são o carácter do povo espanhol nas crises revolucionárias, resolveu o regicídio.

Entrou no cárcere, armado dum punhal. Foi direito à câmara do rei. O primeiro que se lhe antepôs foi o suposto oficial francês. Recuou diante de duas pistolas; mas um instante. Refez-se da coragem da desesperação e agrediu o tímido rei, que se refugiara atrás de Augusto. O bem provado atleta de Casal de Pedro desfechou-lhe uma pistola no peito: mas não pôde esquivar-se a uma punhalada no coração. Travaram por alguns minutos uma luta feroz e caíram ambos estendidos.

O que recebera uma bala no peito podia viver ainda hoje se, no dia imediato, não fosse arrancado à enfermaria militar para padecer morte de garrotilho, com alguns dos seus colegas. Mas, ao mesmo tempo, Augusto Leite, que sentira mais dentro a ponta do punhal, era enterrado com grandes honras por ter defendido, à custa da própria, a vida do seu rei.

O que ninguém sabia dizer ao certo era a naturalidade do corajoso defensor de Fernando VII. Os frades queriam-no para o catálogo dos mártires franciscanos; mas uru francês do estado-maior do duque de Angoulême dizia que aquele homem vivera algum tempo em Paris, onde se intitulava D. Afonso Vilhegas. O que tal disse tinha razão sobeja para sabê-lo, porque era o visconde de Bellarmin, que vendera o passaporte de frade ao seu amigo por mil libras.

Ora, pois, deste sujeito estamos nós livres. Podemos dizer que morreu bem. Espero que este meu romance, só de per si, conduza à eternidade indivíduos suficientes para chamarem a atenção devota dos pios leitores em dia de fiéis defuntos.

CAPÍTULO XXIX

Maria Elisa, com Rosa Guilhermina e a filha viviam na casa do Sério, única propriedade que puderam salvar da fatal quebra do negociante francês e do sequestro do judeu. O dinheiro que lhes fora enviado de Paris melhorara a condição precária das aflitas senhoras, que se viam na dura precisão de entrarem num convento como criadas de freiras.

Calcularam donde poderia vir-lhes aquele dinheiro e abençoaram Augusto Leite, que parecia entrar, ao cabo de tantos desatinos, na estrada da honra. Calaram o segredo, receando que perseguissem o assassino dos dous soldados em Casal de Pedro, e esperaram que o tempo o reabilitasse para tornar a Portugal.

Passou um ano, sem novas de Augusto. Resolveram mandar a Paris o procurador que falara com o generoso espanhol. Foi. Procurou-o na mesma casa, e soube que esse homem se retirara de França um ano antes.

Disseram-lhe que existia em Paris um general que conhecera muito bem D. Afonso Vilhegas. O procurador encontrou esse general, que era o visconde de Bellarmin, e soube que o suposto espanhol morrera em Cádiz.

Esta nova matou todas as esperanças das pobres senhoras. Pobres outra vez! Choraram muito, como é natural, e resolveram abraçar a baixa profissão de criadas de convento.

Mas eram belas ainda. A desgraça, ao passar por elas, nem lhes desbotara o viço da formosura, nem lhes arrefecera de todo o coração. Viúvas ambas, embora pobres, quantos ansiariam por esposá-las, se elas viessem ao mundo com o seu sorriso de sedução?

Rosa tinha visto, em cinco meses sucessivos, todos os dias, à mesma hora, um cavaleiro que passava, com os olhos pregados na janela do seu quarto, onde ela, na hora das saudades, à luz crepuscular, costumava sentar-se com sua filha nos braços.

Em uma dessas tardes, vira que o cavaleiro parava e dissera para cima palavras que ela não entendeu, nem quis entender. Retirara-se a contar à sua amiga a aventura estranha e prometera nunca mais, a tal hora, dar azo aos atrevimentos do Sr. Álvaro de Sousa, que assim se chamava o fidalgo enamorado.

No dia seguinte, é certo que não veio à janela; mas, por entre as cortinas mal cerradas, teve a fraqueza de espreitá-lo. O fidalgo, que não deu por isso, parou um momento, e disse ela à sua amiga que o vira suspirar. Se isto é verdade, o Sr. Álvaro de Sousa, enquanto a mim, era poeta. Os poetas fazem monopólio dos suspiros, mas, honra lhes seja feita, não encarecem o género; barateiam-no de modo que não há consumidora que tenha razão de queixa.

E eu creio sinceramente que Rosa Guilhermina, se lhe não dava em troca um suspiro, nem por isso se afligia da violência com que o ilustre representante dos Sousas lhe remetia os seus anélitos amorosos.

Hão-de acreditar-me que o mancebo era um belo mancebo. Ainda hoje me falam dele como a jóia das formosuras masculinas do Porto. Era uma dama, segundo me dizem as senhoras de cinquenta anos. Tinha inteligência, qualidade que o exceptuava da regra geral que regulava o entendimento opaco de seus nobres primos. Era filho segundo; mas rico, e generoso, e dado a prazeres que lhe não arruinavam a bolsa nem a saúde. Vinha a ser, enfim, um perfeito homem o que se apaixonara seriamente pela esquiva viúva de Augusto Leite!

Álvaro de Sousa, contrariado pela aparente frieza de Rosa, sentiu-se vexado no seu amor-próprio e impôs-se orgulhosamente um fidalgo desprezo por tal mulher,

indigna de honrar-se com o seu amor. Isto foi ao meio-dia; mas, às quatro horas, o soberbo moço anafava cuidadosamente os cabelos, para não ser surpreendido em desalinho no Serio.

Nessa tarde encontrou Rosa Guilhermina passeando, na alameda da Lapa, com a amiga e a filhinha, que brincava com um cão de regaço. O cãozinho, que não estava para brinquedos, encolheu a cauda e fugiu à ama, na direcção da casa. As senhoras chamavam-lhe *Joli*, que era, por esse tempo, o nome favorito de todos os cães; mas o rebelde quadrúpede não olhava para trás.

Álvaro esporeou o cavalo, cortou a vanguarda do cão, apeou-se gentilmente, apanhou o bichinho, que se agachava com medo, tomou-o no colo e foi conduzi-lo às damas, que receberam a atenciosa delicadeza com o rubor na face.

O leitor deve ter observado que estas damas perderam o antigo estilo. Já não falam a guindada linguagem das novelas, nem curam de aprimorar as ideias, enfeitando-as daqueles arrebiques e galanterias que eu espero ainda encontrar na mulher que Deus me destina e que há-de fazer de mim um respeitável marido.

Noutro tempo, Álvaro de Sousa seria recebido com quatro metáforas e ver-se-la na precisão de incomodar a mitologia para responder-lhes. Agora, já não. A idade, o sofrimento, a experiência e o temor do futuro abatera no raso da linguagem humana aquelas almas perdidas nas maravilhas aéreas. Falavam como nós, importavam-se pouco dos livros, sentiam-se muito decaídas no espírito e concordavam conscienciosamente que tinham sido embrutecidas pela desgraça.

E senão vejam:

– Agradecemos muito a sua delicadeza – disse Maria Elisa, recebendo o cãozinho (não tenho a certeza se era cadelinha) das mãos de Álvaro.

– Só este irracional – disse Álvaro, mastigando a fineza – deixaria de obedecer às ordens de suas amas. Assim mesmo, peço que não seja castigado... Se ele tivesse entendimento, o remorso de ter sido desobediente seria bastante castigo.

– Muito agradecidas às lisonjas de V. Ex^a – atalhou Maria Elisa, enquanto Rosa se fingia distraída sacudindo a terra das saias da menina.

– Não é lisonja, minhas senhoras. O que eu digo é o menos que se pode dizer, e espero acreditem que não sei dizer tudo que sinto. Aquela senhora parece aborrecer-se da minha presença.

– Não, senhor – disse Rosa. – A presença de V. Ex^a não aborrece... E porque estava sacudindo a terra dos vestidos de minha filha...

– Que é linda como sua mãe... Que anos tem?

– Quase cinco.

– Em tão tenra idade é admirável a esperteza desta criança!... Venha cá, minha menina... como se chama?

– Açucena – disse a criança.

– Que lindo nome!... Uma *rosa* devia produzir uma *açucena*... E minha amiga?

– Sou.

– É? Já tenho uma pessoa que seja minha amiga!... Sou mais feliz do que pensava... Quer ir a minha casa?

– Quero.

– Pois hei-de mandá-la buscar um dia. Minha mãe gosta muito de crianças... V. Ex^a dá-me licença que ela vá'?

– Pois não! É muita honra...

– Nesse caso, amanhã, se me permite...

– Quando aprouver a V. Ex^a.

Ora aqui está como começou o namoro. No dia seguinte, Álvaro de Sousa veio de

carruagem buscar a menina, subiu à sala, como era natural, e não viu Rosa, que se fechara no seu quarto banhada em lágrimas. Quis saber a causa de tal sofrimento, e disse Maria Elisa que a sua amiga tivera notícia de estar viúva.

– Viúva a reputava eu há muito! – atalhou Álvaro...

– Não o era... Convinha que esse boato corresse...

O fidalgo deu a entender que sabia a razão desse boato e retirou-se sem Açucena, que não podia, durante o luto, sair de ao pé de sua mãe. A tarde, Álvaro veio fazer a D. Rosa a visita de pêsames e oferecer o seu préstimo.

Na tarde do dia seguinte repetiu a visita, e passou a noite.

Nos dias imediatos entrava com familiaridade. O ferreiro que morava defronte disse ao sapateiro vizinho que o tal fidalgo não se lhe dava de recolher as duas frangas perdidas do rebanho. Este ferreiro tinha algum espírito. Se vivesse hoje, decerto não era ferreiro; escreveria folhetins, ao passo que o seu vizinho sapateiro, homem lido no Bandarra e Carlos Magno, amanharia substanciosos artigos de fundo. O fidalgo, esse, se vivesse hoje, faria o mesmo que fez então, e que há-de fazer-se no século XX. Eu, por mim, se fosse contemporâneo do mestre ferreiro, não escrevia romances. A estas horas (são sete e meia da tarde) estava eu rezando vésperas em algum coro de frades carmelitas, para que tenho uma vocação imperiosa.

Agora, leitores, o meu trabalho termina aqui. As cartas que ides ler confiou-mas a pessoa que me contou esta história. São textuais. Podem ver-se em minha casa, desde o meio-dia até às quatro horas da tarde. Quem as escreve é um pintor que teve nome no Porto e pouco tempo furtou à desgraça para cultivar a arte. Quem as recebe é uma senhora que ainda vive.

CARTA I

22 de Setembro de 1824

Minha estimável amiga.

Não posso ser indiferente ao interesse que V. Ex^a tem na minha felicidade. Na soledade em que me vejo, as suas cartas são a única indemnização que tenho das compridas horas de uma vida sozinha, escura e despovoada de todas as belezas, se é que algumas a existência pode ter para mim.

Votei-me ao amor da arte, porque eu tinha precisão de viver para alguma cousa; mas a arte não me galardoa a minha dedicação. Do seio da tela tenho arrancado imagens, que são a reminiscência daquela mulher que me fugiu dos braços para os braços do túmulo.

Aqui tem, minha amiga, como a arte recompensa os meus desvelos. Pede-me lágrimas, e não mas paga com a esperança de criar por ela um nome, como o de muitos desgraçados que se immortalizaram nos quadros em que verteram muitas.

Eu não sou egoísta dos meus padecimentos. Tenho querido encontrar a felicidade que a minha extremosa amiga me vaticina. Tenho procurado essa segunda mulher com o reflexo luminoso da primeira, que me deixou rodeado de trevas e saudades. Alguma vez, abandono o meu quarto e corro, anelante de não sei que esperança embriagadora, atrás dessa visão impossível. Sabe o que eu encontro sempre? A fachada do templo de S. Francisco. Lá dentro dorme o sono eterno a nossa amiga, sempre chorada! Se posso entrar, ajoelho, chamo-a a testemunhar as minhas ânsias, e retiro-me dali gelado pela dúvida, gelado como a pedra que a separa dos vivos, gelado como o cadáver, que se move impellido por não sei que mão fatal que me não deixa resvalar no meu abismo!

Sou bem desgraçado, não é assim? Muito! Este meu viver é alguma cousa mais dilacerante que a dor. Não tenho a esperança consoladora, que a Providência manda sentar-se no limiar de todos os infelizes. Vejo daqui todos os pontos em que devo passar na minha longa viagem para o nada. O presente conta-me o futuro. O que vem não receio que seja pior que o que é. Há uma cruel monotonia nesta angústia de todas as horas!

V. Ex^a compreende-me? Creio que sim! O infortúnio ilumina o entendimento. Para o que sofreu não há mistérios de dor no coração do estranho. A minha amiga tem sofrido muito. Perdeu, há pouco, um esposo querido. Já depois beijou os lábios frios duma única filha que ficara falando com a inocência da saudade a linguagem singela e carinhosa de seu pai. Ainda assim, invejo-lhe o poder que tem de prestar consolações à amargura dos outros. Eu, hoje, não saberia consolar ninguém.

Minha amiga, dê-me a sua estima, que eu não tenho mais nada. Em remuneração, dou-lhe a verdade da minha alma, que é um tesouro, raras vezes concedido.

*De V. Ex^a,
Verdadeiro amigo,*

Paulo

CARTA II

30 de Setembro

Palpita-me com sobressalto o coração. Preciso escrever-lhe enquanto me dura esta febre, que está sendo a minha felicidade! Felicidade! Com que ousadia pueril escrevi semelhante palavra! Já é desejar muito possuí-la! Bem se vê que sou um homem sem pressentimento nenhum alegre, sem nenhum direito à felicidade. Um pequeno lance na minha vida transtorna-me a cabeça; e, contudo, estes lances, creio eu que são frequentes e despercebi dos na vida de qualquer outro mediocrementemente feliz.

Ontem fui procurado por Álvaro de Sousa, que uma vez encontrei em casa de V. Ex^a Impressionou-me um ente estranho, no meu quarto, fechado para todo o mundo. Chamou-me «amigo», e esta palavra banal fez-me sorrir, pronunciada por um homem que eu apenas conhecia e que tão distante está da minha obscura classe!...

Disse-me que possuía um quadro meu, em que uma virgem, mais formosa que as de Rafael, era pintada no êxtase de responder a sua mãe que a chamava do Céu. Eu já sabia que V. Ex^a lhe tinha dado este quadro. Entendi, quando o soube, que não devia magoar-me; mas quisera, antes, que os profanos na religião do martírio ignorassem o autor daquela pintura. Não me receba isto como queixume. E a inocente sensibilidade de quem, pelo muito sofrimento, chegou talvez aos escrúpulos injustos...

Perguntou-me se eu continuava a pintar. Respondi-lhe a verdade, que nunca veio desfigurada do meu coração. Disse-lhe que sim. Pediu-me, como especial favor, que retratasse uma mulher. Hesitei um momento; mas tive pejo de me negar. Anuí, e na tarde de ontem acompanhei-o ao Sêrio a casa da viúva dum negociante que, penso eu, se chamou António José da Silva, e creio mesmo que V. Ex^a me falou, há tempos, nesse homem, contando-me as aventuras duma tal Ana do Carmo, casada com seu primo de trás da Sé.

Em casa dessa viúva está uma senhora, viúva também. Há três anos que a vi casada com um tal Augusto Leite, que deixou uma triste celebridade. A nossa chorada

amiga fora companheira dela nas órfãs em S. Lázaro e contou-me cousas que lhe não eram muito favoráveis à sua índole de menina.

Quando a vi casada com um homem perdido, imaginei que a semelhança dos génios aproximara doas seres, que deviam encontrar-se. Contudo, a Rosinha, como lhe chamava Helena, pareceu-me triste. Soube depois que era realmente infeliz, e nunca mais tornei a vê-la.

Vi-a ontem, sentada diante de mim, com o sereno aspecto do prazer no rosto, um pouco macerado, mas radiante ainda daquele brilho de certas belezas que não se apaga nunca. Quis adivinhar-lhe o coração nos olhos, e estes olhos, lânguidos de ternura, vi que se fechavam num espasmo delicioso a cada olhar de Álvaro de Sousa. Entristeci-me daquilo, porque me lembraram as mulheres do grande mundo, os tipos de majestosa imoralidade, que dificultosa mente se aclimatam em Portugal, onde não chegou ainda a cultura e o despejo da França.

Eu disse-lhe que não podia prescindir dos seus olhos por algumas horas.. Sentia-me com disposição para zombar da beleza, que tinha a vaidade de reproduzir-se para, dez anos depois, encontrar, no lugar das rosas, as rugas da velhice, no vívido cintilar dos olhos o amortecimento do cansaço.

Principiei o retrato. Álvaro de Sousa entretinha nos braços uma pequena criança a quem chamavam Açucena. E a filha de Rosa. Conheci-a pela semelhança com sua mãe; mas não sei o que há na fisionomia da pequena, que profetiza fatalidades! Serei eu supersticioso?

Enquanto esboçava os contornos, perguntei-lhe se conhecera Helena Cristina, nas órfãs. Disse-me que sim, e que chorara, quando teve a notícia da sua morte, por causa dum paixão que cegamente tributara a homem que não era da sua condição.

Que homem era esse? – perguntei-lhe eu.

– Era o filho dum advogado. – Pensei que a condição do advogado era nobre, repliquei eu.

– E nobre; mas a dum general é muito mais nobre, e Helena era filha dum general.

Não pude continuar o retrato. A paleta trem ia-me no braço e o pincel traçava linhas confusas. Pedi licença para retirar-me e deixei Álvaro enleado da minha improvisada saída.

Passei uma noite cruelíssima. Levantei-me para escrever a V. Ex^a Cuidei que esta carta me seria um desabafo; mas a sufocação aumenta. Para que me disse .aquela mulher que eu fui a causa da morte de Helena? Penso que o fui. Acuso-me desse crime; porque não posso acusar meu pai, que devera ser general, e não advogado.

Como é a sociedade, senhora! E impossível que a Providência não abandonasse o homem, depois de o ter criado! Se o espírito de Deus presidisse à organização do género humano, ninguém viria dizer-me: «A tua condição social colocou um túmulo entre ti e a filha de um general!»

E é a isto que eu chamei a minha felicidade! É um novo crime! Aquela mulher confirmou a certeza que eu tinha de ter sido amado por Helena até lhe merecer o sacrifício da vida. Será isto um egoísmo bárbaro?

Adeus, minha boa amiga.

*De V. Ex^a,
Amigo do coração,*

Paulo

CARTA III

12 de Outubro

Tive ontem o desgosto de não encontrar em casa V. Ex^a Procurei-a porque tinha muitas ideias a revelar- lhe, mas tão desordenadas que receei não poder escrevê-las. A bondade com que a minha paciente amiga costuma atender os desvarios deste forte coração e desta débil cabeça seria mais uma vez tolerante comigo.

Não a encontrando₁ resolvo escrever-lhe, e V. Ex^a verá nesta carta o tumulto de sensações que se me atropelam na alma há dez dias.

Instado por Álvaro de Sousa, fui recomençar o retrato da viúva. Era-me preciso, para não passar por doudo, remediar de qualquer maneira a precipitação com que saí daquela casa. Não me ocorreu algum pretexto. Adoptei o silêncio como explicação e não dei uma palavra que suscitasse recordações do dia anterior.

Reparei com ânimo frio na fisionomia de Rosa. É uma destas mulheres que o mundo chama belas, e eu creio que o são. Sem uns traços de sofrimento, que lhe assombram os olhos, não seria tão bela. Tem um olhar humilde, como quem pede compaixão. Não sei que transparente brilho lhe empana os olhos. As pálpebras, como cansadas de se abrirem diante do infortúnio, pendem amortecidas. Se não há estudo nesta atitude característica, o olhar de Rosa pode exprimir muito amor, ou muito fastio.

Muito amor, talvez... é mais natural. Álvaro de Sousa, constantemente embebido na contemplação desta mulher, não a deixa um instante sozinha. Muitas vezes a viúva do negociante vem à sala trocar algumas palavras com Álvaro e não consegue divertir-lhe os olhos da sua amiga. Não pude compreendê-los. Achei demasiada precaução no amante e alguma frieza, se não era pudor, em Rosa. As perguntas carinhosas que ele lhe faz são correspondidas com meiguice nos lábios; mas a frase vem seca do coração. Reparei nisto, e parece que o pincel que traçava as feições de Rosa copiava também a fisionomia moral de ambos.

À primeira secção vieram ao pano os traços formosos da viúva. Álvaro abraçou-me com frenesi; e ela parece que encarou tristemente aquele júbilo, que me pareceu pueril. E que aos vinte anos é assim o amor. A felicidade embriaga os que não provam o fel nas primeiras libações da infância.

No dia seguinte fui continuar o retrato.

Álvaro de Sousa não tinha chegado ainda. Rosa pareceu-me mais alegre e recebeu-me com um sorriso de graça e confiança. Antes de sentar-se, perguntou-me que razão tivera eu para retirar-me, na primeira vez que ali fora, dum modo que a deixara cuidadosa. Pedi- lhe que me não interrogasse. Rosa, sem ofensa ao meu pedido, falou de Helena, recordando a conversa que precedera a minha saída. Era uma delicada maneira de interrogar-me. Eu creio que me desfigurei. Reparou ela que eu estava pálido e trémulo. Açucena, que por não sei que infantil capricho me subira para o colo, disse que eu tinha uma lágrima nos olhos. Rosa aproximou-se e, apertando-me a mão, com um ar de bondade e um desembaraço de que eu não seria capaz, disse que me conhecia e pediu-me perdão de ter ferido o filho do advogado, que adorara a filha do general.

Não respondi a este lance affectuoso. Pedi-lhe que se sentasse para continuar o retrato. Rosa parecia mais comovida que eu. Sentou-se. Neste momento entrou Álvaro. Cortejaram-se com algumas perguntas e respostas triviais, e eu, com os olhos do coração no túmulo de Helena e os da face na fisionomia da sua companheira de Recolhimento, continuei, sem vontade nem atenção, o retrato.

No dia imediato fui concluir a obra. Rosa recebeu-me com estranha afabilidade. Perguntou-me quantas secções faltavam. Respondi que era aquela a última.

– E, depois – prosseguiu ela, titubeando –, não torna a esta casa?

– Tornarei todas as vezes que V. Ex^a se dignar ocupar-me no seu serviço.

– Eu desejava possuir o retrato de minha filha.

– Enviarei a V. Ex^a um hábil pintor.

– Pois não quer encarregar-se deste trabalho, que eu tanto queria que fosse seu?

– Agradeço a lisonjeira fineza... Se eu tivesse o amor artístico, não teria mais incensos a desejar para o seu culto; mas eu não posso, sem grande sacrifício, fazer retratos. Fui surpreendido, quando me prestei a este serviço; agora, se V. Ex^a me concede recusar um sacrifício que não é necessário ao seu bem, eu declino de mim esse trabalho, e, repito, enviarei a V. Ex^a um retratista que decerto não posso substituir.

– Nesse caso, prescindindo do seu favor... agradecendo- lhe muito... Não será retratada minha filha.

– Eu receio ter sido grosseiro, minha senhora. Se V. Ex^a determina que seja eu o retratista desta linda menina, recebo a sua vontade como ordem.

– Deus me livre de sacrificá-lo... Pensei que lhe não seria penoso conversar com uma companheira de Helena alguns instantes no dia.

– É muito penoso...

– Muito?... E admirável!... E porquê?... Mereço-lhe a confiança de me dizer que motivos lhe dou para não ser digna testemunha de suas lágrimas?

– nenhuns motivos, Sr^a D. Rosa... É que eu não tenho a tranquilidade de espírito precisa para receber como um prazer as recordações dessa mulher que amei como não posso tornar a amar... Já vê que deve ser-me bastante amarga a convivência com uma pessoa que promete falar-me de Helena...

– Não lhe falarei nela...

– Então seria eu quem falaria, Sr^a D. Rosa... Tenho-a sempre adiante dos olhos... Não posso mandá-la afastar da minha alma, para entreter-me em cousas fúteis...

– Para mim... é. Não tenho vida que não seja uma insofrível saudade; mas acho esta dor mais nobre que tudo que me rodeia.... Por ela, troco de boamente todas as felicidades que o mundo possa traiçoeiramente ofertar-me...

– Traiçoeiramente...

– Sim... Creio que o mundo não pode oferecê-las doutro modo... Tomara eu ser esquecido para todos, assim como o meu nome o foi para V. Ex^a... Preciso que me deixem, porque eu não procuro alguém. Será forçarem-me a sofrimentos com que não posso, e contra os quais empregarei toda a minha coragem, chamarem-me para um mundo onde serei como o homem sem pátria, nem afeições, nem amigos.

– Não crê na amizade?

– Não, minha senhora... Eu tinha uma grande alma, cheia de todos os sentimentos bons; essa alma foi como um raio de luz amortecida no préstito fúnebre da filha do general... Apagou-se ao pé da sepultura... Não tinha senão essa alma...

– Nem espera ressuscitar desse letargo?

– Nunca mais.

– Nem emprega diligências para isso?

– Nenhuma. Eu sei que o mundo não tem nada para mim...

– Nem o Sr. Paulo tem nada que dê ao mundo?

– A compaixão para os desgraçados como eu, um sorriso de escárnio para as felicidades dum dia, e um adeus invejoso àqueles que morrem...

Bem vê que ainda sinto impulsos nobres no coração...

– Deseja a morte?...

– *Procuro-a; mas entendo que é débil o poder das paixões nas organizações fortes... Eu luto, há dois anos, face a face, com uma dor, que me não deixa cinco minutos de descanso, e vivo... vivo assim com o aspecto da serenidade, e talvez com o rosado juvenil duma saúde perfeita... Não se morre de paixão...*

– *E que importaria morrer?*

– *Importava não sentir...*

– *Pois o senhor não crê noutra vida?*

– *Não creio noutra vida. Procurei acreditá-la. Li tudo, estudei tudo, porque me disseram que a incredulidade era a estupidez. A cada oráculo da imortalidade, que consultava, a minha alma, além de incrédula, sentia a cruel precisão de escarnecer a fé dos que nos mandaram crer. Disseram-me que eu não cria, porque a fé era uma graça especial do Senhor. Isto fez-me rir amargamente; mas, supersticioso pela desgraça, pedi, invoquei, supliquei com fervor a fé. Esperei-a. Deixe-me rir, senhora, que este riso é um insulto bem merecido às minhas crenças... O homem é um verme. Deus não tem nada com este grão de areia, que lançou no oceano, a turbilhões, com a ponta dum pé...*

– *Deve ser muito desgraçado...*

– *Não sou mais do que seria: creio, pelo contrario, que sou menos. A imortalidade de que me servia?*

– *De encontrar essa mulher, que tanto amou neste mundo...*

– *Isso é falso... Essa mulher, que muito amei neste mundo, antes de entrar no esquife, principiou a desorganizar-se. As pessoas que estavam em redor diziam que era insuportável o cheiro do cadáver... A putrefacção, a estas horas, deve tê-la consumido... De que me servia a imortalidade a mim, se os vermes me não restituíssem a mulher que teve um dobre a finados, uma oração mercenária, uma lágrima do costume e a eternidade do nada, que é a verdadeira eternidade?...*

– *Com uma razão tão forte é impossível que não possa vencer os seus sofrimentos.*

– *Chama V. Ex^a a isto razão forte? E uma debilidade, minha senhora... Forte é a razão do homem que se dá voluntariamente a esperanças quiméricas, e crenças sem crítica... O forte é esse que vence a própria razão... Fraco sou eu, que não posso subjugar o espírito...*

– *Nem com as consolações duma verdadeira amiga?*

– *O que é uma verdadeira amiga?*

Fomos surpreendidos por Álvaro de Sousa. Reparou no embaraço de Rosa, com ares desconfiados. Eu recebi-lhe os cumprimentos com a frieza não calculada dos meus hábitos ordinários. Continuei o retrato, com não sei que placidez incompreensível! Senti-me melhor do coração...

Agora é que eu me sinto incapaz de continuar esta Longa carta... Creio que é longa e fastidiosa... Sofra, e tolere-ma, minha querida senhora.

Até amanhã.

De V. Ex^a,

Dedicado amigo,

Paulo

14 de Outubro

O retrato de Rosa estava concluído. Na tarde desse dia, Álvaro de Sousa procurou-me, agradeceu-me o emprego que eu fizera de todos os recursos da minha arte divina e delicadamente deixou sobre a minha mesa um cartuxo de dinheiro. Não sei o que continha; porque, apenas o encontrei, depois que Álvaro se despedira, mandei entregá-lo em sua casa.

Álvaro voltou no dia imediato e instou pela razão de semelhante procedimento. Respondi-lhe, depois de importunado, que me dispensasse

S. Ex^a de dar uma categórica explicação das minhas acções. Vi-lhe um sorriso de desconfiança, que me fez piedade. Estive quase a pedir-lhe a definição do sorriso; mas não quis culpar-me no erro que lhe censurava a ele. Todo o homem pode chorar ou rir quando quiser.

Decorreram três dias, sem o menor incidente, com referência ao retrato da viúva. Ontem, porém, recebi a carta, que remeto a V. Ex^a, já que me impôs a obrigação de lhe não esconder os mais secretos incidentes desta minha atribulada existência, que V. Ex^a segue, desde o berço, minuto a minuto. Comunicando-lhe essa carta, entendo que não me desonro. A mulher que a escreveu ou está desonrada de mais para não sofrer nos seus créditos com semelhante revelação, ou está bastante pura para não sofrer no seu pudor, confiando-se à minha discrição, e à de V. Ex^a.

Já não sou de mim própria quando cometo a estranha temeridade de escrever-lhe. Separo-me das leis do meu sexo e declaro-me muito forte na minha fraqueza para me abandonar loucamente à vontade caprichosa dum sentimento que pode desonrar-me, mas que me absolve na consciência.

Escrevo-lhe, Paulo, porque não tenho esperanças de encontrá-lo nesta casa. Quero deixar cair este véu com que me viú porque tenho vergonha de parecer-lhe o que a minha razão me diz que não sou.

Que julga de mim? Como tem avaliado o meu procedimento? Reputa-me amante de Álvaro de Sousa? Não quero essa consideração; renuncio a tal glória, porque eu não sou amante de Álvaro de Sousa. Este homem entra na minha casa e denomina-me prima. Intitula-me prima porque dizem que minha mãe é casada com não sei quem que pertence à alta nobreza. Vi esta mulher; não pude amá-la; não pude reconhecê-la; e fui com ela rude como seria com uma pessoa estranha.

Soube que a fortuna de meu pai afizera elevar-se até ao ponto de nobilitar-se. Não a procurei nunca, e morrerei de indigência antes de pedir-lhe uma dobra de seus velhos tapetes para resguardar do frio minha filha.

Álvaro de Sousa tem-se-me oferecido para estabelecer entre mim e D. Ana do Carmo uma aliança filial. Revela um interesse extraordinário pelo meu futuro. Dedicame extremos de irmão e encobre com muito fina astúcia as suas intenções, se elas são más.

Não me importa saber quais elas sejam. Nada há comum entre mim e este cavalheiro, senão uma amizade sem consequências e um comércio de frivolidades como é a troca de retratos, a que eu não ligo importância alguma.

Aqui tem o que eu sou para aquele homem. Precisava abrir-lhe assim a minha alma, Paulo. O resto do mundo deixo-o julgar a seu bel-prazer; não me canso até em sondar a indiferente opinião da sociedade a meu respeito.

A sua, preciso dela; porque preciso da sua estima, como dum amparo que me anime a esperar sobre a Terra a felicidade que, em poucos dias, vi fugir diante de meus olhos, como um sonho ditoso.

A simpatia entre doas desgraçados deve ser abençoada por Deus. Não fuja duma mulher que pode, se não dar-lhe consolações, recebê-las ao menos. Seja meu amigo, não como foi de Helena, mas como pode sê-lo duma pessoa que desejara neste instante ter uma sepultura ao lado dela.

Não ouse pedir-lhe nada, não tenho sequer coragem de implorar-lhe duas linhas em resposta a esta carta, que me saiu tão ingênua do coração, que nem quero tornar a vê-la, para que o artifício da fria cabeça não vá manchar a pureza natural com que a escrevi.

Adeus, Paulo. Não desdenhe a inútil estima que lhe oferece

Rosa Guilhermina

Esta carta não me impressionou. Quase que me não ocupei senão do estilo em que era escrita! Encontrou-me num momento de gélida atonia. Tenho-os assim, e então a minha alma é dura, o meu coração paralisa, os meus lábios sorriem-se maquinalmente, e eu escondo a face nas mãos para contemplar este misterioso misto de sensibilidade e cinismo que caracteriza as feições da minha índole.

O portador desta carta esperava uma resposta, duas horas depois. Eu não pensei que devia responder; por isso não tive o cuidado de saber se alguém esperava resposta. Quando me anunciaram o portador, mandei-o subir. Perguntei-lhe se era forçoso responder; disse-me que tinha ordem de esperar até que eu lhe desse resposta, ou dissesse que a não tinha.

Escrevi...

Não me lembra bem o quê. Penso que eram estas as ideias:

Que eu não mostrara o menor interesse em conhecer indiscretamente a natureza das ligações que prendiam D. Rosa Guilhermina a Álvaro de Sousa;

Que me eram indiferentes depois como antes, mas que ingenuamente estimava que elas fossem tais que nunca a excelente senhora tivesse de sofrer por elas;

Que aceitava a oferta da sua estima, porque já não podia aspirar a outros triunfos no coração das mulheres, que sabiam separar a amizade do outro sentimento que a hipocrisia vestiu com os arminhos emprestados duma afeição nobre;

Que, na minha posição, não podia dar-lhe mais consolações do que as muito poucas que um homem qualquer pode oferecer no serviço de qualquer senhora que precisa dum criado.

Penso que foi isto, pouco mais ou menos, o que eu escrevi. São passadas vinte e quatro horas. Não tenho nada a acrescentar a este episódio, e creio que terminará aqui.

Não concebo bem o que esta senhora quer de mim! Não creio nestas fascinações momentâneas, porque as não entendo, ou o meu coração está muito abaixo desses voos.

O que em verdade lhe digo, minha boa amiga, é que não preciso recordar os

juramentos que fiz a Helena, dous dias antes da sua morte, para vencer a impressão que Rosa Guilhermina me poderá ter feito. É nenhuma. Posso esperar com firmeza e ânimo frio a perseguição. Nem, ao menos, a lastimo, porque a febre da imaginação há-de mitigar-se, e, quinze dias depois, esta mulher terá por mim um sentimento de ressentido orgulho que há-de salvá-la. Entende-o assim?

*De V. Ex^a,
Grato amigo,*

Paulo

CARTA V

19 de Outubro

Retirou-se, neste momento, de minha humilde casa o Sr. Álvaro de Sousa.

S. Ex^a é um lastimável mancebo! Como seu primo, minha boa amiga, sinto que ele seja o incentivo irrisório desta carta.

Entrou de chapéu na cabeça na minha oficina.

Vou tentar recordar o diálogo que tivemos.

« – Venho exigir do senhor uma pronta resposta – disse ele, dobrando o punho duma bengalinha com a ponta.

» – Tenha a bondade de fazer a pergunta – respondi- lhe eu, convidando-o a assentar-se no canapé, inutilmente.

» – O senhor tem algumas inteligências com D. Rosa Guilhermina?

» – Não respondo.

» – Quer dizer que tem?

» – Não quero dizer nada. Digo que não respondo.

» – Mas eu preciso que responda sim, ou não.

» – Pois por satisfazer às suas exigências imperiosas, Sr. Álvaro de Sousa, respondo ambas as palavras: sim e não.

» – Não compreendo...

» – Tanto pior para V. Ex^a, que não pode esperar de mim outras explicações.

» – O senhor parece ignorar a qualidade de pessoa com quem fala...

» – Poder-me-ei ter enganado, mas creio que falo com um dos mais distintos cavalheiros do Porto... O Sr. Álvaro de Sousa é muito conhecido, para que eu não conheça a qualidade da sua pessoa, até pela libré dos seus lacaios.

» – E preciso que nos entendamos.

» – Desejo-o de todo o meu coração...

» – O senhor tem algumas relações com D. Rosa?

» – Continuamos na mesma desinteligência, Sr. Álvaro... Essa pergunta já foi respondida.

» – Mas a resposta não me satisfaz.

» – Não tenho outra, e falta-me até a paciência para lhe oferecer, outra vez, a que V. Ex^a não aceita.

» – Eu sinto que o senhor não seja um cavalheiro da minha classe para responder-me à ponta da espada.

» – Dou, portanto, louvores à Providência por me ter feito duma classe diversa da dos heróis, que têm ponta de espada para os que não têm ponta de língua...

» – *O senhor zomba de mim?*
 » – *Zombo.*
 » – *E não receia as consequências dessa afronta à minha honra?*
 » – *Não, senhor.*
 » – *Estou em sua casa...*
 » – *Que quer dizer com isso?*
 » – *Não quero dizer nada... Encontrar-nos-emos...*
 » – *Sr. Álvaro de Sousa, eu tenho épocas em que dificilmente sou encontrado, e esta parece-me que é uma. Se V. Ex^a tem urgência de encontrar-se comigo, sairei hoje.»*
Não me respondeu, e saiu.
São três horas da tarde. Vou dar um passeio.
V. Ex^a há-de permitir-me que, invocando o sagrado testemunho da nossa amizade, eu lhe imponha o preceito de não fazer transpirar uma palavra desta minha carta, a não desejar um completo rompimento nas nossas relações.

De V. Ex^a,
Humilde criado,

Paulo

CARTA VI

20 de Outubro

A carta de V. Ex^a, cheia de benévolos conselhos e prudentes reflexões a respeito do meu conflito com o Sr. Álvaro de Sousa, é uma nova força que V. Ex^a quer dar às minhas convicções na sua amizade.

Felizmente, o primo de V. Ex^a, sentindo porventura que lhe não era glorioso um desforço com o pintor, já teve a suma discrição e bondade de encontrar-se comigo três vezes e deixar-me seguir pacificamente o meu caminho.

Sinceramente lhe digo, minha nobre amiga, que o menos interessado, nesta ridícula luta com um moço digno doutro competidor, era decerto eu.

Não me levava para este acto de supremo vaidade o coração. O meu mal pensado cavalheirismo era todo da cabeça, que tenho cheia de loucuras, e refractária a tudo que é submissão a classes cuja superioridade – desculpe-me V. Ex^a – não reconheço debaixo do céu.

Deste orgulho, que eu suponho não existirá de hoje a cem anos, porque então os homens serão todos iguais perante a lei, e irmãos perante Deus, deste orgulho resultou a facilidade com que fui ontem procurar D. Rosa, que me pedia angustiosamente uma entrevista.

Encontrei-a assustada, confiando de mais na superioridade de Álvaro e avaliando em menos que o seu valor real a minha frieza de ânimo para arrostar as fúrias do seu fidalgo amante.

Sorri piedosamente para aqueles receios, aliás naturais no coração duma mulher.

Aquietei-lhe quanto pude o seu sobressalto e acabei por pedir-lhe que fosse grata aos extremos do gentil moço, que, por ela, se arriscava a um encontro cujas consequências eram imprevisas para ambos nós. Neste sentido, aconselhei-a com uma generosidade digna doutros tempos. Encareci o merecimento do Sr. Álvaro, advoguei a causa dele com o fervor de amigo, estabeleci comparações entre nós que redundavam

em grandes vantagens para ele e terminei este difícil papel salvando a minha posição falsa com lhe oferecer a sincera estima de irmão.

Rosa Guilhermina não me quer para irmão. Achei-a de mármore para este sentimento que seria em mim o mais vital de todos, o que eu posso oferecer a uma mulher. Ela, não. Falou-me do seu amor com estranho desembaraço. Explicou-me os efeitos duma impressão violenta. Disse-me que só um pronto desprezo poderia salvá-la, porque tinha o amor-próprio necessário para não sucumbir sem glória, humilhando-se a um homem que a não compreendia. Empregou, na exposição eloquente da sua simpatia, as melhores palavras da novela e concluiu o seu não interrompido discurso com lágrimas, que me pareceram mais eloquentes que a fecundidade palavrosa.

Eu não sei o que há de sublime e mavioso nas lágrimas duma mulher. Como se Deus lhe desse a humildade por instrumento de triunfo, eu senti-me enfraquecer, ao mesmo tempo que recobrava toda a minha coragem, pedindo-a à saudade de Helena, como se pede uma alegria às recordações do passado, que se nos foi com todas elas.

Eu creio já ter dito a V. Ex^a que D. Rosa é uma linda mulher. Quando a retratei, havia ali naquela fisionomia um colorido de felicidade, um sangue agitado que lhe vinha em estos ardentes do coração, uma viveza robusta, que denunciava um feliz descuido de pesares.

Ontem não era assim. Rosa estava lívida. Orlavam-lhe os olhos umas manchas azuladas, que marcavam talvez a passagem de muitas lágrimas escondidas, em longas noites de desesperação. Posto que vaidoso, eu não me felicitei, minha cara amiga, por ter sido a causa desses padecimentos. Se é por mim que eles existem, não se me dá da glória inútil que eles possam dar-me. Não tenho nenhuma: não me prestam de bálsamo para o coração; não me aquecem esta cabeça de gelo; não me deixam roubar ao passado um instante para com ele idear futuros de impossível felicidade.

Poderei amor esta mulher repetindo as minhas visitas? Não. A aproximação é o divórcio das grandes paixões, que a distância esposara. Aos pés do homem caiu partido o prisma quando o hálito da mulher é tão de perto que lhe empana as cores.

E eu, de mais a mais, não desejei aproximar-me, quando a vi de longe. Não senti este toque inesperado, esta surpresa eléctrica, uma só vez recebida na existência de cada homem.

Poderá o tempo fazer o que não fez um instante?

Não.

Dizem que existe um amor lentamente criado pelo hábito, emanção da amizade contraída pela semelhança de vontades, resultado duma demorada elaboração de dois espíritos que se consagram no mútuo sacrifício de propensões e desejos. Não sei o que seja isto. A razão rejeita essas cândidas teorias.

Eu só creio no amor não esperado, não granjeado por sacrifícios, não calculado de dia para dia.

Se me dizem que essas paixões improvisadas num olhar, e num sorriso, e num corar, são instantâneas e efeméreas como o feto arrancado ao embrião, com violência, antes de tempo, eu direi que sim... que morrem essas paixões na vida, porque há a pedra do túmulo que desce quando Deus a manda, mas há a eterna saudade que nem a Providência pode desvanecê-la no coração, que se envolve num pedaço da mortalha, roubada a outro coração, que o deixou viúvo de todas as esperanças e gélido para todos os confortos.

Minha paciente amiga, eu sou fastidioso com as minhas choradeiras. Acolha-mas com amor, que eu não tenho, sequer, em galardão de tantos sofrimentos, o poder de as lançar ao papel de modo que consternem a compaixão da única pessoa que pode sentir comigo.

Estou pintando. E o meu sonho de há dias. É Helena, quando me deu uma rosa murcha, e me disse: «Aí tens o meu amor: a rosa cairá desfeita em pó; mas a saudade ficará perpetuamente entre os vivos, como o gérmen dessa flor.» Estas palavras repetiu-mas no sonho. Vi-a tal qual era, nesse primeiro dia em que os médicos lhe disseram que desse um passeio recreativo à ilha da Madeira. Nesse dia começou ela o seu curto passeio em redor da sepultura!...

Adeus, minha estimável senhora.

*De V. Ex^a,
Amigo dedicado,*

Paulo

CARTA VII

29 de Outubro

Têm decorrido sete dias depois que lhe escrevi, minha boa amiga. V. Ex^a não calculava a razão do meu silêncio, quando na sua queixosa carta de ontem arguia a minha reserva, ou indolência.

Eu indolente, senhora! Eu, que não tenho cinco minutos de repouso desde o dia à noite! Eu, que conto os longos instantes do escurecer ao dia!

Não lhe escrevi... por vergonha!... Há-de crer-me, senhora! Não tenho tido ânimo de ser eu o próprio acusador das minhas fraquezas incompreensíveis! Tenho esperado o intervalo lúcido desta demência de seis dias, e as trevas cerram-se cada vez mais.

Que é o que se passa em minha alma? Que transfiguração se operou na minha vida? Que brinquedo cruel é este que vem ludibriar-me no canto esquecido em que me refugiei com as minhas desgraças?

A minha organização está debaixo da terrível influência duma zombaria providencial! Eu era, há oito dias, o homem morto para o futuro; as minhas alegrias ressuscitava-as do túmulo mudo do passado; a minha vida era uma saudade que devia cegar-me os olhos da razão com o seu brilho sinistro, enlouquecendo-me, ou matando-me. Detestava o presente, porque debaixo dos meus pés estava o ardor do deserto, e nos horizontes da minha esperança... nem uma gota de água que me apagasse este lume que me queima, sem o poder de aniquilar-me. Eu era isto! A solidão era-me cara. O túmulo de Helena povoava-se-me de anjos. A imagem dela, esboçada em cada tela que me rodeia, tinha uns olhos que choravam, mas os seus lábios articulavam não sei que palavras animadoras, que me mandavam subir com o sorriso da resignação as escadas do meu patíbulo.

E esta vida acabou para mim. A imagem de Helena fugiu lacrimosa e espavorida da solidão do meu quarto. A sepultura dela... é uma pedra ermo de fantasmas para mim. Comecei por descrer das minhas passadas visões. Raciocinei friamente sobre a vida e a morte; sobre a beleza que foi e o cadáver que é; sobre o coração arquejante de amor e o coração minado de vermes.

Que é isto, pois? Quem rasgou este véu diante dos meus olhos? Que homem sou eu hoje, ou que homem fui durante dous anos de amargura incurável?

Entre mim e Helena... está Rosa Guilhermina! Tenho o rubor do pejo na face, quando estas palavras me fogem do coração! Parece que a vejo contrair uma visagem de indignado pasmo por tal mudança! O meu carácter apresenta-se-lhe uma

inconcebível monstruosidade! Vota-me um legítimo desprezo, desde este momento?

Primeiro me desprezei eu a mim. Primeiro olhei eu, com asco, para a minha miséria. Antes de V. Ex^a recuar nauseada da baixa condição da minha alma, entrei eu na minha consciência, e vi-me torpe, ingrato, insensível, perjuro e vil!

Tenho muito orgulho da minha honra; quero absolver-me desta deslealdade à memória de Helena, e não posso. Vejo que é necessário ser cínico para me desculpar, escarnecendo as culpas que a sociedade me imputa. Não posso, não sei sê-lo, não está na minha mão rasgar o contrato que fiz com Helena, nos seus últimos instantes.

Mas eu amo Rosa. Que sentimento é este? Como hei-de convencer-me de que amo esta mulher? Se isto é uma ilusão, como é que se dissipam estas quimeras?

Não sei! Lembra-me que senti uma comoção inexplicável quando a vi chorar! Lembra-me que a vi num sonho, de que acordei balbuciando o seu nome com ternura. Lembra-me que desdenhei, acordado, a ternura do sonho... Mas a minha alma estava inquieta. O meu quarto parecia-me pequeno: este silêncio entristecia-me... Faltava-me não sei que voz, que som dos anjos que me tinha ferido uma corda no coração!... Ri da minha fragilidade. Peguei dum pincel... Disse à minha alma que lhe inspirasse os traços de Helena... e os olhos amortecidos de Rosa ressaltaram-me do pano com duas lágrimas... Era a imagem dela, que se levantava de um túmulo a dizer-me: «Aqui tens lágrimas minhas; aqui tens um coração, que renasceu das minhas cinzas; aqui te dou a única mulher que pode suprir a que não terá para ti um sorriso sobre a Terra... Vê que os vermes corroeram a minha face. Não te iluda uma esperança em outros mundos, porque os limites da vida são a campa... Eterna é só a matéria; mas a matéria que te feriu os sentidos dissolveu-a o sopro da desgraça...»

Contive-me durante dous dias de tribulação incessante. O coração dizia-me que Rosa me escreveria. Li a carta que recebera com indiferença e passei por minha alma todas aquelas palavras. Achei-as sinceras... Acarínhei-as com sofreguidão... Recordei o que ela me dissera depois. Acusei-me de ingrato. Tive orgulho do meu rival. Recreei ter parecido um ente indigno de tamanho amor! Senti ciúmes... Queria vê-la... Precisava de lhe esconder metade da minha alma, revelando-lhe uma pequena parte dos meus sentimentos...

E procurei-a... Não sei o que lhe disse... Recordo-me que lhe apertei a mão com ardor; que lhe pedi lágrimas de piedade e coragem para não transgredir um juramento... Penso que não entendeu, porque me respondeu com um sorriso e fugiu de ao pé de mim com a face abrasada...

E, desde esse dia, escrevo-lhe a todas as horas. Não lhe mostro as minhas cartas, porque não posso convencer-me de que o meu coração está nelas... É impossível!... Aqui há uma fascinação!... Eu não posso ter esquecido Helena!...

Preciso hoje da sua companhia, minha querida amiga!... Escrevi o que não ousaria pronunciar...

*De V. Ex^a,
Grato amigo,*

Paulo

CARTA VIII

25 de Outubro

A ingratidão é punida. Principio a expiar o perjúrio. Helena vai ser vingada por esta mulher, que, traiçoeiramente, me assaltou o coração quando eu me julgava de ferro para as paixões.

Rosa Guilhermina vai recuando diante de meus passos. Aproximar-me foi gelá-la. Da tristeza profunda com que me olhava, antes da vergonhosa queda que dei do alto do meu orgulho, transformou-se num rosto folgazão, num conversar fútil e acriançado, num nem eu sei que de motejo e zombaria que me escandaliza e envergonha.

Esta mulher quis experimentar-se, experimentando a minha soberba. Iluminou-se, como a víbora, que se enrosca entre as urzes, para se levantar dum salto de que eu devia fugir atrozmente ferido no meu amor-próprio. Isto tudo é inexplicável; mas o acto existe com horrorosa evidência! Essa mulher que me provocou, há-de amanhã desprezar-me... despreza-me já hoje, e ousa dizer-me que me recebe, em atenção à delicadeza com que a tenho tratado!

Esta fria linguagem é a máscara impostora dos caracteres, que se não sustentam. Quando a mulher assim faia, é porque o amor, nos lábios dela, foi uma expressão mentirosa, que passou por lá, como a palavra «Deus», que é seguida, na boca do ímpio, pela palavra «Demónio».

É isso crível, minha querida amiga?

Rosa será aquela mulher que me escreveu? Não a veria eu chorar? As lágrimas podem assim prestar-se a uma infâmia? Há mulheres que tiram dum coração gasto um tal proveito?

Ontem procurei-a com a resolução estúpida de convidá-la a ser minha mulher! Eu não podia já lutar com ela, nem comigo. Um dia antes, perguntei-lhe a razão da sua frieza; respondeu-me que ela mesmo não sabia explicá-la. Disse-me que Álvaro de Sousa não frequentava a sua casa e acrescentou que desejava saber de mim a razão deste procedimento.

– De mim?! – perguntei eu.

– Sim... do senhor... Por minha parte, não lhe dei a ele motivo algum de abandonar uma casa em que entrava como parente... O que fiz foi interpor as minhas súplicas com o Sr. Paulo e com ele para que não tivessem desinteligências em que sofresse a minha reputação.

– A sua reputação é invulnerável...

– Não é tanto assim... A vinda frequente do Sr. Paulo e a ausência completa de Álvaro de Sousa é motivo de murmuração na vizinhança.

– Quer com isso dizer que não a sacrifique à murmuração dos vizinhos?

– Escuso lembrar à sua honra esse dever, O senhor deve ser o primeiro a lembrar-se da susceptibilidade em que estou na presença dum mundo que não distingue as mais honestas das mais torpes intenções...

– Está raciocinando com admirável prudência, Sr^a D. Rosa!... Quer em suma dizer que não devo vir a sua casa...

– Não digo tanto; mas devo pedir-lhe que seja menos frequente nas suas visitas...

Compreendi-a...

E ergui-me dum ímpeto para retirar-me, Parece que o coração se me tinha despegado no peito. Ouvi um zunido estranho, que me fazia latejar a cabeça em dolorosas pontadas. Era tudo escuro diante de meus olhos e não havia em mim sensação que me não fizesse recear uma demência.

Saí, e só muitos passos longe daquela casa fatal me lembrou a retirada boçal que fizera. Como foi possível que eu não respondesse àquela mulher?! Que indignação, ou que nobreza de alma foi a minha, que me não inspirou uma palavra que a fizesse corar?! Será isto uma devassidão moral, que suporta impassível todas as ofensas? A

longa desgraça petrificou-me? Um amor, todo santo, todo saudade, o amor de Helena, dois anos puro no sacrário do meu coração, fez-se cínico?

Tenho-me hoje feito estas perguntas. É um tormento não poder responder. Não posso. Não sei o que sou, nem o que é aquela mulher!

Seria uma desgraça, um cancro incurável na minha alma, a certeza de que ela é tão infame como se me ostenta;

Vejam se posso absolvê-la... Oh!, eu queria absolvê-la, sem desonra para mim, nem para ela... De que modo?...

Há, porventura, uma intriga? Qual? Por quem? E com que fim?

Não sei, não posso compreendê-la.

Disse-me ela que nunca me confessou amor! Será isto verdade? Fui eu que me iludi? Então, aquela carta, aquela livre explicação dum affecto repentino... foi tudo um sonho?! Terei eu mentido a V. Ex^a? A cópia da carta que lhe enviei foi uma ignóbil impostura?

Como é especialmente horrível a minha situação! Como eu, dum lance de olhos, vejo todos os casos em que um homem pode suicidar-se na sua honra cuspiendo na face duma mulher!...

Esta situação não pode assim durar... Eu preciso ouvi-la... Ela há-de saber colorir a sua depravação doutro modo... Eu quero até que ela se defenda, porque vai aí nessa defesa a salvação do meu amor-próprio... Que dirá?... Que terei eu que responder- lhe?

Minha boa amiga, há uma conspiração sobrenatural contra mim... Eu receio, hoje mais que nunca, uma demência. Lamente o seu infeliz amigo

Paulo

CARTA IX

2 de Novembro

Tudo está perdido.

Rosa Guilhermina vai sair do Porto. D. Ana do Carmo faz parar, há quatro dias, a carruagem à porta de sua filha. Álvaro de Sousa reconciliou-as. Leia V. Ex^a essa carta, que recebo neste momento:

Confidente de minha amiga Rosa Guilhermina, devo dizer a V... que as suas visitas a esta casa, enquanto ela for minha hóspeda, são bastante prejudiciais à futura felicidade desta senhora. Sua mãe, informada das relações que o chamam a minha casa, obriga Rosa a sair do Porto. Suspeito que a sua direcção não pare aqui em Portugal.

Da parte de V... tanto eu como ela esperamos a cavalheira prudência que o seu bom carácter nos afiança. Se a ama, como devo acreditar das cartas que lhe escreve, desvele-se em não prejudicá-la. Até aqui, a sua união com a filha sem mãe seria possível. Hoje, que D. Ana do Carmo reconhece sua filha para elevá-la até onde o dinheiro a colocou, declaro-lhe, com pesar meu, que serão, além de inúteis, nocivos todos os seus esforços.

Com sincera estima

De V...

Veneradora afectuosa,

Maria Elisa

Ora aqui tem, minha boa amiga, o artista em luta com a sociedade. Ela aí vem pôr-me um pé, segunda vez, no pescoço! Cá sinto já a dor vilipendiosa, e nem sequer sei já sorrir-me, quando a soberba me estende na face uma bofetada! É preciso ser homem, antes de tudo. Quero tirar nobreza da minha vilania! Esta dor moral é mais forte que a outra. Sinto desvanecer-se o amor, e só tenho alma para compulsar as agonias dum paixão incomparavelmente maior. Cerra-se uma ferida; mas creio que me abriram outra incurável, rasgando-me a antiga cicatriz.

Hoje preciso da vida, porque é impossível que eu não tenha a minha hora de vingança...

Vou sair de Portugal... não porque me reconheça tão pusilânime que receie aqui uma consumpção moral... Não é isto... é que debaixo deste céu não há para mim um anjo bom que me auxilie nesta peleja desigual com o meu inseparável demónio.

Tenho dinheiro, que me é inútil aqui. Preciso desperdiçá-lo... Quero tocar a extrema da miséria, para que a necessidade me faça artista e o trabalho me salve destes ócios despedaçadores. Não sei onde irei... nem mesmo quero sabê-lo... De qualquer parte, minha querida amiga, virá uma carta pedir-lhe uma lágrima. Quando a não receber... quando o silêncio lhe afigurar que a sua amizade fez um ingrato, poderá V. Ex^a dizer: «Aquele desgraçado, de quem fui tão amiga, e que tanto deveu às minhas consolações, morreu!»

E V. Ex^a poderá então louvar a Deus, que encravou a roda do meu infortúnio. Poderá agradecer-lhe, como única pessoa que deixarei no mundo com o meu nome no coração, a graça da morte concedida ao talvez primeiro homem que não teve cinco minutos de felicidade na demorada existência de vinte e seis anos.

Neste momento há em mim alguma cousa sobrenatural. Não amo Rosa Guilhermina; mas também a não detesto! O que eu muito queria era o segredo daquela índole, porque eu não seria acreditado se contasse a transição do amor ao desprezo, a infame mentira que me arrancou aos braços dum cadáver para me lançar nos da desesperação.

Deixá-la! Quero até pedir a Deus... a Deus! a desgraça que é a mãe da piedade! Sinto-me religioso, porque, acima destas torpezas, há-de necessariamente existir um Criador, que deixou aqui a dilacerarem-se o mal e o bem. Este criador deve ser juiz, e eu começo a temê-lo desde este momento... Quero, pois, pedir a Deus que proteja o futuro de Rosa Guilhermina. Os anjos vão com ela. Esta expressão do povo é a mais expansiva e tocante que a minha alma pode dar-lhe. A derradeira consolação do infeliz é perdoar. Eu perdoar... Ofereço o meu coração para todos os punhais; curvo a minha cabeça a todas as desgraças; dobro o meu joelho a todas as violências, e prometo de nunca mais chamar infames os instrumentos que obedecem à vontade superior do grande motor da vida, e da morte, da honra, e da desonra.

Não tenho coragem de abraçá-la, minha cara irmã. Adeus.

De V. Ex^a,

Amigo de toda a vida,

Paulo

CARTA X ⁵

Roma, 4 de Abril de 1825

Minha prezada amiga

Eu tinha esperanças na minha convalescença moral. O coração, aturdido por padecimentos tumultuosos, cansado e endurecido por cicatrizes de golpes sobre golpes, adormecera extenuado... Eu principiava agora uma nova estação na minha vida. A insensibilidade prometia-me uma tranquila vegetação. Adormeceria sem lágrimas; acordaria sem sobressaltos; veria tudo descorado em redor de mim; abriria para tudo, que me cerca, olhos de estátua, sem culto para o belo, nem asco para o repugnante.

Este último baluarte sinto-o esboroar-se debaixo dos pés. À convalescença da alma segue-se a desorganização da matéria.

Estou doente duma enfermidade que eu sentia, há anos, fermentar-me no coração. Muitas vezes sentia umas palpitações extraordinárias, e depois dores agudíssimas, um suor copioso, um mal-estar físico e moral, um misto de aborrecimento e desesperação, que eu atribuía sempre à inconsolável viuvez da minha alma.

Este padecimento, nos primeiros meses da minha viagem, diminuiu até se extinguir. Noutra tempo, não se me dava sentir agravar-se o mal; mas, agora, queria ver-me livre, queria viver muito neste marasmo de todos os sentidos.

Não o quis a Providência. Há quinze dias que sofro muito. Dizem-me que tenho um aneurisma. Não sei o que é... E a morte, que me fugiu quando eu chamava e me chama quando eu lhe fujo. Não posso dizer-lhe que bem-vinda seja!

Mandam-me a ares pá frios... Eu não sairei, já agora, daqui... Este conselho da medicina é um fútil subterfúgio.

A minha doença estudo-a nos livros onde aprendem a curá-la os médicos. É inevitável a morte... Pode-se assim viver longos anos; mas eu, assim, não desejo viver...

É lamúria de mais por uma cousa tão transitória como a vida!... Eu devo ser superior a esta pouca matéria que se dissolve no dia seguinte àquele em que o espírito planiza mil prosperidades. Não me deve ser penoso morrer, porque eu não tinha previsto felicidade nenhuma. O meu futuro seria uma atonia glacial, uma sensibilidade de morte no coração e vida na aparência...

Viver assim, entre os homens, ou entre cadáveres, que importa?... Morrerei resignado.

Agora posso falar-lhe de tudo, porque tudo me é indiferente. Levanto, hoje, a suspensão que impus à sua bondade, minha amiga. Pode falar-me de Rosa. Que é feito dessa mulher?

Incomoda-me muito o escrever. Proíbem-mo; mas a proibição não seria obedecida se a cabeça me deixasse... Sinto um desprazer semelhante à náusea. É um esvaimento de cabeça e uma lassidão em todo o corpo, que só posso atenuar com o uso

⁵ Não interessam no romance algumas cartas, que se não publicam. Escritas de Lisboa, Cádiz, Barcelona, Paris, Génova e Milão, quase todas são descrições locais. Vê-se que Paulo, em todas elas, só muito de relance fala em cousas passadas. Se é acinte, se naturalidade, não o sabemos nós. A sua amiga do Porto diz-nos que também muito de propósito, se lhe escrevia, nem ligeiramente lhe falava de Rosa. A carta, que publicámos, é a vigésima da colecção, escrita, segundo se vê da data, cinco meses depois da saída de Paulo.

do ópio, que me entorpece completamente. Adeus.

*De V Ex^a,
Amigo do coração,*

Paulo

RESPOSTA

Porto, 6 de Maio de 1825

Meu bom amigo

Eu peço a Deus que lhe sossegue a imaginação. V... supõe-se mais doente do que realmente está. O seu ardente espírito engana-o. Não se entregue ao terror da morte: viva, porque esse medo é sinal de que a vida ainda lhe é cara.

Espero ainda vê-lo em Portugal, esquecido dos seus passados dissabores e vivendo para a felicidade de pessoas suas amigas.

Quando V... perder um falso preconceito em que tem a sociedade, verá que o seu elevado merecimento lhe granjeia estimas e o seu bom coração encontrará, porventura, outro, digno dele.

Não quero que se lembre da morte!

Dava-me tantas esperanças de o ver feliz, na sua penúltima carta, e agora parece que capricha em fazer-se desditoso, comunicando à sua extremosa amiga as suas tristes previsões!

Bem sabe com que amizade lhe falo. Afiz-me a tratá-lo como irmão, e não saberia amar com mais ternura um filho. Quando perdi um esposo, na flor dos anos, e uma filha que ele me deixou nos braços, também eu, Sr. Paulo, me julguei morta para tudo. Sentei-me no leito donde vira sair o cadáver de meu marido e esperei aí a morte. Abracei-me ao berço vazio de minha filha e pedi ao Senhor a esmola de uma mesma sepultura para três entes que deviam ajuntar-se.

Encontrei-o ao meu lado, chorando comigo a perda de Helena, Sr. Paulo, e os seus nobres padecimentos vieram minorar os meus. V... falou-me do Céu, da eternidade, da perpétua união das almas no seio de Deus, e eu acreditei-o. Como as suas palavras me vinham santificar a minha dor no coração, gravei-as aí, e a sua imagem entrou lá com elas para sempre.

Não sei se o amei; mas, se o amor não era aquela extremosa amizade que lhe consagrei, e consagro, então não sei o que é o amor.

Não era isso o que acende o ciúme, porque esse não o senti eu nunca. O seu triste episódio com Rosa contristou-me, porque desde o princípio profetizei desventuras. Realizaram-se muito além do meu agouro.

Nunca lhe falei assim, porque... deixe-me também ceder a não sei que triste e misteriosa inspiração... parece-me que o não verei mais... isto é uma loucura, uma alucinação, mas o coração sente-a tão forte, que eu não posso suspender as lágrimas... Nunca lhe falei assim, porque V... tem hoje vinte e sete anos e eu trinta e sete... As desgraças não me puderam ainda envelhecer de todo, e eu recearia enganá-lo fazendo-o nutrir, a respeito da minha amizade, alguma falsa suposição, que me poderia fazer muito desgraçada, ou muito feliz.

Esses receios passaram. Agora conheço que não há comum entre nós senão uma

amizade ilimitada até à honesta confiança. Nunca podia-lhe ser outra cousa...

Falei já muito de mim. Quer que lhe fale de Rosa?

Depois da sua partida, a filha de Ana do Carmo foi viver na companhia de sua mãe, levando consigo a viúva do negociante da Rua das Flores. Encontrei-as em casa do D. António e achei-as ambas belas.

*Maria Elisa trazia douda a cabeça de S*** C*** Rosa Guilhermina, um pouco triste, recebia com indiferença o cortejo teimoso de Álvaro de Sousa. Por causa de Maria Elsa. houve pequenas misérias de salão, ciúmes senis, com que os nossos velhos se inculcam rapazes. Felizmente, não lhes falta zelo para não deixarem transpirar as fidalgas impudências, que sabem ocultar nos seus solares.*

Agora receba uma novidade, que não deve já ferir a sua vaidade, nem mesmo alvoroçar o seu coração.

Rosa Guilhermina vai casar-se.

Quer saber com que neto de trinta avós?

É um neto sem avô conhecido.

Não sei se há seis ou mais anos que Rosa Guilhermina viveu algum tempo em casa do negociante Silva, da Rua das Flores, com quem seu pai, o arcediogo de Barroso, a quis casar.

Rosa namorou-se aí dum tal José Bento, filho dum retroseiro. Este lorpa (diz Maria Elsa que o era de marca, e eu creio que continua a sê-lo) estudava latim em casa do Passos, cujo quintal partia com o do arcediogo, na Travessa do Laranjal ou Bonjardim. Por causa dela, e à sua vista, o rapaz foi castigado com uma palmatória. No dia seguinte, o mestre que o castigou apareceu morto, e José Bento desapareceu.

Foi para o Brasil, onde se demorou alguns anos, vendendo carnes secas. Por fim, morre o patrão e deixa-o senhor duma riqueza que parece extraordinária, pelo fausto com que se apresentou no Porto.

Ninguém se lembrava já do filho do retroseiro, que tinha morrido. José Bento de Magalhães e Castro, como ele se assina, ocultou algum tempo o seu nascimento; mas, um dia, apresenta-se em casa de Ana do Carmo, pedindo licença para ver Rosa Guilhermina.

A viúva aparece; mas não se recordava já das feições do seu primeiro namoro. José Bento declara-se e oferece-se como marido de Rosa.

Não sei o que se seguiu a isto. O boato do próximo casamento correu logo. O Sr. Magalhães e Castro é recebido nas primeiras casas. Alcançou foro de fidalgo e trata de edificar no Reimão um palacete com as armas dos Castros e Magalhães. Dizem-me que dentro de oito dias Rosa será senhora de grandes bens de fortuna e as suas carruagens serão as melhores.

Eu quisera que V... se risse com a fina ironia de talento, e da experiência, como eu realmente me rio destas grotescas evoluções do mundo.

Vai extensa a carta e parte para Cádiz o iate que deve levá-la.

Adeus, meu querido amigo. Escreva-me, dizendo que se desvaneceram os seus terrores. Viva para a sua dedicada irmã.

CARTA XI

Roma, 29 de Abril de 1825

Graças, minha querida amiga! A sua carta é um modelo de que deviam servir-se os raros anjos que receberam de Deus a divina missão de consolar infelizes.

O meu coração sentira uma estranha alegria duas horas antes de eu abrir a carta de V. Ex^a Era o pressentimento.

Tive uma hora de luz. Respirei o aroma de todas as flores da vida. Dilatava-se-me o coração. As palpitações eram impetuosas como as do sangue, surpreendido pela imagem de uma mulher que se julga morta e para sempre perdida.

Era esta justamente a hora em que V. Ex^a devia assim falar-me. Mas antes, esta linguagem faria a sua desgraça, que a minha está fadada desde o seio de minha mãe.

Foi minha amiga, quanto podia sê-lo. Fui eu quem lhe esposou o seu coração viúvo dum esposo e duma filha. Eis aqui uma vaidade santa, que não desonra um quase moribundo. As suas revelações, senhora, acolhe-as o meu coração como um depósito sagrado que brevemente confiarei ao túmulo.

A minha morte próxima não é uma quimera de imaginação ardente. Já lhe disse que quero viver e não posso... Desfaleço, porque todos os meus esforços são impotentes. Cravo as unhas na aresta do abismo; mas o corpo resvala, e a queda é infalível.

Morro aos vinte e sete anos. Vou envelhecido por toda a sorte de tribulações. Resta-me saber o que é a indigência: vai muito adiantada a noite da vida para que a conheça. O meu dia eterno vai nascer e a luz matutina desse dia irradiou-se em volta de mim, quando as suas palavras vieram povoar de belas visões a solidão do meu quarto.

Foi o amor que me matou! Posso dizê-lo com toda a ufania duma nobre amargura: foi o amor que me matou! Esta grande alma não era para esta sociedade. Ofereci-lha, desprezou-ma... Lancei-lha aos pés... calcaram-ma... Fez-se-me uma vilania, porque eu era muito nobre... conheço que o era, porque tenho perdoado a todos aqueles que me cortaram as carnes até me chegarem ao coração... Não me conheceram e eu não os conheci a tempo. Foi muito tarde que o mundo se me ostentou, qual é. Eu tinha direitos a ser feliz, embora recebesse a felicidade pela porta da desonra. Não quis. A minha pureza custou-me a vida, porque fugi do mundo para a solidão a digerir à fel que me deram e protestei morrer antes de cuspi-lo na face da sociedade.

Aconselho a infâmia a todos os desgraçados, se não quiserem o martírio. Se forem insultados, indenizem-se. Renunciem educação, honra, pundonor e dignidade todas as vezes que a vingança depender da vilania, da desonra, da impudência e do descaramento.

Desculpe-me V. Ex^a... Esqueci-me que estava escrevendo a uma senhora que não resolveu ainda os asquerosos problemas da infâmia. A minha cabeça é um vulcão. Não é ainda a demência que me desvaira, mas pode sê-lo a febre.

Há três dias que me não levanto. Estou quase só. Tenho um médico alguns minutos no dia, um frade português que por aqui anda atrás da salvação eterna, e um criado, que me serve um caldo e não entende o que lhe digo.

Eis aqui a minha família na véspera duma viagem infinita... Falta-me aqui uma mulher, que me fosse esposa, mãe, ou irmã. Em Portugal, quando estes ataques me anunciavam a morte, lembrei-me, muitas vezes, que o meu derradeiro olhar encontraria os olhos de V. Ex^a.

Aqui, será a sua imagem, o seu retrato, que me sorri, aquele retrato que V. Ex^a me concedeu a pedido da nossa pobre Helena...

Não posso...

Ah!... esquecia-me dizer-lhe que a história de Rosa Guilhermina é uma bonita farsa... Fez-me sorrir; mas, no coração, lamento-a!... É uma mulher bem trivial!...

Adeus, minha querida irmã... Será o último?...

Paulo

« – Eis aqui a última carta que eu recebi de Paulo – disse a senhora que me confiou a leitura e as cópias de todas.

» – Que sentiu V. Ex^a, depois que a leu?

» – O que eu senti Nem já me recordo... Isto passou-se há trinta anos; e a memória do coração, aos sessenta e seis, está embotada; mas, se quer um facto que lhe exprima melhor que todas as palavras o que eu senti, bastará dizer-lhe que, dous dias depois, parti para Roma...

» – Para Roma!...

» – Admira-se!?

» – Então V. Ex^a amava Paulo...

» – Se o amava!... Não se fazem essas perguntas a uma velha. O senhor ri de mim, se eu deixar falar o coração, como ele ainda ha trinta anos lhe responderia.

» – Eu não posso rir do que a vida tem mais grave e triste...

» – O amor!... Diz bem... É bem triste recordá-lo; mas o ridículo manda sufocar as expansões dum coração que não envelheceu ainda. Dizem que os cabelos brancos são veneráveis. Se o são, é só nos patriarcas, nos profetas e nos apóstolos... Quer que lhe diga que amei Paulo? Pois sim... Amei-o muito... Conheci-o já casada; mas eu fui uma esposa com todas as virtudes e com a resignação para todos os sacrifícios.

» A filha do general*** amava Paulo.

» A minha casa era o único local onde se reuniam. Impus-me esta violência e prestei-me ao doloroso serviço de os aproximar, porque precisava matar um veneno com outro veneno.

» Helena morreu e Paulo refugiou-se a chorar comigo. Eu e o túmulo dela éramos o único passatempo da sua atormentada existência.

» Enviuei. Encontrei-o sempre a meu lado. Sondei com muita delicadeza a sua alma, e achei-a fria. Reconheci que era meu amigo, porque eu lhe falava muito de Helena. Um homem assim não podia amar-me...

» – Porque não lhe revelou a sua alma?

» – Uma mulher, se não está gasta pela libertinagem, ou não é prodigiosamente estúpida, nunca faz semelhantes revelações. Se ele me perguntasse se eu o amava, responder-lhe-ia que não, e coraria pela vergonha da mentira, ou pelo remorso da ofensa... Dizem-me que as mulheres de hoje são fáceis nessas delações da sua alma. Se não é a moda que as absolve, o pudor decerto não é... Enfim, eu nunca lhe disse que o amava, nem ele me proporcionou ocasiões de dizer-lho.

» Um ano antes de conhecer essa mulher fatal...

» – Quem? Rosa Guilhermina?

» – Sim... Um ano antes de conhecê-la, raras vezes vinha a minha casa. Vivia muito só: dizia-me nas suas frequentes cartas que vivia namorado da arte, que tinha muitos retratos de Helena e que roubava à pintura o tempo apenas necessário para visitar-lhe, em S. Francisco, a sepultura.

» Relacionado com Rosa, Paulo, sem o pensar, ultrajou-me quanto era possível... O ciúme devorou-me alguns dias, e eu tive momentos de detestar o infame carácter do infeliz moço... Habituada, porém, a dominar-me, afivelei outra vez a máscara e recebi-o com a mesma graça em minha casa para ouvir-lhe as expansivas apologias de Rosa Guilhermina.

» Tenho remorsos de ter sentido uma cruel alegria, quando essa mulher o

desprezou...

» – Naturalmente... alguma intriga...

» – Urdida por mim?...

» – O amor, muitas vezes, obriga...

» – A praticar vilezas? O amor nobre, não... Eu não urdi intrigas... Rosa desprezou-o; porque o seu carácter era o carácter de sua mãe... Ana do Carmo nascera nas palhas, fora amante dum padre, fora adúltera mulher dum livreiro, fora repelida de casa de sua filha, e recebera-a por fim, nos seus salões, sem vergonha do seu passado, nem ressentimento da sua dignidade. Filha de tal mãe, não podia apreciar o amor de Paulo, que amara uma mulher que morrera por ele.

» – Ia-me esquecendo o conto... Fui a Roma; cheguei lá vinte dias depois que recebi a carta.

» – Encontrou-o?

» – Sepultado... Morrera seis dias antes... Ao lado da sua cabeceira estava o meu retrato... E aquele que ali se vê.»

Reparei... Ninguém diria que esta senhora podia ter sido tão bela!

Caíam-lhe duas a duas as lágrimas... Eu quis diverti-la desta dolorosa situação, perguntando-lhe:

« – Demorou-se em Roma?

» – Três dias... Voltei a Portugal, depois... Deixe-me chorar, porque há muitos anos que não falei a ninguém neste homem... Quer saber o resto desta história, que faz o seu romance?... Essa senhora de que faz menção no seu prólogo pode contar-lha.

» – Com menos graça que V. Ex^a...

» – Pois eu lhe digo: Rosa Guilhermina morreu, há seis anos, em Lisboa, como título de viscondessa de ***. Seu marido ainda vive... E um dos mais ricos proprietários do país...

» – E Maria Elisa?

» – Essa mulher perdeu-se... Foi amante de S*** C*** que deu escândalo no Porto, e perturbou a tranquilidade da sua casa e da casa das suas amantes, que eram quase todas casadas. Depois, como ele morresse, Maria Elisa, que vivera na companhia de Rosa, reagiu contra os conselhos de José Bento e abandonou a amiga para entregar-se a uma vida dissipada, sem ao menos a colorir com as variadas tinturas da hipocrisia. Tocou o extremo grau de miséria; mas desta miséria prosaica e vilã e que não pode ser historiada num romance. Não era fome nem nudez. Era a negação para todos os sentimentos da honra. Quando desceu tão abaixo recebeu uma boa mesada de Rosa; mas dissipou-a com amantes. Por fim, envelheceu. Rosa tinha morrido, e o visconde de ***, que a socorrera estimulado por sua mulher, abandonou-a inteiramente.

» – E ainda vive?

» – Morreu já depois que o senhor principiou o seu romance. Foi justamente no dia em que saiu o quinto folhetim na *Concórdia*.

» – Morreu miseravelmente?

» – Não, senhor. Quem lhe prestou os últimos socorros fui eu. Não lhe faltou uma cama, um médico, uma enfermeira e um padre até ao seu último momento.

» – Devia ser terrível, nos últimos dias, o olhar dessa mulher para o passado!...

» – Creio que não... A desgraça desmemoria... Por não sei que favor da Providência, a mulher que se degrada não tem já o senso íntimo da sua dignidade perdida. Caiu, do leito à sepultura, impassível como a pedra que tomba insensivelmente do alto da serra ao fundo do abismo...

» – Esqueceu-me perguntar-lhe como viveu Rosa com José Bento...

» – Honradamente, e parece que feliz.

- » – Deixou filhos?
- » – Do segundo marido nenhum.
- » – E aquela Açucena, que tão linda me pintaram? Deve hoje ter trinta anos...
- » – Morreu há dous... Quer saber a vida dessa mulher?
- » – Desejava...
- » – Mas tem de fazer outro volume.
- » – Pois a vida de Açucena dá para tanto?
- » – É um triste romance... Há-de escrevê-lo e intitulá-lo: *A Neta do Arcediago*.»

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
